HISTORIA GERAL DE PORTUGAL,

E SUAS CONQUISTAS:

OFFERECIDA

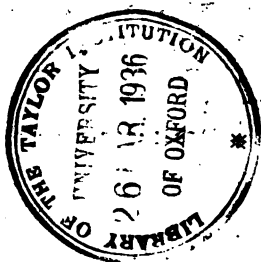
Á RAINHA NOSSA SENHORA

D. MARIA I.

POR

DAMIAÕ ANTONIO DE LEMOS
FARIA E CASTRO.

TOMO I.

LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.
1786.
Com Licença da Real Meza Censoria.

SENHORA

QUE feliz tem sido a fecunda producçaõ das minhas curiosas applicações do tempo dos meus annos os mais verdes, atê a presente idade já madura! Que feliz a minha longa vida privada, recolhida no meu doce, deleitavel retiro

ro para sazonar fructos de vasta lição; *e de profunda meditação!* *Feliz a minha* Politica Moral, e Civíl, Aula da Nobreza Lusitana, *que ha tantos annos corre firme, gira segura debaixo da Real Protecção do Senhor Rei D. José I. Augusto Pai de Vossa Magestade, que está na Gloria: Felizes serão os meus* Discursos Patheticos para a instrucção dos estados do homem, *amparados á sombra de outra Real, e Augusta Protecção: Feliz o Elogio, que intitulei* Oraculo de si mismo el Grande Rei de Hespanha D. Fernando el VI. *protegido, e consagrado á Fidelissima Rainha, Mãi de Vossa Magestade, que Deos tem no Ceo: Feliz o meu* Memorial, *que intitulei* Gemidos da Reputação Offendida, *que gozou a incomparavel honra de sobir aos Reaes Pés dos Senhores Reis D. João o V. e D. Fernando VI. Soberanos Avô, e Tio de Vossa Magestade. Sobre todas as minhas Obras Feliz esta* Historia de Portugal *segui-*

guida, e quasi completa; de que tenho concluidos quatorze Tomos desde o ponto da entrada dos Carthaginezes em Hespanha, até ao fim do Reinado do mesmo Senhor Rei D. João o V. He sobre todas feliz esta Obra, não por ser a primeira quasi completa, composta por hum Portuguez; mas porque honrada, protegida pelo Alto Respeito, e Soberano Nome de Vossa Magestade. Elle se verá estampado no rosto de cada hum dos seus Tomos, á maneira da memoravel Torre que nos representão com mil Escudos pendentes.

Sim, Augustissima Senhora, o Soberano Amparo, o Sublime Nome, o Alto Respeito de Vossa Magestade são Escudos a milhares, que rodeião, dão firmeza, fazem incontrastavel aos repelões mais violentos esta primeira Historia seguida de Portugal. *Ella não he copiada, nem traduzida de Estrangeiros mais officiosos, que os nossos Naturaes. Ella he formada, he composta por hum Portuguez na sua lingua,*

gua,

gua. Ella sahe a público com este caracter: Vai a correr segura, de que será do gosto de todos; que repelirá os avances da inveja, ou da emulaçaõ, rodeada dos seus magnificos Escudos, que a defendem. Ella dará utilidades á Patria; taparà as boccas á mordacidade; deixará sem alentos antes á maledicencia, que a critica; e se fará amavel pela verdade. Estas acções encontradas serão hum effeito da doçura, e da força, da atracçaõ, e da resistencia dos Soberanos, e Reaes Escudos. Elles, quando á sua sombra a deixaõ descançar socegada, tambem faráõ que corra sem susto.

Em fim, Soberana, e Fidelissima Senhora, que Coroa taõ brilhante da felicidade desta primeira Historia quasi completa de Portugal, *naõ he a incomparavel honra, a indisivel fortuna, e naõ sei se diga a imprescrutavel Providencia della encontrar, pedida pessoalmente a ElRei Nosso Senhor a Real, e Augusta Protecçaõ de Vossa*

Ma-

Mageſtade, que o meſmo Senhor me concedeo benigno: de Voſſa Mageſtade, que tambem he a primeira Rainha Herdeira deſtes Reinos: de Voſſa Mageſtade a primeira no Nome, em todas as virtudes primeira? Qual de tantas Auguſtas Rainhas de Portugal, naõ digo eu que excedeo; mas que igualou a Voſſa Mageſtade na Religiaõ, na Piedade, no Reſpeito á Igreja Santa, no Culto Divino, na Juſtiça, na Clemencia, na Moderaçaõ, na Magnificencia, em todas as qualidades Reaes, e Virtudes proprias dos Soberanos? Sobre tudo, qual igualou a Voſſa Mageſtade em ſaber ſer, e moſtrar que he benigna, affavel Mãi dos ſeus vaſſallos? Occupe, encha Voſſa Mageſtade por longas idades o Throno, que herdou dos ſeus Maiores. Nós, em cultos reſpeitoſos, em votos ardentes offerecemos ao Ceo muitos dos annos da noſſa vida, para que augmente, dilate, prolongue os da precioſiſſima de Voſſa Mageſtade para gloria immor-

mortal dos seus Reinos, brilhante illuminação dos nossos Fastos, alegria do nosso Estado, honorificencia do nosso Povo, consolação, honra, amparo dos seus vassallos, e Coluna incontrastavel da Igreja de Deos na terra.

Damião Antonio de Lemos Faria e Castro.

PREFAÇAÕ.

NO sexto Tomo da minha *Aula da Nobreza*, já lastimado; de que entre os meus Patricios naõ tivesse havido algum, que formasse, e compozesse huma *Historia Chronologica, seguida, e completa da Pátria*: Eu a analysei, e contrahi áquelle Tomo, que foi o que entaõ me permitio a idéa da Obra. Ingenuamente confesso, que eu entaõ me abysmei em muitas das preoccupações dos nossos primeiros Chronistas. Em varias passagens descobri as poucas luzes da minha primeira idade entaõ mui verde.

Sempre foraõ vehementes os meus desejos de render á Patria o obsequio, e fazer o serviço de tecer a sua Historia por hum methodo, que se naõ désse della huma noçaõ completa, fallando muito, como alguns dos nossos Historiadores; ao menos lhe offerecesse o seu fio continuado para os applicados se naõ perderem nos labyrintos de dúvidas historicas, e Chronologicas, que nelles se encontraõ a cada passo. Muito tempo estiveraõ coarctados os meus desejos, opprimidos de molestias, e occupações do Estado. Tudo cessou, e todo eu me sacrifiquei ao penoso trabalho, que pela bondade de Deos tenho conseguido, e vou offerecer ao Público.

Antes que eu passe adiante no muito, que ha de conter esta Prefaçaõ; digo, que a *Historia*

ria da propria Patria he huma applicaçaõ absolutamente necessaria a todo o homem polido, que deseja honrar o patriotismo, e fazer-se util. Ella, como volante diligente, lhe traz as novas dos mais remotos Paizes da Antiguidade. Ella lhe mostra, e aponta os successos nos seus lugares, e tempos devidos, como luz da verdade, que ao mesmo tempo he vida da memoria, e mestra da vida. Ella na narraçaõ louva, ou condemna os conselhos, as acções, os acontecimentos, e as pessoas, como quem pinta com alma, ou falla com vida, para dar consistencia ás palavras, que voaõ, e immortalidade ás vidas, que acabaõ. Ella traz á memoria os perigos alheios para nós fazer acautelados; a força dos exemplos para nos ensinar a dar uso conveniente á todas as cousas; os altos conselhos, para naõ tropeçarmos na facilidade, e inconsideraçaõ. Ella faz conhecer a causa dos males communs, e particulares; a difficuldade das emprezas, e o modo com que se conseguiraõ. Em fim, ella une a sciencia com a experiencia para o racional, que na inconsideraçaõ se faz semelhante aos brutos, naõ ficar contraido ás especies, que vê, quando deve recordar os passados, reger os presentes, e prevenir os futuros para dar ás revoluções o alto caracter de sábias, e de prudentes.

Serve a *Historia da Patria* naõ só aos Ecclesiasticos para encontrarem nesta Encyclopedia da erudiçaõ Maximas para a piedade: naõ só aos Politicos para tirarem deste centro das dexteridades invectivas para o governo dos Estados: naõ só

aos soldados para deste Arsenal copioso dos fortes extrahirem estimulos para animar o valor: senaõ que ella muito especialmente serve aos Principes para verem á desigualdade das cores, com que ella pinta a virtude, e o vicio; este para ser aborrecido, aquella amada: para cotejarem os parallellos disformes, que ella faz entre a clemencia, e a tyrannia; a justiça, e a semrazaõ; a corage, e a covardia; a liberalidade, e a avareza; a prudencia, e a ignorancia: estas, e outras semelhantes qualidades virtuosas, que saõ os esmaltes das Coroas, assim como manchas das Purpuras estas, e semelhantes viciosas qualidades.

Eu trabalhei, quanto coube nas minhas forças, para vencer as tres difficuldades, que se encontraõ na composiçaõ de huma Historia. Fiz o que pude para acertar com a verdade; para dispôr a rectidaõ do Juizo: para ajustar as conveniencias do Estylo. Para conseguir o primeiro intento, depois de me considerar bem longe de todas as idéas interessantes, e de ser em nada parcial; eu me fiz difficultoso de crer, diligente em indagar, critico em distinguir; e ainda me assustaõ as duvidas, de que naõ serei exacto na verdade.

Para lograr o segundo designio naõ me poupei a fadigas. Fiz por comprehender de hum golpe a extençaõ da Historia, que me resolvia a escrever. Eu a moia na preza solta do entendimento, eu a fazia nella em pó para buscar os objectos principaes nos seus pontos verdadeiros; para escolher o conveniente, e regeitar o desnecessario; para naõ apertar o estylo, e fazer estalar a impor-

tan-

tancia; para naõ deixar aos Leitores como Tantalos, com os pomos á vista, e os braços curtos; para naõ mudar a prodigalidade em hydropesia, nem communicar a sede nas muitas aguas: em fim, para escolher nos successos os que devem ter a primasia na narraçaõ, quando elles servem como de alma a todos os mais.

A terceira difficuldade de ajustar as conveniencias do estylo, sendo das que menos importaõ, eu conhecia, que he huma das que mais se observaõ. Porém naõ parece temeridade haver quem julgue, que humas vozes alheias do seu tom, ellas sejaõ bastardas nas linguas, que as proferem? Cada qual firme no seu sentir, tem o estylo alto na Historia por hum sorvo bebido na Hypocrene. Se no mediano naõ observaõ muita força, o desestimaõ por Mercurio coxo, que cahio do Olympo. Eu desejei ajustar ás materias o que me he natural. Caminhei pelo meio como pude, sem vulgaridade de plebeo, nem altisonancia de Poeta. Naõ ha dúvida, que apropriar a Eloquencia aos assumptos tem muita belleza. Ha muito de brilhante em ajustar a sublimidade historica, levando-a com firmeza em qualquer genero de assumpto por entre as balizas da Poesia; e os confins da Oratoria. Aqui me lembrava, que huma sentença valente tem mais força para mover, que huma pintura delicada actividade para attrahir. Na manutençaõ do estylo entendi, que tropeçar naõ era cahir. Os pés firmes na eloquencia, pelos caminhos escabrosos, ainda que andem de vagar, naõ páraõ. Eleito com prudencia o methodo com

que

que podem as forças, faz evidente, como o espirito sóbe ao cume com o mesmo passo, sem se despenhar do meio.

Eu me disvelei porque nesta Historia se deixassem ver os seus Elementos nas oito partes, de que ella se compoem. Nella appareceráõ as Pessoas, as Causas, os Lugares, os Tempos, o Modo, o Instrumento, a Materia, e as Acções. Na Narraçaõ encominhada como fio, que vai atando as operações civís, eu lhe organizei o corpo: Nos louvores dispostos em fórma, que com a instrucçaõ politica dê regras á civilidade, eu lhe introduzi a alma: Na eleiçaõ da materia trabalhei por encontrar a mais jocunda, e agradavel, que derrame suavidades no espirito dos Leitores. Se na idéa geral dos factos naõ brilhar a Prudencia; ao menos naõ me descuidei na escolha dos que devia omittir. Em tranquilidade o animo, e o espirito rodeado de huma brandura imparcial, eu levei a minha narraçaõ pelo meio a que me conduziaõ as regras historicas; mais, ou menos sublime conforme as pessoas, e a materia, escusando-me ás repetições para evitar o enfado.

Grandes foraõ os meus desejos para saber misturar o util com o agradavel, tudo em estylo breve, que naõ fosse laconico, nem Ciceronico. Observando a proporçaõ da sublimidade historica, entoei Epicedios com os anojados; e cantei Epinicios com os triunfantes. Pedi ao genio, que se alentasse para dar alma ao forte, animar o languido, e esforçar os pensamentos, tudo com o fim de unir a verdade com a novidade. Posto em so-

ce-

cego, depois de ter andado livre pelos caminhos da propria complacencia, aonde me pareceo, que me tinha remontado fóra do assumpto, encolhi as azas: aonde encontrei superfluidades, dei córte: aonde conheci as seccuras do entendimento, para as fecundar as reguei: aonde vi pouca extençaő no capricho, alarguei as ensanchas: animei o humilde, corroborei o fraco, liguei o dissoluto, e dei algum enfeite á Eloquencia para agradar nos ornatos.

Na alma desta Historia, que he a Instrucçaő politica, eu me naő apartei dos fundamentos, quando eraő sólidos, do sentido commum, e de algumas das opiniőes vulgares, e recebidas. Naő quiz ser severo, nem desprezar Authores estimaveis, nem metter-me a indagador da natureza das cousas com subtilezas methafisicas, aonde nada mais se deixa ver, que labyrintos de conjecturas, ou partos disformes de mal organizadas quiméras. Em fim eu trabalhei, para que o juizo fosse correspondente á existencia real, ou verosimil dos objectos, e que a narraçaő se ajustasse com os objectos, e com o juizo.

Já eu disse no Proemio do VI. Tomo da minha *Aula da Nobreza*: Que eu escrevia a *Historia de Portugal* entre Portuguezes: que nisto expunha o meu receio pela razaő, de que todos querem, e muitos merecem ser louvados, e que naő sabia se gostavaő, que alguem o fosse: Que esta emulaçaő naő era viciosa, antes huma idéa magnanima de peitos nobres, que gloriosamente ambiciosos naő soffriaő se lhes adiantassem nos applausos outros ob-

objectos, com quem elles podem competir no merecimento. Agora repito o mesmo, e protesto naõ ser da minha intençaõ defraudar pessoa alguma da justiça, que lhe he devida. Como tive de escrever muito em idades differentes, eu naõ pude dizer tudo, nem fallar de todos. O meu principal designio foi tecer para utilidade da Patria huma Historia Chronologica, seguida, e quasi completa, que nós naõ temos, para naõ a mendigar de Authores estrangeiros, que me asseguraõ se querem traduzir, devendo-nos causar pejo, qee a necessidade de Portugal, aonde ha tantos homens de talentos eminentes, vá pedir esta esmóla batendo a portas estranhas.

Ultimamente na minha *Historia Portugueza* teráõ lugar amplo os louvores da virtude, e as pinturas dos vicios. Com penna desigual ao merecimento dou a conhecer o caracter dos nossos Heróes. Se elles vencêraõ na Asia a muitos Darios, eu desejei, que encontrassem em mim huma sombra dos Curcios, e Livios, que os désse a conhecer na Europa. Depois da gloria de Deos, tem dous fins o meu penoso trabalho. O primeiro he desenterrar dos nossos Monumentos as memorias, que se sepultavaõ com os cadaveres, para resuscitár os nossos mórtos á vida da Fama. O segundo he encaminhar este obsequio á instrucçaõ dos vivos, sem pretender lisongear o rumor popular, e ignorante com periodos sublimes, e frazes de estrondo; mas conseguir a applicaçaõ dos Estudiosos, o applauso dos Sabios, e instrucçaõ dos ignorantes, tudo com a candura do animo, e com a singeleza da verdade.

Ora feito este necessario preambulo, eu passo a dizer, que os Chronologos, e bem instruidos sabem, que todas as idades desde o principio do mundo até agora se dividem nos tres Tempos chamados Escuro, Fabuloso, e Historico. O primeiro ponto do Tempo Escuro he o da creaçaő do primeiro Homem Adaő: Ponto luminoso marcado pela Escritura Santa, em que só brilha a luz da verdade na Historia Sagrada, quando toda a Politica, e Profana estava involvida no Cáhos tenebroso da maior escuridade. Acaba aquelle Tempo no Diluvio de Ogyges, Rei de Boecia entaő chamada Ogygia, que se representa succedido no anno do Mundo 2208, antes da Éra vulgar 1796 annos, e que comprehende vinte e dous Seculos de sombras impenetraveis, e de trévas immensas.

O Tempo Fabuloso principia depois do Diluvio de Ogyges, e corre até a primeira Olympiada no anno do Mundo 3228, antes da Éra vulgar 776 annos, com a duraçaő de 1020. Chama-se este Tempo Fabuloso pela confusaő, e miscellanea de verdades, e mentiras com que os Poetas organisáraő os seus Escritos, cohonestadas as patranhas com o nome de Fabula, que elles fizeraő brilhar pomposa com a derrota dos Argonautas; com o preço inestimavel do velocino; com as façanhas memoraveis de Ulysses; com a decantada formosura de Helena; com os estupendos trabalhos de Hercules; com o horroroso incendio de Troia, e com outras invençőes arbitrarias, que fazem plausiveis aquellas idades.

O Tempo Historico tem principio depois da pri-

mei-

meira Olympiada no anno do Mundo 3228, e vai parar no do Nascimento de J.C. 4000, e contem o espaço de 772 annos. Dá-se a este Tempo o nome de *Historico*: porque das Olympiadas em diante principiou a brilhar na Historia a verdade dos successos sem as tisnas da escuridade, sem as manchas da fabula. Entaõ se percebeo, que quanto Herodoto deixára escrito da tomada de Troia até aquelle tempo era taõ pouco, e taõ confundido, que se devia ler como huma Novella. Se nós reflectirmos no que elle disse dos Scytas, dos Egypcios, e de outros Póvos, em lugar de lhe darmos com Cicero o nome de Pai da Historia, lhe chamaremos hum dos Progenitores da Fabula. Em fim a luz historica nos fez ver bem quem foraõ Aunio, Filo, Beroso, Manethon, e Metastene, outros Pais das patranhas quando os homens naõ só tinhaõ desejos de buscar a verdade escondida no pó dos turbilhões precedentes; mas se applicavaõ aos modos de a saberem buscar.

Isto supposto, se eu houvesse de dar principio á *Historia Antiga de Portugal* imitando ao Doutor Fr. Bernardo de Brito, a Manoel de Faria e Sousa, aos Padres Joaõ de Mariana, Joze Moret, ao Arcebispo D. Rodrigo Ximenes, a Gabriel de Henao, e a quasi todos os Historiadores das Hespanhas: Eu lhe daria principio no anno do Mundo 1792, depois do Diluvio Universal 136 annos: Eu andaria abysmado, engolfado, perdido 416 annos pelo cáhos do Tempo Escuro: Eu apalpando, tropeçando, caindo marcharia 1020 annos pelos despenhadeiros do Tempo Fabuloso: Eu me cançaria em provar o im-

improvavel de ser Tubal, V. Filho de Jafet, e Neto de Noé, o primeiro Povoador da Lusitania; como fizera elle a sua viagem até ao Cabo de S. Vicente, que querem se chamasse Promontorio Sacro por ser nelle sepultado o seu cadaver; se com effeito fundou Setuval, que dizem, que das vozes *Ajuntamento de Tubal*, tomára o nome; e se governára o seu Povo ao modo monarquico com a ingenuidade, e candura daquellas idades innocentes.

Se eu houvesse de me desviar deste sentir dos Authores referidos, que naõ só bebêraõ os tragos mentirosos na fonte impura de Beroso, de naçaõ Caldeo; mas nas dos seus Sectarios Floriaõ do Campo, Garibay, Beuter, e Vazeo: Eu me veria obrigado a passar de hum para outro abysmo, e dar a gloria de primeiro Povoador de Hespanha a Tarsis, Sobrinho de Tubal, filho de hum de seus irmãos: opiniaõ nova, que naõ foi ouvida entre nós, em quanto o engenho vasto de D. José Pellicer naõ esquadrinhou motivos, que tirou dos cófres da sua erudiçaõ para a fazer susceptivel aos engenhos menos vulgares. Elle sim encontrou nesta classe luminosa de homens hum grande número de partidarios. Mas isso de que valeo? Tanto esta opiniaõ nova de Pellicer, como a antiga de Beroso ellas foraõ nervosamente atacadas pelos famosos Diaristas no seu Juizo da Historia do Direito de Hespanha, que publicou Sotelo: ataque, que se derrotou a opiniaõ respectiva a Tubal, tambem reduzido a nada a que pertence a Tarsis.

Nós naõ podemos duvidar, que todos os homens nascidos no primeiro Seculo depois do Diluvio fi-

cá-

cáraõ vivendo nas visinhanças do campo de Sennar com o Pai commum o Patriarca Noé. Elles propagáraõ monstruosamente, e bem podemos crêr, que a confusaõ dos idiomas nas Familias poderia ser a causa da separaçaõ daquellas, que mutuamente se entendiaõ. Naquelle tempo viviaõ Tubal, e Tarsis; mas nós naõ podemos affirmar, que algum delles viesse com huma colonia de Caldeos a povoar a Lusitania. Naquella Época eraõ ignorados todos os elementos necessarios para a sociedade, para o estabelecimento da vida civil, para a navegaçaõ, e para o exercicio das Artes. Os homens, que ficáraõ na companhia de Noé poderiaõ ser instruidos por elle em alguns dos conhecimentos, que antes vira no mundo o mesmo Noé. Os mais viviaõ como brutos nas cavernas, e grutas da terra, comendo o que ella produzia, em si estupidos, de tudo ignorantes.

Tubal, e Tarsis tendo em menos distancia do amavel Avó tantas Regiões desertas parece que naõ se apartariaõ delle mais de mil leguas para virem buscar a da Lusitania taõ remota. Se algum dos dous designados seus Povoadores nós podessemos entender, que elle emprehendêra esta derrota pela noticia da fertilidade da nossa Provincia, naõ he necessario presuppormos, que elles só a podiaõ ter por meio da revelaçaõ? Que homens viajantes havia naquella idade, que levassem novas de huns a outros Paizes? Além disto, a razaõ encontra outra inverosimilidade, em que a numerosa Colonia de Tubal, ou de Tarsis podesse fazer por mar a sua longa viagem. Impossivel parece, que huns homens ainda occupados do horror da congregaçaõ das muitas

aguas no Diluvio, elles se engolfassem em outra immensidade de aguas nos mares Mediterraneo, e Oceano.

E naõ parece outro impossivel, que em taõ poucos annos depois do Diluvio os homens se instruissem na arte de navegar e na de construir embarcaçőes para romperem mares nunca d'antes navegados desde a Asia até Setuval? O certo he, que nós ignoramos quem fossem estes Argonautas, em que tempo elles vieraõ á Lusitania, e como vieraõ. A Sagrada Escritura naõ o diz. Nós naõ temos outras memorias escritas daquellas idades senaõ as suas. Quanto nos dizem os Historiadores Portuguezes, e Hespanhoes he hum tecido de fabulas, de illusőes, humas sugeridas, outras arbitradas. Naõ ha trabalho mais inutil, que aquelle com que elles se cançaõ em ajustar ethimologias a Provincias, e cidades para persuadirem pelos seus nomes a existencia real de Principes, e de Herőes, que talvez ficassem na massa dos possiveis.

Algum tempo gastei eu em recordar a Historia do Genesis, e achei, que na Europa a Tracia, a Grecia, e algumas Ilhas foraõ povoadas por Javan, e seus filhos. Póde ser, que elles passassem destes climas para os de Alemanha, Italia, França, Hespanha, e algumas terras do Nórte; mas nós por onde o sabemos? Que correio nos trouxe estas novas lá do fundo da antiguidade? Tambem dei minhas horas de applicaçaõ aos Authores Gregos, e encontrei-me com o espirito de huma Naçaõ taõ inclinada ás ficçőes, que naõ as esquece ainda no meio das idades cheias de luz. Nas da sua escuridade nós quedes-

descobrimos, senaõ fabulas insulsas, patranhas ridiculas, taes como os seus Jógos, Apotheóses, Theogonias, Mathamorphorses, e outros inventos pueris desta natureza? Huma gente, que se finge taõ antiga como o Sol, existente antes da Lua, produzida da terra para primeira semente dos homens futuros, que luzes nos pódem dar dos primitivos habitadores do mundo, que nos desterrem do juizo as sombras?

Depois destas applicações o mais que fiz, foi naõ duvidar, que Seculos depois do Diluvio seria habitada a nossa Lusitania. Discorri, que os Netos de Noé se apartariaõ delle, degenerando em rusticos, e grosseiros, ignorantes das vantagens da sociedade, homens sem leis, governo, nem cultura, que viviriaõ da producçaõ natural da terra. Representei possivel, que quaesquer que fossem estes homens, elles de tempo a tempo hiriaõ avançando as viagens, como gente de casa portatil: que consumidos os fructos de hum Paiz passariaõ para outro: que nestas marchas continuas na terra deserta sem embaraços para ellas, alguma Colonia entraria pela Lusitania até dar de rosto com o mar: que naõ podendo avançar-se impedida pelo mesmo mar, nem retroceder com temor de outros moradores, que já havia por toda Hespanha, ella se estabeleceria neste Continente, que já seria fertil: que os mesmos brutos delineariaõ fórma de República em Setuval, e formariaõ outras Sociedades: que os Salvagens se embrenhariaõ pelas mattas, e cavernas, donde depois sahiriaõ os Barbaros Sarrios, monstros indomitos, que chegáraõ

a competir na ferocidade com os mais aguerridos Romanos, e outras Nações valentes.

Naõ duvido, que a ignorancia popular entenderá, que derroto a antiguidade veneravel em collocar na nossa Lusitania (viessem elles por mar, ou por terra) a estes Salvagens, rusticos por seus primeiros habitadores, e que nós hajamos de ser seus descendentes. Esta lembrança he huma demencia, huma falta de instrucçaõ da ordem do mundo, que todo elle traz a sua origem de homens grosseiros, sem policia, sem civilidade, que foraõ depondo a barbarie, e dando uso á razaõ pelos descobrimentos scientificos na carreira das idades. A noticia das Leis, das Sciencias, das Artes, dos costumes primitivos dos homens candidos isso ficou em patrimonio, e foi Herança da Naçaõ Santa, que Deos designou para os altos fins da sua Providencia. Quantos Seculos naõ sahíraõ da Asia as suas luzes? Poderiaõ recebellas algumas Regiões mais visinhas ao Campo de Senaar, como eraõ a Syria, a Media, Babylonia, e o Egypto. O resto da terra naõ estava entaõ engolfado nas trévas da ignorancia, que nascia do peccado, e toda a sua face naõ se via alagada com a segunda innundaçaõ da Idolatria, que se seguio á primeira do Diluvio?

Ora supposta a imaginada vinda de Tubal, ou de Tarsis a Hespanha, desde o anno do Mundo 1792 até o de 2208, em que succedeo o Diluvio de Ogyges, e em que acaba o tempo chamado Escuro, os Historiadores já citados fingem huma serie de Reis Successores de Tubal com hum governo Monarquico na Lusitania, e em Hespanha.

Taes

Taes saõ os desta Época da Escuridade, a que se me permita chamar escuros Reis, a saber: Hibero, de quem querem, que Hespanha se chamasse Hiberia: Jubalda inculcado por huim grande Astronomo: Brigo sonhado fundador de quantas Povoações acabavaõ em *briga*, ou *brigo*, como foraõ Lacobriga, hoje Lagos, Cetobriga junto a Setuval, Medobriga perto de Portalagre, &c.: Tago homem de memoria immortal, que corre fresca com o seu nome nas aguas do Téjo: Beto, que tambem vive ainda nas lembranças da Provincia Betica, ou Andaluzia, e nas do Rio Betis, ou Guadalquivir: Geriaõ representado hum intruso, que matou a Beto, e que foi morto por Jupiter Usyris, que andava pelo mundo alimpando os Estados de Tyrannos: ultimamente os tres Geriões, ou Lominios, filhos de Geriaõ, os quaes Osyris restituio o Reino; mas que já na Época do Tempo Fabuloso perdêraõ as vidas ás mãos de Oro, ou Hercules Libico, filho do mesmo Osyris, no memoravel desafio, que nos representaõ os espiritos inclinados á plausibilidade.

Dos Reis nomeados nesta Época fingiraõ muitos Escritores a derivaçaõ do nome de Hespanha, de algumas de suas povoações, e dos seus Rios, materia, que naõ he da minha repartiçaõ, nem me pertence. He verdade, e bem póde ser, que de algum destes nomes geraes do Continente de Hespanha, ou de algum particular, que lhe imporiaõ os seus moradores, entaõ seria conhecido o de Lusitania. Os nossos Escritores quasi que assim o daõ a entender no silencio profundo, que guardaõ nes-

nesta materia em todo o tempo da primeira Época, e parte da segunda. Nesta representado Luso, do qual logo fallarei, por hum dos nossos augurados Reis, elles querem, que do seu nome fosse chamada Lusitania todo o nosso Continente. Esta noticia, que naõ passa de ser huma conjectura, que naõ tem verdade, nem verosimilidade, em que se firme; que nasceo na idade das Fabulas, aonde aquellas duas estimaveis qualidades apparecem como envergonhadas; ella nos deixa o campo livre para discursos mais sólidos, e veridicos, que a derivaçaõ do nome de hum Rei imaginado, sem probabilidade alguma de haver reinado na Lusitania.

Manoel de Faria e Sousa sim dá fundamento para se pensar, que a voz Lusitana terá origem em algumas das linguas antiquissimas dos Estrãgeiros, que vieraõ a este Paiz, e observando a sua situaçaõ extendida ao largo do mar, elles lhe chamariaõ por esta razaõ Lusitania, que significa *largura*. A ser isto assim, que póde ser, mais decente nos fica adoptar esta opiniaõ, do que appellar para o nome de Luso, hum Principe, que só reinou na Fabula. Tambem póde ser, que os nossos primitivos, reparando no Horisonte Occidental do seu Paiz a dilataçaõ do Crespusculo Vespertino, que longo espaço se mostra diafano, e luminoso quando o resto da Esféra está escuro, e já no Firmamento scintilaõ com toda a claridade as Estrellas: do *luzir*, ou *luzitar*, que se presume seriaõ termos proprios da sua lingua, destas vozes eduziriaõ elles o nome de Lusitania para a differençarem dos geraes de Hespanha, que fica mais de

hum

hum grão apartada na sua fronteira do nosso Horisonte Visual.

Ora dadas estas breves noticias, eu devo derrotar com a verdade as ficções introduzidas entre nós no Tempo Escuro, que acabou no Reinado dos Geriões. Hum Escritor da Historia de Portugal, e Estrangeiro, me fez parar attento para reflectir, que a ordem dos Reis de Hespanha, naõ só no tempo Escuro; mas ainda no Fabuloso; tecida por alguns Historiadores Portuguezes, e Hespanhoes, pedia huma indagaçaõ critica, judiciosa, e sevéra. Foi este Author o illustre Francez La Quein de la Neufville. Elle diz de passo em dous paragrafos: Que Tubal, V. filho de Jafet, he olhado como Chéfe dos Póvos de Hespanha, aonde elle nunca veio: Que os seus descendentes Hiberios, que vieraõ da Hiberia habitada pelos Georgianos, saõ os mesmos que os Hespanhoes reconhecem por seus Progenitores: Que elles eraõ huns brutos incapázes de Religiaõ, e de Politica: Que sempre foraõ os mesmos, até que os Estrangeiros vindos do Egypto, e da Grecia, de Carthago, e das Gallias adoçáraõ o seu ar barbaro, e a dureza dos seus costumes. Logo salta elle ao terceiro paragrafo, que he o quinto na ordem do primeiro Tomo, e passando por alto toda a successaõ dos Reis fabulosos, que os ditos Historiadores foraõ desenterrar da podridaõ dos cemiterios, em que jazem os Pais da Fabula; elle escolheo para principio da sua Historia o da vinda dos Carthaginezes a Hespanha, de que ha outras memorias com verdade, e verosimilidade: Ponto, que já en-

entra no luminoso Tempo Historico, e que he o que tambem hei de seguir nesta minha Historia.

Entrou a Época do Fabuloso, e começárão os Poetas a tecer no heroismo da Theocracia hum governo tal, que antes parecia pintura para se gravar no Ceo, que maximas para se observarem na terra. Este tempo do fervor poetico foi o que encheo as medidas do furor Divino; furor, que então fez pegar a mão Omnipotente no Calix de ouro de Babylonia para embriagar o mundo todo com o vinho da sua prostituição. Taes forão os Dogmas abominaveis, e as palavras mortiferas da composição dos Poetas, o decóro da sua eloquencia, a verdade da sua Historia, e a sua divisão das cousas. Sobre estas bazes tão pouco estaveis; sem solidez, nem constancia, firmárão as phantasias a successão de alguns vinte e quatro Reis desde Tubal até Abidis, que nos introduzem como hum menino milagroso, hum assombro nas trévas do Gentilismo, criado nos campos de Santarem por huma Cerva, tão saltador, e ligeiro como ella; e assim levão enlaçada em huma corrente de absurdos a origem, e progressos da vasta Monarquia de Hespanha, como se ficções evidentes podessem ser honrosas á Patria.

Na entrada pois do tempo Fabuloso nos mostrão reinando na Lusitania os tres irmãos Geriões. Logo vindo Oro, ou Hercules Libico tirar-lhes a vida em castigo da morte, que elles havião dado á seu pai Osyris. Depois ficar o mesmo Hercules reinando na Lusitania; fundar no Promontorio Sacro hum Templo em memoria de Tubal; e queren-

tendo ausentar-se para Italia, deixou para Rei dos Lusitanos, a seu filho Hispalo, que fundou Hispalis, ou Sevilha; ensinou a enterrar os mortos, e ordenou, que por elles se vestissem de luto os vivos. Depois de Hispalo apparece Hispano, que dá a Hespanha nome novo, e se lhe segue Hespero, a faz chamar Hesperia. Athlante Ytalo, irmaõ de Hercules, apparece Rei, e faz entre os Lusitanos grande figura. Com hum exercito delles ha quem creia, que sua filha Roma fundára em Italia a memoravel Cidade do seu nome, que veio a ser cabeça do mundo conhecido.

Sicoro he considerado Successor de Athlante seu pai, e delle Sicano, que com huma colonia de Lusitanos saõ tidos por origem dos Póvos Sicanos moradores de Sicilia, que dizem tomára delles o nome de Sicania. A Siceleo, que succedeo a seu pai Sicoro, se seguio seu filho o memoravel Luso, que na realidade o seria se delle fosse Portugal chamado Lusitania. Siculo he representado digno Successor de taõ grande pai, e elle hum grande Rei. Na anarquia que se seguio, Bacco, filho de Semele, mais conhecido pelos vicios, que pelas victorias, dizem que entrára pela foz do Guadiana com hum exercito de Gregos. Os Lusitanos lhe fizeraõ parar a marcha, temerosos de que intentasse ser Rei, quando elles naõ queriaõ Soberano, senaõ do sangue do seu amado Luso. Bacco lhes faz crer, que a alma de Luso transmigrára para o corpo de seu filho Lysias. Elles com esta recommendaçaõ o conhecem Rei, e se assegura, que em attençaõ sua tomára o Reino a denominaçaõ de Lysitania.

O

O seu Capitaõ Licinio Caco lhe succede, e dizem que entre os seus Póvos fora elle o inventor da Metallurgia. Seguio-se á sua morte huma anarquia, e quer Justino, abbreviador de Trogo Pompeo, que lhe succedesse Gargoris pelo merecimento de descobrir ao Povo no tronco de huma arvore o artefacto das abelhas, dando-lhe a gostar a doçura do favo. Este Gorgoris he imaginado ao mesmo tempo pai, e avó do prodigioso minino Abidis, que foi lançado nas mattas de Santarem para se esconder a infamia do incesto. Nellas o fazem criado por huma cerva, rapido na carreira, colhido pelos caçadores de seu pai, que o conhece pelas feições do rosto, naõ o havendo visto senaõ quando nasceo. Ora em quanto Gorgoris reina, e Abidis nas montanhas se cria, vejamos como nos persuadem a estes Reis nomeados realmente existentes no Tempo da Fabula, e depois pararemos a ouvir o estrondo, que faz a Armada de Ulysses entrando, e rompendo as correntes do Téjo.

Houve na antiguidade hum homem chamado Beroso, Sacerdote Caldeo, que he citado pelo grande Josefo nas Antiguidades Judaicas. Houve outro Beroso, falso Impostor Viterbense, por outro nome Annio, a cada passo citado pelo nosso Fr. Bernardo de Brito. Este segundo Beroso quiz resuscitar as memorias corruptas do primeiro. Nos escritos que compoz em seu nome, elle fingio quanto quiz para fazer o comento plausivel. Os sopros viciados destes homens, os seus halitos corruptos saõ os que quizeraõ dar realidade de existencia á vinda a Hespanha de Tubal, e de Tarsis: elles os que ani-

animáraõ, e organizáraõ os Principes, que eu deixo nomeados desde o centro do Tempo Escuro até ao fim do Fabuloso, em que nos representaõ reinando ao Rei Abidis: Principes, que jámais foraõ vistos Dominantes do Continente de Hespanha o longo espaço de 1500 annos contados do tempo da sua povoaçaõ até a entrada nella dos primeiros Gregos.

Naõ ha duvida, que Floriaõ do Campo, e Joaõ de Mariana foraõ Sectarios dos Berosos; mas sem se declararem fiadores da sua verdade, nem verosimilidade. Que credito merecem elles depois de Authores de tanta antiguidade como Diodoro, Estrabaõ, Justino, e outros do seu caracter nos deixarem desta materia humas poucas noticias, e essas taõ confusas, como o tempo dos imaginados successos? Lá muito ao longe apparecem os quatro Gerióes, pai, e tres filhos: falla-se com balbuciencia na morte, que elles deraõ a Osyris: como ella foi vingada por seu filho Hercules, aquelle Heróe domador dos monstros, que nos pintaõ com huma massa na maõ por armas, e coberto com huma pelle de Leaõ por saia de malha: vingança de Hercules sobre os Gerióes, que deo origem á Fabula, de que Hespanha e Lusitania foraõ governadas por hum Rei de tres cabeças.

Herodoto deixou lembrança deste combate de Hercules com os tres irmãos Gerióes. Mariana naõ se esqueceo dos dous montes de pedras que o vencedor mandou deitar no mar dos lados de Hespanha, e de Africa, o chamado Abyla a huma parte, o Calpe a outra, ambos as memoraveis colu-

nas

nas, em què foi gravado o *Non plus ultra*. Para nós crermos, que Osyris, e Hercules nunca vieraõ a Hespanha, basta sabermos, que elles reináraõ no Egypto. Seculos longos estiveraõ os Principes deste Estado sem sair dos seus confins, até Sesostris, que dizem governava pelos annos do Mundo 2341, e fora o primeiro, que emprehendeo novas conquistas. Além disto, os Sabios naõ ignoraõ, que os antigos Egypcios tinhaõ em conta de impios aos navegantes: que olhavaõ com horror para o mar, como imagem de Typhon, que tirára a vida ao seu Osyris: que daqui nasceo o costume referido por Herodoto de já mais contrairem allianças com gente maritima. Logo se os Egypcios naõ navegaraõ nas idades de Osyris, e de Hercules, como vieraõ elles a Hespanha?

Quizeraõ os Escritores Portuguezes, e Hespanhoes encher o vacuo da Historia Antiga, e foraõ desenterrar plausibilidades do cemiterio dos Berosos. A successaõ dos Reis elles a arrancáraõ do centro da escuridade, e da fabula. Com mais fundamento o devemos entender, entre os mais, de Hispalo, de Hespero, de Athlante, e da fundaçaõ de Roma por sua filha do mesmo nome; idéa inventada por Fabio Pictor para cair sobre elle com pezo desmarcado toda a severidade da critica. Em fim nós deixamos por indignas da nossa illuminaçaõ as viagens Orientaes, e Occidentaes dos Principes Titões; o seu vasto Imperio, que veio rematar nas Hespanhas; as suas batalhas de tremer a terra; as conquistas para que já naõ havia mundo; os combates dos Gigantes com os Deoses; a regencia sobre

bre o nosso Continente do Rei Tartareo,que veio dos Infernos, com outras puerilidades jucundas, arrancadas do centro da Mythologia.

Mas já chama pelas nossas attenções o estrondo da Armada de Ulysses rompendo as correntes do Téjo,e devaçando as suas margens no anno 77 do governo do velho Gorgoris,pai do celebrado Abidis. Poetas famosos, homens de grandes talentos, e até as *Aventuras de Telemaco*, obra de hum espirito sublime, nos instruem, como reduzidas a cinza as altas Torres de Troia,os authores de tanta ruina se botáraõ a viajar pelo mundo. Ulysses, Rei de Ithaca, reputado perdido, e buscado em muitas partes por seu filho o dito Telemaco bem conduzido na penna do illustre *Fenelon*; a elle no-lo representaõ embocando o Téjo em huma grossa Armada, que sería formada dos navios de papel em que falla o Profeta Isaias, e saltando em terra com os seus camaradas aventureiros,gostarem tanto della, que esquecidos da Grecia, determináraõ fundar huma povoaçaõ, que foi dita *Ulysséa*, ou *Ulyssipo*, hoje a famosa *Lisboa*. Affirma-se, que a eloquencia de Ulysses naõ só moveo a Gorgoris para consentir a fundaçaõ; mas a dar-lhe por mulher a sua filha Calypso, que elle tratou como tal em quanto se demorou na Lusitania.

Ao mesmo tempo que Ulysses fundava Lisboa, o Rei Diomedes com outra Armada dizem,que desembarcava no Minho: que em memoria de seu pai Tydeo fundára nas suas margens a Cidade de Tyde: e que depois para a distinguirem de Tui, lhe chamáraõ Tydiciano. Pouco depois se affirma,que fo-

foraõ entrando pelos portos de Hespanha Teucro, irmaõ de Ajax, Telemonio, e Mnesteo, Rei de Athenas: que este, havendo fundado Carthagena, passára a Galliza, aonde fora o primeiro Povoador, e Legislador: que aquelle, aportando junto a Cadiz, fundára a Cidade de Mnesteo, que hoje dizemos Porto de Santa-Maria. A vinda destes Principes aos lugares, que ficaõ ditos, ainda que esteja firmada na fé de alguns Authores, nós a veremos logo destruida. Em quanto a Ulysses, que he o que mais nos toca, a sua concordia com os moradores da terra teve pouca duraçaõ, como dizem: elle se recolhe ao seu Reino de Ithaca: Calypso sente a sua saudade: morre Gorgoris, e entra a reinar seu filho Abidis antes nas phantasias, que nos Estados.

Ora como acabo de fazer memoria das viagens dos Principes Gregos a Hespanha depois da ruina de Troia, e esta guerra he huma Época brilhante, naõ só por principiarem a historiar os Poetas; mas porque servio como de vespera ás matinas da verdade historica, que já se principiava a descobrir: as ditas viagens, que saõ de tantas consequencias na mesma Historia, devem ser examinadas com critica mais judiciosa, que a dos nossos Historiadores precedentes.

A vinda de Ulysses ás praias do Téjo he para nós huma passagem historica muito interessante; mas o amor da verdade está primeiro, que a amizade de Plataõ. Vemos em hum rasgo de Ovidio, como aquelle Heróe, depois de vencer a Troia, andou dez annos feito hum entretenimento das

on-

bandas, como se fosse hum Pyrata sem destino. Homero o escolheo para o Heróe da sua *Odisséa*, e com outro rasgo poetico o arrojou para fóra do Estreito de Gibraltar; o conduzio pelo Oceano Athlantico; o desembarcou nas Ilhas Aea, e Ogygia, sitas no mesmo mar, e Ilhas de que além de Homero, ninguem mais nos deo noticia. Os dous citados Poetas saõ os authores, e inventores da viagem de Ulysses ao Oceano. Delles extrairaõ a nova os Historiadores Gregos, que refere Estrabaõ. Estes a transmitíraõ aos nossos, que a crêraõ sem mais exame critico, que o de haver corrido pelos canaes da antiguidade.

Naõ bastou o seu respeito para outros Escritores Gregos, e especialmente Eratosthenes, a impugnarem. Elles affirmaõ, que os Poetas fingiraõ nella cousas monstruosos, já occultando o sentido das palavras, já sublimando-se nos ornatos para attrahir o bom gosto, e que especialmente sobre as aventuras de Ulysses fuzilavaõ os erros. Outros pertendêraõ investigar as ficções de Homero a seu respeito, e naõ descobriraõ outro fundamento mais, que o de se haver embarcado o Heróe em hum navio Phenicio, depois que Telemon lhe derrotou a Armada em vingança da morte, que dera a seu filho Ajax: Que viera a Sicilia, aonde com os Cyclopes obrou as heroicidades, que concebêraõ os Poetas: Que sabendo Homero desta viagem, o levára na imaginaçaõ a engolfallo no Oceano, de que já tinha algumas luzes communicadas pelos Fenicios em Smirna; e que collocára no mesmo mar a Ilha Ogygia que Plinio descreve immediata ás costas de Italia.

*** A

A circunstancia mais celebre desta viagem de Ulysses he a fundaçaõ de Lisboa. Della saõ abonadores Marciano Capela, e Solino. O mesmo faz o Doutor Brito firmado na authoridade de Asclepiades Myrleano, que se inculca por testemunha, de que elle vira guardadas no Templo, que Ulysses fundára em Lisboa, reliquias da sua Armada. Que credito merece Asclepiades, quando Polybio, Pomponio Mella, e Estrabaõ, indagadores exactos das singularidades das nossas costas, naõ fazem nem a mais passageira memoria da fundaçaõ de huma Cidade taõ distinta, que merecia ser lembrada? Bem sei, que André de Resende, Antonio de Lebrija, Aldrete, e outros modernos daõ a Ulysses a gloria de fundador de Lisboa, e que do seu nome derivaõ o de Ulyssipo. Damiaõ de Goes bem advertido nelle, affirma, que Ulysses na lingua Grega se diz *Odyses*; que por isso o Poema de Homero, que o tem por assumpto, se chama *Odyssea*; e naõ poem a Lisboa o nome de Ulysipo, senaõ o de Olysipo.

Alguns confundiraõ estas duas Cidades, que Estrabaõ distingue, e aponta os lugares das suas situaçóes. Elle diz, que *Olysipo* estava na costa do Athlantico, e que *Ulysipo* ficava no Mediterreneo, dizem que acima de Malaga. Abertamente impugna a fundaçaõ de Lisboa por Ulysses, e ainda que naõ contradiz a sua viagem a Hespanha, com claridade nervosa sustenta, que naõ passára o Estreito de Hercules, nem navegára o Oceano. Os de parecer contrario affirmaõ, que em dez annos de navegaçaõ devaçára todas as nossas costas; que fundára a Cidade de Ulysipo derivada do seu nome; que nel-

la

la edificára o Templo de Minerva; que assim o conta Asclepiades Myrleano, que fora Mestre de Letràs-humanas na Betica; e que elle attesta haver visto naquelle Templo os destroços dos navios de Ulysses, que eraõ huns monumentos incontrastaveis da sua vinda a Lisboa.

Mas como Asclepiades he a fonte desta noticia; e elle nasceo em MyrleaCidade da Bithynia, que depois se chamou Apamea, em tempo de Ptolomeo Epiphanes, e no de Sertorio em Lusitania; duvidaõ muitos Modernos, que elle podesse ser o Asclepiades de quem diz Estrabaõ, que fora Mestre no Paiz dos Turdetanos, e que compozera huma Relaçaõ do mesmo Paiz, que se attribue a algum Author do seu nome, que aponta Luiz de Moreri. Pois se qualquer que fosse dos Asclepiades, elles viveraõ Seculos depois do Myrleano, como podia ser testemunha ocular dos destroços da Armada de Ulysses no Templo de Minerva?

Os nossos Historiadores extraíraõ de Silio Italico a vinda de Diomedes ao Minho. Elle deriva dos seus Gregos aos nossos Gayos, que Plinio tem pelos *Bracarences*, e Gravios de Galliza. Só Silio, Poeta Latino, he o Author das Viagens de Diomedes ao Minho. Os Escritores Gregos naõ fallaõ nella huma só palavra. Pausanias he quem o faz arribado ao Porto Phalerio no Atico: elle o acompanha até Corintho; o segue na expediçaõ com que restabeleceo a seu pai Oeneo no Reino de Argos; elle o faz apparecer em outras muitas partes; mas naõ o conduz como Silio Italico á Foz do Minho. Naõ dos seus Gregos, senaõ de outros, que de-

depois viriaõ a elle, tomariaõ o seu nome os nossos Gayos, ou Gronios, que alli se estabelecêraõ. E com maior razaõ o podemos entender assim, por nos persuadir Plinio, que no seu tempo era huma tradiçaõ dominante haverem os Gregos feito fundações na Lusitania antes da vinda dos Carthaginezes.

Nada ha na Historia de menos verdadeiro, e verosimil, que dar-se por cousa certa as Viagens de Ulysses, de Diomedes, de Teucro, de Mnesteo, e de outras Colonias numerosas de Gregos ao mar Athlantico. O mesmo digo das suas fundações de Cidades, e Póvos pelo nosso Continente. Eu prescindo da pouca prática, que os Gregos tinhaõ da navegaçaõ. Dou, e naõ concedo, que Ulysses viesse ao Téjo; Diomedes, e Teucro ao Minho; Mnesteo, e outros Gregos por outras partes de Hespanha. O que desejo he saber, por que modo em toda ella, por toda Lusitania, e Galliza elles fundáraõ tantas Cidades famosas, que necessitávaõ de hum grande número de gente. Elle naõ caberia na Armada, que esteve sobre Troia muitas vezes multiplicada, e em que nos dizem, que aquelles Aventureiros fizeraõ as suas Viagens. Para a conquista de huma só Cidade, que foi Ceuta, levou ElRei D. Joaõ o I. menos de 50000 homens em huma Esquadra de 220 Náos grossas. Pélo contrario, as de maior número de toneladas na guerra de Troia, diz Homero que naõ cabiaõ nellas mais de cento e vinte homens. De Ulysses se diz, que depois de Telemon lhe derrotar a Armada, apenas lhe ficára hum navio. Como havemos nós logo crêr,

crêr, que em taõ poucas, e taõ pequenas Náos accommodáraõ aquelles Principes a gente necessaria para a fundaçaõ, e povoaçaõ de tantas Cidades, e Provincias nas Hespanhas?

Ponho aqui de parte outros indispensaveis inconvenientes de naufragios, de mortes, de falta de viveres, de necessidade de Officiaes para fabricantes de Templos, e de casas: e nos lugares citados recommendo aos mesmos Leitores, que vejaõ a Polybio (1), a Herodoto (2), a Thucidides (3), a Iliada (4), e a Mr. Gouguette (5) que nelles veráõ derrotadas as opiniões favoraveis aos Gregos, e huns testemunhos claros, e convincentes da verdade. Entaõ saberáõ como na Época da guerra de Troia saõ fabulosas as Viagens das Gregos ás nossas côstas, que elles totalmente ignoráraõ até as conquistas dos Romanos. Das suas próvas, e doutrinas tiraráõ elles os fundamentos para assentarem, que aquella Naçaõ, como fundadora, naõ esteve nas Hespanhas antes dos Romanos, nem depois delles.

Naõ duvido porém, antes me capacito de algumas Viagens casuaes de outros Gregos a partes determinadas do nosso Continente, como foraõ as de Coleo de Samos, e a dos Gregos chamados Phocenses. Fazem memoria os Authores destes ultimos, que com effeito trouxeraõ a elle huma Colonia, que depois povoou a Cidade de Menace perto de Malaga, donde passáraõ alguns á Lusitania.

(1) *Lib. 3. Cap. 7. idem Lib. 3. Cap. 2. Trad. de Tuillier.* (2) *Liv. 3. 4. e 8.* (3) *Lib. 1.* (4) *Lib. 1.* (5) *Tom. 3. pag. 268.*

nia, e Galliza. Assim o pensou hum Author erudito (1), e he constante que estes Gregos Phocenses foraõ os primeiros que usáraõ de Náos grandes, nas quaes vieraõ ás Gallias, e a Hespanha. Tambem parece naõ haver dúvida, em que antes da passagem de Xerxes á Europa, e muito tempo depois a marinha dos Gregos era das mais fracas, e o seu Commercio naõ passou do Mediterraneo.

As opiniões de outros, que errâraõ os estabelecimentos Gregos pela derivaçaõ de palavras, que com facilidade se destroe; Bochart as derrota (2) como fabulosas. Elle diz, que os nomes que naõ saõ barbaros, e que tem derivações Gregas, naõ he porque tragaõ a origem da Grecia, donde naõ vieraõ habitadores para as nossas terras: Que ao contrario, os Fenicios antigos navegantes, fizeraõ muitas viagens aos nossos pórtos, e fundáraõ Colonias no nosso Continente; e que entendia serem elles os que pozeraõ o nome a muitas das principaes Provincias, Cidades, Rios, e Montes. Entre outros diz, que o Douro he derivado dos *Dorias* naturaes de Dora na Palestina: o Minho da voz Fenicia *Manin*, que iguala ao *Minium* dos Latinos: o Téjo de *Dag*, ou *Dagi*, que entendiaõ por peixe, pelos muitos, de que este rio he abundante; donde se deprehende a insubsistencia da opiniaõ, que deriva o nome Téjo do do Rei fabuloso Tago.

O mesmo Author pretende, que a grande Lisboa tantos Seculos estimada por fundaçaõ de Ulysses, tomasse o nome da palavra Fenicia *Alis-ubbo*, que

(1) *Melot. Acad. des Insc. Tom. 23. pag. 149.*

(2) *In Chan. Liv. 1. Cap. 24.*

que significava lugar ameno, aludindo á fertilidade dos seus campos, que o Téjo banha. Porém he bem certo, que deste parecer de Bochart ninguem ficará por fiador. Em hum diluvio de conjecturas, que fez, se em algumas cousas acertou, em outras podia errar. Póvos haveria entre nós, que tomassem nomes Fenicios; outros que conservassem os antigos Lusitanos; e em antiguidades taõ remotas saõ opiniões mais provaveis as mais seguidas pelos melhores Authores, e das mais sólidas as que mais se conformaõ com a razaõ.

Ora já he tempo de entrarmos pela dilatada Anarquia, que nos representaõ na Lusitania depois do seu ultimo, e imaginado Rei Abidis. Ao primeiro passo nos encontramos com a formidavel secca de longa duraçaõ, que dizem fora causa de se despovoar grande parte de Hespanha, e passarem os seus moradores além dos Pyreneos. A fertilidade que se seguio os chamou para as suas terras, aonde entráraõ acompanhados dos primeiros Celtas, que povoáraõ a Celtiberia. Esta gente faz grande figura na nossa Historia. Sem me embaraçar com a antiguidade da sua origem, só direi, que os Celtas era huma Naçaõ de tempo immemorial estabelecida na Gallia chamada *Bracata*, e *Comata*, que os Romanos depois chamáraõ *Transalpina*, e deraõ aos seus moradores o nome de *Gallos*. Confinavaõ com Hespanha pelos Pyreneos, e por isso, ainda antes da memoravel secca, elles tinhaõ facil o transito, e passagem do Ebro para virem viver de mistura com os nossos moradores primeiro que os Gregos. Herodoto de tempos muito anti-

gos presume a estes Celtas habitadores das partes mais Occidentaes de Hespanha : noticia , que talvez recebesse dos Fenicios , ou dos Gregos Phocences , que navegavaõ as nossas côstas , como acabo de dizer.

Já os Celtas Andaluzes suppunhaõ em Hespanha outros Celtas visinhos ás Gallias , e foraõ os que enviáraõ esta Colonia unida á que elles mandáraõ ás terras dos Turdulos, e Turdetanos nossos moradores poderosos , já civilizados. Tito-Livio os representa Naçaõ florescente dominada por Ambigato , principe valeroso, e taõ feliz, que sobre fertilizar os terrenos , e cultivar os homens , vendo a grande propagaçaõ dos seus vassallos,com Colónias delles diz , que augmentára o número dos moradores de Italia , e da Bohemia. Depois tendo por curto o terreno de Celtiberia , se estabelecêraõ entre os Vetones , e Carpentanos ; dilatáraõ-se pela Lusitania , e Andaluzia , naõ havendo já em Hespanha Paiz sem Celtas , senaõ o que corria do Cabo de *Finis terræ* aos pyreneos. Os que entráraõ em Lusitania vieraõ ao Algarve , e foraõ sobindo pelas margens do Guadiana até darem nos dilatados campos , em que fundáraõ a Cidade de Elvas. Resende conjectura , que a Cidade seria assim chamada em razaõ de alguns Gallos Elveticos , que deviaõ vir com os Celtas. Alli foi tal a sua propagaçaõ , que se affirma deraõ gente para muitos Póvos , e para a vingança das affrontas , que haviaõ recebido dos Hiberios ; mas que as desconfianças acabáraõ em casamentos , paz , e uniaõ de vontades por toda a Andaluzia.

Sem

Sem fazermos caso da sonhada vinda de Homero a Hespanha, e campos que rega o Guadiana, naõ he para desprezar a noticia da de alguns Gregos, que foraõ ficando pelos nossos Paizes. Criticos judiciosos, sem fixarem tempo certo, disputaõ quaes seriaõ os primeiros, que chegáraõ aos pórtos da nossa Peninsula, aonde tinhamos entre nós aos Celtas. Já nós dissemos, que hum delles foi Coleo de Samós, ao qual Herodoto dá esta precedencia, e affirma, que elle se embarcára na Ilha Platea para voltar aó Egypto: que arrebatado o navio por hum Leste furioso, corréra todo o Mediterraneo; e que passando o Estreito de Hercules, chegára ás terras de Tartesso, que he a Andaluzia. Outros presumem, que quando Coleo com os Samios aportou na Ilha de Cadiz, já nella commerciavaõ os Tyros, os Hebreos do tempo de Salomaõ, e alguns Carthaginezes. Póde bem ser, que as noticias espalhadas na Grecia das riquezas de Hespanha, obrigassem alguns dos seus moradores a frequentar de tempo a tempo o nosso Commercio. Ellas seriaõ a causa das viagens, que dizem de Sostrato, dos Rhodios, dos Phocences, que fundáraõ colonias pelas nossas praias, e dos da Ilha de Jasanto, ou Zacynto, que se conjecturaõ fundadores da célebre Cidade de Sagunto.

Por estes tempos os nossos Celtas se tinhaõ derramado pela Provincia do Alem-Téjo, donde se foraõ estendendo pelas terras visinhas; e familiares com os Turdulos de entre os Rios Téjo, e Douro, e com os Vetones da Estremadura, ficou tratavel a maior parte da Lusitania. Ella sim se via

po-

povoada de familias numerosas: mas em poder de Estrangeiros, que se lhe augmentavaõ o Estado, lhe diminuiaõ a gloria da primeira, e ingenua simplicidade. Como o mundo já se communicava, a fama das riquezas de Hespanha desaffiava as Nações para virem passar a vida entre os seus moradores cóm commodo mais vantajoso, que os das proprias Patrias. Pelo mesmo tempo se faz memoria da vinda dos Rhodios a Catalunha, aonde fundáraõ a Cidade de Rhoda; que hoje se chama Rhodes. Della falla Tito-Livio na narraçaõ da viagem de Cataõ a Hespanha. Os Fenicios de Tyro, que pela continuaçaõ das suas navegações tinhaõ noticia da fertilidade dos nossos terrenos; agora se recolhêraõ para a Patria levando hum thesouro.

Como entráraõ em Tyro tantas preciosidades a pouco custo, os seus Argonautas voltáraõ, naõ só a negociar; mas a estabelecer-se em Hespanha. Dizem que commandados por Sycheo, Sacerdote de Hercules, estes Tyros ferráraõ o Promontorio Sacro. Traziaõ a Frota bem provida de generos para os cambiarem pelo ouro: trafico, que Aristoteles entende se fazia nas terras de Tarteso junto a Cadiz. Sycheo no Promontorio, e ruinas do Templo de Hercules, he contemplado pelo inventor dos seus ossos, que nunca estiveraõ nelle, e os Agoureiros o persuadíraõ, que estas reliquias suppostas as transportasse a Cadiz, escala do seu Commercio, aonde estavaõ preconizadas á Naçaõ Fenicia immensas vantagens.

Porque a dita Naçaõ mettida dentro de casa tem de ser lembrada nesta Historia: porque ella foi quem

quem convidou os Carthaginezes para virem a Hespanha; vinda, que hade ser a Época primeira da minha narracaõ historica: porque aquella gente taõ bellicosa da Africa trazia dos Fenicios a sua origem: devo dar huma breve noticia da Cidade de Tyro sua Patria, por terem elles a favor da sua assistencia em Hespanha as próvas mais constantes da Historia; por ser a primeira Colonia, que sahio do Estreito; que fundou a Cidade de Cadiz; nella o Templo de Hercules, e que fez a guerra aos Lusitanos.

A Cidade de Tyro donde vieraõ para Hespanha os Fenicios; naõ he a que estava situada na terra firme ao lado Oriental do Monte-Libano, quasi taõ antiga como Sidonia, que os Escritores chamaõ *Paletyro*. Eu vou a descrever a célebre Ilha de Tyro adjacente da Fenicia, e a sua Cidade do mesmo nome; que muitos estimaõ, naõ só pela fonte da navegaçaõ; mas pelo berço das Letras, que della sahiraõ para illustrar o mundo. Desta Ilha he que fallaõ com tantos elogios os Profetas Santos; e os melhores Historiadores. Ella he memoravel pelas viagens dos seus nacionaes; pelos Templos sumptuosos, especialmente o de Hercules; pelo Rei Hiraõ, amigo do Rei sabio de Israel, ao qual forneceo tantos materiaes preciosos para a construcçaõ do Templo de Jerusalem: e pelos dous estragos, que nella fizeraõ Nabuco, e o grande Alexandre.

Saõ muitas as opiniões a respeito da sua antiguidade. A de Josefo tem hum grande pezo, e se faz respeitavel, assim por convir em muita parte

com

com as Tradições dos mesmos Fenicios, como por se haver instruido nas suas Historias, Monumentos, e Escritos originaes. Elle poem a fundaçaõ da Cidade na Ilha de Tyro pelos annos de 240 antes da fundaçaõ do Templo, que vem a ser na Época dos Juizes do Povo, e Governo de Gedeaõ. O grande Eusebio affirma, que víra hum Escritor Fenicio anterior á guerra de Troia, o qual dava a gloria de fundadores de Tyro aos dous irmãos Hypsurano, e Isous: Que elle os fazia contemporaneos de Saturno: Que Isous ensinára os homens a vestir-se de pelles; e que formára a primeira canoa, em que elles se aventuráraõ a andar por cima das aguas.

Deste Estado pois em todas as qualidades respeitavel, sairaõ os Fenicios; que naõ temeraõ romper as correntes do Estreito de Gibraltar entaõ medonhas, como depois as do Cabo-Tormentoso, hoje de Boa-Esperança. A sua corage os trouxe a engolfar-se no immenso pego do Oceano para devaçarem as nossas praias; para se estabelecerem na Ilha de Cadiz; e para dilatar o seu dominio pela terra firme. O Templo de Hercules que edificáraõ na Ilha; a sua capacidade, e a frequencia das suas navegações os encheo de respeito, os fez recommendaveis, e bem acceitos. Os Andaluzes porêm naõ se escusáraõ ao primeiro susto; a vista de gentes novas os faz reflexivos, e o temor cresce quando elles sem premio saõ forçados a trabalhar nas minas.

Até nós tem chegado, extraido das sombras de tanta antiguidade, hum pequeno raio de luz

tremula, que nos deixa ver esta desconfiança entre Fenicios, e Andaluzes. Assegura-se que elles vexados pediraõ o soccorro dos Lusitanos seus visinhos. Sessenta mil nos representaõ marchando em seu auxilio. A sua corage derrota os Fenicios; arraza-lhes as fortalezas da terra firme, e os acantona na Ilha de Cadiz. Tambem ha quem nos instrua na noticia, de que estes Lusitanos lembrados, e ainda sentidos dos Fenicios lhe roubarem do seu Templo de Hercules no Promontorio Sacro os destroços da mortalidade do seu respeitado Deos; que transportados do furor vingativo se lançáraõ sobre o outro Templo de Hercules, que os Fenicios haviaõ construido, ou na Ilha de Cadiz, ou na terra firme, aonde agora está Medina Sidonia, e o arrazaraõ até aos fundamentos, roubáraõ os dons, profanáraõ o Santuario. Este sacrilegio irritou os Andaluzes: elles se separáraõ dos Lusitanos, e revivem os negocios dos Fenicios em Hespanha.

Ora por estas idades, sem differença essencial de annos, acabou a segunda Época, ou Tempo Fabuloso, e entrou a terceira do brilhante Tempo Historico, em que principiou a apparecer na Historia a verdade desenvolta do cáhos da escuridade, luminosa sem as manchas da fabula. O ponto desta Época no da entrada dos Carthaginezes em Hespanha, he o que tenho marcado para dar principio á minha Historia. Mas como a sua vinda naõ foi logo na entrada do dito tempo; devo continuar esta Prefaçaõ pelo que respeita á Historia Antiga da Lusitania até me encontrar com os Car-

tha-

thaginezes nas nossas terras chamados pelos Fenicios, de quem eu vou fallando, para naõ cortar o fio da mesma Prefaçaõ.

Desasombrados os Fenicios do temor dos Lusitanos, sobmettidos os Andaluzes, elles foraõ dilatando tanto os seus progressos, que se fizeraõ senhores das riquezas de Andaluzia. Dos seus montes cortavaõ madeiras para os navios: nas faldas delles acháraõ minas de differentes metaes, com que os carregavaõ; e bem ponderada a fertilidade do Paiz em outros muitos generos, elegeraõ Hespanha para alvo a que a sua ambiçaõ, e avareza pozessem todos os pontos. Esta abundancia, e naõ o mentiroso, antes ridiculo Incendio dos Pyreneos, que crêraõ os nossos Historiadores, foi a causa dos Fenicios naõ pouparem esforços para se estabelecerem entre nós com a gloria de Inventores dos nossos thesouros escondidos.

Como a amizade com os naturaes da terra naõ lhes servia para o avance das suas ideas; pouco a pouco foraõ mudando o semblante de amigos, desfigurando a face de hospedes, até se deixarem perceber com viseiras baixas de Senhores. Os corações se lhes apertavaõ no pequeno recinto da Ilha de Cadiz, aonde os Lusitanos os haviaõ acantonado. A favor da simplicidade dos Andaluzes, elles foraõ enchendo o Continente de Povoações, taes como Sevilha, Calpe agora Gibraltar, Malaga, Huelva, Cordova, Tarteso, Carteia, e outras, que os Authores nomeiaõ. Assim collocados no coraçaõ de Hespanha, senhores das suas minas, do seu Commercio, da Navegaçaõ de ambos

bos os mares Oceano, e Mediterraneo; os Fenicios sobiraõ, exaltáraõ, elevåraõ a sua Cidade de Tyro ao ponto mais alto de riqueza sobre todas as do Oriente.

Mais de hum Seculo se passou, e delle nada mais sabemos, que a continuaçaõ da felicidade pacifica dos Fenicios. Na Lusitania haviaõ os Celtas pelo mesmo tempo propagado muito, e naõ cabendo no Alem-Téjo, intentáraõ povoar a Beira. Desejavaõ executar o seu projecto de modo, que naõ escandalizassem aos Turdulos moradores da cósta maritima desde o Promontorio da Lua, ou cabo de Cascaes, até as embocaduras do Douro. Pela antiga Tibucci, que hoje he a Villa de Abrantes, fizeraõ os Celtas a sua entrada. Ao primeiro passo encontráraõ a opposiçaõ dos Turdulos. Estes, de espirito terno, se lastimaõ de causar, e receber perdas. Ajustaõ-se, e convem, que os Celtas occupem as partes Orientaes da Lusitania, que correm da Comarca da Covilhã até a raia de Castella; e que os Turdulos ficassem com as Occidentaes até ao mar. Foraõ estes Celtas os chamados Pesures, de que falla Plinio, origens daquelles de quem se servio Trajano para fabricar a Ponte de Alcantara.

Naõ durou muito tempo a fatisfaçaõ mutua com que viviaõ as duas gentes, occupadas na cultura dos campos, na multiplicaçaõ dos gados, em huma vida innocente. Os nossos salvagens primitivos, que até entaõ passavaõ o tempo como brutos embrenhados nos matos, e covas da Lusitania, sustentando-se com as frugalidades rusticas,

cas, que produziaõ as plantas, e arvores silvestres, e com o leite das cabras, de quem vestiaõ as pelles; perturbaõ, inquietaõ Turdulos, e Celtas. Elles investem as suas terras, que achaõ cultivadas, e fornecidas de alimentos proprios para a passagem do homem. Celtas, e Turdulos acodiraõ a ter maõ no impeto dos Barbaros, que encontráraõ taõ ferozes no valor como medonhos na figura. Depois de dura guerra saõ os monstros forçados a passar o Téjo, donde se foraõ estendendo até Setuval, occupando os terrenos, que antes haviaõ abandonado os Turdetanos. Ha quem presuma, que destes Barbaros tomára o cabo de Espichel o nome de Promontorio Barbarico.

Foraõ correndo os tempos, e deshouveraõ-se os Lusitanos com os Fenicios por motivos, que ignoramos. Os ultimos com os seus alliados leváraõ a vantagem no primeiro encontro. Desta québra dos seus Patricios se estimuláraõ os Turdetanos do Algarve, e Campo de Ourique. Estes saõ os primeiros, que marchaõ. Outros muitos Lusitanos os seguem especialmente os Celtas. As novas gentes imprimem novo semblante nos successos. Para de hum golpe cortarem aos Fenicios a esperança de dominar os campos de Tarteso, ganharaõ-lhes as Povoações da terra firme. A golpes repetidos os metteraõ na Ilha de Cadiz, aonde os deixáraõ como sitiados. Estabeleceraõ-se por toda a Andaluzia, que entaõ foi chamada Provincia Turdetana.

A falta de tantas gentes fez taõ pouca na Lusitania, que muitas mil familias suas sairaõ com

boa provizaõ de gados a buscar terras incultas, até acharem algumas cómmodas para a sustentaçaõ da vida. Marchavaõ ao longo da Serra da Estrella, e rompendo as brenhas paráraõ no campo, que fica entre Cerolico, e Trancoso. Aqui foraõ muitos os seus combates com as féras, e com os Salvagens, que se escondiaõ pela espessura das mattas. Quanto ellas viaõ lhes causou tanto horror, que as obrigou a passar o rio Cuda, hoje Coa, e achando agradaveis os campos entre elle, e o Agueda, o escolhêraõ para domicilio. Estas familias foraõ as progenitoras dos Póvos chamados Transcudanos, que povoáraõ as Comarcas do Riba-Coa pelas terras de Almeida, e Castello-Rodrigo, ferteis, e regadas de muitas aguas.

Mas o estrondo das armas de Carthago já chama pelas attenções da Lusitania. Os Fenicios em Cadiz desamparados de remedio, contraidos, e vexados, pedem a protecçaõ dos Carthaginezes, que como elle tinhaõ a sua origem da Cidade de Tyro. Em quanto a Republica de Carthago se ouvem, e acceitaõ as propostas dos Fenicios, se prepáraõ armas, e navios, e os Carthaginezes passaõ o mar; suspendo nesta Prefaçaõ o mais, que he respectivo á *Historia Antiga de Portugal*, de que logo entrarei a formar o seu corpo. Agora passo a dar a razaõ de algumas opiniões, que sigo em todo o mesmo corpo da *Historia Moderna* depois de J. C. até ao fim do Governo de alguns dos nossos Reis para tirar as preoccupações aos reparos da critica, e dar a razaõ do que escrevo.

Dou noticia pelos annos de 494 da nossa Era vul-

vulgar do prodigio, que annualmente succedia, e digo: Que havia hum Templo no termo da Villa de Offel ás margens do rio Cambra, de que ainda se conservaõ vestigios, e nelle hum tanque em forma de cruz, o qual em todo o anno estava secco: Que nos dias da Semana Santa, tempo entaõ destinado, para o bautismo dos mininos, que nasciaõ dentro do anno, os Prelados fechavaõ as portas do Templo até ao Sabado da Alleluia: Que neste dia entrava nelle o Povo, e se via o tanque naõ só chieio de agua; mas com hum alto, e prodigioso cumulo elevado sobre as paredes sem correr por cima dellas: Que o Bispo o benzia com o chrisma, e bautisado o primeiro minino, a agua levantada se abatia, e ficava o tanque razo: Que acabado de conferir o Sacramento, de repente se sumia a agua, como se nunca alli estivera. Naõ fico por fiador da verdade deste milagre; mas naõ tenho authoridade para derrotar a de tantos Escritores estimaveis, que o referem, e antes quero errar com elles, que fazer-me singular em contradizer passagens, para que me faltaõ as próvas.

Se a Infanta D. Theresa, mulher do Conde D. Henrique, foi filha legitima, ou bastarda de ElRei D. Affonso VI. de Castella, he hum ponto na nossa Historia muito duvidoso. Segui a opiniaõ, de que foi legitima, julgando por melhores, e mais sólidos os fundamentos, e razões do erudito Author do Catalago das Rainhas de Portugal, do que as de outros Escritores, que o contradizem, especialmente o Arcebispo D. Rodrigo taõ pouco inclinado ás vantagens dos Portuguezes. Protesto, que nes-

nesta materia naõ pretendo fazer opiniaõ por mim, quando sempre estou prompto para em todos os casos seguir as mais provaveis.

Quando compuz a breve Historia de Portugal no VI. Tom. da minha *Aula da Nobreza Lusitana*, na livraria de Thomaz Caffaro, illustre no nascimento, e nas qualidades, que entaõ assistia no Algarve, encontrei o resumo da nossa Historia em hum Author Italiano, de que me naõ póde lembrar o nome. Foi elle o unico, em que até agora vi tratados os fundamentos, e motivos, por que o Conde D. Henrique deve ser tido, e reputado pelo primeiro Rei de Portugal. Expendi, e ampliei no dito Tomo, e agora no Segundo desta Historia os mesmos fundamentos, e motivos, conhecendo muito bem, que isso parecia huma idéa methafysica, ou hum ente de razaõ, quando naquelle Principe faltavaõ todas as circunstâncias necessarias, e marcas exteriores para ser chamado Rei; sendo de todos reconhecido, e tratado por hum Conde Soberano. Eu tratei, e escrevi esta passagem para mostrar, que Portugal em todas as idades teve a dignidade de Reino, que nunca a perdêra; que separado da Coroa de Hespanha ficou Reino, e que tendo novo Dominante, qual foi o Conde D. Henrique, que parece devia participar da Dignidade do Reino, e ser reconhecido antes Rei, que Conde.

Eu me oppuz a Authores de grande nota na impugnaçaõ do casamento da mesma Infanta D. Theresa depois de viuva do Conde D. Henrique com o Conde de Trastamara D. Fernando Peres de

Trava. Das sólidas razões com que o supposto casamento se derrota, resulta desterrarem-se da Historia d'ElRei D. Affonso Henriques as quiméras fabulosas, que lhe introduzio a ignorancia indigna, ou à credulidade imprudente. A verdade destroe a mentirosa prisaõ de D. Thereza: a maldiçaõ, que differaõ deitára ella a seu filho: a vinda do Cardeal de Roma a excomungallo: os soccorros que o Rei de Leaõ deo a sua tia; a guerra com D. Affonso Henriques; a pasmosa fidelidade de Egas Moniz ir com sua mulher, e filhos nûs atados com córdas dar satisfaçaõ ao Rei de Leaõ por naõ querer D. Affonso cumprir as promessas, que elle lhe fizera em seu nome, com outras invençóes desta gerarquia.

A Appariçaõ de J. C. a ElRei D. Affonso Henriques no Campo de Ourique antes da batalha, naõ foi que eu sigo; mas que todos os Escritores nacionaes, e muitos estrangeiros tem por constante, ainda ha Portuguezes criticos judiciosos, que a impugnaõ. Ora convenho na temeridade, de que tantos Historiadores illuminados naõ tenhaõ, nem mereçaõ fé: Concedo, que a Escritura do juramento do mesmo Rei achada em Alcobaça he supposta, e introduzida no seu archivo: mas a tradiçaõ constante, interrupta desde os dias do mesmo D. Affonso até agora, quem a contrasta, a vence, a derrota? Dir-me-haõ, como se próva com certeza esta tradiçaõ de tanta antiguidade transmettida, e communicada até as nossas idades? Podéra responder com a Tradiçaõ da Igreja, que he muito mais antiga, e tem declarar in-

cor-

corrupta até a consummaçaõ dos Seculos. Sigo hum novo modo no que vou a dizer.

Pergunta-se por que modo podia Moysés escrever o Pentateuco, que compoz mais de 2500 annos depois da creaçaõ do Mundo, que circunstanciadamente refere: Respondo-se, que o podia fazer de duas maneiras: huma sobre natural por meio da revelaçaõ, como he mais provavel, naõ se suppondo, que Deos fallasse com este meio para a illuminaçaõ de hum homem, que nos Sagrados Fastos, que hia a escrever, havia marcar nelles a verdade do mais resto da Religiaõ, que devia emanar delles como consequencia infallivel. A segunda maneira, sem dúvida, nem contradicçaõ, podia ser natural com os soccorros da verdadeira tradiçaõ succeissivamente communicada de pai a filho desde Moysés até Adaõ: Por quanto Moysés tratou muitos annos com seu pai Amraõ, que aprendeo a Historia do Mundo de seu pai Levi: a Levi a referio seu Avô Isaac, com o qual viveo 33 annos: Isaac a ouvio a Sem, que foi testemunha ocular do Diluvio, que teria hum claro conhecimento das cousas do mesmo Mundo, com quem assistio 50 annos; Sem tudo saberia de seu Bisavô Mathusalem, vivendo com elle mais de cem annos: Mathusalem tudo aprenderiã de Adaõ, com o qual se communicou 243 annos.

Ora valendo-me destas demonstraçoẽs, e cotejando com ellas a verdadeira tradiçaõ do Apparecimento de J. C. ao Rei D. Affonso Henriques, naõ me fazendo especie a antiquissima pintura, que até hoje se vê em huma Hermida da Villa de Cas-

Caſtro, aonde ſe moſtra ao dito Rei de joelhos fallando com o Senhor: nem me conformando com os criticos audacioſos, que pelo capricho querem, que a referida tradiçaõ tiveſſe origem no reinado de D. Joaõ o I.: he bem certo, que do tempo de D. Affonſo Henriques até nós corre conſtante, e indubitavel a tradiçaõ. Os que hoje vivemos a podiamos receber dos homens, que alcançáraõ o Reinado de D. Pedro II.: os deſte Reinado a receberiaõ do tempo de Filippe IV.: os deſte tempo dos do Governo do Cardeal Rei: e correndo aſſim por idades correſpondentes á vida dos homens, ir parar nos da Época de D. Affonſo Henriques, na qual a tradiçaõ teve a ſua origem.

As célebres Cortes de Lamego, Leis fundamentaes de Portugal, ſaõ outro ponto impugnado, naõ ſó por muitos Eſtrangeiros; entre elles o célebre D. Luiz de Salazar com todas as forças da ſua eloquencia adulatoria: mas de alguns dos noſſos nacionaes, empenhados em oſtentar erudiçaõ, e inculcar a deſcoberta de Documentos antigos, que talvez lhes naõ paſſaſſem, nem como luz de relampago, pelas viſtas. Iſto naõ he conſtituir a Naçaõ Portugueza em hum eſtado de ignorancia mais groſſeiro, que muitas das ſalvagens; e brutas do Univerſo? Raras ſe encontraráõ entre ellas, que no principio do ſeu eſtabelecimento naõ ſe promulgaſſem Leis fundamentaes para a ſua boa direcçaõ, ordem, e economia. As gentes civiliſadas ſabiaõ, que Deos lá do fundo da antiguidade deo eſte exemplo ao mundo. Logo que Elle arrancou ao Povo de Iſrael da eſcravidaõ do Egypto,

no

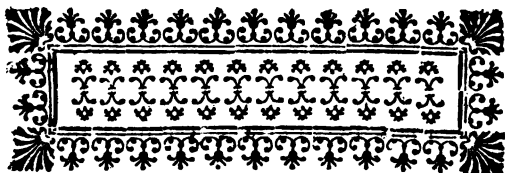
no mesmo deserto lhe formou esta sórte de Leis; como consta dos Livros Santos.

Guiados pela simples luz da razaő se fizeraő célebres muitos Principes Gentios pelo estabelecimento das Leis fundamentaes. Entre outros saő memoraveis os Legisladores Gregos. Elles attestaő com tanta delicadeza a solidez, que os Romanos, a Naçaő mais illustrada da terra, as foraő mendigar aos seus Paizes, para com ellas illuminarem as suas. Pois os Portuguezes do tempo de D. Affonso Henriques, que naő eraő brutos, nem salvagens, ao seu Reino, que lhes nascia nas mãos, e que com tanto valor nellas o arrancavaő das dos Mouros, acclamando o seu Rei, e formando huma Monarquia nova: como cabe em juizo sem paixaő, e com que razaő se accommoda, que elles a si, e aos seus Successores deixassem de impor Leis fundamentaes para a boa administraçaő, e ordem da justiça, para fórma, e régra da Successaő da Monarquia? Tudo elles fizeraő nas Cortes de Lamego, que devemos respeitar como Leis fundamentaes do Estado.

Em todas as mais passagens da *minha Historia* naő ha alguma, que deixe de ir encostada na fé de monumentos, de tradições, de Escritores nacionaes, e estrangeiros. Se errar, he porque erráraő: Se me arredar da verdade, he porque se apartáraő della. Prezumo, que alguns genios delicados me teráő em conta de encarecido, de affectado, de parcial, antes panegyrista, que Historiador, quando trato das virtudes dos Portuguezes; do seu valor; do estrondo, com que faço soar pelo mundo

to-

todo as suas milagrosas victorias terrestres, e navaes; as suas rápidas conquistas de Praças; as suas gentís defensas de sitios; tudo heroicidades nas suas expedições; successos, que nem aos mesmos, que nada crem do milagroso, pódem deixar de parecer milagres; trabalhos tolerados com forças superiores á natureza de humanos: singulares nas Embaixadas; com dexteridade para nos gabinetes; delicados nos negocios; em fim, igualmente destros Politicos, e bravos Soldados. Sim, escrupulosos Leitores, vós assim o podereis entender; mas fico muito consolado, de que em tudo o que delles digo fallo verdade; que sou muito menos encarecido, que os que me precedèraõ em escrever, e debuchar o brilhante caracter dos Portuguezes.

HIS-

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL.

LIVRO I.

Da Historia Antiga de Portugal.

CAPITULO I.

Principio da Historia na entrada dos Carthaginezes em Hespanha.

ENTRO a escrever em todo este Tomo a Historia Antiga de Portugal do ponto luminoso da vinda dos Carthaginezes ao nosso Continente, livre das sombras, e das ficções dos tempos da escuridade, e da fábula, até ao Nascimento de J. C. que he entre todas as

Annos do Mundo,

Épo-

Annos do Mundo.

Épocas a mais brilhante, do qual tem principio a Historia Moderna. Esta como mais necessaria, encherá muitos volumes para instrucçaõ mais ampla pela obrigaçaõ, que temos de saber melhor as disciplinas, que nos pertencem. Nada mais me mette neste empenho, que o amor da Patria. A tanto me provocaõ os desejos da sua gloria. Eu me lastimava, que nós em triunfos maiores, que os dos Gregos, e Romanos, abominassemos os Fastos de Roma, e da Grecia, para que os nossos Heróes igualassem aos seus nas obras, naõ na fortuna.

3453. Sem gastar mais preambulos, e dando principio á Historia, no ponto marcado para ella, naõ me embaraçando na disputa se a Cidade de Carthago foi fundada pela Rainha Dido, célebre nos Escritos de Virgilio, se pelos Fenicios lançados pelos Hebreos das suas terras no Governo de Josué; só devo escrever o caracter dos Carthaginezes, que foraõ largos annos intrusos dominantes das nossas terras. Estes homens se fizeraõ recomendaveis pelo Commercio, e pelas Armas. Elles inven-

ventáraõ os Arietes para romper as muralhas: armáraõ as primeiras Galéz com quatro ordens de remos: tiveraõ tanto valor, que sobmettêraõ a Lybia, a Sicilia, a Sardenha, e já os vamos ver conquistadores de Hespanha, bravos competidores dos Romanos até a sua ultima ruina. O Commercio dos nossos portos foi derrotado pelas vantagens do seu. Em quanto se naõ fizeraõ despoticos no de toda Hespanha, nada lhes parecia o que tinhaõ nas mesmas cóstas de Africa, nas Gallias, na Italia, e ilhas adjacentes. Como souberaõ pelos Fenicios, que Hespanha brotava hum manancial perenne de riquezas, já elles se dispunhaõ a unir este ramo de Commercio ao tronco da arvore, quando a fortuna lhes metteo a occasiaõ em casa.

Annos do Mundo. 3453.

Das primeiras viagens desta Naçaõ a Hespanha nós naõ poderemos fixar data precisa, nem das mais que ella fez antes de vir conquistadora, chamada pelos Fenicios de Cadiz. Huns lhe destinaõ Colonias particulares, outros por toda a Betica, correndo o longo das nossas cóstas. No Seculo oita-

Annos do Mundo.

tavo, antes de J. C.; he provavel, que os Carthaginezes principiassem esta navegaçaõ, que favorecia a alliança com os Fenicios, commerciando estes pelo Oceano, aquelles pelo Mediterraneo. Assim iriaõ correndo os tempos das incertezas, e nelles fundando os Carthaginezes huma, ou outra Colonia nestas, ou aquellas paragens das praias de Hespanha para a sustentaçaõ do seu Commercio, e trato de amisade com os Fenicios de Cadiz seus Patricios, até que elles chegáraõ á extremidade, em que eu acabei de os contemplar, no Prefacio a esta Historia, atacados pelos Turdetanos, contraidos á Ilha de Cadiz, e obrigados a pedir o seu soccorro.

Sem me embaraçar com a opiniaõ de Justino, que figurou esta vinda dos Carthaginezes em soccorro dos Fenicios no principio do seu estabelecimento em Cadiz: Eu a fixo com melhores fundamentos no meio do Seculo VI. antes de J. C. pelos annos do Mundo 3453. Epoca do abatimento dos Fenicios, causado pela ultima guerra referida dos Turdetanos, que ciosos

3453.

Annos do Mundo. 3453.

ſos da ſua oppulencia, e de verem ſenhores os viſinhos, que conſentíraõ na terra como hoſpedes, fizeraõ todos os esforços para lhes abater o orgulho, e tirar o fomento da avareza.

Na ordem deſta Chronologia vou eu ſeguindo a minha Hiſtoria, e referindo, que os noſſos Turdetanos gozavaõ em Andaluſia a gentileza da paz com os ſeus inimigos humildes, acantonados na lingua de terra, que cortada de hum rio, e rodeada de mar fórma a pequena Ilha de Leaõ, onde eſtá ſituada a Cidade de Cadiz; quando elles víraõ ſobre as ſuas cabeças as armas de Carthago, commandadas pelo valeroſo, e prudente Mezerbal. Reſpiráraõ os Fenicios com a chegada dos ſeus nacionaes, e os Turdetanos conhecêraõ a differença dos inimigos nos ſeus primeiros paſſos pela terra firme. A prudencia que os fez reportados para obſervarem, os Carthaginezes a tiveraõ por temor, que os apartava; notando de covardes os Fenicios, que faziaõ caſo de inimigos taõ froxos. Elles, que ponderavaõ a neceſſidade que caſos novos tem de novos conſelhos, para

Annos do Muudo. 3453.

ra naõ fazerem huma guerra tumultuaria, elegêraõ por seu Chéfe a Baucio Capeto, ou Carupo, que se preparava para a defensa, quando os seus inimigos em plena marcha talavaõ a campanha.

Os Carthaginezes naõ viaõ nella contrarios, que lhe cortassem o passo; mas Baucio, que huma tarde póde observar a fórma dos alojamentos, na madrugada os investio com tanto impeto, que póstos em desordem, Mezerbal salvou a vida fugindo. Bastou este successo para os Carthaginezes mudarem de conceito, desculparem os Fenicios, já ensinados pela experiencia, de que tinhaõ competidores, que se submetteriaõ menos á força, que ás industrias. Outro corpo postado nas margens do Guadalete para receber mantimentos, só com a noticia de que Baucio marchava sobre elle, abandonou com precipitaçaõ o campo. Entaõ se desculpou Mezerbal com os Turdetanos, e negociou com tanta dexteridade, que enganada a innocencia, acceitou a paz fraudulenta, admitio trato com os inimigos, deixo-os deva-

çar

car a terra com pretexto de Commercio, e *nos povos* antes conquistados aos Fenicios, consentio mettessem *presidios* para freios da liberdade, adoçados com a brandura.

Annos do Mundo, 3453.

Elles se aproveitáraõ de outras traças semelhantes para se fazerem senhores das fortalezas principaes da Ilha de Cadiz, já respeitadas como Hespanholas as novas gentes introduzidas em Hespanha. Fenicios, e Turdetanos conhecêraõ tarde o seu erro; o arrependimento era infructuoso; o remedio quasi impossivel, e sentidos os primeiros de os chamarem, os segundos de os consentirem, olhos differentes viaõ o mal commum com cura difficultosa. Os Fenicios desesperados recorrêraõ ás armas, que reduzíraõ o recinto da Ilha a hum theatro de calamidades; mas vendo as suas torres, os seus muros sempre respeitados, abatidos pelos Arietes, que entaõ inventou Pefasmeno, official de carpinteiro da Cidade de Tyro, que vinha em serviço dos Carthaginezes. Elles perdêraõ a corage, abatêraõ a arrogancia, entregáraõ a Ilha, e ficáraõ escravos do Imperio fraudu-

Annos do Mundo.

3453.

lento de Carthago, que invocáraõ em seu auxilio.

Aos Turdetanos, ainda que inimigos dos Fenicios, parece taõ mal este procedimento, que determináraõ naõ se fiar de huma gente, sem outro objecto respeitavel além do interesse. Usaraõ os Carthaginezes de todas as intrigas para adoçar os animos; mas a continuaçaõ da tyrannia os obrigou a valer-se do recurso das armas. Quando os campos estavaõ prestes a bater-se, os Chéfes ajustáraõ huma paz, que servio de dar tempo aos intrusos para lançarem fundas as raizes da usurpaçaõ no nosso Continente. Naõ admirará éste proceder dos Carthaginezes, a quem souber a dureza do seu caracter, o espirito de imperio, o rigòr com que tratavaõ os maiores homens, a pouca suavidade na communicaçaõ, a nenhuma doçura na humanidade; homens de má fé, e avarentos; mas inclinados á Eloquencia Grega, ás manufacturas, á guerra, ás viagens. Pintura, que delles fazem os seus inimigos inplacaveis Gregos, e Romanos, por naõ haver Historia alguma de

Car-

Carthago eſcrita pelos ſeus Patricios, ou por outra Naçaõ indifferente.

Annos do Mundo.

Em quanto ſuccediaõ eſtas couſas em Andaluzia, os noſſos Turdulos Luſitanos naõ eſtavaõ ocioſos. Os Barbaros das floreſtas da Beira os aſſuſtavaõ com correrias rápidas; mas ſempre deſtroçados nos combates, as ſuas meſmas perdas os forçavaõ a naõ largar a companhia das féras. Outros brutos ſemelhantes tambem chamados Sarrios, naõ ſe atrevendo a medir as armas com os Celtas, nem cabendo a ſua multidaõ no eſpaço curto de entre Téjo, e Setuval; eſcolhêraõ os moços mais robuſtos para irem buſcar terra em que viver com as ſuas familias. Elles entráraõ pelos campos, aonde eſtá Thomar; paſſáraõ o Munda, ou Muliadas, que agora dizemos Mondego, e occupáraõ a campanha até Viſeo. Deſtes Barbaros, que povoáraõ a maior parte da Beira, trazem a ſua origem os Portuguezos illuſtres, os deſcendentes dos Caldeos noſſos primeiros habitadores, unicos naturaes da terra, que com elles occupavaõ Eſtrangeiros; no Alem-Téjo os Celtas, que eraõ Gallos, e os

3461.

Annos do Mundo.

3461.

os de Entre-Douro, e Minho a maior parte Gregos.

Os Carthaginezes em Cadiz se entretinhaõ em fazer duas observações, que ambas propuzeraõ á sua República para fornecer os meios necessarios ás vantagens promettidas. A primeira era a respeito da fertilidade do terreno de Hespanha, que elles contemplavaõ hum dos mais ricos do Universo, abundante em fructos; com rios, que corriaõ por cima de arêas de ouro; com pedras, que escondiaõ veias de prata; com minas destes metaes preciosos. A segunda respeitava a difficuldade da conquista em hum Paiz habitado de Nações ferozes, que hiaõ depondo a simplicidade, faziaõ gosto das armas, estavaõ mettidas em desconfiança de Cartago, já conheciaõ quanto era amavel a liberdade. Circunstancias, que faziaõ indespensavel a necessidade de grossos soccorros para proseguir com vigor a guerra de Hespanha. Entaõ se achava a República embaraçada com outras, que lhe impediaõ avançar estes designios, e houve de entreter as suas Colonias do nosso Continente com esperan-

ranças breves, que os succeſſos fizeraõ longas, para naõ deſampararem as terras ganhadas.

Annos do Mundo.

A Luſitania ainda gozava o ſeu amavel ſocego, ſem experimentar por eſtes tempos mais perturbaçaõ, que a dos Gallegos, que invadíraõ as terras dos noſſos Gayos para ſe apoderarem da fertilidade dos ſeus campos. Elles ſe lhes oppoſeraõ com o eſpirito marcial, que os Gregos ſeus aſcendentes haviaõ bebido na guerra da Patria, obrigando os Gallegos a recolher-ſe menos jactanciosos, mais diminuidos. Naõ eſquecêraõ os Gayos eſta injuria, nem ſe deraõ por ſatisfeitos com a primeira vingança. Elles entráraõ por Galliza, e para fazerem ver que hiaõ com a idéa de Conquiſtadores, leváraõ alguns milhares de familias, que vadeado o Minho, foraõ levando a Provincia a ferro, e fogo. Acodíraõ os Gallegos a defender-ſe com taõ grande impeto, que obrigáraõ os Gayos a fazer-ſe fortes no váo do rio. As mulheres, ſenaõ os excedêraõ, os igualáraõ no valor, com que vencêraõ huma grande batalha, que lhes deixou o campo livre para fundarem a Cidade de

3480.

3489.

Annos do Mundo.

de Tui, que entaõ differaõ Tide a nova. Daqui partio bom número de gente a penetrar mais o Paiz., e vencido outro encontro com gloria naõ menos do seu valor, os Gayos povoáraõ as Cidades de Yria, e Tydiciano.

3500. Tinhaõ passádo largos annos sem successos memoraveis entre Carthaginezes,.e Andaluzes; os primeiros satisfeitos em conservar o ganhado pelos muitos embáraços da guerra de Sicilia, que lhes impedia maiores progressos; os segundos contentes com a paz, que lhes facilitava as ganancias do Commercio pela comunicaçaõ com aquelles visinhos industriosos. Emprendêra a República de Carthago conquïstar Sicilia sobre os seus Reis Gelon, e Dionisio. As forças de que dizem se valêra para esta empreza, saõ monstruosas. As do mar constavaõ de mil Galez, e tres mil navios, de que só voltou hum a Carthago. As de terra affirmaõ haver sido 300ɸ homens, de que pereceo o maior número. Entre elles milatavaõ 12ɸ Hespanhoes, em que entravaõ muitos Turdetanos de Lusitania. Elles foraõ a admiraçaõ de amigos, e contrarios. No si-

sitio de Salinute elles sós montáraõ a brecha, e espada em maõ leváraõ a Cidade. Quando Dionisio foi levar soccorro a Gela, elles lhe fizeraõ em postas o exercito. Na perda dos negocios, pela que tiveraõ os Carthaginezes em huma batalha, e na peste, que os consummio: quando abandonáraõ á Dionisio a Sicilia, e lhe entregáraõ todas as trópas estrangeiras, elles se formáraõ em batalha, pedíraõ capitulaçaõ ao Rei, que lha concedeo honrada.

Annos do Mundo. 3500.

Com as suas perdas mudou Carthago de sentimentos. Esqueceo-se de Sicilia para empregar todos os seus esforços em Hespanha, como melhor pensáraõ os seus Suffetes, que tinhaõ na Républica a mesma authoridade, que os Consules em Roma. Para este fim mandou ella vir a Hespanha o bizarro moço Saffo, que com capacidade superior aos annos, sabia representar o cargo na pessoa. Elle attrahio as nossas gentes com modos taõ civís, que se fez senhor da producçaõ das nossas minas, e enviou tanto ouro para a Patria, que a afflicta Carthago tornou a levantar cabeça. Ella entrou em novos cuidados

com

Annos do Mundo.

com as pertenções da gente Tingitana, ou Tangerinos, que lhe pediaõ a soluçaõ do tributo, que a Rainha Dido se obrigára a pagar, quando elles lhe deraõ o terrêno, marcado pelo couro da vacca, que ella fez em tiras subtilissimas para tomar largo espaço, em que fundou a Cidade. Saffo com grande número de Turdetanos Andaluzes, e Lusitanos, foi acodir aos apertos da Patria. Elles lhe ganháraõ victorias taõ illustres, como foraõ as singularidades dos premios, e a delicadeza da fé com que os reconduzio em pessoa ás suas casas.

Depois de governar em Hespanha alguns annos com a mesma moderaçaõ, Saffo se ausentou para Carthago, e vieraõ substituir-lhe o lugar seus primos Hanon, e Hymilcon, ambos iguaes na authoridade, ambos o mesmo no respeito: mas Hymilcon pelo cargo, Hanon pelas qualidades. Elles se resolvêraõ a descobrir a cósta de Hespanha, e avizáraõ a República do que viraõ até ao Promontorio Sacro. Estas noticias foraõ taõ bem recebidas, que os Carthaginezes mandáraõ a Gyscon, irmaõ dos

dos dous Chefes, com muitos navios para continuarem os descobrimentos: Precursores na antiguidade dos modernos Portuguezes. Elles deixáraõ a Gyscon encarregado do governo, e fazendo-se ambos á vela, cada qual tomou seu rumo. Fallaremos primeiro de Hanon, logo de Hymilcon.

Annos do Mundo.

Querem alguns Authores, que Hanon, sahisse a esta viagem de Carthago, outros de Cadiz com 60 navios, em que diz o Periplo, levára sessenta mil povoadores para as Colonias, que hia a descobrir. Elle se foi prolongando pela cósta de Africa, e chegou ás Ilhas de Arguim, aonde os Portuguezes acháraõ vestigios destes Carthaginezes. Emproou o Golfo de Guiné, aonde os seus camaradas mais bem instruidos estimáraõ os Macacos por individuos da geraçaõ humana. Aqui parou a jornada de Hanon, que a credulidade facil de muitos Escritores levou ás embocaduras do Mar Roxo. Elle entrou em Carthago coberto de gloria; foi recebido entre aplausos; ficou célebre o seu nome, porque descobrio 600 legoas da Cósta de Africa. De que elogios

Annos do Mundo.

gios naõ seráõ dignos os primeiros Portuguezes, que avistáraõ todas as praias, seios, golfos, enseadas, e recostos do Universo pela variedade dos seus mares!

Desta viagem escreveo elle hum Diario, que chamamos Periplo de Hanon, Monumento illustre da antiguidade, que elle collocou no Templo de Saturno, e foi notado por Monsieur de Bougainville. Nelle mesmo marca Hanon o Golfo de Guiné pelo lugar do seu retrocesso, e derrota a opiniaõ dos que o imaginaõ dobrar o Cabo de Boa-Esperança, chegar ao Sino Persico, e entrar pelo Estreito do Mar Roxo. Este Periplo de Hanon, a sua expediçaõ, as suas obras justamente nos representaõ hum homem mais attento ao fim das emprezas, que á vaidade da gloria; hum peito magnanimo, mais inclinado ao solido, que ao brilhante; hum espirito perspicaz, que ao primeiro golpe de vista separava o difficultoso do impossivel; hum sabio instruido, que se governava pela prudencia sem attribuir nada á fortuna, ou ao acaso; hum Heróe ao mesmo tempo que intrepido nas resoluções, acautelado nos perigos,

gos, com os olhos no fim, naõ na fama; Legislador entendido, General reportado, ſoldado valente, Mercador deſtro.

Annos do Mundo.

Hymilcon, irmaõ de Hanon, foi encarregado do deſcobrimento das cóſtas Occidentaes, e Septentrionaes de Cadiz atê ao Nórte. Elle ſahio deſta Cidade, veio ao Promontorio Sacro na Luſitania; paſſou o Barbarico, e tomando terra, teve trabalho em eſcapar das mãos dos noſſos ruſticos Sarrios: em Lisboa encontrou hoſpedagem benigna; dobrou o Cabo de Caſcaes, ou Promontorio da Lua; deſcobrio as Ilhas Berlengas, que Ptolomeo chamou Landobris, e fallou aos noſſos Turdulos antigos por toda a cóſta até ao Mondego, ſendo tratado de todos com atençaõ delicada. Elle ſe informou do interior, e coſtumes da Luſitania, e continuando a viagem ao Minho, encontrou nos noſſos Gayos hoſpedagem em nada inferior á dos Turdulos. Correo os mares de Galliza, de Byſcaia, de França, e da altura Septentrional, que nós ignoramos qual foſſe, deſan-

Annos do Mundo.

dou pelos mesmos rumos, trazendo-o huma tempestade á Foz do Douro. Na sua entrada perdeo algumas embarcações, e naõ couberaõ nas outras os muitos Carthaginezes, que se salváraõ. Elles ficáraõ vivendo entre nós, e fundáraõ a Cidade de Braga, a que deraõ o mesmo nome em memoria do rio Bragadá, que se lança no mar de Africa cortando as terras de Carthago, e Hymilcon se recolheo a Cadiz.

Elle escreveo huma relaçaõ da sua viágem em outro Periplo com exacta noticia dos seus descobrimentos; Memoria, que se inserrou nos Annaes Punicos, e se conservou até o anno 400. da nossa Éra vulgar. A sua perda para a Historia, e Geografia foi sensivel, como obra escrita por huma testemunha ocular do caracter de Hymilcon, que se recolheo a receber em Carthago o premio, e o applauso das suas façanhas, e serviços.

CA-

CAPITULO II.

Da vinda do primeiro Anibal a Hespanha, e mais successos da Lusitania.

Annos do Mundo. 3531.

ANTES que tratemos dos successos de Carthago com a chegada a Hespanha do primeiro Anibal, devo fallar da fundaçaõ de Braga, que acabo de dizer fizeraõ os Carthaginezes de Hymilcon naufragados na barra do Douro. Floriaõ do Campo, e Garibay presumem seus primeiros fundadores aos Gallos Celtas chamados Bracatos por causa da sua vestidura Bracea, ou Braca, que eraõ humas calças largas de que usavaõ, attribuindo à origem taõ humilde o nome de Cidade taõ illustre. Ao contrario Vaseo, Aires Barbosa, Julio Pacense, e outros de caracter estimavel, representaõ a Braga sahida das entranhas de Carthago; hum Padraõ da saudade levantado pelos Carthaginezes de Hymilcon em memoria do rio Bragada, que fertilisava as terras donde eraõ naturaes os fundadores.

Annos do Mundo.

Vendo-se estes abandonados dos seus camaradas em Paiz estranho, pedírao aos Gayos quizessem acceitallos por companheiros; lhes dessem suas filhas para mulheres; lhes marcassem terreno, aonde habitassem, com a liberdade de viverem segundo os ritos, e costumes Africanos. Tudo lhes foi concedido; mas destinada a terra para a nova Colonia, os seus Aruspices pelas observações dos sacrificios, e sciencia augural nao a achárao conforme, e passárao adiante. Chegárao aos campos de Braga; e parecendo-lhes ajustados ás imagens da sua fantasia, fundárao a brilhante Cidade, que entre a Gentilidade fez alta figura, e no Christianismo se honra com a Devisa de Primacial das Hespanhas.

Chegou a Hespanha o primeiro Anibal, irmao de Saffo, e de Asdrubal, todos filhos de Hymilcon, que era irmao de Hamilcar, o que morreo na batalha de Sicilia, que foi pai dos tres famosos Hanon, Hymilcon, e Gyscon, em que acabei de fallar, huns, e outros producções illustres da

fa-

familia dos Barcinos. Anibal era revestido de qualidades taõ distintas, que foi estimado de todos, e senhor dos corações, entrou a governar com prudencia, a fortificar as Cidades, e Fortalezas de Hespanha, que pertenciaõ a Carthago, ambicioso da gloria de seus Primos nos desejos virtuosos de lhes imitar as obras. Elle mandou embarcações para conduzirem os Carthaginezes, que naufragáraõ com Hymilcon na entrada do Douro; mas já gostosos na sua Braga, naõ só repugnáraõ a vinda; mas persuadíraõ a muitos dos seus patricios ficassem entre elles gozando as commodidades da nova terra.

Annos do Mundo.

3534.

Foraõ estas noticias taõ agradaveis para Anibal, que se embarcou para ter a complacencia de ver a gente Carthagineza entranhada no centro da Lusitania. Como elle desde Cadiz hia descobrindo a cósta, dizem que desembarcára em hum Ilheo junto a Alvor, e que achando-o cómmodo para servir de escalla ás náos Carthaginezas, se detivera para fundar nelle huma povoaçaõ, que se chamou Porto

de

Annos do Mundo.

de Anibal. No lugar desta fundaçaõ se enganaõ os Escritores ; porque junto a Alvor , e por toda aquella cósta naõ ha Ilheo algum , que Anibal podesse escolher para fundar huma Colonia. Eu presumia algum dia , que antes de chegar a Alvor huma legua , na bocca da barra de Villa-Nova de Portimaõ em huma quasi Peninsula , que formaõ o mar , e o rio no sitio , que chamaõ a Ponta da Arca , poderia haver estado o antigo Porto de Anibal , junto á bocca da barra do rio duas leguas navegavel , com muito fundo , proprio para abrigar as náos em qualquer estaçaõ do anno , para o que naõ tem aptidaõ a Bahia , que dalli corre até Lagos , aberta a todos os ventos , nos do Sul , e Levante muito arriscada.

Isto que naõ passava em mim de idéa , ou o tive por huma evidencia , quando vi depois do terremoto do primeiro de Novembro de 1755. os vestigios claros da fundaçaõ antiquissima , que o combate furioso do mar deixou descobertos , depois que levou os grossos montes de area , que elle mesmo tinha

Annos do Mundo.

nha ajuntado naquella Ponta em tantos Seculos. Ainda hoje estaõ á vista estas ruinas *situadas no meio da Peninsula, ou Ponta da Arca*, pela face do Nórte banhadas das aguas do rio, que corre duas legoas a cima até a Cidade de Sylves; pela do Sul com a bocca do mesmo rio, que forma a barra; situaçaõ a mais propria para a Colonia dos navegantes Carthaginezes. Mas se com effeito nas idades remotas houve o Ilheo, que se diz immediato a Alvor, ou as aguas o sorveraõ, ou algum dos terremotos antigos o submergio.

Com dissimulaçaõ, e destreza se foi Anibal fazendo senhor dos pórtos daquella cósta desde a Foz do Guadiana até ao Promontorio Sacro, quando os nossos Turdetanos, que viviaõ entre os antigos Andaluzes, tiveraõ com elles desavenças pezadas sobre a demarcaçaõ dos seus respectivos terrenos. Como o negocio chegou a termos de ser decidido pelas armas, os Turdetanos pediraõ soccorro á Lusitania, sua Patria, que lhes mandou hum bom exercito; os Andaluzes se valêraõ de Anibal,

Annos do Mundo.

bal, que os ajudou em pessoa com todas as suas forças. Encontrárao-se os campos, e travárao entre si huma das batalhas mais bem disputadas daquellas idades. Todo hum dia competio o valor dos Lusitanos com a coraje dos Carthaginezes, e depois de oitenta mil mortes reciprocas, nao se conheceo mais vantagem, que a de haver Anibal perdido a vida. Ambos os corpos destroçados cuidárao em retirar-se; e os Turdetanos Andaluzes, que se deixárao occupar do temor da futura vingança de Carthago, se recolhêrao com os Lusitanos para a sua Patria.

3558. Os Barbaros Sarrios aproveitárao o tempo desta ausencia dos nossos Turdulos, deixárao a marinha, penetrárao a terra, invadirao os Celtas. Soffrêrao estes os repelões com constancia até a chegada dos nossos com os Turdetanos Andaluzes, que sendo recebidos como irmãos, nao quizerao despir as armas em quanto nao castigassem os Sarrios. Unidos Turdulos, e Celtas, com industrias militares trouxerao os Barbaros a combater em campanha raza, aonde se

Annos do Mundo.

se deixáraõ matar como brutos desespe-
rados. Taõ horrivel foi a carnagem,
que excepto os Sarrios da Provincia da
Beira, todos os mais, nossos primiti-
vos moradores descendentes illustres dos
Caldeos, em hum dia acabáraõ ás mãos
de Turdulos, e Celtas estrangeiros.

Naõ só no proprio Paiz, tambem
nos remotos obrava o nosso valor pro-
digios. Nestes tempos, contaõ Thucydi-
des, Trogo Pompeo, e Diodoro Sy-
culo, as façanhas dos Lusitànos, e Hes-
panhoes, que alistados pelos Carthagi-
nezes, abatêraõ na Grecia o orgulho
dos Athenienses, a destreza dos Agri-
gentinos, a arrogancia dos Syracusanos.
Em Lacedemonia, aquella grande Aula
militar, fizeraõ elles tantos actos gran-
des do seu valor, que a República
aguerrida, pouco costumada a fazer
apreço de acções vulgares, na magnifi-
cencia dos premios para com elles, ca-
racterisou de heroica a sua corage. Mas
os peitos bravos, que soubéraõ resistir
ás pontas de tantos affiados ferros, to-
dos acabáraõ na Grecia de doenças agu-
das.

Ter-

Annos do Mundo.

Terremotos eſpantoſos nas noſſas cóſtas maritimas, fome extrema no interior de Heſpanha ſoffria a noſſa gente, quando Magon, que eſtava nas Ilhas Baleares, ou de Mayorca, foi mandado ſubſtituir a falta de Anibal. Elle achou a terra em paz profunda, e ſe eſte he o Magon, que eſcreveo vinte e oito volumes de Agricultura, elle entaõ gaſtaria o tempo neſta compoſiçaõ, que mereceo as atenções dos Romanos, naõ obſtante o que o ſeu Cataõ havia eſcrito ſobre a meſma materia. Columela chamou a Magon o Pai da Agricultura, que era taõ honroſa entre os Carthaginezes, como o foi entre os Romanos; e os Authores Geoponicos ainda hoje citaõ a Magon, como o fez o célebre Heſpanhol, que eſcreveo de *Re Ruſtica.*

3590. Veio Hanon II. ſucceder a Magon, e delle nos dá a Hiſtoria mui pouca noticia. No ſeu tempo, ou annos depois, os Celtas do Alem-Téjo, que viaõ a Provincia opprimida de muita gente, determináraõ de acordo commum, depois de muitos juramentos ſolenes de irman-

mandade perpetua, de celebrados sacrificios expiatorios para applacar os Deoses; mandar algumas mil Familias a buscar terra accommodada em que se estabelecessem. Elles fizeraõ o ajuntamento geral nas praias entre Alcacere, e Setuval, aonde arribáraõ varias náos com muita gente da Grecia, que fugindo da guerra do Peloponeso, andava buscando no mundo lugar com descanço. As nossas gentes os recebêraõ com muito agrado; referiraõ-lhes os motivos de as acharem juntas; os Gregos se lhes offerecêraõ para as acompanhar; pedíraõ licença aos moradores de Lisboa para passar o Téjo; e satisfeitos da amenidade dos campos, que banha o Mondego, deixaraõ nelles huma Colonia dos Turdetanos Andaluzes, chamados Colimbrios, que fundáraõ a povoaçaõ entaõ chamada Colimbria, hoje Condexa a velha.

Annos do Mundo.

O resto da numerosa comitiva foi seguindo a marcha, e antes de chegar ao Rio Vouga, naõ longe do Agueda, fundou a Cidade de Eminio. Daqui partíraõ alguns Turdulos a examinar a mari-

ri-

Annos do Mundo.

rinha, aonde se encontrárað com os seus antigos nacionaes do mesmo nome, que os persuadírað á fundaçað de Talabrica, aonde agora está Aveiro. Assim divididos Turdulos, e Celtas, os Gregos com outros dos nossos, chegarað ás margens do Douro, aonde resolverað establecer-se. Sobre o nome da Cidade, e a fórma de governo, que havia ter, Lusitanos, e Gregos se desgostárað, dividirað-se, derramárað-se pelos bosques, até que atacados pelos Barbaros Sarrios, conhecêrað a necessidade da uniað, e da força de huma Praça, que lhes detivesse os impulsos. Elles se ajustárað, convierað que a fabrica corresse por conta dos Celtas: que o nome da Cidade o pozessem os Gregos, que em memoria de Lacedemonia, ou Laconia, sua Patria, lhe chamárað Laconimurgi, depois Burgi, agora Lamego.

Dos mesmos Celtas, e Turdetanos se derramárað alguas partidas por Entre-Douro e Minho, que os Carthaginezes de Braga nað queriað consentir nos seus contornos; mas observando

nos

Annos do Mundo.

nos hospedes huma sinceridade sem reserva, elles os deixáraõ buscar a vida naquellas terras. Quizeraõ estas gentes passar o Lima, aonde discordáraõ os animos, que convertêraõ a amizade em furor; que com o ferro das armas atiçáraõ o fogo da cólera; que mutuamente se tiráraõ quantidade de vidas. Este successo, pelo esquecimento da concordia, fez que os nossos antigos chamassem Lethes ao Rio Lima. Esquecimento, que trouxe muitos tempos errantes como féras a tantos homens, e que quando os deixou depor o odio, foi para se atormentarem com as lembranças.

3596. Naõ embaraçáraõ a Carthago as grandes desavenças, que por este tempo tinha com os dous Dionysios de Sicilia para deixar de mandar governar Hespanha pelo Capitaõ Bohodes com muitas tropas de refresco. Elle encontrou aos Andaluzes taõ desgostados dos Africanos, que naõ podendo com industrias, e ameaças trazellos ao seu partido, navegou para o Porto de Anibal, aonde as franquezas do Commercio at-

Annos do Mundo.

attrahiaõ os animos, e a gente Lusitana. Facilmente ajustou elle as pazes comnosco como quiz; e para avançar as idéas, que haviaõ ter por consequencia a sugeiçaõ de Lusitania, propoz aos naturaes a fundaçaõ de hum povo mais dentro na Provincia, que servisse de feira, ou mercado publico a ambas ás Nações. Cahiraõ os nossos no bem armado laço; satisfeitos, e gostosos se offerecêraõ a trabalhar na obra; duas legoas avante do Porto de Anibal para o Poente resuscitáraõ a antiga Lacobriga, e no rosto da agradavel Bahia com a face para o Nascente, fundáraõ o Povo, que he hoje a Cidade de Lagos, entaõ com o mesmo nome de Lacobriga.

3599.

Acabada a obra, e bem fortificados os dous presidios de Lusitania, Bohodes se retirou para Carthago, e veio occupar o seu posto em Hespanha o prudente Maharbal, Capitaõ experimentado, e affavel, que depois de pacificar a Andalusia com a sua natural brandura, veio com ella acabar de sobmeter os espiritos Lusitanos. Com pensamentos de en-

Annos do Mundo.

engrandecer o Algarve, desembarcou no Porto de Anibal a tempo, que chegava a elle huma náo de Chypre, alliada de Athenas, inimiga de Cartago. Maharbal a investio, e rendeo, sem fazer caso dos Idolos de Venus, e Cupido, que os Gregos lhe poseraõ na frente para intercessores da sua liberdade. Este despreso de Maharbal feito aos Deoses do Amor, logo dará motivo para se levantar na Lusitania hum dos padrões memoraveis da sua idolatra antiguidade.

3615.

Desejava elle penetrar a terra para communicar os Celtas do Alem-Téjo; tendo já trato franco com os moradores do Algarve. Em todo o caminho até Elvas encontrou elle civilidades bem correspondentes ás muitas, que usáva com todos. Depois de ajustada a amizade com os Celtas, foi discorrendo pela sua Commarca, aonde o assaltou huma enfermidade grave, que os seus agoureiros attribuíraõ a castigo das injúrias feitas aos Deoses delicados da ternura, Venus, e Cupido; a hum effeito das execrações dos Gregos opprimi-

dos.

Annos do Mundo.

dos. Maharbal empenhou aos Deoses com votos; e dando-lhe a natureza saude, elle liberdade aos Gregos, em hum Templo, que levantou magnifico no lugar, aonde agora está Terena, Cupido, e Venus começáraõ a receber cultos de Lusitanos, e Carthaginezes. Teve grande respeito naquellas idades o Deos Endovelico, que com este nome se intitulava a Deidade do Amor, que endoudece. E por isso os seus Ministros eraõ Sacerdotisas, que mais pelo sexo, que pelo ministerio, chamassem os devotos para a frequencia dos cultos.

Postos os Gregos em liberdade, faltos do necessario para voltar ás suas terras, e agradados das nossas, se valêraõ de Maharbal, para que alcançasse dos Lusitanos admittillos entre si, e dar-lhes sitio, aonde elles fizessem hum povo, em que viver sujeitos ás Leis de Carthago. Os nossos lhe marcáraõ o campo, que he agora a Villa de Sant-Iago de Cacem, aonde fundáraõ a Merobriga, Cidade de alta consideraçaõ no dominio dos Romanos, como ain-

da

da hoje consta das inscripções do seu tempo.

Annos do Mundo.

CAPITULO III.

Do Imperio do Grande Alexandre com os successos da Lusitania pelo tempo do governo de Hamilcar.

NOS successos que acabo de referir, e em outros que nos occultou a diuturnidade do tempo, se foraõ passando os annos, engolfada Lusitania com o mais resto da Terra nas trevas da Idolatria, excepto o curto espaço da Palestina, aonde raiava a luz da verdade, como precursora da essencial Luz, que havia vir illuminar todo o homem: Quando no Mundo foi visto hum Imperio novo, e formidavel, estabelecido sobre tantas victorias, que o seu estrondo fez ouvir com respeito o nome do Grande Alexandre. Os éccos dellas, que se percebiaõ nas partes mais remotas, aonde naõ chegavaõ as armas deste Conquistador Universal, obrigavaõ os Principes, antes assustados, que officiosos,

Annos do Mundo.

a mandar-lhe Ministros, que o congratulassem na felicidade das suas ventagens, que para o Rei de Macedonia, senhor do Mundo, foraõ taõ rápidas como breves, logradas, e consummidas.

Persuadíraõ os Carthaginezes aos Hespanhoes, que na companhia dos seus Embaixadores mandassem elles hum, que da parte dos seus póvos reconhecesse a soberania do Vencedor das Nações. Elles o fizeraõ, nomeando o Embaixador, que Orosio chama Marino; que Vaseo diz ser Lusitano; que Arriano, e Quinto-Curcio affirmaõ estiveraõ esperando por Alexandre em Babylonia com os de Carthago para cumprirem a sua commissaõ, quando elle veio morrer desgraçadamente naquella Cidade, affogado nas demasias dos licores. De resulta das suas victorias nos couberaõ a nós as reliquias da arrazada Tyro, que passando a Carthago, vieraõ a Cadiz buscar a protecçaõ dos seus antigos nacionaes, que os encaminháraõ para a Lusitania. Ella, que sempre estimou ser mãi dos estrangeiros, ain-

3681.

da que a notem madrasta dos naturaes, os recebeo nos braços, com condiçaõ de fundarem hum Povo, aonde Lusitanos, e Tyros parecessem em tudo os mesmos homens.

Annos do Mundo.

Com esta idéa buscáraõ as margens do Guadiana, e sobre huma das suas rochas eminentes, que entaõ se lhes representaria taõ agradavel, como hoje nos parece funebre, unidos os animos, principiáraõ a fundar a Villa, que com allusaõ á Cidade de Tyro, chamáraõ Mirtyris, depois Mirtylis, e nós agora dizemos Mertola. Pelos mesmos tempos os Turdetanos, e Celtas de Entre Douro, e Minho propagando tanto, que naõ cabiaõ na Provincia, formáraõ dous exercitos de moços robustos; hum que encaminháraõ para as montanhas das Asturias; outro para as ribeiras do Elza, aonde se estabeleceraõ unidos, e conformes com os antigos moradores.

3684.

Ardia a guerra em Sicilia entre Pyrrho, Rei do Epyro, que os naturaes da Ilha chamáraõ em seu soccorro, e os Carthaginezes, que se serviráõ dos nos-

Annos do Mundo.

fos Celtas do Alem-Téjo, e de outros Hespanhoes, inſtrumentos glorioſos de muitas das ſuas vantagens nos choques mais bem diſputados. No meio de negocios taõ graves, e do ciume, que a ſua potencia cauſava aos Romanos, elles zelavaõ tanto a conſervaçaõ de Heſpanha, que nada lhes impedio mandar a ella com muitas forças ao famoſo Hamilcar, pai do grande Anibal, para abafar a rebelliaõ das Ilhas de Mayorca, que neſte tempo ſe levantáraõ contra Carthago. Eſte novo Chéfe, da illuſtre familia dos Barcinos, era ſuperior a todos os ſeus predeceſſores em religiaõ, em conſelho, em esforço.

3730.

Hamilcar foi hum Heróe grande, ainda que pouco ditoſo, que reſtaurou o Imperio Carthaginez em Heſpanha. O ſeu eſpirito ſuperior ás deſgraças, era capaz de formar a idéa de levar a guerra ao coraçaõ da Italia. Baſtou a ſua preſença em Sicilia para mudar a face dos negocios: entaõ na idade muito moço, ſoube introduzir reſpeito nos vencedores, e dar corage aos vencidos. Ainda que Cornelio-Nepos, como Romano em

em nada inclinado aos Carthaginezes, naõ defendesse a nóta da affeiçaõ torpe, que se imputa a Hamilcar, taõ indigna do seu caracter, como de nós a nomearmos: A prodigiosa defensa, que elle fez em Erix, lhes abafaria muitos defeitos; a guerra da Lybia, ou dos Mercenarios, lhe cobriria outras faltas; agora a facilidade com que pacificou os Minorquins lhe deo novos explendores.

Elle veio sem demora ao Porto de Anibal, e sabendo a grande amizade com que se tratavaõ Lusitanos, e Carthaginezes, quiz lisongear-nos pela parte, por onde observou, que mais nos deixavamos attrahir, e era a piedade. Resolveo-se a visitar os nossos Templos, e foi o primeiro o do Deos Endovelico, que representava, ou era o mesmo Beleno, ou Apollo das Gallias, intitulado Deos da Saude, aonde derramou dons preciosos. A mesma devoçaõ o levou ao Templo de Minerva em Lisboa, que sendo sempre delicada nos cortejos, agora para Hamilcar se excedeo em atenções. Elle que queria lançar raizes ao trato, dizem entre nós

de

Annos do Mundo.

de tres Seculos a esta parte os nossos Escritores, que casára com huma senhora Lusitana de grande qualidade, formosura, e riqueza, a que Laymundo, Floriaõ do Campo, e Garibay só chamaõ Hespanhola. Esta ultima fineza, se he verdadeira, ou a da visita dos Templos, acabou de sobmeter a Carthago os espiritos Lusitanos.

3750. Como já ardia o fogo da primeira guerra Punica, Hamilcar para ír servir nella, bem acompanhado de Lusitanos, e Hespanhoes, voltou para Carthago. Na viagem sentio sua mulher as dores do primeiro parto; incidente, que o obrigou a tomar porto na Ilha Formentera, entaõ dita Triquadra, huma das Baleares, aonde ella deo á luz ao grande Anibal. O valor da nossa gente nesta guerra competio com as desgraças de Carthago, que naõ saõ do meu assumpto. Ellas a deixáraõ tributaria de Roma; aos Hespanhoes animados para sacodirem em grande parte o seu jugo, e restaurarem as perdas passadas. Entaõ ponderou ella quanto lhe importava aproveitar-se da alliança contrahida

da

Annos do Mundo.

da por Hamilcar para sujeitar Hespanha por seu meio. Segunda vez o manda Carthago com sua mulher, e filhos mostrar estas prendas Carthago-Hespanholas aos nossos olhos para nos inclinarem os corações. Acompanhado da esposa, de Anibal, Magon, Hanon, e de huma filha, que foi mulher de Asdrubal, appareceo entre nós o restaurador do Imperio Carthaginez, que com a persuazaõ, e as armas obrou grandes façanhas; sugeitou muitos Póvos; sustentou grandes guerras.

3766.

Seguíraõ os Lusitanos a Hamilcar na conquista de Andalusia, Murcia, Valença, e parte de Aragaõ até ao Ebro. Ganhou victorias completas sobre Indortes, e Istolacio, Rei dos Celtas, presumimos, que no Paiz da Celtiberia, aonde fundou a forte praça chamada Acraleuca. Muitos entendem, que tambem edificára a Barcelona, derivando-lhe o nome do seu appellido de Barcino; mas isto naõ consta de Authores antigos, e nós naõ sabemos, que elle passasse além do Ebro, nem que levasse as conquistas a Catalunha.

O

Annos do Mundo.

O fundamento mais ſolido deſta opinião conſiſte em chamar Auſonio Punica á Cidade de Barcino, que talvéz ampliaſſe Anibal, ou Hanon. Em fim Hamilcar, havendo nove annos, que neſta ſegunda vez governava Heſpanha com tanta gloria ſua, e vantagem de Carthago, quando ſitiava a Praça de Helice, que poderia ſer Elche no Reino de Valença, a fortuna lhe traçou o fim tragico, que vou a referir.

3774. Os noſſos Vetones moradores no terreno, que corria dos Rios Téjo ao Coa, em que ſe comprehendia Salamanca, Cidade Rodrigo, Lapara, e outras povoações, tinhaõ odios antigos com os Celtas do Alem-Téjo, e com os Turdetanos ſeus confederados, que quizeraõ vingar na conjuntura de diminuidos, pelo grande número delles, que andavaõ com Hamilcar no coraçaõ de Heſpanha. Entráraõ elles pela Provincia com tanto terror, e eſtrago dos Celtas, que foraõ obrigados a aviſar os ſeus camaradas, para que lhes acodiſſem, e elles a deſpedir-ſe de Hamilcar para virem defender a Patria. O Chéfe magnani-

nimo, ou levantando o sitio de Helice, ou deixando os aproches com a guarniçaõ necessaria, quiz em pessoa conduzir os Celtas no grosso do seu exercito para castigar a confiança dos Vetones; atravessando o Sertaõ intractavel de Hespanha para os colher no Alem-Téjo descuidados.

Desta marcha foraõ avisados os Vetones pelos Focenses Andaluzes, que se haviaõ revoltado contra Hamilcar: avizo, que elles acompanháraõ de grossos soccorros para animar os Vetones, que se resolvêraõ a entrar em Hespanha, e atacar a Hamilcar em campo aberto. Ao mesmo tempo, que valentes, industriosos, elles cobríraõ a sua frente de muitos carros carregados de lenha, e nesta fórma esperáraõ os inimigos. Ao sinal de romper a batalha, deraõ elles fogo á materia combustivel prevenida nos carros, com tanto espanto dos bois, que furiosos se lançáraõ sobre a vanguarda dos Carthaginezes, e Celtas, com tanto impeto, que a destreza de Hamilcar, e o valor dos Officiaes naõ poderaõ impedir a des-

Annos do Mundo.

desordem geral do exercito. Entaõ se avançáraõ elles com tanta rapidez sobre os inimigos, que a naõ serem tal gente, no primeiro repelaõ sentiriaõ a derrota completa. Mas Celtas, e Carthaginezes, animados pelo mesmo perigo, suppríraõ com o valor a falta da ordem; igualáraõ as mortes communas, e ainda teriaõ hum dia formoso, se Hamilcar, fazendo os officios de bom soldado, e destro Capitaõ, naõ deixára no campo a vida. A perda deste Chéfe foi a da batalha, em que Hamilcar poz a gloria de tantos triunfos nas mãos dos Lusitanos Vetones, moradores nos nossos Sertões, e competidores das vantagens de Cartago, que promóvia o maior número dos seus patricios.

Asdrubal, que era General das Galez de seu sogro Hamilcar, igualmente destro na arte militar, e na policia, lhe succedeo no Governo de Hespanha. A sua affabilidade, eloquencia, dexteridades, e prudencia acompanhadas de grandes acções, augmentáraõ nella muito os interesses de Cartha-

Annos do Mundo.

thago. Sobre a vingança tomada dos matadores de seu sogro, além de muitas *victorias*, Asdubral naõ só ganhou *as doze* Cidades, de que falla Diodoro *Syculo*; mas toda a Hiberia até ao Ebro, que o reconheceo por Chéfe Supremo: Anibal, que de poucos annos começára a fazer a guerra, sabida a morte do pai, veio unir-se com seu cunhado. Ambos, com o impeto do raio, se lançáraõ sobre as povoações dos Focences Andaluzes, authores da rebeliaõ, e entre elles naõ deixou à cólera testemunhas do estrago, que provou ser geral o crime.

Em quanto Anibal acabava de dissipar o partido Andaluz, Asdrubal marchou á Lusitania para dar o mesmo castigo aos Vetones; que foraõ muitas vezes vencidos. A necessidade de quem os conduzisse em tanto aperto, os obrigou a eleger por seu Commandante, a modo de Rei, hum nacional valeroso chamado Tago, illustre no sangue, e nas obras, que fez a Asdrubal mais circumspecto. A vantagem que este conseguio derrotando a

ca-

Annos do Mundo.

cavallaria Vetona, forçou a Tago a pedir concertos, que Asdrubal lhe concedeo facilmente, naõ só pelo desejo de voltar a Andaluzia; mas porque lhe disporia os meios para a execuçaõ do projecto, que concebêra. Em pessoa veio Tago tratar com Asdrubal os Preliminares do ajuste; mas este, esquecida a fé da palavra, o matou com armas, se até entaõ valerosas, agora pouco honradas.

Já os progressos dos Carthaginezes em Hespanha eraõ indissimulaveis ao ciume dos Romanos. Quando estes desejavaõ fazer-lhes opposiçaõ no mesmo continente, e introduzir-se nelle, as instancias dos Francezes de Marselha foraõ dispondo os meios com a Embaixada, que mandavaõ a Roma, pedindo a protecçaõ do Senado contra as tentativas de Carthago. Representou elle a Asdrubal, que devia tratar os Póvos de Marselha como seus Confederados; que se contentasse com a parte de Hespanha, que possuia do Ebro até ao Occeano, sem se metter a passar este Rio; que deixasse para elles

les a outra parte, que corria do mesmo Ebro aos Pyreneos. Bem penetrou o Carthaginez astuto na proposta, que os Romanos buscavaõ pretexto para romper a guerra, e determinou conduzir-se reportado. Em quanto Anibal hia a Carthago dispor as idéas para desempenhar o conceito em que seu pai o tivera, de que elle sería hum leaõ indomito contra Roma: Asdrubal concede ao Senado quanto delle pertendêra. Esta era a figura dos negocios de Hespanha a tempo, que hum Celta Lusitano, criado fiel de Tago, andava buscando conjuntura de pagar com a vida de Asdrubal a morte, que elle dera a seu amo. A fortuna lha offereceo na de hum sacrificio, que Asdrubal offerecia aos Deoses rodeado dos seus soldados, aonde o Celta o matou a punhaladas, e ficou inalteravel entre todos com a mesma presença de espirito, que conservou até a morte entre tormentos.

Annos do Mundo.

CA-

Annos do Mundo.

CAPITULO IV.

Do governo, caracter, e acções de Anibal.

3784. EM estado florecente se achava o Imperio Carthaginez em Hespanha, quando succedeo a morte de Asdrubal com oito annos de governo, e teve principio o de Anibal na flor da sua idade. Fabio Historiador, e Silio Poeta debuxaõ o caracter do primeiro com linhas bem desconformes ás que eu acabei de lançar na pintura, que delle fiz; mas tanto credito merece o Poeta, como o Historiador. Agora direi do de Anibal, que as suas qualidades sublimes enchiaõ todo o vacuo, que se podia imaginar em vinte e cinco annos de idade, que tinha quando começou a governar. Já com trez de General da Cavallaria elle havia attrahido estimações universaes com a bizarria da presença, com o invencivel do animo, com a civilidade affavel, com hum merecimento, que naõ dava lugar á inveja.

Annos do Mundo.

ja. Herdou do pai o odio contra Roma; fez nascer em si o amor á sciencia; foi progenitor, e pai do seu valor; o primeiro Mestre de Hespanha, aonde achou para o thalamo conjugal esposa, para a sua Aula de Marte discipulos. Grande foi Anibal; e se nós naõ presumimos debuxar completo o seu retrato, tambem naõ podemos negar-lhe o ser illustre. Basta que os seus mesmos inimigos o honrem, quando o pintaõ na sciencia militar unico, no valor hum monstro.

A corage do pai, a destreza do cunhado formáraõ o caracter de Anibal, em todos os Seculos estimado por hum Chéfe eminente. Elle trouxe á sua devoçaõ todos os coraçóes de Hespanha, especialmente Lusitanos, e Andaluzes. Para apagar entre os ultimos até ás faiscas da rebeliaõ, seguio a idéa de seu pai, casando com huma senhora de Castelon. Acompanhado das nossas trópas, pertendeo elle senhorear Hespanha, romper a demarcaçaõ das correntes do Ebro, naõ fazer caso dos Tratados estipulados com os Romanos para desempe-

pe-

Annos do Mundo.

penhar o juramento ſolemne, que ſeu pai lhe fizera dar no Templo de Jupiter de já mais ter com elles amizade, e perſeguillos ſempre. A diſpoſiçaõ para a guerra foi a invaſaõ ſobre Toledo, aonde a cópia immenſa dos deſpojos podia bem alagar-ſe no mar de ſangue, que correo. Elle veio aos confins da Luſitania viſitar os matadores de ſeu pai, e a viſita lhes cuſtou caro. Triunfante ſe recolhia elle para a nova Carthago, quando cem mil Heſpanhoes lhe pediraõ conta no caminho do que acabava de obrar nas ſuas terras. Vellos na paſſagem do Téjo, inveſtillos, e vencellos foi huma meſma acçaõ em Anibal, que lhe completou a ſua fortuna entre nós.

Em hum trienio Anibal ſugeitou a Heſpanha, conquiſtou Sagunto, formou tres grandes exercitos; hum que mandou a Africa; outro que deixou em Heſpanha; terceiro o com que elle meſmo paſſou os Pyreneos, e os Alpes, por onde já mais andára gente armada: Idéas ſublimes, para que a Hiſtoria nos convida. Anibal temido, Heſpanha

con-

confederada, os soldados contentes, elle lhes declára a sua resoluçaõ contra Roma. Naõ houve algum de valor, a quem naõ parecesse que tardava a gloria de taõ honrado feito. Porque o Senado Romano attendia ás queixas da Cidade de Sagunto sua alliada, Anibal marchou contra ella com hum campo de 150⊅ Infantes, e 20⊅ cavallos. Nos oito mezes que durou este formidavel sitio, recebeo elle muitas Embaixadas, todas desprezadas pelo Capitaõ altivo, que espada em maõ entrou na Cidade com cólera indistinta sobre o sagrado, e o profano, sobre o innocente, e o culpado.

Rompeo este successo a segunda guerra Punica, por onde eu devo caminhar a passo largo, como em paiz, que he estranho. Aonde pararei mais attento, he na estimaçaõ que Anibal fez do nosso esforço, da nossa fidelidade para o acompanharem em Italia. Elle levou de Lisboa hum Esquadraõ dos bravos Montanhezes, que moravaõ na Serra de Cintra, chamada antigamente Promontorio Artabro, e Artabros

Annos do Mundo.

os seus habitadores. Seguio-o em todas as marchas com os Turdulos, e Celtas seu amigo o nosso primeiro Viriato, que na batalha de Cannas, depois de peleijar como hum leaõ, morreo ás mãos do Consul Emilio Paulo, que se vingou com a vida de Viriato a morte, que elle dera ao Consul Servilio, naõ houve Lusitano, que em Emilio naõ cravasse a lança, em quanto houve nelle parte para receber feridas. De Entre-Douro e Minho marcháraõ todos os moços robustos, que podiaõ formar no campo Africano outro Esquadraõ dos Namorados, como vimos depois no de Aljubarrota. Até os Vetones, que matáraõ a Amilcar, já congraçados com Anibal, o acompanháraõ nesta jornada, em que as occasiões, se fossem mais bem aproveitadas, fariaõ triunfar a Carthago em Roma, como triunfou depois Roma em Carthago.

Ganhou Anibal em Italia as batalhas do Pó, de Trebia, de Trazimenes, e de Cannas. Depois desta ultima se affirma devera marchar sobre Roma, que

que sem duvida rendêra: que pelo naõ fazer, Maharbal, Commandante da Cavallaria, lhe dissera: Os Deoses naõ deraõ a hum só homem todos os talentos; vós, Anibal, sabeis vencer; mas naõ sabeis aproveitar as victorias. Anibal, Herόe taõ habil, naõ he crivel deixasse passar as vantagens sem motivos grandes, e Tito-Livio que o notava, era porque o via com olhos romanos. Nós naõ diremos, que as delicias de Capua embotáraõ os fios das armas, que ainda vencêraõ tantos annos depois, e em quanto esteve em Italia, Anibal sempre foi triunfante. Preferir os regalos de Capua ao sitio de Roma para lisongear o gosto, naõ he manobra que se pense de hum Capitaõ duro, que havia pezar os motivos, que o obrigavaõ a metter em quarteis a tropa, que naõ veria em estado de sustentar por entaõ mais tempo a campanha.

Annos do Mundo.

O que nós havemos lembrar he a enveja dos emulos de Anibal, que em catorze annos de assistencia em Italia, naõ permittio que elle já mais rece-

Annos do Mundo.

besse soccorros de Carthago. Naõ obstante esta falta reprehensivel, elle conservou sempre das Nações alliadas hum exercito victorioso, com tal disciplina, que os Africanos, os Hespanhoes, os Lusitanos, os Gallos, e outros diversos homens, todos pareciaõ Carthaginezes. Finalmente, o que a nós nos pertence agora de Anibal he mostrarmos a estimaçaõ, que elle fez das nossas gentes em Italia. Deixadas algumas occasiões menores, lembraremos a passagem do Rhodano, que depois de julgada impossivel, elle as chamou, e quiz ouvir o seu voto. A resposta foi lançarem-se a nado, ganhar a contramargem, accommetter os Gallos de repente, e abrirem a porta á victoria do seu Chéfe. Hum tal successo, de que daõ noticia Tito-Livio, Historiador Romano, e Polybio, que escreveo quasi no mesmo tempo, a verdade delle escapou a hum critico do caracter de Feijó.

Elle affirma, (1) que os Hespanhoes, sendo os primeiros na passagem do

(1) *Theat. Crit. Tom. 4. Disc. 13. n. 25.*

Annos do Mundo.

do Rhodano, deraõ furiosamente sobre as trópas de Publio-Cornelio, que defendiaõ o passo, ficando o grosso do exercito Africano na margem opposta; antes no Téjo vencidos, agora no Rhodano vencedores; aqui porque tinhaõ Chéfe; além porque lhes faltou. Naõ eraõ estas trópas as de Publio-Cornelio; eraõ os Gallos visinhos ás ribeiras do Rhodano, como dizem aquelles Authores de idades mais proximas. Elles mesmos nos asseguraõ, que na passagem dos pàntanos do rio Arno antes do lago Trazimeno, as nossas gentes fizeraõ a vanguarda: que quando Anibal imitou aos Vetones na batalha de seu pai Hamilcar com os carros carregádos de lenha para illudir as idéas de Fabio, o mais astuto de quantos Generaes tiveraõ os Romanos, ellas foraõ as executoras: que os Lusitanos, e Celtas, mais infatigaveis, que os Numidas, naõ davaõ socego aos Romanos, quando estavaõ Celtas pela retaguarda dos inimigos na batalha de Cannas, foi a causa da victoria: que se mostrava serem ellas a força principal do exercito;

por-

Annos do Mundo.

porque accommetido Anibal por Marcello, elle as puchára á frente de todas as trópas: que no ſitio de Capûa, fazendo retirar huma Legiaõ Romana, chegáraõ até ao ſeu acampamento; aonde ſuſtentáraõ o pezo de hum deſigual combate, taõ teimoſas, que ſem mover pé acabariaõ todas, ſe Anibal naõ as forçaſſe a retirar-ſe: Tudo próvas do conceito, e confiança, que o grande Anibal fazia das noſſas gentes.

1792. Quando elle aſſim triunfava nas campanhas de Italia, os Romanos naõ ſe deſcuidavaõ de mandar a Heſpanha Emiſſarios occultos, que ſondaſſem o animo dos moradores, viſſem as qualidades da terra, examinaſſem as melhores entradas para hum exercito numeroſo, com as mais commodidades neceſſarias para fazerem a guerra aos Carthaginezes dominantes. Apenas elles fizeraõ as ſuas obſervações, e ganháraõ os animos dos deſcontentes, aviſáraõ ao Senado, que ſem perda de tempo reſolveo mandar a Heſpanha a Gneyo-Scipiaõ, que já fora desbaratado por Anibal na Lombardia. Elle trazia ordens

Annos do Mundo.

dens precisas de atacar sómente aos Africanos, que commandavaõ Hanon, e Asdrubal, irmãos de Anibal, sem molestar de sórte alguma aos naturaes de Hespanha, que attrahidos com brandura, mudariaõ de inclinaçaõ á vista da face dos successos. Este he o principio da guerra dos Romanos em Hespanha, que eu vou a tratar no Capitulo seguinte até os mostrar nella estabelecidos.

CAPITULO V.

Da guerra dos Romanos com os Carthaginezes em Hespanha até os expulsarem della.

3793.

ASDRUBAL, como se seu irmaõ Anibal lhe communicasse a fortuna, e a desgraça, que levou a Italia, começou a guerra em Hespanha vencendo, e acabou a sendo vencido. Elle abandonou o passo que guardava nos Pyreneos, quando recebeo de seu irmaõ Hanon o aviso, de que os Romanos entravaõ por Catalunha acompanhados dos Hespanhoes, que nella se achavaõ.

Sem

Annos do Mundo.

Sem efperar os foccorros que vinhaõ em plena marcha reforçar o exercito de Afdrubal, elle fe lançou intrepido fobre os Romanos, que desbaratou; prendeo a Gneyo, e para aproveitar a victoria, cahio de repente em Tarragona fobre a fua fróta, que quando fe vio inveftida, fe fentio abrazada. Paffou á Comarca de Lerida, que tomára a voz de Roma, e fez em póftas aos Póvos Ilergetes, que deftruíra a naõ acodir em feu foccoro Scipiaõ, que o obrigou a retirar a Carthagena.

1794. Em peffoa veio Afdrubal a Lufitania bufcar o auxilio poderofo das noffas armas, entaõ refpeitadas na qualidade, e no número. Alliado com hum Rei noffo chamado Mandonio, os Celtas do Alem-Téjo, os Turdetanos do Algarve, a Cavallaria dos Vetones o feguíraõ, e foraõ os inftrumentos, que foffocáraõ a refpiraçaõ de Cornelio-Scipiaõ victoriofo em Lerida. Mas quando a uniaõ era mais neceffaria, Afdrubal fe deshouve com os Celtiberos, que muitos, e valerofos, o fizeraõ parar na carreira dos triunfos. Efta diver-

verſaõ alentou aos Romanos, que reforçáraõ as trópas com os deſtroços alheios, e deſcançáraõ á ſua ſombra, em quanto os meſmos naturaes peleijavaõ a favor da ſua fortuna.

Annos do Mundo.

Nós ſomos entrados nos ſucceſſos de huma Época, que nos deſafia as atenções para olharmos de hum golpe a figura tragica, que ſe nos principia a repreſentar. Nós entramos a ver os Romanos no meio das ſuas grandes perdas em Italia mantendo hum exercito poderoſo em Heſpanha, aonde as ſuas armas foraõ mais felices. Nós vemos a Publio-Cornelio-Scipiaõ, pai do grande Africano do meſmo nome, querendo trazer a guerra á noſſa caſa, obrigado a ſuſtentalla em Italia; naõ podendo impedir a marcha de Anibal pelas Gallias, dar volta pela Liguria para ſe oppor á ſua deſcida dos Alpes, e ſer eſte o motivo de entregar a ſeu irmaõ Gneyo-Scipiaõ hum exercito para marchar ſobre Heſpanha: primeiras trópas Romanas, que nella foraõ viſtas. Nós entramos a ouvir o nome dos Scipiões, que fatal aos Cartha-

Annos do Mundo.

thaginezes, ſoa com gloria deſde o principio deſta guerra até o ſeu fim com a ruina de Carthago.

Entaõ ſe compunha Heſpanha de dous generos de Povoações, que eraõ as Cidades Heſpanholas, e as Cidades Gregas. Eſtas ſe eſtendiaõ por toda a cóſta do Mediterraneo, e do Oceano deſde o Eſtreito até Galliza, todas ellas inimigas irreconſiliaveis de Carthago, competidoras perpetuas das ſuas vantagens. A moradores alguns da meſma Heſpanha ſe fez taõ intoleravel a ruina de Sagunto, como aos Gregos. Por iſſo as ſuas Colonias ſe inclináraõ ao partido Romano, e eſte encontrou franca a entrada em todos os ſeus portos, eſpecialmente depois de ſe capacitarem dos motivos eſpecioſos com que os Romanos coráraõ a ſua omiſſaõ na falta de ſoccorro á ſua alliada Sagunto. Nas Cidades Heſpanholas ſe conduſiaõ os animos com differença; humas aborreciaõ a Carthago; outras eraõ ſuas confederadas, particularmente Luſitania. A guerra precedente de tres annos, em que Anibal de-

devastára alguns Paizes, degollára muita gente, e fez nella o papel de despotico dominante, despertou os desejos da liberdade na Naçaõ, que sempre teve por intoleravel a dominaçaõ estrangeira. Para ella sacodir o jugo, nada lhe podia ser taõ favoravel como a vinda dos Romanos, e elles que percebêraõ a nossa politica, logo nos mostráraõ semblante de libertadores.

Annos do Mundo.

Tal era naquelles Seculos a nossa sinceridade, entendiamos taõ pouco de arteficios, que quando queriamos sacodir de nós a huns Tyrannos, davamos entrada a outros. Este foi o maior reforço dos Scipiões em Hespanha na primeira vinda; insuperaveis aos Carthaginazes em quanto nos quarteis de Tarragona se conserváraõ unidos; logo desbaratados por causa da divisaõ das forças. Hum só Romano de valor extraordinario veremos logo reparar a ruina dos Scipiões. Em inventos vários mostrará as suas inconstancias a fortuna; mas Hespanha vio firme a do moço Scipiaõ, filho, e sobrinho dos Scipiões derrotados. Na expulsaõ dos

Car-

Annos do Mundo.

Carthaginezes entendeo ella, que chegava o momento feliz da ſua liberdade. Os ſucceſſos lhe abríraõ os olhos para ver naõ tivera mais vantagem, que a de mudar de dominio. Deixar huns ſenhores, e acceitar outros, entaõ ſe lhe fez duro de ſoffrer, e conjurou-ſe Heſpanha para tratar aos Romanos, como elles acabavaõ de tratar aos Carthaginezes. Eis-aqui o theatro formidavel, em que nós vamos a repreſentar ſcenas horroroſas até vermos derramar do noſſo Continente a felicidade de Auguſto, que dá fim á Hiſtoria Antiga, e o dará a eſte I. Tomo da noſſa Hiſtoria.

Já os dous Scipiões Gneyo, e Cornelio, eſte pai, aquelle tio do grande Scipiaõ Africano, eſtavaõ em Heſpanha acompanhados de forças, de reputaçaõ, de amigos, quando Aſdrubal determinou levar muitas trópas a Italia. A fortuna de Cornelio o fez retroceder a marcha derrotado, e buſcar o azylo de Carthagena. Aqui recebeo Aſdrubal grandes ſoccorros de Luſitania; chegou-lhe huma groſſa Armada

Annos do Mundo.

mada de Africa, em que conduziaõ muitas trópas Magon, e Hanon, irmãos de Anibal, e Asdrubal, com o outro Asdrubal seu parente chamado Gyscon, e o Principe Massinissa, filho do Rei Gala. A este tempo os Romanos tinhaõ dividido as forças; para hum lado Cornelio, para outro Gneyo. Asdrubal aproveitou a conjuntura; ataca o campo de Cornelio, que com grande estrago perde a victoria. O mesmo destino teve seu irmaõ Gneyo dezanove dias depois; perda de duas vidas, e de duas victorias, que se devêraõ á destreza da cavallaria de Numidia, ao valor da infantaria Lusitana; que fez esmaiar a corage dos Romanos, declinar a sua reputaçaõ, taõ infeliz em Hespanha, como em Italia. Peste, fome, e guerra ao mesmo tempo affligiaõ a nossa Peninsula, quando o resto do mundo sentia os effeitos do espantoso terremoto, que arrasou Cidades, e montanhas no dia, em que Anibal atacava a batalha de Trazimeno, naõ o percebendo os dous

cam-

Annos do Mundo.

campos, que arrebatados do furor, tinhaõ extaticos os sentidos.

Occupou a vaidade os cerebros dos Carthaginezes victoriosos, que perdêraõ a circunspecçaõ; zombáraõ das reliquias destroçadas de Roma sem Chéfe; dividíraõ as forças para vir á ser causa da ruina de Asdrubal a mesma, que acabava de ser a dos Scipiões. De tudo se soube aproveitar o Romano de valor extraordinario, que eu disse; o Heróe digno de fama eterna; o bravo Lucio-Marcio, Centuriaõ de Roma, que com poucos centos de homens impavidos, que achou derramados, e pode trazer á sua devoçaõ, assaltou em duas noites os arraiaes desprevenidos dos Carthaginezes com valor taõ desmedido, que lhes degolou trinta e sete mil homens. Por este modo taõ sublime restabeleceo Lucio-Marcio em hum instante na Hespanha os negocios Romanos, que pareciaõ irreparaveis. Naõ soube imitallo Claudio-Nero, que succedeo aos Scipiões. Elle deixou escapar a Asdrubal, que com astucia Carthagineza se livrou do pe-

perigo evidente de se perder com todo o exercito na passagem de hum desfiladeiro. Em situaçaõ taõ triste, *todos os* Officiaes Generaes se escusavaõ em Roma de vir succeder a Claudio no empenho da guerra de Hespanha, aonde dous Chéfes famosos como os Scipiões, e dous exercitos aguerridos tinhaõ sido huma irrizaõ da fortuna.

Annos do Mundo.

Nesta consternaçaõ universal, Publio-Cornelio-Scipiaõ, na idade de 24 annos, filho de Cornelio, e sobrinho de Gneyo, elle se levanta, sóbe a hum lugar eminente, e se offerece para ir comandar em Hespanha. Esta offerta resuscita toda a Assemblea, que o aclama General por voz commua. Elle chega a Hespanha; mette corage nas trópas, que no seu semblante vem huns rasgos de semelhança com o pai, e o tio. No primeiro discurso que lhes faz, Scipiaõ lhes diz espera bem cedo, que ellas lhe reconheçaõ o mesmo espirito, o mesmo valor, a mesma equidade. Naõ foraõ vans estas promessas, que principiáraõ a cumprir-se com o

ren-

Annos do Mundo.

rendimento de Carthagena, Cidade a mais rica, e mais forte de toda Hefpanha. Os defpojos nella foraõ tantos, que podiaõ defpertar a cubiça dos Diogenes, e Catões: Defpojos da nova Carthago, que era a praça de armas, o arfenal, o armazem, o thefouro, o lugar de fegurança dos Carthaginezes, que de alguma fórte já nella perdiaõ toda Hefpanha.

Em quanto Afdrubal recorria ao refugio de Lufitania para reftaurar tamanha perda, e chegava de Africa com foccorros novos o Principe Maffiniffa: Scipiaõ enchia as fuas tropas de louvores, de recompenfas, de devifas de honra, conforme o merecimento de cada hum. Elle falla aos moradores da rendida Carthagena, e lhes diz: Que o Povo Romano eftima mais ganhar corações, que Praças; que detefta introduzir temor nas gentes, e trabalha por lhes infpirar amor; que defcancem á fombra da fua protecçaõ, aonde reconheceráõ a differença, que vai de livres a efcravos. A Princeza, mulher de Mandonio, irmaõ de Indibilis, Rei

dos

Annos do Mundo.

dos Ilergetes, que lhe expoem o susto, de que as Princezas cativas sejaõ profanadas: Scipiaõ lhe assegura, que he hum dever da sua honra fazellas respeitar como quem saõ em qualquer lugar do mundo; que a advertencia, que ella acabava de lhe fazer, serviría para lhe despertar mais huma póuca de delicadeza na observancia das suas obrigações. Informado de que outra Princeza cativa, de formosura rara, estava desposada com Allucio, Principe da Celtiberia: Scipiaõ, como se fora pai dos noivos, mandou vir o esposo, e parentes á sua presença; disse-lhes, que queria fazer-lhes hum presente digno de Allucio, e de Scipiaõ, que era entregar-lhe a noiva, e recebellos com a maior solemnidade. Ao resgate, que Allucio lhe offerecia se mostrou officioso; ordenando-lhe ajuntasse aquella quantia á do dote, que havia dar-lhe seu sogro. Acompanháraõ a Allucio, a Mandonio, e a Indibilis na gratidaõ muitos Póvos reconhecidos, que clamavaõ havia entrado em Hespanha hum Moço semelhante aos Deoses.

Annos do Mundo.

Asdrubal atonito dos rápidos successos do exercito Romano, entendeo ser o unico meio de os fazer parar huma batalha decisiva, o mesmo que Scipiaõ dezejava. Elle a ataca; mas a perde, e com as forças ainda inteiras determina passar a Italia em soccorro de Anibal, que nas suas, e na fortuna principiava a sentir diminuiçaõ consideravel. Depois desta victoria, os Póvos de Hespanha quizeraõ aclamar Rei a Scipiaõ, attrahidos do seu valor, da sua moderaçaõ, de virtudes raras em taõ poucos annos. Elle se escusa com o pretexto, de que aquelle caracter em toda a parte estimavel, os Romanos o detestavaõ. Assegurou-lhes, que elle estimava mais que ser Rei, entender delle Hespanha, que tinha inclinações Reaes. Idéa sublime, mas taõ tocante, que as nossas gentes barbaras se enchêraõ de admiraçaõ á vista da grandeza de huma alma, que tinha a virtude por premio de si mesma.

3797. Deixou Asdrubal encarregados os negocios de Hespanha a seu primo Asdrubal Gyscon, que com a gente Car-

tha-

thagineza veio buſcando a Luſitania, e correo a Andaluzia com fortuna, ajudado dos ſoccorros, que Hanon trouxera de Africa. Bem inſtruido pelas maximas de Scipiaõ, Marco-Sileno os derrota a todos, faz priſioneiro a Hanon; Aſdrubal, e Magon fogem para Cadiz ſem eſperança, nem ſoldados. Naõ tardou muito a noticia, que elles aqui recebêraõ, de que ſeu irmaõ, e primo Aſdrubal com o exercito poderoſo, que levava a Italia, fora no caminho vencido, e morto pelos Conſules Claudio-Nero, e Livio-Salinator: ultima deſgraça, que os obrigou a abandonar Heſpanha depois do Imperio de 344 annos, embarcando-ſe na frota, que tinhaõ em Cadiz. Scipiaõ mandou ſeu irmaõ a Roma para lhe levar a nova da conquiſta das Heſpanhas; mas elle deitava muito além as ſuas viſtas, naõ olhando eſta conquiſta ſenaõ como hum preludio, ou preparaçaõ para a de toda a Africa.

Annos do Mundo.

3802.

Os mais ſucceſſos deſta guerra naõ me pertencem. Eu ſó direi por memoria da ruina de Carthago, que Anibal,

Annos do Mundo.

naõ podendo ſubſiſtir, ſe retirou de Italia; que Scipiaõ paſſou a Africa, aonde o acabou de vencer na batalha de Zania; que ſugeitou Carthago, merecendo por eſta ultima empreza o nome de Africano; que Anibal, deſprezando a vida ſem gloria, e por naõ cahir nas mãos deſte emulo, ſe matou com veneno, fim tragico de Heróe tamanho. Na diverſidade porém de tantos ſucceſſos naõ vulgares, o valor de Heſpanha, e Luſitania foi o mais attendido, a ſua fidelidade a mais eſtimada; e Roma illuminada, que aſſim o conhecia, naõ perdoou a esforço para conſeguir com a noſſa conquiſta o dominio de taes vaſſallos. Ella, que parecia noſſa libertadora, diſpunha-ſe para ſugeitar-nos: nós que entendemos a idéa, preparamo-nos para defender-nos: Guerra longa, que occupará todo o reſto da Hiſtoria Antiga, e acabará de encher o da Época, que me falta.

Annos do Mundo.

LIVRO II.

Da Historia Antiga de Portugal.

CAPITULO I.

Qualidades dos Romanos, principio da sua guerra em Hespanha depois da expulsaõ dos Carthaginezes.

3804.

VIO-SE Hespanha livre do jugo pezado de Carthago, que a opprimia o espaço longo de 344 annos, e entrou a tomar o pezo ao dos Romanos, que a carregou Seculos dobrados. Depois que passou o gosto plausivel, que costuma trazer comsigo a novidade dos governos, que enganaõ com esperanças; ella foi perdendo as da liberdade amavel, que desejava, quando sentio, que a Naçaõ libertadora se revestia do caracter de dominante: quando lhe observou o espirito de valor bellicoso, conquistador, atrevido, inteiramente consagrado á profissaõ das armas, preferindo a tudo a gloria, que provem

das

Annos do Mundo.

das expedições guerreiras: quando attendeo ás medidas ſabias, que tomavaõ em todos os negocios para dilatar, e engrandecer o Imperio; maxima eſtabelecida na ſua origem, que ſe via practicada á cuſta de tantas Nações livres feitas eſcravas: quando ſe foi inſtruindo nas deliberações de hum Senado, que para ſuſtentar a firmeza do Dominio, ſe compunha de homens intereſſados pelas ſuas fortunas, pelas ſuas dignidades, capazes do governo pelos ſeus annos maduros, pelas ſuas experiencias longas, cheios de luzes, de ſentimentos naõ vulgares para ſe fazerem arbitros do Univerſo: em fim, quando depois de outras muitas obſervações ſobre o caracter dos novos hoſpedes, que tinha em caſa, Heſpanha vio, que aquelle Senado a dividia em duas Provincias para ſerem governadas por dous Pretores Romanos; huma chamada Heſpanha Citerior, que continha as terras, que correm entre o rio Ebro, e os montes Pyreneos; outra Heſpanha Ulterior, que comprehendia as que vaõ do Ebro até ao Oceano,

no, em que ficava incluida tóda á Lusitania. Annos do Mundo.

Hespanha foi feita Provincia Romana pelos annos de Roma 555, quatro depois da paz com Carthago, concluida a segunda guerra Punica, sendo Consules Cayo-Cornelio-Cetego, e Quinto-Minucio-Rufo. Entaõ criou ella dous Pretores além dos quatro, que antes tinha, destinados para o governo das duas Hespanhas Citerior, e Ulterior, de que logo fallaremos. Agora devo dar huma breve noticia dos ultimos succeffos depois da retirada dos Carthaginezes, e ausencia de Scipiaõ para me contrair logo ao objecto particular do meu assumpto no que respeita á Historia da Lusitania, sem me embaraçar com a de Hespanha, quando ella com a nossa naõ tiver relaçaõ.

Fugidos os Carthaginezes do nosso Continente, partido Scipiaõ para Roma, os dous Principes Hespanhoes seus favorecidos, Indibilis, e Mandonio, observando que Lucio-Lentulo, e Lucio-Manlio-Acidino naõ eraõ Scipiões: que as suas idéas derrotavaõ as ima-

Annos do Mundo.

imaginações de liberdade com que os haviaõ lisongeado : que os Romanos se valiaõ do direito de conquista para tratarem Hespanha como sua, os Hespanhoes como vassallos. Elles chamáraõ os Póvos das Provincias, appellidando Liberdade. Acodiraõ os Chéfes Romanos a atalhar o mal no principio para naõ lhes ficar mais difficultosa a cura, e com a fortuna que traziaõ ao seu soldo, vencêraõ em disputada batalha aos dous Principes colligados, com morte de Indibilis, e derrota total de Mandonio. Teve este de ceder aos preceitos da necessidade; buscou a salvaçaõ na fugida; mas tendo por impossivel escapar ao furor dos Romanos, convencionou com elles pôr-se nas suas mãos, e servillos com a gente, que o seguia. Elles entaõ tiveraõ por melhor cuidar na segurança, que cumprir a palavra; e cortando todas as cabeças, que lhes podiaõ dar cuidado, a troco do sangue derramado com injustiça, comprou por entaõ Roma huma paz menos segura, quando parecia mais constante.

Já

Annos do Mundo. 3806.

Já deſtruida Carthago por Scipiaõ, dividida Heſpanha nas duas Provincias, vieraõ os primeiros Pretores á Citerior *Gneyo*-Sempronio Tuditano, taõ bem recebido, que os moradores o matáraõ em huma batalha; á Ulterior-Marco-*Elio*, que deixou diſpoſtos os noſſos animos para os esforços, que fizeraõ pela liberdade em tempo dos ſeus Succeſſores Quinto-Fabio-Buteo, e Quinto-Minucio-Thermo. Eſtes Pretores nas duas Heſpanhas ſupportáraõ taõ pezados os golpes da noſſa indignaçaõ, que o Senado teve de mandar a ellas com exercito Conſular ao Conſul Marco Porcio Cataõ Cenſorino, que naõ ſe atrevendo a inquietarnos com a guerra, quiz movernos com beneficencias, com religiaõ, com liberalidade, com induſtrias. Elle avançou tanto as conquiſtas por meio deſtas manobras, que dizia depois haver com ellas ganhado mais Póvos, do que em Heſpanha eſtivera dias.

3807.

Scipiaõ Naſica, primo de Scipiaõ Africano, nome fatal a Heſpanha, veio ſucceder a Cenſorino com a lembrança ain-

Annos do Mundo.

ainda fresca da morte, que nella haviaõ dado a seu pai Gneyo-Scipiaõ. Lusitanos, e Celtiberos nem o estimáraõ por quem era, nem pelo que podia o temeraõ. Huns, e outros devastáraõ as terras da devoçaõ de Roma; mas Scipiaõ, naõ querendo dividir as forças para atacar separadas as suas gentes, entendendo que destruidos os Lusitanos, facilmente domaria aos Celtiberos. Esperou, que elles se retirassem do interior de Hespanha carregados de despojos, opprimidos das marchas, e com todo o pezo do seu exercito os atacou nellas. Cinco horas durou este temeroso conflicto com espanto dos Romanos, que compráraõ huma victoria com doze mil dos nossos mortos pelo cambio de 7900 das suas vidas. Se esta vantagem alentou o partido de Roma, ella desenfreou o nosso furor, prompto antes á ruina, que á sugeiçaõ, mais faceis a perder-nos, que a deixar de despicar-nos.

3811. Com rugidos de leões indomitos bramiaõ os Lusitanos por vingança, quando a fortuna lhes metteo a occasiaõ

em

em casa. Marchava o Pretor Lucio-Emilio-Paulo contra os Bastulos de Andaluzia, que foraõ soccorridos pelos *Lusitanos*. Elles atacáraõ ao Pretor, e se o fizessem com tanto acordo, como cólera, de todo o seu exercito naõ escaparia huma só testemunha do estrago. O gosto da victoria, ou da vingança lhes fez perder a circunspecçaõ; a fugida do Pretor os encheo de confiancia, sem mais advertencia nos seus transportes, que lembrar-se de que elle escapára vivo. A dor desta perda chegou a Roma, que naõ demorou a applicaçaõ dos meios para recobralla; mas o Pretor, que sabia a nossa desordem, e naõ quiz perder tempo no desaggravo da injúria: em huma sorpreza nocturna, quando os Lusitanos estavaõ enterrados no somno, sem guardas, nem cuidado, degolou dezoito mil. Cuide Roma victoriosa no reparo; que os successos lhe vaõ mostrando bastaria Lusitania para lhe dar garrote ao orgulho, se particular providencia naõ quizera entregar-lhe a dominaçaõ da terra para os fins entaõ occultos á cegueira do seu gentilismo.

En-

Annos do Mundo.

Entráraõ os Lusitanos por Andaluzia a fogo, e sangue, aonde a Cidade de Asta evitou ser hum dos monumentos do seu furor, sobmettendo-se ao seu jugo. Sobre ella lhes offereceo batalha o Pretor Caio-Catinio, que se teve a gloria de lhes matar seis mil, a perdeo com a vida no repelaõ, que quiz dar aos muros de Asta. Uniraõ-se depois os nossos com os Celtiberos, e talando as campanhas com fortuna, levantavaõ troféos sobre as suas ruinas, em quanto a de Lucio-Manlio naõ sugeitou a fereza daquelles nossos alliados, seus irreconciliaveis inimigos. Naõ lhe impedio o seu destroço tornarem a buscar a nossa uniaõ para se opporem aos designios de Caio-Calfurnio-Pison, que vinha ameaçando vingar a morte do seu predecessor Catinio. Elle naõ se fiou só nas suas trópas para investir as duas Nações colligadas; e convidou ao Pretor da Hespanha Citerior Lucio-Quincio-Crispino viesse ajudallo a devastar a Andaluzia, ou para suspender os estragos que ellas faziaõ pela Carpentania nas terras entre Madrid, e Toledo, cha-

chamando-as á defensa do proprio Paiz, ou para passarem a Serra-Morena, e ir investillas, aonde quer que as achassem.

Assim o fizeraõ os dous Pretores, que leváraõ os seus exercitos á Carpentania para semiarem os campos com os seus cadaveres em huma das emprezas mais vergonhosas, que sentíraõ os Romanos na conquista de Hespanha. Em quanto Lusitanos, e Celtiberos recolhiaõ os fructos da sua victoria nos despojos abandonados pelos inimigos, na assolaçaõ dos seus Póvos alliados, em festas, e entretenimentos de humas idades, em que a circunspecçaõ militar dos nossos consistia no valor de accommetter: Os Pretores, que observáraõ a inconsideraçaõ de os naõ seguirmos para de todo os destroçarmos, tiveraõ tempo de recrutar forças formidaveis em Aragaõ, e Catalunha para voltarem a despicar a affronta, ou a consummar a ruina. Entaõ receáraõ os alliados o perigo, que os ameaçava, e os obrigou a entrincheirar-se entre vallos profundos com a face nas margens do Téjo.

Os

Annos do Mundo.

Os Pretores, que tinhaõ empenhada a honra: que sabiaõ depender daquella acçaõ a ganancia, ou a perda dos seus interesses em Hespanha; que se viaõ com forças muitas vezes superiores: intrepidos vadeáraõ o Rio, e foraõ os nossos atacados nas suas mesmas trincheiras. Foi de desesperaçaõ este combate, em que os Lusitanos naõ quizeraõ sobreviver á perda da sua gloria. De cincoenta mil, que formavaõ o campo, unicamente quatro mil dos mais sensiveis ao amor da vida se escapáraõ para virem infundir na Patria estimulos de nova vingança. Tito-Livio foi quem tirou esta somma pela Arithmetica Romana, que senaõ estava já nas idades de animar os Fastos fingindo, ainda naõ tinha perdido o costume de os sublimar encarecendo. Neste mesmo estrago, e nos mysterios com que aquelle grande Historiador o trata, nós nos instruimos no muito que os Lusitanos tinhaõ de formidaveis para os Romanos, que vencedores, ou vencidos os temiaõ, nas derrotas pelo damno, nos triunfos pelo perigo.

Pa-

Annos do Mundo. 3820.

Pacifico levou o tempo da ſua Pretura Publio-Sempronio-Longo por encontrar quietos aos Luſitanos, ou lembrados da paſſada perda, ou diſpondo os meios para deſaggravalla, e como elles naõ faziaõ a guerra, he fiador Tito-Livio, de que algum dos outros Póvos a intentava. Aſſim nos imprimem o caracter de unicos rivaes de Roma, que mediamos o noſſo valor com as forças do maior Imperio. De Publio-Manlio, Succeſſor de Sempronio, temos poucas noticias. Lucio-Poſthumio experimentou entre nós as variedades da fortuna, naõ lhe reſultando gloria pequena de vencer aos noſſos Bracarenſes, alliados dos Póvos Vaſeos ſeus Comarcãos, ambos elles jactancioſos de ſerem inimigos irreconciliaveis da Potencia Romana.

Mas já vinha chegando o tempo feliz de Roma, em que Polybio a repreſenta ſenhora do Univerſo, e que forçava todas as Nações para reconhecerem, que lhes devia ſer ſuperior em poder, e authoridade hum Povo, que lhes levava tanta vantagem

no

Annos do Mundo.

no merecimento, e na virtude. Naõ ha dúvida que elle, até entaõ contraido a espaços curtos de terreno, correo como rio rápido, como mar rompeo os diques, e com furia incrivel innundou quasi inteiras as tres partes do mundo. Reunindo em si a República Romana os Reinos, e as Naçôes, já por estes tempos ella as fazia gozar á sua sombra da boa ordem, da paz, da instrucçaõ, que lhes hia depondo a barbaridade. Por isso disse Plutarco, que Roma naõ media as suas victorias sobre a multidaõ dos mórtos, sobre a grandeza dos despojos, nem pelo número das conquistas de Praças, e Cidades. Que ella firmava a sua gloria em humilhar as Naçôes, em sugeitar os Reinos, em conquistar as grandes Ilhas, e vastos Paizes. Assim como a temos visto, e veremos amontoar triunfos a triunfos, conquistas a conquistas sobre nós, assim o fazia ella já por todo o mundo. Hum só golpe abateo a Anibal, outro a Filippe, outro bastou para lançar da Asia ao grande Antioco. Neste mes-

mesmo anno naõ foi necessario mais que hum mez para a conquista de Macedonia, outro mez para a do Reino de Illiria, e para metter em ferros aos dous Reis Gencio, e Perseo. Hum só dos seus homens, Pompeo, na carreira de huma mesma expediçaõ, elle sobmetteo a Armenia, o Ponto, a Syria, a Palestina, a Arabia, os Albanezes, os Hiberos, e fixou os limites da dominaçaõ Romana nos mares Caspio, e Vermelho.

Annos do Mundo.

Esta he a Potencia com quem combate Lusitania, e Hespanha; e ella naõ sugeita estes pequenos Estados, como as grandes Regiões, em mezes, nem em annos. Ella gasta seculos em os render, e empenha os seus Heróes mais aguerridos em os sugeitar, como iremos vendo no fio da nossa Historia. Nós fomos a prova da verdade com que affirmou Santo Agostinho, que a justiça dos Romanos os fizera senhores do mundo: com que attestou Plutarco, que a fortuna de Roma naõ fora obra dos homens, mas de Deos: com que disse Polybio, que

Annos do Mundo.

a esta República nada succedia por acaso, e tudo era premio do merecimento, e da virtude. Finalmente, em quanto ao tempo, que levou a Roma a nossa conquista, elle principiou na expulsaõ dos Carthaginezes, e correo até ao do Nascimento de Jesu Christo, em que foi necessario nos altos designios de Deos, que o mundo estivesse em paz, e a maior parte delle no dominio de hum só Chéfe.

Pelo que respeita aos maiores homens, assinalados em valor, e sciencia, que ella empregou na nossa conquista, o primeiro foi o grande Scipiaõ, igualmente bom General, déstro Politico, Sabio excellente. Scipiaõ o Menor, e seu amigo Lelio, imitáraõ aos seus predecessores na gloria das armas, e das letras, que fizeraõ conhecidas entre nós. Com elles veio a Hespanha o célebre Polybio, Historiador Grego, que eu acabo de citar, e que pelos seus talentos mereceo a estimaçaõ da casa dos Scipiões. O sabio Cataõ o Censor foi outro dos instrumentos, que polio a nossa barbaridade: os

Gra-

Annos do Mundo.

Gracos, milagres da Eloquencia, e da dexteridade, illumináraõ a nossa Peninsula. *Servio* Sulpicio Galba deixou entre *nós* memorias igualmente tocantes de sabedoria, e de crueldade, uniaõ incrivel de dous oppostos taõ distantes. O nome de Pompeo, e as suas obras em Hespanha naõ se riscaõ das nossas lembranças; o mesmo dizemos de Cesar, de Marco-Terencio Varro, de Assinio Polion, de Marco Agripa; ultimamente de Augusto, em quem ha de acabar a Historia deste Tomo, que teve a gloria de sujeitar inteiramente aos Hespanhoes, e Lusitanos, que com a paz, e a justiça os fez sabios, e que com o trato dos homens eminentes, que formáraõ o seu Seculo feliz, e fizeraõ brilhante a sua Corte, se civilisáraõ as nossas gentes, que até entaõ só postilavaõ ferocidade nas Aulas de Marte.

Annos do Mundo.

CAPITULO II.

Continuaçaõ da guerra com os Romanos até o tempo de Viriato.

3808. NA Pretura de Hespanha dá quem dos montes succedeo Tiberio-Graco a Publio-Manlio, que por desigual conduta sustentou com merecimento raro o explendor do seu nascimento. Elle tinha huma alma grande, hum espirito alto, huma eloquencia vehemente para attrahir os animos, hum zelo vivo pela justiça, huma compaixaõ natural para os miseraveis, hum odio irreconciliavel contra a oppressaõ, de que nascia que a resistencia lhe fizesse degenerar o valor em animosidade. Como no seu tempo ardia a guerra em Lusitania, que a nada perdoava para sustentar a liberdade, elle veio soccorrer ao seu companheiro Lucio-Posthumio, que governava a Hespanha Ulterior. Nesta expediçaõ nos representaõ os Escritores Romanos degolados 300 Lusitanos Bracarenses pelas ar-

armas dos dous Pretores, sem nos fazerem memoria da sua perda, nem da fórma, e lugar de taõ grande batalha.

Annos do Mundo.

O caso verdadeiro, que nella succedeo, foi o sitio, que Tiberio poz a huma das nossas Cidades com todo o vigor, e industria do seu espirito, e dexteridade. Os da guarnaçaõ lhe representáraõ desistisse do empenho contra Lusitanos, que naõ se abatiaõ a esforços, nem os sujeitaria a fome, por terem na Praça mantimentos para dez annos. O General astuto lhes respondeo fleugmatico: Eu acredito o que me dizeis, e aqui estarei á vossa vista esperando o anno onze para vos render. Os Lusitanos pasmados do genio fogoso se cobrir de neve, naõ lhes soffrendo os animos estar fechados, e ociosos, entregáraõ a praça para despicarem a injúria na campanha. Os bons successos destes Pretores fizeraõ que Roma os recebesse como triunfantes; a Posthumio por vencedor dos Lusitanos, e mais Póvos Comarcãos, e a Gracco dos Celtiberos, e seus confederados.

De-

Annos do Mundo. 3847.

Depois delles, nós ignoramos os successos de muitos annos até chegar a Hespanha o Pretor Marco-Manilio, que experimentou o resentimento dos Bracarenses, ainda naõ esquecidos da passada injuria. Elles entráraõ pelas terras dos alliados augmentando as suas forças, logo pelas dos Romanos descarregando-as. Para que a falta de Chéfe naõ fosse para elles causa de segunda ruina, poseraõ na sua tésta com o caracter de General ao bravo Apimano, que representava o cargo na pessoa, e o desempenhava com as obras. Tirou o odio da espada, e nas campanhas naõ podêraõ os Romanos soportar-lhe os golpes. Acodio o Pretor a atalhar as ruinas, a fazer parar as correntes de tanto sangue, e se encontra com os Lusitanos carregados de despojos. Apimano lhes ordena, que para empregarem nas armas todos os affectos do coraçaõ, os entreguem ao fogo; e mais estimulado o odio com o sentimento da perda, naõ pódem resistir os Romanos a hum valor offendido por duas causas. Quasi todos os inimigos morrem, e vi-

victoria taõ completa merece a Apimano a devisa honrosa de Libertador de Hespanha.

Annos do Mundo.

3848.

Manda Roma recobrar o credito, e a perda por Calfurnio Pison, e pelo seu Questor Terencio Varro, mas este perde a vida, aquelle outra grande batalha, que deixa aos Lusitanos senhores do campo para os talarem sem resistencia. Apimano, que nelle naõ encontra inimigos, naõ lhes quer dar respiraçaõ, nem elle estar ocioso, determina-se a conquistar Cidades. Elle poem apertado cerco á de Blastofenices, que se entende fundaçaõ dos Hespanhoes chamados Blastos; e picado da resistencia dura, que nella encontra, resolve-se assaltalla em pessoa. Sobe Apimano aos muros como soldado valente, esquecido da sua conservaçaõ como General necessario, e hum golpe vago lhe tira a vida, golpe, que deixou aos Lusitanos sem alma. Elles se retiraõ, perdendo o desalento de muitos homens, quanto ganhára o valor de hum; bastando a temeridade do Chefe para derrotar as vantagens da Patria.

Os

Annos do Mundo.

Os Lufitanos coftumados a vencer com Commandante, e a perder-fe em guerra tumultuaria, obfervando em Cefaron qualidades para defempenhar as obrigações de fucceffor de Apimano; elles o elegêraõ feu Chéfe affortunado, que refufcitou a gloria da Lufitania, e fez reviver os fuftos de Roma. Mandou efta para Pretor a Lucio Mumio, que de longe fe jactava em triunfos imaginarios antes de ver a face dos perigos. Cefaron quiz poupar-lhe o trabalho das marchas, e depois de o enganar induftriofo, poftado nas margens do Guadiana, como quem queria difputar-lhe a paffagem; elle o vem trazendo até aos planos de Villa-Viçofa para medir o valor com igualdade em campo aberto. Vieraõ ás mãos as Nações competidoras, huma fiada na fua fortuna, outra na fua corage; mas cedendo a fegunda á primeira, quando os Lufitanos fe retiravaõ, fem ordem, os feguiaõ fem piedade os Romanos.

Cefaron fente com igualdade o eftrago da gente, e a quebra da reputaçaõ no primeiro encontro, em que de-

Annos do Mundo.

desejava estabelecella. A cólera lhe ministra acordo, a authoridade lhe dá força para enristar a lança, buscar a vanguarda dos desmandados, soster a precipitação dos fugitivos, e reconduzillos á batalha. Com hum Esquadraõ formado elle ataca os magotes dispersos, occupados nas mortes, e nos roubos; muda no mesmo theatro a sórte, e no primeiro repelaõ degola cinco mil Romanos. Esta diversaõ favoravel animou o resto da tropa, que buscou a bandeira do seu Capitaõ; lançou-se sobre os Reaes de Mumio, que com a perda de outras cinco mil vidas pagou a confiança da victoria. Lusitania se enriquiceo com despojos immensos; os Numantinos, e Celtiberos respiráraõ das oppressões, que lhes causava o Pretor Quinto-Fulvio-Nobilior, que com a dignidade de Consul lhes fazia mais vigorosa a guerra, e Roma se assustou com a noticia, de que todas as Provincias de Hespanha se conjuravaõ para sacodir o jugo.

3849. Mas a sua potencia era hydra, que no lugar das cabeças cortadas reprodu-

sia

Annos do Mundo.

ſia outras. Da confiança audaz com que os Luſitanos em quadrilhas ſahiaõ a motejar a covardia dos Romanos ſe fez participante Ceſaron, que devia ſer General mais circunſpecto para ſe eſcuſar da nota de zombar dos inimigos vencidos. Elle ſe poz com ſeis mil homens na frente das trincheiras de Mumio, que com a honra offendida, naõ duvidou ſacrificar a vida em ſeu obſequio. Elle ſahio, e atacou a Ceſaron taõ denodado, que lhe tirou a vida; fez as trópas em poſtas; renovou a reputaçaõ, e das cinzas dos eſtragos reſuſcitou a gloria de Roma. Antes havia elle empenhado com votos a Deidade de Proſerpina, que agora chamou Reparadora no Templo magnifico, que em cumprimento da promeſſa fez edificar em Villa-Viçoſa grato, e officioſo.

Os Luſitanos da Comarca de Lisboa eſcandaliſados da quebra dos ſeus Patricios, ſem paciencia para ſoffrerem a jactancia de Mumio, que com a morte de Ceſaron dava por acabada a guerra da Luſitania; naõ o quizeraõ dei-

Annos do Mundo.

deixar satisfazer o voto sem custos, nem acabar a obra em paz. Elles elegem por seu General ao bravo Cancheno, que ajuntando hum grosso exercito se lançou sobre o Algarve, e passado o Guadiana, ganhou a Cidade de Cunisturgi, que hoje he a Villa de Niebla, e com huma innundaçaõ de victorias, sobmetteo as praças Romanas até Gibraltar. Os espiritos elevados com os triunfos, esquecêraõ a prudencia para fazer os seus officios a arrogancia, que resolveo inconsiderada dividir as forças, parte para acabar de dissipar o partido de Roma em Andaluzia, parte para passar o mar á conquista das Cidades Africanas de Carthago. As primeiras se empenháraõ no sitio da Cidade de Orciles, que se diz ser Origuela, aonde os soldados perdêraõ a disciplina, occupando-se em pilhar a terra. Mumio, que acabára a obra do Templo, elle se aproveita da confiança, e desordem dos Lusitanos, que naõ podendo derrotar valerosos, foi-lhe facil degollar a todos por divididos.

Em

Annos do Mundo. 3850.

Em quanto Mumio recebia em Roma aas honras de triunfante dos Lusitanos, o seu successor Marco-Atilio os observava com semblante de senaõ sobmetterem ao jugo antes de tirar as ultimas próvas á fortuna. Primeiro que elle rompemos nós a guerra com vantagem; mas ella se nos fez sensivel pela ruina da Cidade de Ostrace, de que já mais nos deixáraõ memoria a Tradiçaõ, nem os Escritos. Este estrago lastimoso penetrou o fundo dos espiritos com tal espanto, que os Póvos Comarcãos, sem reserva dos nossos bravos Vetones, se sobmettêraõ ao Pretor, que os deixou tributarios. Elle parte para Andaluzia, que se consolava de ver aos Lusitanos participantes da sua sórte infeliz; mas os Vetones indomitos se aproveitaõ da sua ausencia para reunirem os visinhos; e de novo mostrarem a Roma, que os Lusitanos naõ saõ como as outras gentes, que rendem as liberdades aos destroços, antes se servem delles para animar a corage, senaõ para viverem livres, para acabarem vingados.

Che-

Annos do Mundo. 3851.

Chegou a Hespanha por Successor de Atilio o sabio, e tyranno Galba, que com barbaridades indignas do seu caracter, e Naçaõ pertendeo abater a ferocidade dos nossos animos. Sobre generosamente altivos, elle encontrou déstros militares aos nossos Póvos, como logo diremos, especialmente os intrepidos Lusitanos, que quando as Nações mais aguerridas do mundo se sobmettiaõ aos primeiros golpes de Roma, elles lhe disputáraõ a gloria das armas hum curso longo de annos, que parou á vista da fortuna de Cesar, e da felicidade de Augusto.

Quando Galba derramava entre nós o terror, seu companheiro o Consul Lucullo que governava a Hespanha Citerior, e entaõ assistia entre os Turdetanos moradores da marinha, do Guadiana atê Sevilha; elle se encontrou com os Lusitanos, que voltavaõ de conquistar em Africa as Cidades Carthaginezas, como nós acabamos de dizer. Ignorante do que se passava em Hespanha, esta trópa vencedora dos Póvos Tingitanos, desembarcou junto do

cam-

Annos do Mundo.

campo de Lucullo, que ataca, antes que ella tenha tempo de refazer-se. Eraõ os Lusitanos muito inferiores em número; mas incapazes de se renderem sem gloria, esforçáraõ as industrias para se defender animosos. Elles se fizeraõ fortes em huma montanha, donde se resolveraõ a vender caras as vidas. Lucullo, que lhes penetrou a idéa, para naõ arriscar a opiniaõ nos combates, intentou com hum sitio prolongado rendellos por fome. Extrema foi a que sopportou o campo cercado; mas o brio animado por huma desesperaçaõ honrada, o fez arrojar intrepido, e abrir o passo á ponta da espada por entre os Romanos. Os mais podêraõ chegar a Lusitania, e Lucullo celebrou por grande triunfo ficarem nas suas mãos alguns destes Heróes, que Roma podia igualar com os seus Fabios, Scipiões, e Marcellos.

Galba, que passára o Inverno em socego, despertou do Lethargo á força do estrondo das armas dos Lusitanos, que por toda a parte se moviaõ. Como desejava apanhallos desprevenidos,

dos, sahio cedo á campanha; mas elles, que vigiavaõ, lhe poupáraõ grande parte do caminho para lhe tomarem conta dos estragos espantosos, que a sua crueldade commettêra nos terrenos do Algarve, e Campo de Ourique. Os primeiros repelões foraõ vantajosos aos Romanos para maior ruina sua; porque os Lusitanos escandalizados das mortes desapiedadas, sem quartel, que o barbaro Pretor mandava dar nos que se rendiaõ; elles voltáraõ caras com tanta mudança da fortuna, que da prisaõ apenas pode escapar Servio-Galba com poucos cavallos. Fiáraõ-se os Lusitanos no respeito de tamanha victoria para voltarem a suas casas a cuidar na cultura dos campos. Descuido, de que se aproveitou Galba para invadir as terras do Algarve com hum corpo de 20000 homens, fazendo esta nova guerra com as reliquias Romanas, que sempre compráraõ os triunfos com os seus destroços.

Os Turdetanos Algaravios, e mais Póvos seus Comarcãos, que gostavaõ a doçura do ocio, e principiavaõ a dele-

lei-

Annos do Mundo.

leitar-se nas utilidades da agricultura, deixáraõ-se soprezar do susto panico desta invasaõ, e pedíraõ paz ao Pretor. Elle a concede fraudulento; assentando por preliminares, que para as suas propòstas serem attendidas, todo o seu campo devia depôr as armas para ouvirem as condições da paz já com esta appàrencia de pacificos. Naturalmente sabio, e eloquente Galba, com tantas persuazões, ternuras, vantagens, e interesses futuros, de tal sórte enganou os Lusitanos, que conseguio delles quanto quiz. Entaõ o Pretor barbaro, e infiel mandou tocar a degollar, e investindo o corpo desarmado, lhe passou nove mil homens á espada. Deste primeiro campo voltou a furia a outros dous, que Galba havia mandado postar em lugares differentes, e os tratou do mesmo modo. Poucos se salváraõ com vida desta mortandade horrenda pela espessura dos bosques; mas entre elles foi hum Viriato, que he quem basta para agradecer a Roma este serviço; para com a sua espada dar mais pezo

á

á gravidade desta infamia, para elle ser o vingador feroz da injuria da Patria.

Annos do Mundo.

Em quanto Viriato busca a salvaçaõ nos montes, nós diremos delle; que era todo Lusitano, sem mistura de outra alguma Naçaõ, no nascimento humilde, nas obras illustre. Pela grande opiniaõ do seu valor, do exercicio de guardar rebanhos, e perseguir as féras, os homens o eleváraõ ao emprego de General, de Chefe; quasi de Principe. Os primeiros que se alistáraõ debaixo das suas bandeiras foraõ os patricios Lusitanos, que com a fama das suas victorias attrahíraõ outros Póvos de Hespanha á sugeiçaõ do seu Commandante, conquistador das terras que correm do Téjo ao Ebro. Nós veremos, que nem Pretores, nem Consules de Roma poderaõ suster-se firmes na sua presença. Que elle com igual astucia, que valor; com invençóes taõ maravilhosas, como delicadas; amado dos amigos, e temido dos contrarios, sustentou bastantes annos a gloria da Lusitania, e promo-

Annos do Mundo.

veo a ignominia dos Romanos. Que pelo seu mesmo testemunho elles o confessaõ Rival invencivel, competidor incançavel; homem monstruoso, que para se descartarem delle, lhes foi necessario pagar a Assassinos infames. Com razaõ lhe chamou Floro o Romulo de Hespanha; porque se lhe continuára a fortuna com a vida, fundára nella o Imperio, que em Roma fundou Romulo. Os seus Escritores lhe chamaõ Ladraõ, para desacreditarem as suas correrias, a guerra furtiva, em que os Hespanhoes eraõ destros, sobre todos os Lusitanos, que com ella atormentáraõ a sua jactanciosa Roma. Por ser taõ bom Ladraõ os Póvos elegêraõ por seu Chéfe a Viriato, que foi o escandalo dos Generaes, dos Pretores, dos Consules Romanos. Assumpto sublime, para que a Historia já chama pelas nossas attenções.

CA-

Annos do Mundo.

CAPITULO III.

Primeiras acções de Viriato, e estado da Disciplina militar das Hespanhas no seu tempo.

3851.

FINJA Roma, que desestima a Galba por traidor, quando estimava os effeitos da sua traiçaõ; que Viriato penetrado até ao fundo do coraçaõ dos eccos lastimosos dos seus Patricios agonizantes, nas idéas da sua magnanimidade traça os meios para a vingança de tantos innocentes assassinados. Com os poucos que o seguíraõ depois do estrago, elle baixa dos montes para ver se se encontra com alguns vivos escondidos entre tantos milhares de mórtos. Novamente gemem os coraçóes agoniados com a vista de tantos objectos de lastima, que obrigaõ Viriato a inventar huma nova fórma de juramento, como disposiçaõ sagrada para fazer inexoravel a vingança. Elle persuade os seus camaradas, que mettendo as mãos nas feridas, e ensopan-

Annos do Mundo.

do-as no ſangue virginal das donzellas, e meninos as levantem ao Ceo, promettendo perder antes as vidas, que deſiſtir hum ponto nos proteſtos de reduzir os Romanos ao meſmo eſtado dos ſeus amados innocentes. Feita eſta ceremonia, com paſſos accelerados entra por Luſitania, aonde expoem o ſucceſſo, a força do ſeu juramento, e diz que o ſigaõ todos os que amaõ a Patria. Com huma trópa de deſtemidos, Viriato a fogo, e ſangue, reſpirando cólera, entra pela Carpentania, quando chegava de Roma Marco-Vetilio para Succeſſor do deshumano Servio-Galba.

3852. Elle ſe encontrou com dez mil partidarios de Viriato, que andavaõ derramados por Andaluſia fazendo o terror commum: elle ataca alguns córpos, que derrota, e obriga Viriato a ſalvar o reſto em huma Cidade para o animar a defender-ſe. Tanto apertou eſte ſitio o Pretor prudente, que os Luſitanos ſe inclinavaõ á paz, que elle lhes propunha. Viriato com razões fortes, lembranças triſtes do

paſ-

passado, desconfianças justas da pouca fé dos Pretores, deo taes alentos aos espiritos languidos, que todos mudáraõ de parecer; elegêraõ a Viriato para Capitaõ General da Lusitania, e Defensor da sua liberdade. Já Chéfe obedecido, elle sahe da Cidade com mil cavallos, que sustentáraõ hum dia inteiro o pezo do campo contrario, em quanto a infantaria abandonava a Praça, e com marcha forçada se recolhia ás da Lusitania. O mesmo fez Viriato na noite, e quando amanheceo o dia, o Pretor se vio só no campo, a Cidade sem gente, elle em maior perigo; que ardid taõ generoso, se lhe provocava a cólera, estabelecia a reputaçaõ de Viriato, animava Hespanha, assustava a Roma.

Annos do Mundo.

De todas as partes buscavaõ os Lusitanos a Viriato, e Vetilio por credito o seguia com receio até a antiga Cidade de Tribola entre o Guadiana, e Gibraltar, aonde elle ordenára á infantaria, que o esperasse. O credito desta retirada foi o primeiro pregaõ da fama de Viriato, o estimulo do fu-

ror

Annos do Mundo.

ror de Vetilio, que resoluto a castigalla, marchava pelos mesmos riscos, e montanhas, que para Viriato foraõ azylo, estrago para Vetilio. Observou o primeiro hum passo estreito na garganta de dous montes, por onde o Pretor havia fazer caminho, e occultando nos mattos dos seus cumes a gente escolhida, esperou que o inimigo, posto pé em terra, descançasse naquelles vales da fadiga das marchas. Entaõ sahíraõ das espessuras, e das cavidades dos penedos os Lusitanos rugindo como féras, que no primeiro avance tragáraõ a vida de Vetilio com as de quatro mil Romanos. O seu Questor foge para a Cidade de Tartesso com os destroços, que reforça de trópas Andaluzes, e Celtiberos seus alliados para se despicar de Viriato em campanha raza. Elle lhe satisfaz os desejos sem procurar mais vantagens, que as do valor, taõ monstruoso neste combate igual, que affirma Apiano, naõ escapára hum só Romano de onze mil com que o Questor atacára o bravo Chéfe.

Já

Annos do Mundo.

Já o nome de Viriato se ouvia com espanto em Roma, que temeo nelle outro Anibal. Pelos campos de Madrid, e Toledo exterminava elle quanto havia de Romanos em satisfaçaõ do seu juramento, quando chegou o novo Pretor Gayo-Plaucio, poderoso com as muitas trópas de refresco. Viriato com forças muitas vezes inferiores lhe apresentou batalha, e querendo o Pretor acceitalla, outro estratagema delicado do Ladraõ Lusitano o deixa só no campo, ignorante do modo, e lugares por onde elle se retira. Por quanto mil cavallos ligeiros mandou Gayo picar-lhe a retáguarda; mas Viriato voltando caras os fez em póstas. O Pretor, que o seguia, quando avistou o campo, Viriato havia passado o Téjo, e entrado na Lusitania, que o recebeo nos corações.

Em quanto Gayo discorria atonito como havia contrastar o valor, e industrias do seu competidor, a Patria lhe fornecia soccorros, e de Hespanha marchavaõ os mais alentados homens

Annos do Mundo.

a alistar-se debaixo das bandeiras do flagello de Roma. Elle se postou no monte de Venus, que hoje chamaõ Pomares, junto á Cidade de Evora, para esperar a pé firme o Pretor, que com o exercito reforçado entrára a visitallo na casa propria. Arrostáraõ-se os bravos campos com tanta furia dos Romanos, que os nossos lados principiavaõ a perder terreno; mas o esquadraõ de Viriato, participante do seu espirito, e da sua fortuna, se conduzio de modo, que pondo em fugida ao Pretor com parte da cavallaria, o resto de taõ numeroso exercito foi hum despojo da cólera, que ensopava o ferro amolado nas pedras de muitos odios. Aqui pagou o sangue Romano com usuras o muito que derramáraõ os Lusitanos na traiçaõ de Galba; e Roma com esta noticia teme, que Viriato prosiga as idéas de Anibal; que passe os Alpes, e o veja ás suas portas com a viseira baixa.

As gentilezas dos Lusitanos, e mais Póvos de Hespanha, que eu tenho referido nesta Historia com tanta

bre-

Annos do Mundo.

brevidade, especialmente na Época presente, que vou tratando: ellas marcaõ bem como as nossas gentes, naõ só eraõ valerosas; mas bem instruidas na extençaõ da Arte Militar. Em quanto aos Lusitanos, diz Diodoro-Siculo, e o confirma Joaõ Botero Benes, famoso Cosmografo do Imperador Carlos V. que elles eraõ estimados pelos Póvos mais aguerridos, ferozes, e indomitos de toda Hespanha; que sustentáraõ valerosos a alternativa dos successos depois da invasaõ dos Romanos até ao Imperio de Augusto por espaço de 200 annos. Todos os mais Seculos, que se seguiraõ de Augusto até agora saõ outras tantas próvas desta verdade, assim como he a authoridade de Lucio-Floro, que assegura cahira sobre os Lusitanos, e Numantinos todo o pezo da guerra de Roma. Para nós conhecermos o discernimento militar dos antigos Lusitanos, basta sabermos, que elles naõ fiavaõ os seus successos do acaso, antes elegiaõ sabios Chéfes, que os governasse, como vimos nos Apimanos, Canchenos, agora Viriato, e

de-

Annos do Mundo.

depois Sertorio. As ſuas luzes militares os illuſtrárаõ para naõ repararem no humilde naſcimento de Viriato, na fortuna triſte de Sertorio, e diſtinguillos como homens neceſſarios para a defenſa da Patria, para a conſervaçaõ da liberdade, para abaterem o orgulho de Roma: Duas acções, e eleições dos Luſitanos, que daõ bem a conhecer os ſeus profundos talentos na Arte da guerra. E quem dúvida, que elles elevariaõ o ſeu Imperio ſobre o Romano, ſe a traiçaõ, e perfidia dos Pretores naõ os houveſſe privado de huns Chéfes taõ capazes de irem pregar os ferros das ſuas lanças nas portas de Roma?

Naõ ignoraõ os ſabios o eſpirito marcial dos Celtiberos; quantas vantagens conſeguíraõ dos Carthaginezes; depois ſervindo a Anibal, quantas gentilezas obráraõ na batalha de Cannas; quanto ſe oppoſeraõ ao valor, e fortuna de Scipiaõ; quantas vezes os Romanos os aliſtáraõ com groſſas pagas para auxiliares dos ſeus exercitos. Os Gallegos, que ſegundo os noſſos antigos confins, tambem eraõ Luſitanos, mere-

recêraõ pela sua corage, e disciplina as attenções, e elogios dos Escritores da antiguidade. Até as suas mulheres, como visinhas das nossas Bracarenses, as imitaraõ em ser hum assombro na guerra; Amazonas intrepidas, que recebiaõ as feridas calladas, e davaõ a conhecer que morriaõ, quando com os espiritos perdiaõ o movimento. Em nada inferiores os Asturianos, e Cantabros, elles competiaõ comnosco em trazerem atropelados aos Romanos. Os Turdulos, e Turdetanos Andaluzes, amigos da paz, da sociedade, e do Commercio, naõ quizeraõ ser participantes da ferocidade, e applicações bellicas dos seus visinhos. Por isso os Pretores, que vinhaõ á Hespanha Ulterior, sem sustos respectivos a Andalusia, só cuidavaõ na guerra da Lusitania, e Galliza: e Augusto com esta instrucçaõ, reservou para si os Póvos Lusitanos, e Tarraconenses renovadores da guerra, abandonando ao Senado, e ao Povo a Betica pacifica, como diz Estrabaõ.

Annos do Mundo.

Pe-

Annos do Mundo.

Pelo contrario os nossos Turdulos, Turdetanos, e Celtas da Lusitania fizeraõ as invasões militares, que eu tenho referido. Elles penetráraõ a Galliza além do rio Limia até quasi ao Cabo Nerio: estabelecêraõ-se valerosos entre o Téjo, e o Douro; chegáraõ ao Promontorio Sacro; rompêraõ as margens, e correntes do Guadiana; penetráraõ a Betica, e colhêraõ fructos copiosos de assinaladas victorias. Muitos destes homens fizeraõ vacilar a fortuna de Cesar na batalha de Munda ao lado dos filhos de Pompeo. Dos nossos Vetones vimos nós em muitas occasiões as elegancias da sua corage. Os Vaceos, e Arevacos se fizeraõ famosos nos sitios de Numancia, Uxama, Segeda, Palencia, Calahorra, e outras muitas Praças. Os Balbos Gaditanos foraõ hum escandalo dos Romanos, e entre elles Cornelio-Balbo o primeiro Consul estrangeiro. Estas saõ as gentes bravas, aguerridas, disciplinadas, que temos de ver façanhosas debaixo das ordens de Viriato; e devemos saber, que a victoria sobre ellas, quando o res-

resto do mundo já estava sugeito ao Imperio Romano, o feliz Augusto pela paz universal a contemplava o complemento da sua felicidade. O ponto fixo do rendimento destes Póvos foi a Época luminosa de Roma; os Preliminares da Paz do Universo; o preparo para a vinda do Rei Pacifico, e para onde vai correndo apressada a breve Historia deste Tomo até se encontrar com aquella Época mais brilhante de todos os Tempos, e de todas as Historias.

Com o valor destas Nações, a que eu descrevo o caracter, Viriato se opoz á destreza, fortuna, e potencia do Imperio Romano. Delle conseguio victorias taõ completas, que logo na do Monte de Venus, que acabei de referir, os mesmos Romanos entenderaõ, que elle hia a ser preza de Viriato com mais evidencias pela disciplina valerosa das gentes de Hespanha, do que o esteve para ser no tempo de Anibal. Deste receio naquella idade feliz se viraõ depois as próvas nas Inscripções dos Monumentos dos Romanos distintos,

que

Annos do Mundo.

que morrêraõ naquella batalha, e davaõ as ultimas despedidas á liberdade da Patria, que sendo senhora do mundo, a julgavaõ sobmettida ao jugo de Viriato. Elles naõ se enganavaõ, se os seus Pretores, nada conseguindo de nós com o esforço das armas, naõ mettessem em uso a perfidia para, pelo meio de traições covardes, nos privarem dos Chéfes capazes de conduzir os nossos designios até a hum complemento perfeito de vantagem sobre elles.

CAPITULO IV.

Continuaõ-se com as expedições de Viriato contra os Romanos.

3853. TRIUNFANTE Viriato nos campos de Evora, fez tremolar vencedores os seus Estandartes por toda Hespanha com tanto terror dos Romanos, que apenas respiravaõ com desaffogo no azylo das Praças fortes. Roma, que já sentia perder o Dominio de Hespanha, mandou a ella ao experimentado Pretor

Clau-

Claudio-Unimano para reparar a ruina dos seus negocios com a destruiçaõ de Viriato. Elle havia reforçado o exercito na Lusitania, quando soube que o Pretor vinha com grande aparato a visitallo. Viriato cortez o foi esperar ao Campo de Ourique, terra árida; mas theatro glorioso das façanhas Portuguezas a beneficio da liberdade. Á vista da nossa formatura, o Pretor teve a victoria por infallivel: á sensibilidade dos nossos golpes mudou de conceito. Elles abateraõ todo o exercito; todos os seus homens juncáraõ cadaveres as campinas dilatadas de Ourique; com as suas Bandeiras coroámos os montes da Lusitania; os seus despojos immensos deixáraõ os soldados ricos, e Claudio deveo a liberdade á ligeireza de hum cavallo Andaluz, que o poz em salvo nesta Provincia sua alliada.

Naõ se demorou elle em participar esta infelicidade a seu companheiro o Pretor Cayo-Negidio, rogandolhe acodisse a reparar o credito das armas Romanas, antes que Viriato de vencedor passasse a insolente. Elle entrou

Annos do Mundo.

trou pela Beira nadando em rios de ſangue, que ſem reſiſtencia derramavaõ eſpadas vingativas. Viriato abandona todos os outros projectos para acudir á Patria opprimida; e baſtou a noticia da ſua marcha para o Pretor ſe entrincheirar dentro de huns vallos taõ altos, e taõ profundos, que ainda hoje ſe lhes conhecem os veſtigios junto á Cidade de viſeo, aonde eſtá huma Hermida de S. Jorge. Deſejava Viriato combatello no campo, ou fazer priſioneiro o exercito, e ſitiou-o em fórma; ordenando das ſuas trópas hum corpo para inveſtir as trincheiras no caſo dos Romanos ſahirem dellas, em quanto o groſſo da gente ſuſtentava a batalha. A fome extrema os forçou a deixar as linhas, e quando buſcavaõ os meios para ſuſtentar a vida, encontráraõ a morte. Succedeo nos campos de Viſeo o meſmo que nos de Ourique. Os Reaes foraõ forçados; a guarniçaõ dellas degollada; o exercito feito em poſtas: e eſcapáraõ com o Pretor Negidio os que corrêraõ como elle.

Eſ-

Anno do Mundo.

Esta derrota acabou de satisfazer a justa vingança dos Lusitanos sobre a traiçaõ de Galba, já tocado hum sangue com outro sangue, contrastada huma infamia Romana por muitas heroicidades Lusitanas: partos de espiritos taõ sublimes, só a si iguaes na magnanimidade; porque eucontrando no campo muitos cadaveres de Romanos illustres, que em algumas occasiões mostráraõ inclinaçaõ á sua Patria; elles lhes deraõ sepultura honrada, e esculpíraõ nas campas Inscripções brilhantes, que marcavaõ o seu merecimento na vida, a nossa gratidaõ depois da morte, e passados Seculos ellas vieraõ a ser o testemunho elegante desta gloriosa victoria. Ella deixou os inimigos taõ consternados, aos nossos taõ affoutos, que já naõ mediaõ proporções para os combates. Em quanto Viriato marchava para o Alem-Téjo, os paizanos da Beira, que haviaõ acabado de espoliar o campo da batalha, com corage incrivel exterminavaõ o resto das trópas Romanas, que se retiravaõ para as Cidades amigas.

Annos do Mundo.

Mostrou entaõ Lusitania, que naõ só levava vantagens a Roma em Varões famosos; mas que criava Heroinas mais decantadas, que as Clelias, e que as Lucrecias. Excedeo a Romana Lucrecia a Lusitana Ormia, que antes de lavar com o sangue proprio a nodoa involuntaria da pureza, vingou a injuria do seu espuso com a morte do Romano adultero, que a forçára. Depois que ella o matou, entaõ se mata. Leváraõ vantagem ás Clelias as nossas Matronas, que nesta invasaõ de Negidio, sendo muitas cativas conduzidas com os seus homens para Castella, todos com as mãos prezas: ellas, quando os inimigos dormiaõ, as soltáraõ com os dentes; desatáraõ-as dos maridos; lançáraõ-se ás armas dos Romanos; degolláraõ a todos; vestíraõ os seus uniformes, e voltáraõ á Patria, sem que no combate, e no caminho mostrassem differença de sexo.

3855 até 3857. A reputaçaõ de Viriato tinha sobido a taõ alto gráo de sublimidade, que naõ só trouxe a Hespanha hum homem

mem do tamanho de Caio-Lelio; mas obrigou o Senado a mandar daqui em diante exercitos Consulares para abaterem a ferocidade de huma alma, que nutria com a repetiçaõ dos perigos. Lelio, que naõ queria arriscar a sua, os dous annos do seu governo se conduzio reportado, sem buscar nem fugir da guerra, sempre longe de Viriato. Naõ se satisfazia com a inacçaõ de Lelio o Senado Romano, que mandou em seu lugar á Hespanha Ulterior ao Consul Fabio-Emiliano, filho do grande Paulo-Emilio, e á Citerior a Lucio-Hostilio-Mancino, tambem Consul, ambos com exercitos correspondentes aos seus cargos.

Annos do Mundo.

Com a mesma fortuna que teve seu pai em Macedonia, combateo Emiliano a Viriato em Andaluzia. Cedeo huma vez o Varaõ forte com perda de gente, de terreno, de duas grandes Cidades, que antes ganhára na face do Consul, e sentio, que o nome de Fabio havia ser taõ respeitavel a Viriato, como já tinha sido á Anibal. Este avance foi huma sorpre-

Annos do Mundo.

za nocturna, que naõ achou desprevenido a Viriato; mas esta sua retirada bastou para respirar Roma, para se animar Fabio, para os Romanos naõ estimarem a Viriato por invencivel. A sua corage se redobra com o successo de Galliza. Os moradores de Entre-Douro e Minho, que suppunhaõ longe de si aos Romanos, se armáraõ contra os Gallegos, ou para os dominarem soldados, ou para viverem com elles nas suas terras como paizanos. Receou o Consul Lucio-Hostilio, que este apparato descarregasse sobre os Póvos Vaseos, e Celtiberos seus colligados. Elle os busca com marchas forçadas, e foi-lhe facil passar á espada trinta mil, que achou pelo campo sem ordem, desgarrados, desprevenidos.

3858. Occupado com idéas de paz apparente encontrou o Pretor Popilio a Viriato, que a pedio cortez, e lha concedêraõ facil, quando o seu projecto era alistar gente, e fazer alliados. Tanto que elle dispoz os animos dos Arevacos, Ticios, e Bellos, visinhos de Numancia, para a guerra, entrou

a

Annos do Mundo.

a fogo, e ſangue pelo Riba-Coa. Popilio para naõ perder a deviſa honroſa de Domador de Viriato, que adquiríra pela paz, que lhe concedêra, marcha com as ſuas trôpas a deter-lhe o paſſo; mas a gente luzida do ſeu exercito foi deſpojo da eſpada de Viriato, que da derrota paſſada fez materia para o furor preſente. He culpavel nas victorias procurar deſpiques; eſquecer a humanidade para lembrar a vingança. Já Viriato o tinha experimentado com Fabio, agora o torna a ſentir com o novo Pretor Pompeo; aquelle, que deſaffrontou os ſeus Predeceſſores; eſte, que deſaggrava a Popilio. Quando chegou o Pretor Pompeo, que vinha reſoluto a entrar logo em Luſitania, Viriato eſtava entranhado em Heſpanha, donde marchou para acodir á Patria; trazendo de ſoccorro tres eſquadrões de alliados para a ſua ruina; hum de Ticios, que mandava Dictaleaõ; outro de Vaſeos, que regía Minuro; outro de Bellos, que commandava Aulaces, tres Chéfes covardes, que logo veremos traidores infames.

3859.

Nos

Annos do Mundo.

Nos campos de Evora o buscou Pompeo, que fez dobrar os nomeados auxiliares; retirar-se Viriato para o monte de Venus; matou-lhe gente; tomou bandeiras, e despojos, entre elles mais importante o applauso. Segunda vez retrocedeo o bravo Heróe; mas se fez pé atraz para descarregar com maior violencia o golpe, a sua fortuna já o hia dispondo a esperar o ultimo, que tinha de lhe preparar, naõ o valor, mas a perfidia de Roma. Viriato expoem aos Lusitanos a sua injuria; a quebra da reputaçaõ das armas; a proxima perda da liberdade, se naõ sacrificassem tudo por ella. Todos clamaõ antes pela morte, que pelo cativeiro: aquecem os espiritos, e antes que o ardor esfrie, se lançaõ ás armas. Entraõ a saltar cabeças Romanas longe dos golpes, e quem recebia o primeiro, escusava segundo. Com muitas bandeiras tomadas aos contrarios os Lusitanos alimpavaõ o sangue de muitas mil vidas perdidas; e a maior façanha do Pretor foi a gentileza da sua fugida.

Vi-

Annos do Mundo.

Viriato, ſenhor da campanha, entrou por Andaluzia, ganhando a cada paſſo huma victoria, cortando huma palma a cada golpe, e desfallecendo os hombros com o pezo dos triunfos. Elle intima á Cidade de Utica, bem preſidiada de Romanos, que ſe renda; mas porque lhe dá a reſpoſta, de que ſe retire o Ladraõ Chéfe de vadios; elle lhes diz: Vós os Romanos ſois bem liberaes em dar eſte nome de Ladraõ, quando ninguem vos iguala na avareza do officio. Moſtrando-ſe injuriado da repoſta, Viriato fingio que ſe retirava, e tanto mais apreçava a marcha, quanto mais os de Utica acoçavaõ ao Ladraõ, que fugia. Como Ladraõ, que na noite ſegura a preza, elle volta caras, e quando os Uticenſes viraõ com a manhã a ſubtileza da induſtria, lhe entregáraõ a Cidade, huns as peſſoas, outros as vidas. Daqui foi aſſolando todo o continente até Gibraltar, ſem que o horror dos eſtragos, nem o clamor dos Póvos moveſſem Quinto-Pompeo a ſahir de Cordova, que fortificava di-

li-

Annos do Mundo.

ligente para deter nella o curſo rápido do conquiſtador de Heſpanha.

3860.

Neſtas expedições ſe paſſou o anno da Pretura de Pompeo, que foi ſubſtituido por Quinto-Fabio-Maximo-Serviliano no meſmo anno do ſeu Conſulado. Seguia-o hum grande exercito de Romanos, reforçado por muitos cavallos, e elefantes de Numidia, que mandava Micipſa ſeu alliado. Jactava-ſe o Conſul, de que elle vinha a ſer o exterminador de Viriato, talvez por trazer já concebida a idéa, de que ſe á força o naõ rendeſſe, elle naõ perdoaria a diligencia, para que a induſtria o acabaſſe. Nada conſeguio Fabio, que ſem lhe valer a reputaçaõ do nome, perdeo as forças, e a fraqueza da traiçaõ eſtava guardada para Servilio-Scipiaõ ſeu Succeſſor. Elle buſca em Utica a Viriato, que por falta de mantimentos ſe fizera na volta da Luſitania. Na ſua auſencia rendeo Fabio Cines lugares, preſidiados por dez mil Luſitanos, que depois de matarem muitos contrarios, a fome os obrigou a render-ſe com partidos honrados.

Eſ-

Annos do Mundo.

Esqueceo-se Fabio de imitar os Predecessores do seu mesmo nome: barbara, e infielmente manda degollar quinhentos, e entrega os mais á furia dos soldados. Com a noticia desta atrocidade, a Lusitania fere o Ceo com clamores; os Póvos mutuamente se convidaõ para a guerra, para exterminarem do seu Continente aos Romanos, e Viriato batendo as azas ao coraçaõ furioso, voa ás execuções da vingança. Com huma corrente de estragos, que levava diante, marchou elle a atacar o Consul no mesmo acampamento, aonde vieraõ ás mãos os bravos Chéfes; mas o Romano com a vantagem dos seus elefantes, que rompêraõ, e desordenáraõ toda a nossa cavallaria. Seguiaõ os Romanos o alcance, já seguros da victoria, quando Viriato, que tinha prevenido o successo, e posto em fórma quadrada hum batalhaõ da melhor Infantaria: dando-lhe pulos o coraçaõ intrepido, ao mesmo tempo investe os inimigos, ordena os desmandados, e com tal corage ataca homens, e féras, que tu-

do

Annos do Mundo.

do aterra, degolla, abysma, e perece quem naõ foge. Com destreza de soldado salvou Fabio as reliquias do exercito; mas confessando, que offerecer batalhas a Viriato era dar-lhe occasiões para avançar a gloria, fornecer-lhe instrumentos para lavrar os triunfos, e brindallo com incrementos para reputaçaõ, e intrepidez.

3861. No princio do anno seguinte foi grande o ruido das armas em Lusitania, aonde quanto soava era guerra, todos preparavaõ os animos, por toda a parte se alistava gente, empenhado Viriato em cortar mais cabeças de Romanos, do que o tyranno Fabio, depois de vencido, havia decepado de mãos aos Lusitanos, que na volta para o coraçaõ de Hespanha, se entregáraõ nas suas com a boa fé de rendidos. Viriato o busca, quando elle, com poder renovado, sitiava a Cidade de Erissana, armazem das nossas trópas, bem defendida de muitas. Com hum dos seus estratagemas entrou nella Viriato para animar a guarniçaõ, e sahir com ella a atacallo pela frente, quando o seu

Annos do Mundo.

ſeu exercito lhe fizeſſe o meſmo pela retaguarda. O vigor do ataque, a perda da gente, a conſternaçaõ de todo o campo obrigáraõ o Conſul a buſcar o refugio de hum alto monte, aonde paſſou de ſitiante a ſitiado. Monte, donde ſe precipitou a vaidade Romana ao abatimento de pedir huma paz vergonhoſa, que ſe ſalvava as vidas, abyſmou a reputaçaõ dos Dominantes do Univerſo, agora abatidos aos pés do Ladraõ da Luſitania.

Com eſta concordia ſaltavaõ de prazer os Andaluzes, que ſe contemplavaõ livres das irrupções de Viriato: os Luſitanos eſtimáraõ a paz para ſe aproveitarem do intereſſe dos ſeus fructos, e Quinto-Servilio-Scipaõ, que na occaſiaõ do aperto a firmára, agora motejava da paz, e do Conſul. Eſta induſtria lhe adquirio o conſulado, e com elle trópas numeroſas para vir a Heſpanha executar, em lugar de altas heroicidades, vilezas infames. Eſtava Viriato no Reino de Valença, os morriões, e arnezes deſcançando á ſombra da paz, os Luſitanos nos bra-

çus

Annos do Mundo.

ços do ocio honesto, quando o novo Consul rompe a guerra; escalla junto a Sevilha a Cidade de Arsa; persegue a Viriato para lhe impedir a entrada em Lusitania; mas elle encontra nos nossos Vetones o seu escandalo, hum freio ás suas desbocadas correrias. Viriato, incapaz de soffrer injurias intentadas, quanto mais feitas, ajuntou as trópas que pode, e com huma torrente de estragos fez tremer quanto tinha nome de Romanos pelo coraçaõ de Hespanha. Attento porém ao socego commum, e á reputaçaõ propria, elle mandou ao Consul huma Embaixada pelos tres Estrangeiros Dictaleaõ, Minuro, e Aulaces, Commandantes dos Bellos, Vaseos, e Ticios, lembrando-lhe a paz estipulada o anno passado, a fé do Tratado, que violava, o credito de Roma, que rompia; mas tudo com arrogancia tal, que o Consul conhecesse o Principe pelas palavras.

Sondou elle os animos dos Embaixadores, e achando-os dispostos para huma traiçaõ vil, os cativou com promessas, assegurou-lhes a graça do Senado,

Annos do Mundo.

do, pedio-lhes mataſſem a Viriato. Coſtumava elle dormir na ſua tenda com a ſegurança de quem era Chéfe dos Luſitanos, aonde os traidores entravaõ com frequencia. Graças indiſcretas concedidas a Eſtrangeiros, que olhaõ aos outros Principes como alheios, aos ſeus Eſtados como eſtranhos. Na noite deſtinada para o Parricidio, os tres infames degolláraõ dormindo ao Heróe, e morreo Viriato. Roma conſeguio o intento covarde, e os traidores recebêraõ o primeiro premio no deſpreſo do Conſul.

Amanheceo o dia fatal, que moſtrou ſem alma ao eſpirito dos Luſitanos, e nelle huma ſó cauſa, que produzio effeitos oppoſtos, equivocandoſe tanto a laſtima, e o furor, que diluvios de lagrimas derramáraõ chuveiros de ſangue. Terna, e furioſa a noſſa gente ſe lançou ſobre os Romanos priſioneiros, e naõ ficou hum ſó, que deixaſſe de ſer victima da indignaçaõ juſta. Sepultáraõ com grande pompa o cadaver; Viriato ficou vivo nos corações. Até o valor dos Luſitanos, ſenaõ eſ-

Annos do Mundo. 3864. esmoreceo, elle se callou, e os dous annos que se seguíraõ ao catastrofe, he nos Historiadores de silencio. Em fim, abateo-se a corage Lusitana, e as trópas de Viriato entranhadas em Hespanha sem Capitaõ, que as conduzisse á Patria, poseraõ armas em terra, pediraõ paz ao Consul, entregáraõ-lhe a liberdade, e as pessoas, que marcháraõ desarmadas para os lugares destinados pelo author da sua infelicidade: cativas, sem acçaõ, longe da Patria.

CAPITULO V.

Do que succedeo depois da morte de Viriato. Eleiçaõ, e qualidades de Sertorio.

3865. A PERDA da vida de Viriato entregou a nossa gente no poder dos Romanos. O seu Imperio dominou os corpos; os corações estavaõ muito longe da sugeiçaõ, subditos forçados, até que a sórte lhes fornecesse meios para sacodirem o jugo. Queriaõ mover-se os soldados de Viriato, que costumados

dos a viver de despojos Romanos, os buscavaõ como salteadores; mas ao Consul Decio-Junio Bruto foi facil reprimir o orgulho das quadrilhas sem ordem, nem Chéfe. Elle as contentou com a repartiçaõ das terras da Costa maritima ao Meio-Dia, partidas com a corrente do Guadalaviar, aonde fundáraõ a Cidade de Valença. Entrou Bruto em Lusitania ganhando Cidades, e para sugeitar a opposiçaõ, que lhe fez a de Eburobricio, aonde agora está Alfeizaraõ, teve de empenhar com votos ao Deos Neptuno, fundando junto á praia, aonde o atacáraõ, o Templo, que foi padraõ da victoria.

Annos do Mundo.

Ficou Decio pela sua fortuna reconduzido no governo da Lusitania, que deixou quasi sugeita ao seu Imperio. Elle penetrou o Minho banhado em sangue, que souberaõ vingar nas suas trópas desmandadas os nossos homens impavidos, e mulheres heroinas. Desagravou-se Decio na Cidade de Labrica, aonde equivocou o rigor com a brandura, duro em castigar, affavel para attrahir. Sobre Braga, nos muros,

3866.

Annos do Mundo.

e na campanha, as ſuas Matronas ſe lhe moſtráraõ eſcandalo gentil, huns monſtros de valor, vencedoras, e vencidas, ſempre illuſtres. Elle derrotou 60000 Gallegos, que marchavaõ em ſoccorro dos Luſitanos, e nelles as ſuas eſperanças; mas o curſo de tantas victorias parou na Cidade de Cinania, ou Citania, que ficava ſobre o Ave, duas legoas de Guimarães. Muitos annos depois foi aſſollada eſta nobre Cidade por poder differente. Valerio-Maximo dá teſtemunha da enveja, que cauſáraõ a Roma os Citanos iutrepidos, como ſe ſó os ſeus eſpiritos apareceſſem no mundo com o caracter de magnanimos.

3867. Decio deſaffogou o ſeu ſentimento na Provincia da Beira, aonde as ſuas armas tambem encontráraõ tropeços, naõ podendo os moradores barbaros ſoſter a ferocidade a viſta dos Romanos dominantes. Elles ganháraõ huma batalha, e perdêraõ outra, que Decio naõ pode chamar victoria pelo contrapeſo de innumeraveis mortes. Batalha, em que ſe naõ diſtinguíraõ vencedores, de

de vencidos. Ultimamente Decio passou o Téjo para fazer Praça de Armas a Cidade de Moro, no lugar em que agora está o Castello de Almourol, aonde se demorou tres annos, até ser chamado pelo Senado Romano para receber o triunfo de Lusitanos, e Gallegos, antes sobmettidos pela traiçaõ covarde de Servilio-Scipiaõ, que pelo valor façanhoso de Decio-Bruto.

3880. Treze annos se passáraõ depois do seu governo em tranquillidade profunda na Lusitania, languidos os espiritos, por serem homens sem Chéfe. As disputas de Tiberio, e Cayo-Gracco sobre a Lei Agraria, suspendêraõ os projectos de Roma, que via arruinar a sua República. Se entaõ houvera na Lusitania hum Viriato, ella triunfára de Roma, como depois Roma triunfou da Lusitania. O mesmo Senado deo demonstrações deste receio nas ordens precisas, que mandava aos seus Pretores para nos tratarem com suavidade, para que os Póvos irritados naõ elegessem Commandante, nem se lançassem ás armas. Os Lusitanos porém,

Annos do Mundo.

que naõ podiaõ ter o odio encoberto, entráraõ em grossas partidas a devastar as terras dos Romanos com tanto impeto, que inquietáraõ toda Hespanha. Quando elles souberaõ, que o Proconsul Cayo-Mario sahia a campo para os castigar, se uniraõ em hum corpo, e em batalha campal lhe derrotáraõ todas as suas forças. Recobrou-se o Proconsul com o soccorro dos Celtiberos, e presidios Romanos, que forçáraõ os Lusitanos a acantonar-se na Patria, por lhes faltar quem os governasse na campanha.

3900. Pelos annos que corrêraõ entráraõ na Lusitania muitos Pretores, e tropas innumeraveis para abaterem o orgulho das contínuas revoluções, sem que a sua espada perdoasse a sexo, ou idade; especialmente tudo o que tinha nome, ou inclinaçaõ militar perdia a vida sem refugio: Barbaridade, que parecia irritava os nossos campos para brotarem homens, que naõ dariaõ socego á Hespanha Ulterior, se o Proconsul Lucio-Cornelio-Dolabella naõ arbitrasse meios mais suaves para os

ado-

adoçar. Com igual fortuna conseguio o Proconsul Licinio-Crasso domar os de Entre-Douro e Minho, que pela dura opposiçaõ, que lhe fizeraõ, e elle derrotou, mereceo em Roma particular triunfo. Espere porém elle os effeitos da desesperaçaõ de Lusitanos sem liberdade, que encontraõ na espada de Sertorio para si refugio constante, para Roma cuidados novos.

Annos do Mundo. 3904.

Tomáraõ grande corpo na República dominante os debates de Mario, e Sylla, dous monstros de ambiçaõ, que como cancros roêraõ as entranhas da Patria. Estas discordias, que dividíraõ a Nobreza, e o Povo, fizeraõ esquecer ao Senado os negocios de Hespanha. Esquecimento, de que se aproveitáraõ os Lusitanos para renovarem as idéas da liberdade, invadirem os campos contrarios, assaltarem os presidios Romanos sem prevençaõ, que degolláraõ sem piedade. Nesta figura estavaõ os negocios da Lusitania, quando Sertorio, perseguidor de Sylla por faccionario de Mario, gozava prosperas fortunas em Africa. Já

3920.

Annos do Mundo.

Hespanha pelo trato antecedente conhecia as qualidades deste honrado Sabino, que elle havia empregado no serviço de Roma sua Patria, agora abandonada para buscar a ventura na vingança. Os Lusitanos desejosos de hum Cabo, que lhes cobrisse a frente para sustentarem a fórma, quando atacassem aos Romanos; mandáraõ embaixadas a Africa, pedindo a Sertorio quizesse vir governar as suas armas, que necessitavaõ de Chéfe.

Os motivos que tiveraõ os Lusitanos para a eleiçaõ de Sertorio, foi a fama das suas virtudes politicas, e militares; o conhecimento, de que elle era supererior ao medo, e ás delicias; nas adversidades constante; na fortuna moderado; nos casos repentinos atrevido, e firme; elle o melhor General do seu tempo: foi saberem, que era artifice destro de intrigas, e estratagemas; astuto, e prompto a aproveitar-se dos descuidos dos inimigos, e das vantagens dos terrenos: foi a conformidade dos genios, com huma tal harmonia, que naõ teve violencia em pe-

peleijar á Lusitana, nem em instruir os Lusitanos a combater á Romana; motivo por que o seu valór, e destreza nunca elles as deixáraõ ver taõ sublimes como debaixo das ordens de Sertorio: foi por ouvirem publicar a fama, que elle era liberal nos premios, piedoso nos castigos, facil em se insinuar nas benevolencias dos Póvos, que naõ só o respeitavaõ como milagre da Arte militar; mas hum varaõ illuminado no acerto dos seus conselhos. Em fim, se outra traiçaõ Romana naõ o privára da vida, elle era taõ capaz como Anibal, e Viriato de fundar em Hespanha hum novo Imperio. Elle teve hum vasto conhecimento das Sciencias, que estabeleceo entre nós; com a sua applicaçaõ observou em Africa muitos Monumentos antigos, e descobrio em Tangere o sepulcro do Gigante Anteo, que se dizia fora morto por Hercules Lybico.

Annos do Mundo.

Veio Sertorio a Lusitania attrahido dos nossos rogos, e escolheo a Cidade de Evora para seu Quartel General. Na sua primeira entrada ganhou

to-

Annos do Mundo.

todas as vontades, como meio o mais seguro de firmar a obediencia, e os triunfos. Longe das idéas perniciosas de fazer aos homens pobres, e ignorantes para os ter sobmettidos, ainda que desesperados; elle se applicou todo a fazellos sabios, e ricos para se recrear de os ver gostosos, e satisfeitos, obedientes attrahidos, sem serem forçados. Levado destas idéas nobres, fundou hum Senado, que os nossos Escritores querem fosse composto de Hespanhoes, contra a authoridade de Plutarco, que entende ser formado de Romanos proscriptos; e criou a Escóla brilhante de Osca, Cidade de Andaluzia, que com pouco fundamento presumíraõ alguns ser Huesca no Reino de Aragaõ. Se esta Universidade houvesse permanecido, as Sciencias teriaõ florecido luminosas em toda Hespanha, sem necessidade de as mendigar nos Paizes alheios.

Os nossos Moços mais qualificados cursavaõ aquellas Aulas, aonde Sertorio os fazia educar em todo o genero de Bellas-Letras. Elle as enriqueceo

com

Annos do Mundo.

com Meſtres de Erudiçaõ Grega, e Latina, gravando nos porticos por primeiro premio a promeſſa das Dignidades, e governo do Eſtado. Elle os fez veſtir com a Tóga Pretexta, e diſtinguio os Meſtres com o decóro, e magnificencia das pagas. Elle os examinava, por ſi meſmo; que Sertorio eloquente, e ſabio, naõ neceſſitava conhecer os homens por informações, nem mandar-lhes medir os talentos por procuradores; Heróe, que com tanto garbo veſtia a Tóga, como cingia a eſpada. Seriaõ as noſſas mocidades refens da fidelidade dos pais, ſegundo ſente Plutarco; mas ellas tratadas com tantas diſtinções, tantas honras, com tal inſtrucçaõ, conhecimentos, e premios, bem ſe podiaõ dar em refens, e ſerem fieis os pais ſó pelo bem dos filhos. Eſtes aprendiaõ as melhores Faculdades pelos Authores mais qualificados Gregos, e Latinos. Explicavaõ-lhes os Poetas, os Oradores, os Filoſofos, os Hiſtoriadores, por ſer eſte o methodo, que entaõ ſe uſava nas Eſcólas da Grecia.

Em

Annos do Mundo.

para persuadir aos Póvos divinizadas as Maximas do seu governo. Para isso lhe deo occasiaõ o nosso natural Spano trázendo-lhe huma Cerva branca, que elle criára, e tinha muitas celebridades, que servíraõ para se animar a ficçaõ. Sertorio eloquente, persuasivo, insinuante, faz capacitar a gente, que a cerva era o orgaõ, por onde a Deosa Diana lhe comunicava os seus segredos; hum Ajudante das suas ordens, que elle executava na campanha como subalterno da Deidade: Industria graciosa, que inclinou a simplicidade para lhe render huma veneraçaõ, fé, e respeito profundo. Elle formou o primeiro exercito de cinco mil homens de Lusitania, de trez mil de Italia, e Africa, a que depois se foraõ ajuntando outros de Andaluzia; gente de grande experiencia, de corage intrepida, costumada a desprezar Romanos, e perigos.

Com este pequeno esquadraõ vamos nós ver a Sertorio postado em campo; sustentar contra Roma por espaço de nove annos huma guerra formi-

Annos do Mundo.

midavel; combater os quatro capitães mais famosos daquella República; derrotar os seus exercitos aguerridos compostos de homens a centos de milhares; abater o orgulho das Praças inconquistaveis; ultimamente vamos a ver, que para triunfar Roma, lhe foi necessario maquinar contra Sertorio outra traiçaõ semelhante á que traçára contra Viriato. Nós o acompanhamos na sua primeira marcha pela Carpentania, ou Reino de Toledo para o vermos lançar della a todos os Romanos, e sobmetter todo aquelle terreno para nas mais invasões concebidas na sua idéa lhe ficar facil a retirada para Lusitania. Nesta empreza intentada, e conseguida, em que os successos mostráraõ, como o valor, e a disciplina naõ temem o maior poder: nós deixaremos occupado a Sertorio, e no Capitulo seguinte passaremos a mostrallo vencedor constante no mar, e na terra.

CA-

Annos do Mundo.

CAPITULO VI.

Da guerra de Sertorio contra os Romanos.

JÁ instruido Sertorio no valor da Naçaõ, que o elegêra por seu Principe, e informado pelo Senado Lusitano, de que o Capitaõ Romano Cota com huma Armada poderosa infestava o Estreito para impedir os soccorros, que elle esperava de Africa: Sertorio com a mesma fortuna, que levára á Carpentania, se embarca, e quando Cota naõ esperava esta visita, depois de cinco horas de combate, elle vê no poder do vencedor o resto dos vasos, que o furor naõ metteo a pique. A Chéfe-acçaõ gloriosa do comandante animou os Lusitanos para voltárem as proas á embocadura do Guadalquivir, e com o favor da noite sobirem pelo rio até perto de Sevilha, aonde campava o Capitaõ Didio, ignorante do successo de Cota, com hum grande exercito de Romanos, para o atacarem no quarto

da

Annos do Mundo.

da Alva. Affegura-fe, que de tantos mil hum fó Romano reftára, que naquelle dia viffe nafcer o Sol. Sertorio, coberto de gloria, e rico de defpojos, mais preciofos ás armas Romanas, fe recolheo á Lufitania, que fe o recebeo com acclamações fauftas, o applaufo mais energico era o filencio dos corações.

3921. O ecco deftas victorias chamáraõ para a companhia de Sertorio a todos os Lufitanos, que confervavaõ frefcas as lembranças de Viriato, outra vez vivo nos obfequios da Patria, e na veneraçaõ de Sertorio. Sylla temeo em Roma as novas alterações de Hefpanha, movidas por hum dos feus Rivaes mais temivel, a que elle conhecia o odio, e as qualidades. Elle defcobrio o pavor

3922. do perigo, e a reputaçaõ de Sertorio na eleiçaõ, que fez de Quinto-Metello-Pio, feu companheiro no Confulado, para fazer frente a hum, para arraftar o outro, e manter o credito de Roma no continente teimofo em lhe naõ ceder vantagens. Naõ fe diftinguia em Metello qual era maior, fe o poder,

der, se a tyrannia, ou a authoridade com que se apresentou em Hespanha. Elle destacou a Lucio-Domicio para talar a Andaluzia com toda a mais terra até aos Pyreneos; ordenando-lhe levasse na vanguarda o terror, para que o espanto das atrocidades dispozesse os espiritos á sugeiçaõ.

Annos do Mundo.

Sertorio, que naõ julgou conveniente sahir entaõ da Lusitania, resolveo-se a oppor hum Capitaõ a outro, hum a outro destacamento. Elle mandou a Herculeio, que com hum bom troço de Lusitanos, marchasse a reprimir a facçaõ de Sylla, que em Hespanha peleijava com dous odios, do Capitaõ, e da gente. No Reino de Aragaõ apresentou Herculeio a batalha, que Domicio naõ queria acceitar; mas sendo forçado a combater, elle, e a maior parte dos seus foraõ feitos em postas: Derrota, que fez tremer as Cidades Citeriores, e obrigou a Manilio, Proconsul da Gallia Narbonense, a passar os Pyreneos accelerado para impedir, que o estrago naõ fosse nellas completo. Herculeio, que pelas

Annos do Mundo.

las ſuas meſmas mãos degollára a Domicio: os Luſitanos, que com a victoria eſtavaõ ſoberbos: elles páraõ firmes, o Capitaõ para ver-ſe como a Domicio deſpacha a Manilio; os ſoldados para moſtrarem aos Romanos, e Francezes, que eſtimaõ a uniaõ para romper laços dobrados. Perto da Cidade de Lerida ſe deo a batalha, huma das mais diſputadas, que até aquelle tempo vira Heſpanha, entre Portuguezes, e Romanos. Eſtes, depois de notarem que a Cavallaria Franceza, combatendo com valor, morrêra com gentileza, buſcáraõ formados as ſuas fórtes trincheiras, que deixáraõ bem guarnecidas. Os noſſos, já ſenhores de meia victoria, com a meſma marcha as enveſtíraõ, e as rendêraõ, fazendo huma carniceria taõ horroroſa, que o Proconſul para a eſcapar, e a naõ vêr, ſe retirou precipitado, e ſem companhia para França.

Em quanto Herculeio aſſim ſe conduzia em Lerida, Sertorio no Algarve illudia a Metello o projecto da conquiſta de Lagos. Quando o Conſul preſu-

mia

mia ter a praça rendida pela violencia da sede; Sertorio anima, premeia dous mil cavalleiros bravos de Lusitania, e Africa, para que cada qual com seu odre de agoa á garupa, rompaõ as linhas dos Romanos, e soccorraõ os sitiados. Elles o fizeraõ com tanto desembaraço, que Metello corrido da industria do Chéfe, e do valor dos soldados, abandonou a empreza, e se retírou para Andaluzia seguido de Sertorio, que foi cançando a sua velhice com ataques continuos. Alli quiz elle desaffrontar a injuria com o cerco da Cidade de Osca, e tomar ás mãos os Estudantes Lusitanos para vingar nos cultores de Pallas togada o descredito, que lhe causavaõ os sequazes da Pallas armada: mas como as prevençóes de Sertorio lhe frustráraõ os designios, elle se retirou para Carthagena livre do susto, ainda que sem gloria. O nosso Chéfe voltou para Evora a passar o Inverno, e ouvir a Embaixada de Mithridates, Rei do Ponto, inimigo inexoravel dos Romanos, que desejava ajustar com elle huma liga offensiva contra Roma.

Annos do Mundo.

Deo

Annos do Mundo. 3923.

Deo Sertorio audiencia aos Embaixadores em tom de Rei. Ouvi-os fazer hum paralello bem ſemelhante entre o ſeu Monarca, e o bravo Phyrro, entre elle, e o grande Anibal, e imaginarem Roma aniquilada ſe chegaſſem a confederar-ſe contra ella Mithridates, e Sertorio. A ſituaçaõ dos noſſos negocios naõ lhe permitio mais condeſcendencia, que mandar ao Ponto hum eſquadraõ de Luſitanos, que talvez foſſem teſtemũnhas dos ſucceſſos triſtes daquelle Monarca, digno de melhor ſórte. Eſta reputaçaõ de Sertorio fez em Roma a eſpecie, que devêra, e ella obrigou o Senado a eleger para ſeu competidor ao grande Pompeo. Elle ſe ajuntou em Heſpanha com Metello, e na Luſitania com Sertorio-Marco-Perpena, hum traidor vil da facçaõ de Mario, que lhe trouxera de Sardenha algumas trópas de refreſco. Impacientes os noſſos, pediaõ ao ſeu Chéfe os deixaſſe ir combater as forças unidas de Pompeo, e Metello; mas Sertorio para lhes moſtrar a difficuldade de romper a uniaõ,

tra-

traçou huma induſtria para lhes ſocegar os animos.

Annos do Mundo.

Elle mandou vir ao campo dous cavallos, hum novo, e gordo, outro velho, e magro, e dous homens com a meſma deſproporçaõ dos cavallos. A viſta de todos mandou ao moço robuſto, que pegando com ambas as mãos no cabo do cavallo magro, e velho, apuraſſe as ſuas forças, e lho arrancaſſe. Elle alentado arraſtava o bruto; mas o cabo ſempre firme, e as forças já laſſas. Pelo contrario ordenou ao velho, que chegaſſe ao potro gordo, e novo, e que huma a huma lhe foſſe tirando as ſedas. Elle fleugmatico executava a ordem, e em pouco eſpaço, ſem fadiga, deixou ſem ornato a colla do ginete, Entaõ Sertorio diſſe aos Luſitanos: Aſſim haveis ſeparar as forças Romanas, ſe quereis vencer a Pompeo, e Metello. Deſte modo deteve Sertorio a audacia, que prudentemente advertida ſe ſugeitou pontual á obediencia, alma dos acertos em todas as profiſſões.

Annos do Mundo.
3924.

Chegou o tempo da campanha, e partio Sertorio de Evora para a Cidade de Valença, que sendo povoada de Lusitanos, a maior parte delles soldados de Viriato, o recebêraõ nos corações. O mesmo fez o resto daquelle Reino, excepto a Cidade de Laurona, que hoje se diz Liria, presidiada de Romanos, soberba pela visinhança do campo de Pompeo. Á sua vista a sitiou Sertorio, e nas disputas de qual dos exercitos havia dominar hum valle abundante de pastos, matámos dez mil homens ao Capitaõ Decio-Lelio, naõ o podendo embaraçar toda a corage de Pompeo. Depois intentou este bravo Chéfe ganhar hum monte, que senhoreava a Cidade; mas Sertorio, que o prevenio, o tomou primeiro. Pompeo o sente, e para desaffogar a cólera, determina cercar os Lusitanos entre o seu exercito, e a Cidade. O astuto, e acautelado Sertorio, tomando bem as suas medidas, postando humas trópas com vantagem, emboscando outras, diz com segurança aos seus Cabos: Eu hei de mostrar a este Mo-

ço

ço discipulo de Sylla, que ao Capitaõ avisado importa mais ter os olhos atraz, que adiante.

Annos do Mundo.

Naõ só este empenho de Pompeo, mas obrar antes da vinda de Metello, que estava em muita distancia, estimulou o espirito de Sertorio para se conduzir com tal vigor, que o segundo se desenganasse, o primeiro se surprendesse. Quando Pompeo se movia á execuçaõ do projecto, os seis mil emboscados no monte se lançáraõ como leões á Cidade, que escalláraõ, rendêraõ, pegáraõ-lhe fogo, e a consumíraõ, para que o horror do incendio atiçasse mais em Pompeo a voracidade da chamma. A vista lastimosa lhe esfriou o ardor do animo, que buscou apressado o refugio dos seus Reaes para evitar o combate a que Sertorio se movia, envergonhado da confiança indiscreta com que pouco antes mandára dizer aos rendidos dessem graças aos Deoses; porque tinha cercado de tal modo aos Lusitanos, que nem hum só delles escaparia com vida.

Annos do Mundo.

Pompeo, de quem principia a triunfar Sertorio, he aquelle Herόe, que nos ſeus elogios faz parecer a Cicero encarecido: Herόe, que elle aſſinalla na ſua mocidade verde occupando grandes commandamentos, e importantes expedições; que teve parte em mais combates, do que haveriaõ lido os outros da ſua idade, e graduaçaõ. Herόe, que conſeguio tantos triunfos, como o mundo tem de partes; tantas victorias, como nelle tem havido diverſas ſórtes de guerras. Herόe com felicidade, e valor, que por toda a parte o acompanháraõ com tanta conſtancia, que de alguma ſórte ſe póde dizer delle era elevado alêm da condiçaõ humana. Todas as virtudes moraes, a probidade, a inteireza, o deſintereſſe, a Religiaõ, diz Cicero, fizeraõ eſte Herόe infinitamente reſpeitavel aos Póvos eſtrangeiros, que á ſua viſta crêraõ naõ ſer fabula quanto lhes contavaõ dos Romanos antigos. Elle competio com Ceſar, que naõ conſentia igual, quando Pompeo naõ podia ſoffrer ſuperior.

Cheio

Anno s do Mundo.

Cheio de gloria, carregado de riquezas, com grande número de cativos, e muitos Hespanhoes valentes, que o seguiaõ, Sertorio veio invernar a Evora, que engrandeceo com despojos dos Romanos. Elle cercou a Cidade de muros, taõ fortes, que naõ bastáraõ milhares de annos, nem a destruiçaõ dos Godos, e Mouros para os abaterem. Foi chamada esta fortificaçaõ a Cerca Velha até ao tempo d'ElRei D. Fernando, que ornando a Cidade de muralhas novas, mais lhe tirou na memoria, do que lhe deo na grandeza. Além desta obra, fez outra de muita magnificencia, que foi o aqueducto famoso da Agua da Prata, que ainda hoje ennobrece esta Cidade illustre. Edificou para a sua pessoa huma casa com a sumptuosidade simples daquelles tempos; e a sua familia, que constava de tres libertos, e huma criada, deo hum banquete aos visinhos no dia da dedicaçaõ, celebrou a festa Compitalia em honra dos Deoses Lares; mas a pouca veneraçaõ dos Portuguezes futuros, que até hoje fazem açou-

Annos do Mundo.

açougue de hum dos Templos antigos da ſua Cidade, alterou a fórma deſte Monumento glorioſo da antiguidade da Patria. Em fim, Sertorio conſumou eſte anno feliz com o caſamento illuſtre, e rico de huma Senhora Eborenſe, filha de Firmio Laberio; nó de parenteſco com que fez indiſſoluvel o laço da amizade.

3925. A Primavera convidou os exercitos para a campanha nas ribeiras do Xucar, aonde ſe encontrárao os dous Capitães, ambos valeroſos, ambos irreſolutos, por naõ arriſcarem em huma acçaõ o credito das paſſadas. Ao meſmo tempo os dous Chéfes rompem pela irreſoluçaõ, e Sertorio porque naõ chegaſſe Metello, Pompeo para que elle naõ lhe roubaſſe a gloria, atacárao a batalha, em que Pompeo levava de vencida o Eſquadraõ de Perpena, e em que Sertorio derrotava o lado de Afranio. Elle, por eſta parte victorioſo, corre a ſocorrer a Perpena, e entraõ a ſaltar cabeças no campo de Pompeo, que com a perda da liberdade, cahido do ſeu cavallo, Sertorio conſe-

Annos do Mundo.

ſeguiria triunfo completo, ſe os ſeus ſoldados naõ eſtimaſſem em menos tal homem, que a ſua cubiça os jaezes do bruto. Todo o exercito de Pompeo perecêra neſta jornada a naõ ſobrevir Metello na occaſiaõ do ardor mais vivo. Entaõ mandou Sertorio tocar a recolher, dizendo magoado: Eu mandaria eſte minino Pompeo caſtigado para Roma com açoutes, ſe a vinda da velha naõ mo tiraſſe das mãos.

3926.

Como o deſtroço de Pompeo deixou circunſpecto a Metello para ſe naõ mover, Sertorio ordenou aos ſoldados, que á ſua viſta talaſſem ſem piedade a campanha; mas a gloria de tantas vantagens foi perturbada pela perda da Cerva, que era o mais firme apoio da authoridade de Sertorio. O ſeu apparecimento ſe eſtimou por outro milagre, com que a induſtria novamente animou a ſuperſtiçaõ para Sertorio naõ deixar de reſpirar alentos de divino, ſoprados pela adulaçaõ de huma falſa fé. Com eſte bom annuncio, elle marchou ao Reino de Valença, para onde partíra Metello a oppôr huns

Annos do Mundo.

a outros estragos, humas a outras correrias; e porque a chegada de Sertorio o obrigou a entrincheirar as trópas, elle o cercou no seu mesmo campo. Os apertos da necessidade constrangeraõ Metello a abandonar as linhas; o credito de General aguerrido o forçou a peleijar. Já perdia terreno o campo Romano, quando hum dardo, que atravessou a Metello, devendo declarar o triunfo, poz tropeços á victoria. Os Romanos fugitivos retrocedem envergonhados, convertido o valor em desesperaçaõ, a cólera militar em furia barbara, que empenha huns em salvar o seu Capitaõ, os outros em acaballo.

3927.

A confiança da victoría, fez que os Lusitanos se arrojassem dividos a este combate, que os Romanos já sustentavaõ recobrados; e montando a cavallo o seu Chéfe, elle dava golpes taõ espantosos, que naõ pareciaõ sahidos dos braços da velhice, nem animados pelo seu coraçaõ exangue. Hum esquadraõ formado, que Sertorio conservava, evitou a ruina do seu exercito,

to, que poz em ſalvo, e elle buſcou o refugio de huma Cidade, que ſem os ſoccorros da arte, fizera forte a natureza. Nella o ſitiou Metello jactancioſo de que haveria ás mãos ao Competidor das ſuas façanhas, quando Luſitania naõ perdoava a todas as diligencias para vir com exercito numeroſo ſalvar o ſeu Chéfe. Naõ neceſſitou Sertorio deſte ſoccorro; porque enganando huma noite as guardas de campo, ſahio com toda a cavallaria, e ſem perigo, nem ſuſto veio paſſar o Inverno á Luſitania. Das Inſcriçóes antigas conſtavaõ as graças, que Sertorio dêra entaõ aos Deoſes pelos ſeus bons ſucceſſos, e que a ſua Ama Julia-Donace offerecêra huma Coroa, e hum Sceptro de prata no Templo de Jupiter, que ficava nas margens do Enxarrama, junto da Villa do Torraõ, aonde agora eſtá a Igreja dos Santos Martyres Juſto, e Paſtor.

Tantas forças juntas achou Sertorio em Luſitania, que naõ quiz perder tempo em as deſcarregar ſobre Metello. Mas aviſado dos grandes ſoccor-

ros

Annos do Mundo.

ros, que elle esperava de Roma embarcados nos portos dos seus Dominios, elle sahio com huma esquadra numerosa a devaçar os do Mediterraneo, que assolou com huma torrente de victorias. Ellas, acompanhadas da perda das náos, e dos mantimentos, pozeraõ em tal consternaçaõ aos dous Chéfes Romanos, que tiveraõ por perdidos os seus negocios em toda Hespanha. Confirmou-os na idéa triste a derrota, que o Capitaõ Herculeio dêra a seis bandeiras de Cavallos, que aos lados de huma Legiaõ cobria Probo-Emiliano, escoltando hum comboi importante, que ficou em poder dos Lusitanos. Tantos motivos de consternaçaõ leváraõ a Metello para Navarra, donde com pretextos especiosos passou a França, e Pompeo se refugiou nos Póvos Cacceos, alliados de Roma. Daqui escreveo elle ao Senado noticias, que fizeraõ nella grande ecco por irem acompanhadas do estrondo das nossas armas, animado pelo susto, e eloquencia de hum homem tamanho como Pompeo. Com ingenuida-

dade creo a cabeça do mundo a estatura da reputação de Sertorio, e temeo, que quem triunfava dos dous Generaes, que ella tinha em Hespanha; intentaria arvorar os Estandartes Lusitanos no alto do Capitolio.

3929. Porém a hydra continuou a multiplicar as cabeças. Chegárão de Roma novos soccorros, de que não quiz fazer caso a confiança desmedida dos Lusitanos para verem mudar a face aos successos. O seu general Herculeio andava despotico na Celtiberia, quando Metello, separado de Pompeo, o buscou com passo ponderoso tão veloz, que lhe degollou vinte mil homens, antes que elle o visse parar na carreira. Metello deo hum tal caracter a esta victoria, que transportado com ella o meio cadaver, se acclamou immortal, se arrogou qualidades de divino, e entrou a vaporar fumos de Deos a corrupção, que já parecia cemiterio de cinzas. Desandou a róda da fortuna; e Sertorio, que quiz reparar a quebra de Herculeio, amolgou a opinião propria. Elle obra contra o que an-

Annos do Mundo. 3930.

antes persuadira, atacando juntos a Pompeo, e a Metello. Os Romanos sim perdêraõ mais gente; mas ficáraõ senhores do campo, e da Cidade de Valença, que foi huma das fatalidades maiores para os interesses Lusitanos.

Dous soldados se desafiáraõ antes da batalha, e se batêraõ á vista de ambos os campos. Triunfou o Romano, e levantando a viseira ao morto para lhe cortar a cabeça, conhece hum seu irmaõ do partido de Sertorio. Fazendo as suas funçóes a natureza, elle o carrega sobre os hombros, o conduz ao arrayal, e se mata sobre o cadaver com resoluçaõ muito mais barbara, que gentil. Sertorio, ainda quando vencido, sempre valeroso, elle se quiz mostrar superior á desgraça, ajuntando as reliquias antes dispersas, que destroçadas, para sustentar com ellas huma nova guerra. Sobre a Cidade de Caraca, agora Guadalaxára, resuscitaõ os seus alentos com tanto mais de espirito, quanto mais tinhaõ de picantes os despresos com que a guarniçaõ o insultava dos muros. Naõ pode elle rendel-

la

Annos do Mundo.

lá por força; mas valeo-lhe a nova industria de esperar hum vento rijo ponteiro á praça, e mandando levantar junto della grande copia de terra sutil, que affogando os soldados com huma nuvem do pó agitado, fez render humilde a arrogancia, que pouco antes jactanciosa soprava soberba.

Estratagema taõ singular restituio a primeira alma á reputaçaõ de Sertorio, que por naõ perder com o tempo os favores da fortuna, marchou a buscar Pompeo, que sitiava a Cidade de Palencia. O Romano valeroso naõ desprésou hum inimigo taõ destro, que sabia cortar palmas quando perdia triunfos, e cuidou no modo com que havia impedir o soccorro sem desistir do sitio. Sertorio naõ lhe deo tempo para muitos discursos; porque o seu brio offendido naõ só cortou as demoras, e poz de parte a natural circunspecçaõ; mas se lançou arrogante aos Romanos, taõ empenhado em desaggravar as affrontas passadas, que adiantando-se aos seus, dando carga aos inimigos, mataraõ-lhe o cavallo, cahiaõ sobre elle,

Annos do Mundo.

le, e quizeraõ que da temeridade fosse despojo a sua vida. Acodio a Cavallaria ao perigo do seu Principe, que prostrado em terra, vibrava a espada como raio, e a troco de muitas vidas dos nossos, mais das dos Romanos, compramos a liberdade, do Chéfe, que seguio a victoria com confusaõ, e ruina dos contrarios. Pompeo se salvou com o favor da noite, guardado pelos fados, que ainda lhe queriaõ dar formosos dias.

CAPITULO VII.

Ultimos successos, e fim tragico do memoravel Sertorio.

RECEBEO Metello a noticia da derrota de Pompeo, quando ganhava Cidades com fortuna; quando fazia o nome Romano respeitavel em Hespanha; quando com vigor sitiava a Praça de Calahorra: empreza, que entrou a duvidar, se a devia continuar, ou suspender. Elle toma por partido mais honrado o brioso, que era reforçar os

ata-

Annos do Mundo.

ataques para naõ entender a guarniçaõ, que lhe diminue a corage a desgraça de Pompeo. Soffria ella combates horrendos com grande constancia o tempo, que lhe foi necessario para a soccorrer Sertorio, que sem suspender a marcha, atacou ao astuto velho nos seus mesmos Reaes com morte de tres mil soldados. Em quanto Metello se fazia forte em hum monte para esperar com as suas trópas a Pompeo, Sertorio entrou em Calahorra para distribuir os ultimos premios, que delle haviaõ receber os Lusitanos. A noticia que recebeo da uniaõ dos Generaes Romanos, a tempo que a sua fortuna decahia, ella o perturba, reconhece a declinaçaõ, e muito mais se assusta com a do apertado cerco, que elles pozeraõ á Cidade de Osca, com os estragos de Aragaõ, e Catalunha, muito mais com a perda de Lerida: Praça importantissima, que se entregou aos Romanos, e foi o ultimo golpe, que se descarregou nas vantagens de Sertorio.

El-

Annos do Mundo.

Elle quiz soccorrer a de Osca, que os Lusitanos defendiaõ com gentileza, como deposito das suas Mocidades, que nella estudavaõ. Junto aos muros plantou Sertorio o seu campo; mas as guardas corrompidas, ou descuidadas, naõ deraõ sinal do assalto nocturno de Metello, que o poz em desordem, e constrangeo Sertorio a recolher-se com precipitaçaõ na Cidade, deixando em poder dos inimigos todas as equipagens. Fatalmente decahio a sua gloria com este successo, e entre os Romanos, que o seguiaõ, ficou a sua reputaçaõ taõ arruinada, que ambiciosos huns para lhe occuparem o cargo, avarentos outros para obterem os premios, que Pompeo, e Metello promettiaõ a quem lho entregasse vivo, ou morto, elles determináraõ assassinallo. Perpena, General de Sertorio, no nascimento illustre, baixo nas qualidades, foi o instrumento de que se valêraõ os Heróes Romanos do vulto de Metello, e Pompeo para acabarem por meio da traiçaõ o homem, que naõ podiaõ render com

as

as armas. Acçaõ foi indigna de taes homens persuadir ; muito indigna de Perpena executar a traiçaõ.

Já Sertorio se naõ fiava dos seus amigos Romanos, e punha a segurança da pessoa a coberto da perfidia no azylo da fé Lusitana, de que logo os seus professores quizeraõ dar próvas evidentes, naõ deixando em Osca Romano algum com vida, para que pagassem a conjuraçaõ intentada com a mesma pena de conseguida. Sertorio ainda naõ desenganado, a impede, talvez naõ crendo, que Perpena traçasse a infidelidade pelo ouvir cortar pelos inconfidentes. Elle que receia se descubraõ os seus designios, publica a nova falsa de huma grande victoria conseguida pelos Capitães de Sertorio, que lhe dá occasiaõ para o convidar a hum banquete em demonstraçaõ de gosto, aonde lhe tiráraõ a vida com vinte e huma punhaladas. Morreo Viriato, morreo Sertorio ás mãos de traidores, porque os Lusitanos deraõ confianças demasiadas a Estrangeiros. Elles querem vingar-se nos authores da

Annos do Mundo.

atrocidade, mas achaõ todas as avenidas da Praça bem guardadas pelos Romanos inconfidentes, e o que haviaõ ser lances do furor, o convertem em demonstrações de piedade. Celebraõ os Lusitanos o funeral, e Hecatombas do seu Principe, degolando-se corpos inteiros de soldados, como constava da Inscripçaõ de huma pedra, que se achou muitos Seculos depois, e dizia: Aqui jazem muitas companhias de gente de cavallo, que morrendo de boa vontade, se offerecêraõ á terra mãi dos mortaes para hirem em companhia da alma de Sertorio, porque morto elle, lhes era a vida triste: Aqui se matáraõ peleijando huns com os outros, como valentes, e buscando assim a morte, que com ancia desejavaõ: Ficai-vos em paz, vindouros.

Com a urna das cinzas do seu Chéfe chegáraõ os Lusitanos á Cidade de Evora, aonde collocáraõ para a sua estimaçaõ esta reliquia; lembrando a Diana a gloria, que lhe devia dar depois da morte, por se haver communicado com elle pelo orgaõ da Cerva

a

Annos do Mundo.

a melhor parte da vida, neste Epitafio, que esculpíraõ no seu sepulchro: Sertorio, Capitaõ dos Lusitanos, aqui na ultima parte do Mundo offerece sua alma aos Deoses Immortaes, e o corpo á terra: Este he aquelle, ó Deosa Tethis, que por ti foi livre do mar, e aqui neste lugar junto de Evora, aonde elle antes tinha desbaratado hum Consul Romano, e todo o seu exercito, lhe foi posta sepultura: Deosa Diana encaminha para os Campos Elysios a alma, que por traiçaõ foi destruida: Seja-te a terra leve: Aulico lhe poz esta memoria. «. Conta-se, que na occasiaõ da morte de Sertorio estava junto delle a Cerva, que sentida da sua falta, naõ queria apartar-se do cadaver, e que dando balidos lastimosos se deixára morrer de fome. Operações, que se naturalmente tem sido vistas em muitos animaes, naquella occasiaõ o demonio governaria as da Cerva para naõ desfalecer a superstiçaõ.

A maior parte do exercito estava com o traidor Perpena, que se achou

Annos do Mundo. 3931.

nomeado herdeiro de Sertorio no seu testamento, quando Pompeo, e Metello informados do que se passava, se apressáraõ a concluir, com a ruina daquella gente, os negocios de Roma em Hespanha. A consternaçaõ geral obrigou Hespanhoes, e Romanos a elegerem por seu Commandante ao mesmo Perpena. Em quanto elle se punha em campo para pagar no primeiro encontro o crime da aleivosia, os lugares planos da Lusitania se despovoavaõ; buscando os animos afflictos segurança nas Praças fortes, nas cavernas dos montes; rebanho sem pastor, que já se sentia acoçado pela voracidade de Pompeo, e Metello. Ajuntou-se o nosso Senado para conferir as deliberações, que se haviaõ tomar em occasiaõ de tanto aperto, e foi determinado, que nada se innovasse até ver o semblente, que tomavaõ as resoluções de Perpena, ou se o exercito de Sertorio, que o seguia, voltava para a Lusitania.

Pompeo a toda a diligencia marchava a atacar o novo cabo, que arrogante na vaidade por se ver Chéfe es-

supremo, naõ recusou o combate. Atacáraõ-se os dous exercitos, e no principio da batalha foi vivo o ardor dos nossos, em quanto naõ esfriáraõ nelles as lembranças, de que tinhaõ sido soldados de Sertorio. Levavaõ elles os Romanos de vencida; mas na continuaçaõ da refrega, communicando-se ao corpo a fraqueza do espirito novo, elle perdeo o campo, a victoria, os alentos, em fim, perdeo tudo. Perpena, na traiçaõ forte, na peleija covarde, se escondeo entre humas mattas, aonde o descobrio huma partida de cavallaria, á qual pedio a vida com lagrimas infames. Conduzido á presença de Pompeo, que naõ quiz ouvillo, elle manda cortar esta ultima cabeça á hydra Lusitana, que em guerra diuturna deo tanto que fazer aos Hercules mais façanhosos da soberba Romana. Em resulta de victoria taõ completa, os dous Consules se dividíraõ para ganhar, e fortalecer Cidades, que em Hespanha firmassem o seu Imperio. Pompeo mandou á Lusitania a seu amigo Afranio, soldado de valor, que

Annos do Mundo.

Annos do Mundo.

que achou despovoados os nossos campos; mas reputando a solidaõ hum effeito, naõ do medo, senaõ de designios novos, voltou para dar conta a Pompeo, que receou estratagemas temiveis na Naçaõ, que quando naõ podia servir-se do valor, mettia em uso a vivacidade das industrias.

Elle determinou applicar as armas á conquista de Uxama, que hoje dizemos Osma, defendida de Lusitanos, querendo com trabalhos, e repelões espantosos vir traçando de longe a nossa ruina. Inexoraveis se mostráraõ aquelles corações intrepidos ás propostas pacificas, e ataques horrendos dos Romanos; depois da morte de Sertorio mais faceis a perder as vidas, que a estragar a fidelidade. Todos elles quizeraõ acabar na defensa, e os poucos que Pompeo encontrou vivos, quando levou a praça por assalto, na sua face se matáraõ voluntarios para lhe mostrarem, que como valerosos, acabavaõ livres. Diga elle se admirou Roma estas gentilezas nos seus Manlios, e envergonhe-se de nos dar em rosto

com

com hum só Decio. De Osma partio Pompeo com maior poder sobre Calahorra, tambem presidiada de Lusitanos. Maiores defficuldades; que na primeira ponderou elle nesta segunda empreza, que lhe impedia recolher-se a Roma para receber na flor dos annos o triunfo magestoso concedido aos Heróes. A impaciencia de ouvir na Patria o brádo das suas façanhas, o faz resolver a abandonar Hespanha, aonde deixou levantado para padraõ immortal da sua memoria a Cidade de Pamplona, que fundou em Navarra.

Annos do Mundo.

Afranio ficou encarregado do sitio de Calahorra, aonde quiz desempenhar com as obras o conceito, que delle fizéra Pompeo; mas os cercados se defenderaõ com tal obstinaçaõ, que depois de comerem as mulheres, e os filhos, depois de darem fogo a quanto havia na praça, para que os inimigos naõ chamassem victoria a hum rendimento sem cativos, nem despojos: elles, em sacrificar as vidas pela liberdade, imitáraõ aos de Osma com resoluçaõ, que por ser segunda, naõ per-

Annos do Mundo.

perde a estimaçaõ de rara. Afranio, que na Cidade naõ encontrou mais que horror., incendio, sangue, cadaveres, para arrancar do mundo o Obelysco, que havia conservar viva a memoria do valor dos Lusitanos, mandou arrazar os edificios, e os muros. Com estes, e semelhantes estragos substituio Afranio o lugar de Pompeo, sem que nos dez annos seguintes até o de 3941 as Historias nos refiraõ cousa memoravel, já superior a fortuna de Roma á corage de Hespanha.

3941. Os triunfos de Pompeo, e de Metello, a sobmissaõ dos Póvos, a falta de quem os commandasse, tudo fez entender ao Senado Romano, que a guerra desta parte dos Pyreneos estava acabada, e que bastava qualquer homem, mais politico, que de guerra, para governar o nosso Continente. Esta idéa o moveo a mandar por Pretor ao pacifico Publio Pison; mas elle teve de alterar a condiçaõ com a noticia, de que algumas Cidades, abusando da sua bondade, traçavaõ maquinas revoltosas. Elle principiou a domal-

las

Annos do Mundo.

las por meio do seu Questor Lucio Flaco; e para fazer as armas Romanas respeitadas, sahio a campo com grande exercito, que devia obrar acções de estrondo, como se collige do triunfo com que Pison foi recebido em Roma.

Teve elle por Successor a Gneyo Pison, de genio taõ opposto, taõ aborrecido pela sua dureza de Romanos, e Hespanhoes, que estes o matáraõ, os outros o consentíraõ. Pouco depois houve nas córtas de Lusitania hum terremoto espantoso, em que morreo muita gente, os lugares por largo tempo estiveraõ despovoados, o mar cobrio longos espaços do Continente, e descobrio terras no seu centro com admiraçaõ dos homens. Do Pretor Quinto-Calidio se diz, que derrotára muitas trópas de Lusitanos revoltosos, que naõ podiaõ esquecer o amor da liberdade, nem o odio contra os Romanos. Tuberon trouxe a Hespanha por seu Questor a Julio-Cesar, que no Templo de Hercules em Cadiz teve hum sonho admiravel, bem interpretado

Annos do Mundo.

do a favor dos seus intentos pelos Agoureiros, que pelas circunstancias delle, lhe prognosticáraõ o senhorio absoluto da República Romana, que daqui em diante lhe começou a preparar a sua fortuna.

Este homem famoso foi em tudo grande. Cesar pode disputar vantagens entre a excellencia de Escritor, e a singularidade de Capitaõ. Na Eloquencia, na Erudiçaõ, na Historia, na Poesia, nos talentos militares, ninguem no seu Seculo o excedeo. Já nós o temos Questor, e logo o veremos Pretor em Hespanha, aonde escreveo os livros *Ante-Catões*, e o Poema intitulado *Iter*: os primeiros pouco depois da batalha de Munda, e o ultimo quando veio de Roma á Betica contra os filhos de Pompeo. Cesar he o Heróe, que em menos de dez annos fez a guerra nas Gallias, tomou por força mais de oitocentas Cidades, domou trezentas Nações, combateo por diversas vezes em batalha campal contra tres milhões de inimigos, dos quaes matou hum milhaõ, e fez outro

tro prisioneiro. Em fim, Cesar pela grandeza das suas idéas, pelo rápido das suas conquistas, pela sua corage, e intrepidez nos perigos, diz Paterculo, que elle podia ser comparado a Alexandre o Grande; mas sem o excesso do vinho, e da cólera de Alexandre.

Annos do
Mundo.
3941.

LIVRO III.

Da Historia Antiga de Portugal.

CAPITULO I.

Da Pretura de Julio Cesar em Hespanha.

A Paz profunda dos dez annos depois do Governo de Pompeo, e Metello, de que acabei de fallar no Livro precedente, tinha feito com que Roma se descuidasse hum pouco dos negocios de Hespanha. Pelo contrario os Lusitanos, que naõ perdiaõ conjuntura para promover os interesses da liberdade, elles se aproveitavaõ daquella omissaõ, invadindo, assolando, comettendo tantas hostilidades nas terras de Andaluzia, que os Romanos naõ eraõ senhores de sahir dos Presidios sem o perigo evidente do cativeiro, ou da morte. Esta inquietaçaõ dos nossos espiritos obrigou o Senado a mandar

por

por Pretor de Hespanha a Julio-Cesar, se ainda naõ taõ grande como ao depois, já com merecimento que lhe dava lugar entre os maiores. Em annos verdes a sciencia o fizéra politico, o valor soldado; duas azas, que o remontáraõ á esféra de Soberano absoluto, á regiaõ de Heróe completo. Da intolerancia, ou magnanimidade do seu espirito deo elle os indicios na jornada para Hespanha, quando aquartelando-se em França na mais desprezivel das suas Aldeias, e ouvindo disputar aos camaradas se haveriaõ nella homens, que aspirassem a dominar os outros, elle respondeo promptamente: Em quanto a mim, antes aqui primeiro, que segundo em Roma.

Vagos, e derramados na execuçaõ dos insultos encontrou Cesar aos Lusitanos. Elle se receou dos seus ardís, e para lhes embotar, menos os fios das espadas, que os do juizo, se resolveo com crueldade a enchellos de terror, a ocupallos do medo. Na primeira marcha naõ conseguio elle mais, que fazellos recolher circumspectos do in-

Annos do Mundo.

interior de Hespanha para as suas terras. Com exercito formidavel, que os moradores roubados, e perseguidos de Andaluzia faziaõ mais temivel, elle entra por Lusitania nadando em sangue, fosse innocente, ou culpado. Indignidade barbara do grande Cesar! Elle naõ se satisfaz com despedaçar os homens: ás Cidades, que se lhe entregavaõ humildes, arrazava os muros, e mandava roubar os moradores. Os Historiadores Romanos desculpaõ a Cesar nestas atrocidades, que attribuem aos Hespanhoes escandalisados; mas se Cesar naõ as executa, quem o desculpará, quando as consente?

Ambicioso de mais gloria, que a de render Praças na terra plana, sobmettidas sem resistencia; elle intenta atacar a ferocidade dos nossos Herminios, habitadores da Serra da Estrella, entaõ chamada Herminia, que se fiavaõ na fortaleza do sitio, no forte dos animos, e para observar tudo, lhes mandou huma Embajxada. Viraõ os Ministros de Cesar nos dous sexos huns monstros humanos cobertos de

pel-

pelles de cabras, no aſpecto horrendos, no ar ferozes, em ſe alimentar brutos, nos alaridos eſpantoſos, em ſobir ás ſerras empinadas ligeiros, vibrando as armas denodados, longe do medo, ignorantes da eſtimaçaõ da vida, ſem outro cuidado, que o de viverem livres paſtando os ſeus gados. Depois de os entreterem alguns dias com o divertimento de verem os penedos deſcarnados, as cavernas funebres, as choupanas ruſticas, a fragoſidade das montanhas: junta a chuſma ſalvagem, depois de ferir os horiſontes com éccos eſpantoſos, de vibrar as armas com impetos ferozes, ella ordena aos Embaixadores proponhaõ a commiſſaõ, de que Ceſar os encarregára.

Annos do Mundo.

Continhaõ os officios Romanos: Que o ſeu Chéfe ſe laſtimava, de que huũs homens que naſcêraõ racionaes, viveſſem na companhia das féras: Que ſendo notorias as ſuas virtudes, a ſua probidade, e o ſeu esforço, elles naõ communicaſſem tudo ás outras gentes para gloria ſua, e exemplo dellas: Que naõ era juſto paſſaſſem a vida co-

mo

Annos do Mundo.

mo ladrões efpiritos taõ valerofos acantonados nos ferros, quando podiaõ eftabelecer huma reputaçaõ brilhante com acções famofas, que mereceriaõ o louvor, e os premios do Senado Romano: Que por iffo Cefar lhes perfuadia quizeffem deixar os montes, e defcer para a habitaçaõ das terras planas, aonde encontrariaõ melhores commodidades para as fuas criações, que elle promoveria com maõ liberal. « A efte arrafoado fe feguíraõ novos eftrepitos, alaridos, e golpes nas armas, como difpofições para a atençaõ, com que os Miniftros haviaõ ouvir a refpofta, que hum ruftico veneravel pelas cans, e authoridade deo em nome de toda a Affembléa, intimando-lhes em tom groffeiro, e fero:

Que foffem dizer a Cefar, aonde mandava elle perfuadir os nojos, que lhe caufava o feu máo modo de viver, como fe iffo foffe coufa, que a elle lhe empeceffe, ou os Herminios gente de guifa para acreditar folapas: Que a fua mefura naõ filhaffe em fi pezar, nem fe atormentaffe da fua companha

com

Annos do Mundo.

com as alimarias, que nisso estavaõ criados, e a criaçaõ podia muito: Que a sua liberdade, e franco modo de viver herdada dos seus Maiores lá para traz, naõ era de taõ pouca estima, que com ella houvessem de fazer trocas, nem o seu animo taõ pouco macho, que deixassem a propria terra sem nella ficarem deitadas de mergullaõ todas as vidas: Que erèto haviaõ dár os Herminios ao que elles acabavaõ de papear em seu nome; se as Cidades que elle tomava em boa paz as fazia hum patameiro de sangue, e os moradores carneirada no talho: Que abaixarem elles das suas terras para os plainos, era dar huma quéda, que nos seus serros faria hum grande baque: Que álem disso o seu Ceo era alli muito mais craro, as suas aguas muito frescas, os seus pastos regallados, o seu conduito de todo o anno: Que elles tinhaõ servido pouco a Cesar para lhes querer fazer tantas merceias: Que se fosse embora, e os deixàsse, bem theudo a conhecer, que o contrairo lhe havia custar caro.

Annos do Mundo.

Á reſpoſta do ruſtico levantáraõ hum alarido grande os paiſanos, que batiaõ com os eſcudos huns nos outros em ſinal de approvaçaõ, e rompimento de guerra. Ceſar inſtruido das ſuas intenções, a declara, e ſe reſolve a invadir a montanha, aonde já mais ſobira gente armada. A ſua corage ſe perturba, quando aviſta os penedos nús, e deſcarnados dos montes cobertos de arvoredos ſilveſtres, e melancolicos, cingidos por huma coroa de neve, que faz o Inverno mais triſte; que combate, e vence os ardores do Veraõ; quando percebeo a languidez das tropas, que naõ approvavaõ expor-ſe a perigos evidentes na conquiſta de humas roxas inacceſſiveis por natureza, de que naõ reſultava outro intereſſe além da vaidade de Ceſar ſe querer ſingulariſar por emprehender evidentes impoſſiveis. Elle incapaz de ceder ás difficuldades, que previa, ganhou a devoçaõ de alguns Luſitanos moradores nas faldas da ſerra, e com largas promeſſas os induzio para guiarem por caminhos occultos huma par-

ti-

Annos do Mundo.

tida ao lugar, aonde os Herminios tinhaõ depositado sem guardas as suas mulheres, e filhos incapazes dos combates. Em quanto este esquadraõ soportava na marcha trabalhos immensos, Cesar para a esconder aos Herminios, emprehendeo a sobida com o resto do exercito pela garganta dos montes para os chamar todos á defensa.

Foi ella taõ vigorosa, e intrepida, que Cesar houve de retroceder com a gente bem diminuida, e a reputaçaõ amolgada. Na madrugada seguinte sobio o esquadraõ destacado a fragosidade das brenhas, e assaltando aos innocentes desprevenidos, o estrondo dos golpes, e o clamor dos agonizantes avizou aos Herminios do estrago destes pedaços das suas almas. Elles, para acodirem aos éccos, que os chamavaõ, e os feriaõ, abandonáraõ os postos, que logo foraõ occupados pelo exercito Cesareo, ' aonde elles o acháraõ postado, quando voltavaõ triunfantes do esquadraõ, que passáraõ a espada sem reserva de hum só homem. A necessidade abatteo a arrogancia dos

Annos do Mundo. 3942.

Herminios, que pediraõ a paz, e se lhes deo com a condiçaõ de baixárem do monte para os Valles, aonde se estabelecêraõ violentos até se lhes offerecer conjuntura de se conduzirem briosos. O espanto desta victoria occupou de sórte aos moradores dos lugares comarcãos desta parte do Douro, que todos desampararáraõ as terras para se refugiarem além do rio. Cesar os encontrou embaraçados na sua passagem, e com barbaridade indigna do seu caracter, fez que humas vidas acabassem a ferro, outras perecessem nas aguas. Despojos foraõ da atrocidade os meninos, e as mulheres, entre ellas muitas com resoluçaõ taõ heroica, que abraçadas com as suas prendas innocentes, se lançáraõ ao Douro, menos sensiveis ás agonias da morte, que aos grilhões do cativeiro.

A passagem de Cesar a Galliza nesta campanha he muito disputada. Se elle a fez, naõ se demorou nas suas terras; porque os Herminios, desassombrados do primeiro susto, se revoltáraõ a favor da liberdade. Cesar, que

que só era capaz de abatellos, acodio a reconquistallos; mas naõ tendo as suas forças em proporçaõ de atacar homens desesperados, houve de esperar grossas recrutas, que mandára vir das praças de Hespanha. Este intervallo deo lugar aos Herminios para formarem dous exercitos; o menor, que marchasse com lentidaõ pela costa do mar, escoltando as mulheres, meninos, e rebanhos; o maior, que esperaria a Cesar para lhe dar huma batalha, e se succedesse naõ mudar a fortuna daquelle Chéfe, os vencidos segurariaõ a retirada buscando a uniaõ do primeiro campo. Em conflicto horrendo se battêraõ os Herminios, e encontráraõ a mesma fortuna, o mesmo Cesar.

Os rusticos destroçados se retiráraõ a buscar o outro corpo, que marchou com a noticia da derrota accelarado a algum lugar forte para o valor obrar as ultimas extremidades. O destino os levou á vista de Peniche, aonde a maré cheia formava huma Ilha, a que se podia chegar na vasia com a agua pelos peitos, como os Herminios

Annos do Mundo. 3943.

nios o fizeraõ , e ás ſuas mulheres, meninos, e gados, que foraõ as pontes para o paſſo deſtes afflictos, com quem combatia a conſternaçaõ , e a magnanimidade, eſta naõ os deixando render, a outra trabalhando pelos ſalvar. Aſſombrou-ſe Ceſar com eſta gentileza , que por ſer obrada a influxos do medo, naõ quiz excedeſſe á da ſua corage , e com o meſmo favor da maré baixa mandou atacar os Herminios pelo melhor do ſeu Exercito , commandado por Gneyo Plaucio, para ter a gloria de dominar homens ſemelhantes. Em quanto durava a refrega ſobio o mar, e a deſeſperaçaõ, que fazia a defenſa , arrojou a elle cadaveres a todos os Romanos, excepto Publio-Scevio , que deveo a vida á deſtreza de bom nadador.

A Ilha de Peniche guarnecida de huns poucos de milhares de ruſticos , Ceſar a teve por hum objecto digno das ſuas attenções ; ella o fez parar na carreira das victorias , reſoluto a naõ deſiſtir ſem triunfar , ou morrer. Ao vencedor das Nações ſervem de eſcan-

Annos do Mundo.

candalo os montanhezes da Serra da Estrella acantonados, famintos, sem soccorro; que naõ admitem outro partido, senaõ deixallos em paz na sua Ilha, ou hum dos dous oppostos acabar na contenda. Impossivel de render a obstinaçaõ, Cesar se deixou estar á vista dos Herminios até vir a Armada, que mandou buscar a Cadiz. Quando os salvagens a descobríraõ, entenderaõ que eraõ monstros marinhos, animaes nadantes, que chegavaõ a tragallos. Elles, que já o estavaõ da fome, faltavaõ-lhes as forças para a resistencia, e houveraõ de se sugeitar ás leis do vencedor. Aqui deo o ultimo arranco a guerra diuturna de Lusitania contra Roma. Foi Cesar quem completamente venceo os Portuguezes, e logo começou a usar com elles de tantas liberalidades, em premio do seu valor heroico, que respeitáraõ affavel o animo pouco antes temido por feroz.

Embarcou-se Cesar na Armada para Galliza, aonde obrou acções, que naõ saõ do meu assumpto. Na volta desta expediçaõ tornou a tomar terra

em

Annos do Mundo.

em Peniche, donde despedio a Armada para Cadiz, e elle penetrou toda Lusitania com tanta segurança, e satisfaçaõ dos Póvos rendidos á sua munificencia, como se fizesse a jornada pela campanha do Lacio. Com o gosto de levar o célebre potro Andaluz de cinco unhas em cada casco, de que nos deixou memoria Suetonio, e que o servio fiel nas guerras das Gallias, de Africa, e de Pompeo; elle chegou a Cadiz, e se embarcou cheio de gloria para Roma, aonde o deixaremos traçando as maiores máquinas para obter o Consulado, para arruinar a República Romana, em quanto nós seguimos o fio da nossa Historia, sem nos embaraçarmos com as alheias.

CA-

Annos do Mundo.

CAPITULO II.

Continuaçaõ dos successos da Lusitania, e guerra civil de Cesar, e Pompeo em Hespanha.

DEIXOU Cesar Propretor de Hespanha ao mesmo Tuberon, de quem elle fora Questor, que desejava conservar a paz dos Póvos; mas os Lusitanos sem os reduzirem calamidades, nem beneficios a esquecer o amor da liberdade, e a vingança das crueldades passadas, naõ perdiaõ para ellas as occasiões mais ligeiras. Especialmente no Governo do Proconsul Publio-Cincinato restauráraõ elles sobre os inimigos muitas das suas perdas, invitando os animos para revoluções novas, que teve de abafar com as armas o seu Successor Publio-Cornelio Lentulo. Nos nossos Seculos se acháraõ dous Monumentos nas Inscripções de duas pedras, huma junto a Capara, outra perto de Marvaõ, que prováraõ a verdade desta guerra, e o desasocego dos Lusitanos

3944.

nos

Annos do Mundo.

nos pela amavel liberdade. Dizia a primeira, que Lucio-Lolio, Alferes da Legiaõ Decima Gemina, acabára alli a vida servindo seu cargo debaixo do mando de Publio-Cornelio Lentulo na guerra que teve com os salteadores, que haviaõ sahido da Lusitania. A segunda continha, que os moradores de Mirobriga (hoje Marvaõ) dedicáraõ aquella memoria ao Proconsul Publio-Cornelio Lentulo, Feliz, que entrando sua Cidade por força de armas, usára grande piedade com os Cidadãos.

Já neste tempo fazia Cesar a guerra nas Gallias com a mesma fortuna da de Hespanha. Os Francezes opprimidos pedíraõ soccorros da nossa gente, especialmente os soldados velhos do tempo de Sertorio. Crasso, Legado de Cesar, teve a gloria de dar batalha ao exercito Gallo-Lusitano, em que cometteo temeridades o valor; mas como Roma tinha chegado á Época feliz de nada atalhar o curso das suas victorias, o exercito colligado, depois da perda de quarenta mil vidas, lar-

largou o campo. Os Lusitanos obrárão nesta guerra proezas gentís, e os mesmos Escritores Francezes sem paixaõ confessaõ, que elles nesta jornada ensináraõ á sua Naçaõ os primeiros elementos da guerra, polindo o seu modo de peleijar até entaõ barbaro, e sem ordem.

Annos do Mundo. 3945.

No espaço dos sete annos, que se seguíraõ, nada houve de memoravel na Lusitania, naõ devendo fazer especie huma sombra de guerra a que deo occasiaõ o Pretor Q. Cecilio Dentato com a extracçaõ violenta do trigo para fornecimento de Roma. Discordia, que se compoz facilmente, gozando já os nossos com suavidade o beneficio do estudo das Letras, as vantagens do Commercio, e os interesses da Agricultura á sombra da reputaçaõ das armas Romanas. Naõ tardáraõ porém cuidados novos com as inquietações dos Vacceos, e Vetones Lusitanos seus confederados, que principiáraõ a atiçar o incendio no interior de Hespanha. O Senado o temeo tanto, que fiou a sua extinçaõ do calor de Pompeo;

3946, até 3953.

Annos do Mundo.

peo; mas elle embaraçado com o seu casamento, a encarregou aos seus tres Legados Afranio, Marco Varro, e Petreyo, que vieraõ ao nosso Continente com sete Legiões aguerridas. Nós vamos a ver preparado o theatro para representações funestas.

O Triumvirato formado entre Pompeo, Cesar, e Crasso, unicamente pelos seus interesses particulares, e que involveo a ruina de todos igualmente com a da República, mostra com bem evidencia quanto nós devemos pensar da probidade de Pompeo decantada por Cicero. Elle passou muito além, naõ se envergonhando de escolher a Cesar por seu Sogro, adoptando por esta alliança as suas desordens, os seus crimes, as suas vastas idéas. Naõ se enganou Cataõ na ruptura da uniaõ, que prevenio. Elle á vista do estrago das Leis, do desprezo do Senado, da corrupçaõ do Povo, naõ cessava de advertir aos Romanos amantes da Patria, que elles mesmos trabalhassem por se eleger hum soberano, despojando-se do mais precioso dos seus

bens,

bens, qual era a liberdade. Como Cataõ o prediſſe, as couſas ſuccedêraõ. A deſuniaõ appareceo logo monſtruoſa, moſtrando ambos os partidos em armas. Hum parecia, que tinha a ſeu favor a juſtiça, o outro a força. Pompeo firmava-ſe na authoridade do Senado, Ceſar buſcou apoio no valor dos ſeus ſoldados; mas o primeiro deſacreditou a eſtimaçaõ, que ſe tinha concebido do ſeu merecimento com abandonar Roma, e Italia para ſe retirar a Macedonia.

Annos do Mundo.

Naõ me pertencem os ſucceſſos deſta guerra civíl, que todo o mundo ſabe: Eu direi o que nos toca. Aqui baſta que reſuma, como depois do eſtrago de boa parte do Genero Humano, da efuſaõ do melhor ſangue do Imperio Romano, Ceſar ficou ſeu dominante abſoluto, ſem faltar á ſua ambiçaõ mais que o ornato da ſoberania, o Titulo de Rei, que os ſeus Emiſſarios muitas vezes lhe pretendêraõ. Eis-aqui o deſejo que lhe abreviou a vida, e affogou a gloria no ſeu meſmo ſangue. Inſpirou o Agente Supremo de-

to-

Annos do Mundo.

3954.

todos os successos aos Romanos o ultimo esforço a favor da liberdade, que espirava. Elle dispoz, que Cesar armasse as mãos dos seus melhores amigos, daquelles que elle mais havia honrado, para este Usurpador, que se tinha servido do credito de Pompeo para estabelecer a sua tyrannia, ser assassinado, cahir morto a punhaladas aos pés da estatua do mesmo Pompeo. Em fim, Cesar desobediente ás ordens do Senado, apresenta as suas armas sobre Roma contra a parcialidade de Pompeo, que vai para Macedonia, e Cesar passa a Hespanha contra os seus tres Legados, que acabei de nomear, e que cuidárao em fazer disposições bizarras para lhe impedir a entrada, e sustentar com vigor o seu partido.

Em quanto elles guarneciaõ os desfiladeiros, e passos dos Pyreneos, e se preparavaõ em Lerida para deter os de Cesar. Elle augmentando em França o número das suas trópas, com ardís generosos enganou a prevençaõ contraria. Dos muros de Lerida viraõ

os

os Legados tremolar nos campos de Hespanha as bandeiras Cesareas; e Cesar lançar pontes sobre o rio Segre, naõ lhe impedindo as suas correntes, nem as do Cinca com as margens bem guardadas, fazer pé a traz a fortuna, que entaõ corria rápida para ir aplainando a Cesar todos os tropeços. Eu naõ me embaraçarei com esta guerra de Lerida, que he alheia. Basta que diga, que o valor dos Lusitanos, que nella se acháraõ, foi mais attendido: que elles ganháraõ aos Pompeanos huma victoria memoravel: que Cesar venceo a ultima batalha; e que a sua clemencia nada mais quiz dos tres Legados, que passarem os montes, e abandonar Hespanha. O mesmo praticou com os Hespanhoes, e Lusitanos, que se recolhêraõ satisfeitos da liberalidade, a que entaõ convinha a ganhar corações.

Annos do Mundo.

Sem inimigos no nosso Continente, Cesar partio para Roma a continuar o projecto de arruinar a República, e a Pompeo na Grecia. Elle deixou Propretor da Lusitania, e Anda-

lu-

Annos do Mundo.

luzia ao Cruel Cassio-Longuinho, inimigo inexhoravel da nossa gente desde o tempo que fora entre ella Questor de Pompeo. Naõ podendo os animos tolerar as suas insolencias, com que queria buscar pretextos para a guerra; elle se queixava dos Herminios, que depois da ausencia de Cesar haviaõ fortificado a Serra da Estrella, e eraõ os menos soffridos nas suas extorsões. Como a sua pobreza fornecia pouca materia para a avareza de Cassio, atacou a rica Meydobriga, situada na raiz da Serra, com o fundamento de ser alliada dos Herminios. Desesperada de remedio, a guarniçaõ fugio para a montanha; mas como estes, e outros successos naõ tem mais testemunho, que o das Inscripções breves, e confusas dos Monumentos antigos, nós naõ devemos com elles gastar o tempo.

Os Herminios lançados por Cesar da Serra da Estrella tinhaõ multiplicado tanto nestes annos, que além dos muitos que andavaõ derramados por toda Lusitania, outros em grande número descêraõ da Serra, e intentáraõ oc-

Annos do Mundo.

occupar as margens do Téjo a prejuiſo dos ſeus antigos moradores. Eſtes ſe preveníraõ com ſoccorros, e o meſmo fizeraõ os de Lisboa. Sitiáraõ os Barbaros eſta Cidade com mais ardor, que diſciplina. Ignoráraõ, que deviaõ ſoſtentar as margens do rio, e o ſeu deſcuido facilitou aos camponezes atacallos, e deſtruillos com derrota taõ completa, que fóra das Serras da Eſtrella, Marvaõ, e Aramenha naõ ſe víraõ na Luſitania mais Herminios. Tudo por entaõ ficou em ſocego; mas tardou pouco que o eſtrondo das armas de Ceſar ſobre os filhos de Pompeo naõ chamaſſe as attenções de toda Heſpanha.

3955.

Entráraõ nella Gneyo, e Sexto reſolutos a continuar a guerra contra Ceſar, ſem os perturbar a deſgraça de ſeu pai Pompeo, que na batalha de Farſalia perdêra a vida com as apparencias de querer ſoſtentar a liberdade de Roma. Os ſeus genios affaveis, e o grande odio, que os Luſitanos tinhaõ concebido contra Ceſar, os inclinou á ſua devoçaõ, commandados

Annos do Mundo.

pelo Capitaõ Filo seu nacional. A noticia da sugeiçaõ de Africa ás armas de Cesar obrigou Gneyo a mudar de medidas. Para assegurar as cóstas de Hespanha nomeou para General da grande Armada, que tinhaõ nella, a Accio Varro: para commandar a cavallaria ao experimentado Labieno: para defender a importante Praça de Cordova a seu irmaõ Sexto. De todo o Continente se lhe hiaõ unindo tantas forças, que os seus negocios tomavaõ o semblante dos mais felices, naõ podendo Pédio, e Fabio, Legados de Cesar, dar hum passo a favor dos seus interesses. Elles o avisáraõ a toda a diligencia do perigo, em que se achavaõ, e os Historiadores naõ acabaõ de encarecer a pressa com que a agilidade de Cesar o trouxéra a Hespanha desde Roma em dezasete, ou vinte dias, cobrindo a marcha de hum exercito numeroso, como se elle, e o Chéfe fossem hum correio de posta, ou hum volante ligeiro.

3957.

O voo accelerado de Cesar naõ o pode trazer a tempo de impedir nos

cam-

campos de Capara a derrota formidavel, que Gneyo Pompeo, e os seus alliados deraõ aos Legados Pédio, e Fabio, começando escaramuça leve, acabando geral conflicto. Gneyo triunfante marchava a sitiar a Cidade de Ulia, quando Cesar appareceo sobre Cordova. Cinco legoas de distancia entre os dous campos facilitou a Cesar metter na Praça já apertada o soccorro, que fiou á intrepidez do Hespanhol Lucio-Junio Pacieco. Ao mesmo tempo ganhou a devoçaõ de muitos dos Cordovezes, que lhe entregariaõ a Cidade, se a vigilancia de Sexto Pompeo naõ lhes derrotára os designios. Elle avisou a seu irmaõ Gneyo do perigo, em que se achava, persuadindo-o naõ quizesse por ganhar huma Praça arriscar outra. Levantou Gneyo o sitio de Ulia, e marchou para Cordova, aonde postou o exercito na frente do de Cesar. Muitas, e raras gentilezas obráraõ as partidas, especialmente as dos Lusitanos, que traziaõ attentos todos os olhos, empenhado Gneyo em entreter a Cesar, Cesar em combater

Annos do Mundo.

a Gneyo. Com este intento poz elle sitio á Cidade de Atega, que hoje se diz Teba-Velha, para onde o seguio Gneyo; mas observando o campo muito reforçado com trópas de refresco, elle se retirou precipitado.

Para lhe picar a retaguarda destacou Cesar ao Rei Indo. Gneyo a mandou cobrir pelo Capitaõ Filo com os seus Lusitanos, que depois de matarem o Rei, e degollarem grande parte das suas trópas, derrotáraõ os designios de Cesar. Naõ bastou esta vantagem para Gneyo soldar a quebra da sua retirada, que escandalisou alguns dos Romanos do presidio da Cidade, e se passáraõ para o partido contrario. Os Lusitanos, que compunhaõ a maior parte da guarniçaõ de Atega, antes que o resto dos Romanos seguisse o exemplo dos primeiros, se lançáraõ sobre elles, e os passáraõ á espada. Informado Gneyo do que succedia na Praça, do abatimento da reputaçaõ, da fé com que os Lusitanos tratavaõ os seus interesses, resolveo voltar ao mesmo campo, que abandonára; mas

an-

antes elle o naõ fizéra, para na face da mais vigorosa resistencia, ser a sua inacçaõ tibia huma testemunha da infelicidade da constancia Lusitana, da entrega da Cidade a Cesar, da dos homens á sua fortuna.

Esta conquista, a clemencia, que Cesar usou com os rendidos, a effusaõ da sua liberalidade, inclinavaõ todos os corações ao mesmo destino de Atega. Já eraõ raros os que deixavaõ de notar a Gneyo de duro com os amigos, de tyranno com os contrarios, de demasiado nos castigos, de abandonado á pouca fé: Talvez que o receio destas faltas de vantagem o resolvessem a arriscar todo o cabedal a hum lance da fortuna, antes que todo perdesse sem o favor das contingencias, privado do beneficio da esperança. Em fim, os dous Rivaes se encontraõ nos campos de Munda: Elles saõ os de Farsa em Hespanha, aonde o filho tem a mesma sórte do pai. Hum dia inteiro combatêraõ os dous exercitos com tanta animosidade, que o combate mais parecia de féras, que de homens. Por

par-

Annos do Mundo.

parte alguma se declarava a victoria; quando huma dos chamados Acásos a deo a Cesar. Rogul, Rei Africano, acaso se lembrou de puchar huma partida para investir os arraiaès de Gneyo, mal guardados, tendo em si riquezas infinitas. O General Labieno, que penetrou os intentos do Africano, correo com a cavallaria a cortar-lhe a marcha. Ambos os Exercitos tiveraõ esta manobra de Labieno por huma fugida: o de Cesar clama victoria; o de Gneyo perde a corage. Elle na têsta da sua guarda de Lusitanos, o outro a pé com a viseira levantada no centro dos perigos, combatem em desesperados.

Já senaõ vê na campanha mais que destroços da humanidade, reliquias do furor; os Pompeanos fugindo, os Cesareos matando. Do meio de trinta mil cadaveres de Romanos, e de sete mil de Lusitanos se retira Gneyo com a escolta de cento, e cincoenta cavalleiros da ultima daquellas nações, que com fidelidade pasmosa o accompanhaõ a Gibraltar em demanda da Armada, que alli tinha. Só mil homens perdeo

Ce-

Cesar; pouco fundo para tanta ganancia. Decidio-se a contenda, e perdeo Roma a esperança da liberdade, porque a Cesàr naõ ha quem resista. Os famosos Accio Varro, e Labieno foraõ do número dos mortos: muita gente se recolheo em Munda: Filo com os Lusitanos se retirou para Sevilha. Gneyo, rodeado de desgraças, temeroso das trópas, que lhe hiaõ no alcance, afflicto com a revoluçaõ de Carteya, agora as Algeziras, aonde os moradores o quizeraõ prender, com feridas novas no acto de embarcar pelo erro do golpe, que se encaminhava a cortar huma corda; elle navega o Mediterraneo, consternado, fraco, falto de sangue, quando sente ao Almirante Didio, que com a esquadra de Cesar o persegue, para que naõ haja Elemento, que o ampare.

Annos do Mundo.

Foi esta a ultima infelicidade de Gneyo, que o obrigou a desembarcar com todos os Lusitanos para elles o conduzirem sobre os seus hombros até chegarem a Lusitania, aonde esperavaõ ajuntar exercito taõ copioso, que reno-

Annos do Mundo.

novasse a guerra. A este tempo o buscava por toda a parte Cessonio Lenton com a Cavallaria de Cesar, que o encontrou no estado referido. Os Lusitanos empenhados em salvar-lhe a vida, o leváraõ a hum monte fragoso, inaccessivel á Cavallaria, que lhe tomou todas as sahidas com o cuidado de quem buscava hum homem, que com a sua morte havia dar socego ao Mundo. Cessonio, que daqui descobríra a Armada de Didio cosida com a terra, lhe fez aviso do que se passava; pedindolhe desembarcasse a Infantaria para com hum golpe dar fim á guerra. Estimou Didio o empenho; ambos escaláraõ a montanha, aonde os Lusitanos fizeraõ huma defensa superior ao encarecimento; morrêraõ os mais; os outros foraõ presos, e Gneyo se escondeo em huma caverna para nella sepultar vivo as glorias da sua grande casa. Promessas, ameaças, favores, tormentos, tudo os Lusitanos desprezáraõ para o naõ descobrirem. Hum Romano infiel entregou a Gneyo, que sendo atacado estando mal ferido, com hum joelho

em

Annos do Mundo.

em terra peleijou de modo, que antes de o matarem, tirou muitas vidas. Cesar chorou esta morte com lagrimas, que a lisonja chama de piedade, quando ellas correm das fontes da complacencia. A mesma qualidade de ternura, que tiveraõ as que Alexandre derramou sobre o cadaver de Dario, podemos crêr que foraõ as que verteo Cesar com a noticia da desgraça de Gneyo.

CAPITULO III.

Successos de Sexto Pompeo, de Filo, acções de Cesar na Lusitania com outros acontecimentos.

3958, até 3964.

OS poucos Lusitanos que escapáraõ da carniceria da montanha em que deixamos morto a Gneyo-Pompeo, deraõ parte da sua infelicidade ao grande número delles, que andavaõ desgarrados pelos contornos immediatos, assim como por muitas partes da Hespanha. Todos se ajuntáraõ em hum corpo para buscarem o seu Capitaõ, que vie-

Annos do Mundo.

vieraõ a encontrar ſem cabeça, inſepulto, e laſtimoſo cadaver. A viſta do objecto da compaixaõ ſe accendeo a cólera, que os fez jurar com exageraçaõ a naõ viver ſem vingança, ou morrer nella. Elles ſe lançaõ na noite ſobre Didio, que tinha a Armada pojada em terra, e do primeiro golpe elle, e os ſeus perdem as vidas: deſpojos do fogo foraõ as galez; o mais preza dos ſoldados. Daqui marcháraõ para Sevilha a incorporar-ſe com o ſeu Capitaõ Filó, que os recebeo com os agrados merecidos pela façanha duas vezes qualificada, huma pela fidelidade do valor, e outra pelo aperto da conjuntura.

Com a noticia da morte de Gneyo, ſeu irmaõ Sexto abandonou Cordova, levando repartido pelos ſoldados o grande theſouro, que ſe guardava naquella Cidade para os gaſtos da guerra. No caminho ſe lhe ajuntáraõ muitos Luſitanos, que andavaõ deſgarrados depois da batalha de Munda: ſoccorro taõ importante, que com elle ſuſtentou hum dia inteiro o encontro

pe-

Annos do Mundo.

pezado, que teve com Ceſſonio, matador de ſeu irmaõ, e que a elle o chegou á meſma extremidade; ſe o valor dos noſſos naõ o pozéra a ſalvo na Luſitania, donde logo ſahirá a fazer no mundo figuras eſtranhas. Entretanto Ceſar, marchando na vanguarda com a reputaçaõ, e beneficencia, ſe fez ſenhor de Cordova, e do reſto de Andaluzia. O noſſo Filo em Sevilha naõ quiz experimentar a ſegunda, nem temeo a primeira. Elle rodeado de muitos Luſitanos com corage do tamanho da ſua, ſe reſolveo ſeguir até ao fim o deſtino dos ſeus amigos filhos de Pompeo, e esforça os animos para reſiſtirem a Ceſar, que os buſcava em plena marcha. Nada ſe ficou devendo a ſi meſmo o valor deſmedido de Filo, e dos ſeus camarádas; mas a fortuna do Dominante do Univerſo os forçou a fazer-ſe na volta da Luſitania para recrutar as trópas diminuidas em avances ſem número.

Reforçado com as da Cidade de Lenio em Luſitania, que mandava o Capitaõ Cecilio Negro, faccionario de

Pom-

Annos do Mundo.

Pompeo; Filo marcha apressado á soccorrer Sevilha, que se defendia obstinada. Hum estratagema bem pensado com que Cesar em huma sahida nocturna atraca todos os Lusitanos entre o rio, e huma Legiaõ escolhida, querendo abrazar-lhe as galez, deo a Cesar a victoria. Elle mata a todos depois de hum combate desesperado para romperem os Romanos, e salvar-se na Praça. Com este golpe se rendeo Sevilha; cahio a fortaleza de Munda; abriraõ as portas todas as Praças confinantes; acaba de triunfar Cesar. Elle determina entrar na Lusitania, aonde o temor das crueldades executadas no tempo da sua Pretura, invita os animos para huma vigorosa resistencia. Cuida Cesar em evitar huma nova guerra, que na contingencia dos sucoessos podia ser dilatada, e por isso oppoem aos nossos sustos as suas beneficencias.

A todos os Lusitanos prisioneiros, que segundo as leis da guerra eraõ cativos, elle lhes dá liberdade gratuita, e os manda recolher á Patria favorecidos. Entra pelos confins da Lusitania

sem

Annos do Mundo.

ſem conſentir que os ſeus ſoldados deſviem hum pé dos caminhos, nem lancem maõ ao fruto mais deſprezivel ſem o pagarem á vontade de ſeu dono. Reſpirando a aura da paz, da liberalidade, da brandura, elle chega a Béja, naõ querendo entranhar-ſe no Reino ſem o conſentimento voluntario dos moradores. Alli convoca os Emiſſarios das Cidades, que eſtavaõ póſtas em armas, e ſem as deſpirem, mandaõ ſaber o que Ceſar pretende dellas. Elle trata a todos com tanta affabilidade, propõem-lhes paz vantajoſa, e lhes dá a conhecer com eloquencia taõ ſublime a formoſura della, que com ſatisfaçaõ mutua a ajuſtaõ em nome das ſuas Cidades. Elles ſe retiraõ obſequiados por Ceſar com dadivas taõ precioſas, que ſe fazem por toda a parte trombetas da ſua humanidade, da ſua magnificencia, do outro homem, que he Ceſar Soberano, do que fora Ceſar Pretor.

Elle eſtimou tanto eſta concordia, que á Cidade de Béja, aonde a concluio, deo o nome de *Paz Julia*, deſ-

Annos do Mundo.

desde entaõ sempre chamada a Cidade Pacense, que honrou com o privilegio de Colonia Romana. Depois passou a Evora, aonde fez obsequios distintos ás lembranças, e Monumentos de Sertorio, que seguíra, como elle, a facçaõ de Mario contra Sylla. Aqui a liberalidade de Cesar de tal sórte se excedeo a si mesma, que em memoria della os moradores chamáraõ á sua Cidade *Liberalitas Julia*. Cesar a fez Municipio do direito antigo do Lacio; sem ser estipendiaria, como as outras da Lusitania; deixou aos seus habitantes os mesmos privilegios, que gozavaõ os de Roma, e que podessem militar nas Cohortes, e Legiões Romanas com as mesmas prerogativas, que os soldados de Roma. Em Evora recebeo Embaixadores do Algarve, que pediaõ isenções para as suas terras, e entre outras, conservamos lembranças das que deo a Mertola, chamando-lhe *Julia Myrtilis*.

Com a sua felecidade foi Cesar avançando a marcha, satisfeito de sobmetter sem effusaõ de sangue a Naçaõ se-

Annos do Mundo.

feroz, que havia Seculos se batia com as forças do maior Imperio para conservar a liberdade. Elle chegou a Santarem, que fez chamar *Julium Præsidium*, e foi na Lusitania huma das cinco Colonias, Chancellaria, ou Convento Juridico dos Romanos. Lisboa o recebeo com as demonstrações do maior prazer, a que elle correspondeo taõ officioso, que distinguio a Cidade com o privilegio de Municipio dos Cidadãos Romanos, que naõ tinha alguma outra da Lusitania, conferindo-lhe o nome de *Fælicitas Julia*. Em fim, Cesar cingindo o imperio do Mundo com a coroa da Lusitania, senhor da maior parte do Genero Humano, coberto de gloria, carregado de triunfos, arrogante com os epithetos vãos, que só saõ reaes no Deos Omnipotente; e este monstro da fortuna, instrumento dos altos designios da Providencia, volta para Roma a receber das mãos de Bruto, e Cassio em vinte e duas punhalladas o premio justo das atrocidades, com que fez

tre-

Annos do Mundo.

tremer a terra, affligir os homens, gemer todos os viventes.

Affinio Polion ficou substituindo a authoridade de Cesar na Lusitania. Entaõ sahio Sexto Pompeo dos Póvos Lacetanos, aonde se havia refugiado, e andava incognito. Guiado por Niconio Saxo, natural do Algarve, veio ao Porto de Anibal, aonde o disfarce da pessoa lhe fez honesto o officio de Pirata. Tanto se enriqueceo com os roubos, ajuntou tantas forças, os Algaravios sabendo quem era, o estimáraõ de sórte, que Sexto se resolveo a continuar sobre Hespanha as suas idéas. Com os grossos soccorros, que recebeo de muitas partes, alcançou victorias consideraveis, bem á satisfaçaõ do Senado de Roma, que abominando a Cesar, e determinado a matallo, estimou esta revoluçaõ de Sexto contra o seu partido de Hespanha. Como a morte de Cesar poz termo á sua fortuna, Sexto venceo, e matou a Polion em huma batalha de tantas consequencias, que o Triumvir Marco-Lepido o chamou a Roma com a promes-

messa de grandes vantagens, antes que as muitas conseguidas em Hespanha renovassem huma guerra funesta nos districtos do seu Governo.

Annos do Mundo.

Octaviano Augusto, que depois de arruinar aos dous membros do Triumvirato Lepido, e Antonio, estava destinado para dar paz a todo o Universo; atacou em huma batalha naval a Sexto, como partidario de Lepido, o venceo, e na fugida o prendeo Ticio, Capitaõ de Marco-Antonio, que o conduzio a Mileto, aonde lhe cortáraõ a cabeça. Com este fim tragico acabou a familia de Pompeo, naõ podendo Sexto unir-se na Asia com Bruto, e Cassio, que sustentavaõ nella a voz do Senado contra os tres Tyrannos. Buscáraõ as bandeiras daquelles dous Chéfes, depois da derrota de Sexto, quatro mil Lusitanos seus antigos companheiros no Algarve quando Pirata; mas elles naõ quizeraõ sobreviver á desgraça de Bruto, e Cassio, e com gentileza barbara foraõ acabar taõ longe da Patria.

Annos do Mundo.

3964.

Das grandes calamidades, que por este tempo soffria o mundo, foi participante Lusitania, que tolerava tormentas espantosas, fome extrema, enfermidades pestilentes, sobre tudo a invasaõ cruel de Bogud, Rei de Africa, que desembarcando no Porto de Anibal, foi nadando em sangue até Setuval. A desprevençaõ facilitou os estragos; mas as pessoas, que delles escapáraõ, deraõ aviso aos do Algarve, e Alem-Téjo, que correraõ a poz o Barbaro para castigarem a sua tyrannia. Elles o acháraõ já embarcado, navegando pelo rio de Setuval para Alcacere, aonde tiveraõ a dor de ver arruinar o Templo da Ninfa Salacia situado nas margens do mesmo rio. A injuria foi feita a huma Deosa do mar; mas a superstiçaõ teve a complacencia de que as aguas a vingassem. Carregado das riquezas immensas, que roubára, Bogud já navegava pela cósta para se recolher a Africa, quando os nossos da praia lhe davaõ com desesperaçaõ a despedida. De repente se levantou hum temporal taõ furioso, que mui-

muitas embarcações foraõ a pique, as mais varáraõ em terra, aonde encontráraõ mais furiosa a cólera dos Lusitanos. Naõ escapou com vida hum só dos barbaros, que podesse levar novas do destroço á sua Patria.

3967.

Estimada por mysteriosa a tempestade natural, a gratidaõ idolatra se empenhou com votos a renovar com a primeira magnificencia o Templo da Ninfa revoltosa, Deosa vingativa nos mares, e junto a elle fundar a Villa de Alcaçere do Sal, que entaõ chamáraõ Salacia, naõ por causa das muitas marinhas, que ha naquelle sitio, como entenderaõ alguns; mas em obsequio da Ninfa, que honrou a povoaçaõ com o seu nome. O Imperador Augusto fez alta estimaçaõ deste successo, assim em veneraçaõ á Deosa, como pela vingança contra Bogud, e para conservar delle a memoria, concedeo á nova povoaçaõ o privilegio de Municipio; admitio-a debaixo da protecçaõ immediata dos Soberanos de Roma, e ordenou se chamasse Salacia Cidade Imperatoria.

Annos do Mundo.

CAPITULO IV.

Dos mais successos de Lusitania até ao Nascimento de Jesus Christo.

3972. A PAZ geral que esperava gozar o Mundo a beneficio da felicidade de Augusto, precedêraõ em muitos annos por todo elle successos tristes, que deraõ assumpto para a composiçaõ dos Historiadores de Roma. Naõ se isentou delles a nossa Provincia, opprimida com a guerra que se accendeo entre os do Minho, e os Gallegos, na qual fez estragos lastimosos a pertinacia. Os ultimos houveraõ de se retirar atacados de huma peste devorante, que levâraõ comsigo ás suas terras. Os Bracarenses se escandalizáraõ do favor, que a gente do Porto deo aos Gallegos, ou em razaõ do amor da origem, sendo todos Gregos, ou por causa do medo, tendo menos forças. Declaráraõ os primeiros a guerra aos segundos, em que houveraõ accidentes raros, gentilezas naõ vulgares; mas os do Por-

Porto perdêraõ ao Romano Norbano Calvio, que rogáraõ para ser seu Commandante.

Annos do Mundo.

Crescia a infidelidade dos do Porto ao passo que se avançavaõ as vantagens dos de Braga. Vinganças crueis, ingratas á humanidade se nos representaõ nestas desavenças de dous visinhos inexoraveis. Os ultimos porém, querendo descarregar nos do Porto hum golpe mortal, escolhêraõ por objecto a sua alliada fiel, a famosa, e notavel Cidade de Cinania, que se teve corage para abater a vaidade de Decio Bruro, houve de sugeitalla á arrogancia dos Bracarenses. Sim apuráraõ os de Cinania os ultimos esforços, supportáraõ fome extrema, sahiraõ a campo para venderem caras as vidas, chegáraõ a pôr os Bracarenses no maior aperto; mas estes com alentos superiores os abysmáraõ, com cólera brutal naõ deixáraõ na sua Cidade pedra sobre pedra. Com ruina taõ completa acabou a Cidade de Cinania, que apenas se encontra na Historia o seu nome.

Annos do Mundo.

Os do Porto, perdida toda a esperança, tiveraõ de se sugeitar á paz vergonhosa, que lhe quizeraõ prescrever os vencedores. No Tratado, que fizeraõ, prometteraõ: Que as mulheres de Braga, que casassem no Porto, naõ levariaõ dote, antes o dariaõ os maridos aos pais das suas noivas; e que se estas fossem adulteras, elles naõ teriaõ acçaõ para as matar conforme ao uso; mas as entregariaõ aos pais para elles as castigarem como bem lhes parecesse: Que elles naõ levantariaõ muros, nem alguma outra fortificaçaõ sem licença expressa dos de Braga: Que sem authoridade dos mesmos naõ trataiaõ negocio de qualquer natureza, que elle fosse, em castigo de metterem Romanos na Provincia, e de se alliarem com os Gallegos em damno dos seus visinhos: Que em occasiaõ de guerra naõ serviriaõ em companhias determinadas; mas debaixo de diversas bandeiras, até expiarem com o tempo o crime de infidelidade, para assim se fazerem dignos de se naõ entender com elles esta condiçaõ: Que se os Braca-

ren-

renſes entendeſſem benemerito de algum cargo a homem do Porto, naõ lhe dariaõ poſſe delle em quanto naõ anathematiſaſſe o erro dos ſeus Patricios ſe fazerem Gallegos; ceremonia, a que aſſiſtiria huma mulher de Braga, tendo-lhe o pé ſobre o peſcoço em quanto elle dizia as palavras da abjuraçaõ do erro, para entaõ ficar eſtimado como Bracarenſe:

Que homem do Porto, que caſaſſe em Braga, naõ ſeria o primeiro, que levaſſe a mulher da ſua honra; mas que ella eſcolheria hum dos ſeus parentes, de que mais goſtaſſe para ſer o author deſta obra; aſſiſtindo o noivo ao acto com a cabeça coberta, e conduzindo-a pela maõ ao quarto, aonde a eſperaſſe o parente eleito: Que os gados de Braga poderiaõ paſtar livremente nos campos do Porto, e os do Porto nos de Braga ſeriaõ tomados por perdidos: Que ſe homem do Porto caſado com mulher de Braga a apanhaſſe em adulterio, a ella naõ poderia dar caſtigo, e do adulturo ſe contentaſſe com lhe tomar o veſtido, que ti-

Annos do Mundo.

tivesse no corpo ao tempo de cometter o crime: Que se homem do Porto adulterasse com mulher de Braga, e o marido os visse, ambos os complices morressem apedrejados, e os parentes do adultero ficassem sendo escravos do marido offendido: Que para os gastos da guerra, de que os do Porto foraõ causa, dariaõ aos de Braga a quarta parte das novidades daquelle anno, e hum número taxado de cabeças de gado: Que os do Porto seriaõ obrigados a dar na primeira guerra aos de Braga hum corpo de trópas pago á sua custa contra quaesquer contrarios, ainda que elles fossem seus amigos, e alliados: Que na morte dos maridos, as mulheres de Braga casadas com homem do Porto, herdariaõ toda a sua fazenda, ainda que naõ tivessem filhos, e no caso de os haver, se faria partilha nos bens de raiz, ficando para ellas todo o movel; e que o mesmo se observaria a respeito dos homens de Braga casados com mulheres do Porto. A estas condições barbaras, e infames se sugeitáraõ os Portuenses, e ellas saõ huma pró-

Annos do Mundo.

próva bem clara, de que a civilidade, e litteratura, que entre nós haviaõ estabelecido os Romanos, como diremos adiante, ainda naõ tinhaõ chegado ao fundo das nossas Provincias do Nórte.

3978. Augusto Cesar, senhor absoluto do Imperio do Mundo, se offendeo, de que em todo elle, só os Lusitanos de Entre-Douro e Minho, os Biscainhos, e Gallegos o naõ reconhecessem por Soberano. Affirma-se, que para os sujeitar, elle viera em pessoa a Hespanha, aonde naõ pode continuar a guerra, que felizmente concluíraõ os seus Legados, por causa de huma grande doença, de que o curou em Andaluzia o grande Medico Antonio Musa com refrescos, e banhos de agua fria. Entaõ se fez moda desta cura, que se usava ainda no maior rigor do Inverno, como diz Plinio. Semelhante effeito com aquelle remedio experimentou Horacio pela direcçaõ do mesmo Antonio Musa, que foi recompensado generosamente pelo Imperador, e pelo Senado em premio do primeiro acer-

to.

Annos do Mundo.

to. Foi-lhe concedido o privilegio de trazer anel, que só era permittido aos cavalheiros, e pelo merecimento de hum, foraõ todos os Medicos isentos de pagar tributos. Até os particulares em obsequio ao Imperador, lhe collocáraõ huma Estatua junto á de Esculapio. Todos os Professores de Medicina gozáraõ entaõ o direito de Cidadãos, e principiáraõ a florecer varios Escritores Latinos daquella Arte, que publicáraõ Aldo, e Estefano, e foraõ Apuleyo Celso, Sereno Sammonico, Celio Aureliano, e outros que escrevêraõ depois. Mas a Arte para naõ deixar de ser infeliz, o mesmo Antonio Musa, que com banhos de agua fria curou a Augusto, o uso do dito remedio lhe servio depois para matar a Marcello, filho de Octavia irmã de Augusto, que o havia adoptado para lhe succeder no Imperio.

Domadas as Nações revoltosas, o Imperador mandou fundar a Cidade de Merida, que foi Capital da Lusitania, para morada dos soldados invalidos, e lhe fez chamar Emerita Augusta. Os no-

novos habitadores lhe levantárao muitas Estatuas, Templos, e Altares, invocando-o Deos, consagrando-lhe Sacerdotes, e sacrificios. Os do Porto nao podendo sopportar as leis pezadas, de que os haviao carregado os Bracarenses, tornárao ao refugio das armas, e pedírao a protecçao de Augusto. Quando elles soffriao desgraças semelhantes ás passadas, appareceo Agripa em seu soccorro com grande exercito, a cuja vista se retirárao os Bracarenses. Respirárao os afflictos com o temor dos contrarios; mas a generosidade dos de Braga usada com os Romanos, que os sitiavao, os tocou tanto, que a guerra acabou em favores; o Imperador a instancias de Agripa, mandou dar á Cidade as prerogativas de Colonia Romana, e nome de Augusta com applauso tao grande dos seus moradores, quanto era excessiva a consternaçao dos do Porto.

Annos do Mundo.

3979. Em Tarragona recebeo Augusto Embaixadores das partes mais remotas do Mundo, e de todas as Cidades de Lusitania, que se sobmettêrao ao seu

Im-

Annos do Mundo.

Imperio. Aqui teve elle a gloria vã no estado de completa, vendo levantar-lhe Templos, adorando-o como a Deos, attribuirem-lhe as acções, que saõ mais proprias da Divindade verdadeira. Mortaes infelices nas Épocas lastimosas da Idolatria, que assim commutavaõ a gloria do Deos Omnipotente pela dos monstros humanos carregados de abominações, e de crimes!

3998. Em fim, corriaõ os annos sem acções, nem successos memoraveis, como disposições para a futura paz; e Lusitania esquecida do desejo ardente da sua liberdade, passava em silencio profundo, sujeita ao Dominio Romano.

Por estes tempos promulgou Augusto o Edicto para a denumeraçaõ geral da gente do Imperio, que havia pagar certa moeda de tributo em reconhecimento de vassallagem, de que naõ quiz isentar-se a Augusta sobre todas as creaturas MARIA Mãi de Deos. A Lusitania estava entaõ dividida nas quatro Chancellarias de Merida, Béja, Santarem, e Braga, aonde se resolviaõ em ultima instancia todas as causas dos

des-

districtos respectivos. Nellas foi contado o Povo Lusitano, e segundo refere Laymundo, se achárao nelle cinco contos e sessenta e oito mil pessoas cabeças de familias: número monstruoso, que requer huma tal somma de individuos, como naõ se faz crivel á nossa intelligencia, ainda que saibamos a muito maior extençaõ de terreno, que com differença de agora, tinha entaõ a Lusitania.

Annos do Mundo.

3999.

No meio da tranquilidade desta Provincia, se levantou na de Entre-Douro e Minho o espirito revoltoso de hum homem chamado Corocota, que com outros dos seus humores inquietava a terra com roubos, e insultos. Os Capitães Romanos o buscáraõ, e em hum choque disputado o obrigáraõ a fugir para Biscaia com as reliquias do seu destroço. Nella ajuntou outra gente semelhante á passada, e continuou exercicios em nada desemelhantes aos primeiros. Augusto em Roma tomou o furor justo, de que hum Chéfe de vadios alterasse o socego geral do Universo. Elle promette grandes premios,

Annos do Mundo.

mios, e o perdaõ de qualquer crime, a quem lhe entregar Corocota vivo, ou morto. Tem elle esta noticia, e com gentileza bizarra marcha a Roma, falla ao Imperador, e lhe diz, que vai pôr nas suas mãos Reaes vivo a Corocota, como determinava nas suas ordens; que lhe perdoe os crimes, e para as suas venhaõ sem demora os premios promettidos. Augusto se agrada do desambaraço; tudo lhe concede junto com a graça de entregar a tanta fidelidade a segurança, e commandamento da sua Guarda de Corpo Hespanhola.

Ultimamente Augusto, desde os primeiros dias da sua authoridade soberana, teve a complacencia de ver fechado o Templo de Jano: acçaõ, que naõ tinha práctica em quanto a guerra naõ cessava em todo o Imperio. Discorreo o erudito Tillemont, que o Filho de Deos estando proximo a fazer-se homem para nos trazer do Ceo a paz verdadeira com Deos, comnosco mesmos, com os outros homens, Elle quiz no mesmo tempo pôr á nossa

vis-

vista huma imagem daquella paz interior, em que sobre a terra se havia estabelecer a paz exterior, e visivel. Entaõ mostráraõ os successos, que esta paz, esta reuniaõ de hum grande numero de Provincias debaixo do dominio de hum só homem, era conveniente as idéas de Deos pela facilidade, que ella havia dar aos promulgadores do futuro Evangelho para levarem a luz da Fé de Provincia em Provincia, quando os homens desoccupados das perturbações, e tumultos da guerra, ouvissem com liberdade a doutrina, e com alegria a abraçassem, tocados da graça interior, e excitante.

Annos do Mundo.

Em todo o curso pois da Historia, que deixo escrita, nós estamos vendo, como Deos, Unico Arbitro de todos os successos, determina Senhor absoluto o destino dos Imperios; que lhes regula os limites, lhes taxa a duraçaõ, e faz servir as mesmas paixões, crimes, e desordens dos homens para a execuçaõ dos seus designios na Historia vastissima do Genero Humano, e santificaçaõ da sua Igreja. Designios

cheios

Annos do Mundo.

cheios de bondade, e de justiça, trazidos de bem longe, e escondidos nos cofres de huma Sabedoria infinita, e occulta para o fim dos seus escolhidos serem salvos. Felicidade, que principiaõ á conhecer os homens no ponto da Época sobre todas luminosa, em que Jesu Christo nasce de Maria Virgem. Ponto Augusto, que poem termo á nossa Historia Antiga, e dá principio á Moderna, que eu tenho de escrever nos Tomos seguintes.

4000.

CAPITULO V.

Descripçaõ Geografica da Lusitania, noticia dos seus moradores, com os nomes antigos, e modernos dos mais principaes dos seus Montes, e Rios.

A LUSITANIA antiga comprehendia muito maior extensaõ de terreno do que contem Portugal no presente. A sua fertilidade, as suas riquezas, o agradavel do Paiz, a commodidade para a navegaçaõ, tudo convidava as gentes estranhas para virem commerciar,

ciar, e eſtabelecer-ſe nella. Eſta foi a razaõ de ſerem ſuas povoadoras muitas Nações differentes, que dos tempos mais remotos habitáraõ o ſeu recinto. Porque a parte Meridional de Heſpanha foi ſempre contemplada pela mais fertil, e toda Luſitania faz face ao Meio-Dia, por iſſo Atheneo deſcreve com vantagem a bondade do ſeu Clima, a ſua fecundidade admiravel em animaes, e em fructos. Se ſe perſuade, que antigamente era pouco o cuidado da Agricultura; tratando Eſtrabaõ a Luſitania por huma Regiaõ muito rica, he certo que ſuppria o commercio o que faltava na omiſſaõ culpavel das producções da terra. Mas ſabendo nós com mais certeza, que o commercio era raro, ſendo oppulenta a Luſitania, naõ ſe póde duvidar, que a Agricultura a enriquecia.

Para nós nos capacitarmos, de que a induſtria dos antigos Luſitanos junta á producçaõ monſtruoſa da terra em homens, gados, e fructos, fazia feliz a ſua Provincia: Baſtará ouvirmos fallar nella a Atheneo, que alcançou

o fim do Seculo ſegundo da noſſa Éra, citando a Polybio, que foi anterior a Eſtrabaõ cento e cincoenta annos. Diz elle, que Luſitania era huma Regiaõ feliz, aonde os fructos naõ ſe corrompiaõ: que as flores, e hervas delicadas permaneciaõ a maior parte do anno, e que o peixe era em abundancia, de melhor viſta, e mais goſtoſo, que o dos ſeus mares: que os alimentos corriaõ por tal preço, que o trigo ſe vendia por nove obolos de Alexandria; a medida de cevada por huma dragma; por outra dragma huma metreta de vinho; huma lebre, ou cabrito por hum obolo; hum cordeiro por quatro dragmas; por duas huma ovelha; hum dos animaes bem gordo nos montados, que peſaſſe 200 arrates, por cinco dragmas; por cinco obolos hum novilho; por dez hum boi de lavrar; que a carne dos animaes ſilveſtres ſe dava de graça; e que Luſitania, naõ ſó mantinha a neceſſidade; mas a gula das outras Provincias com todo o genero de fructos, que continuamente mandava para ellas.

Daqui ſe infere, que a Agricultura florecia na Luſitania do tempo da maior antiguidade, e quaes foſſem os terrenos, que produziaõ tanta abundancia, he o que eu vou a moſtrar nas ſuas antigas demarcações. A Luſitania era huma das tres Provincias, em que os Romanos dividíraõ Heſpanha, da qual a ſeparava ao Meio-Dia a corrente do Guadiana, e o Oceano Athlantico: ao Norte o Rio Douro, como aponta Ptolomeo; mas depois ſe extendeo por mais algumas legoas, deixando o limite do Douro, e tomando o do Minho, que a divide de Galliza: ao Occidente tinha por demarcaçaõ a cóſta maritima, que corria daquelles Rios ao Promontorio Sacro: ao Naſcente levava huma linha quaſi direita do lugar, aonde o Rio Piſuerga ſe mette no Douro entre Valhadolid, e Tordeſilhas, tocando em huma grande volta, que faz eſte Rio junto da Villa de Caſtro-Minho, até Villa Nova de Serena ſituada ſobre o Guadiana, e comprehendia a Eſtremadura de Caſtella com as Cidades de Merida,

Badajoz, Capara, Salamanca, e outras.

Entre eſtes terrenos, levaraõ grande vantagem aos mais as Provincias do Alem-Téjo, e Eſtremadura. Na primeira era monſtruoſa a producçaõ dos grãos, carnes, azeites, e vinhos, com que por muitas vezes foi fornecida a Cidade de Roma. Na ſegunda, o territorio de Merida o repartio Auguſto pelos ſeus ſoldados velhos, gratificando a diſtinçaõ dos ſerviços com os commodos da ſua fertilidade. O campo dos Póvos Vacceos, affirma Diodoro Siculo, que ſe differençava de muitos da Luſitania pela amenidade, e cultura. Naõ impedia a barbaridade a eſtas gentes a lembrança das primeiras idades do mundo, quando a terra era mãi commua dos mortaes, antes da violencia, e da avareza. Elles repartiaõ as terras pelos lavradores, que indeffectivelmente as haviaõ ſemiar; quando chegava o tempo da colheita, os fructos eraõ communs, deſtribuidos á proporçaõ de cada hum, e aquelles que fal-

tavaõ á boa fé ſonegando-os, eraõ caſtigados com pena de morte.

Outras muitas ſingularidades ſe referem da Luſitania, eſpecialmente o ſeu ſal roxo, que moido ſe fazia branco. Se os Luſitanos antigos houveſſem ſido mais applicados a inveſtigar eſtes, e outros fenomenos da natureza por meio de obſervações fyſicas, nós eſtariamos ha muito tempo deſenganados dos ſyſtemas abſtractos, e com os experimentos formariaõ elles alguma idéa, que tiveſſe paſſado a nós deſde entaõ, a reſpeito da Optica, e propriedade das cores. Ora como a penna tem corrido inſenſivelmente por eſtas antiguidades Luſitanas, depois de tratar dos terrenos, naõ ſerá improprio fallar na gente, que naquellas idades os povoavaõ.

Em quanto ao valor dos Luſitanos, os Authores antigos os qualificaõ pelos primeiros homens de Heſpanha. As armas primitivas com que elles entráraõ a exercitallo, eraõ huns páos toſtados á maneira de piques, a que Eſtrabaõ chama Haſtas. Depois lhe fixáraõ na

ex-

extremidade mais aguda huma ponta de cobre, e estas eraõ as clavas com que elles vencêraõ as Nações mais ferozes. Dos Seculos mais remotos conhecêraõ elles o uso do ferro, e tanto delle, como do cobre forjavaõ armas excellentes, que eraõ huma próva, de que elles naõ ignoravaõ a Metallurgia, quando davaõ aos metaes taõ bom tempero. Em jogar as armas de arremeço eraõ destrissimos, tanto na certeza dos tiros, como na distancia a que levava o impulso. Entende-se serem estas armas, que faziaõ feridas profundas, humas pequenas lanças, soliferreas, falaricas, ou tragulas, das quaes levava muitas cada soldado. Se elles usavaõ de algumas máquinas para as despedir, poderiaõ ser os celebres Armatostes, que se praticavaõ em Hespanha muitos seculos depois da Éra Christã.

Tambem os Morriões saõ das primeiras Idades da Lusitania. Os nossos antigos os traziaõ de metal com trez penachos vermelhos, que Diodoro chama Crestas. Delles pendia huma figu-

gura de viſeira, que diziaõ Buccula, porque cobria os queixos, e parte da cara. Elles veſtiaõ o corpo com a Lorica, ou Thorax, que nós diremos cota de armas, e deſcia de cima dos hombros pelos peitos até ao groſſo das pernas. As cotas de linho eraõ entre elles as mais vulgares. Polybio, e Tito-Livio deixáraõ memoria, de que os Luſitanos, que ajudáraõ a ganhar a batalha de Cannas a Anibal, hiaõ armados deſtas cotas de linho, e de outras materias ſemelhantes, com matizes de purpura. As Peltas Luſitanas naõ foraõ menos celebradas. Ellas eraõ huns Eſcudos, ou Broqueis pequenos; mas taõ deſtramente manejados, que deſviavaõ os golpes, como ſe elles tiveſſem o tamanho dos que cobriaõ a ſuperioridade do corpo. Menos na grandeza, as Peltas eraõ como os Clypeos dos Gregos, e dos Romanos. Elles entravaõ nas batalhas com grito de guerra, cantando o *Pæan*, ou Hymno de Apollo, e de outras Deidades gentilicas, que invocávaõ em ſeu ſoccorro.

Uſa-

Usavaõ os Lusitanos antigos de huma Medicina Empirica puramente experimental á maneira da do Egypto. Quando adoecia algum o levavaõ aos caminhos públicos, para que aquelles que passassem, pelas suas experiencias em queixas semelhantes, lhe applicassem os remedios, de que nellas se servíraõ. Aquellas experiencias se firmavaõ na Botanica, naõ contribuindo para a saude mais que o Reino Vegetavel, com total exclusiva do Animal, e Mineral. Talvez fosse entaõ a vida mais larga, a saude mais robusta, os achaques menos, e as molestías mais bem curadas. Naõ terá nisto dúvida quem souber, que a introducçaõ dos Medicos em Roma enfermou os homens, e fez as mortes mais frequentes. Que fosse nelles notavel o conhecimento das hervas, se próva com a invençaõ da sua bebida chamada cemhervas, que naõ só estimavaõ saudavel, mas gostosa; e quem para a composiçaõ de huma só potagem se servia de hum cento de plantas, muitas mais conheceria para outros usos.

De-

Depois de escrevermos a Terra, e os homens, vamos a tratar dos Rios, e Montes da Lusitania. Em quanto aos primeiros, comecemos pelo Téjo, que os antigos disseraõ Tagus, e nasce nas serras de Cuenca em huma pequena lagoa, donde vem, depois de muitas voltas, acabar no mar junto a a Lisboa, e leva as nossas Náos a todas as partes do Mundo. Assim como as do Douro, e as do Minho, as suas correntes traziaõ areas de ouro, que os Lusitanos recolhiaõ com pouco trabalho. As Damas de Madrid, e Toledo nunca estavaõ desprovidas das suas aguas, que fazem o caraõ lustroso, como diz Fr Bernardo de Brito. As de Lisboa naõ podem aproveitar-se deste beneficio pela mistura, que alli tem com as salgadas do mar.

O Guadiana merece muitas observações, e das mais delicadas, porque se occulta debaixo da terra, como se quizera nascer muitas vezes, segundo a explicaçaõ de Plinio. Os antigos lhe chamáraõ Anna, e nasce de duas lagoas na mancha de Aragaõ,

cor-

corre, e desapparece, torna a descobrir-se rápido, e levando o seu curso por varias Provincias, se mette no mar pela bocca, que forma entre Castro Marim, e Ayamonte. He abundante de pescados, mas as suas aguas saõ pouco saborosas, turvas, e melancolicas. O rio Sado, que Ptolomeo chamou Callipode, vai desaguar na barra de Setuval, àonde fórma hum agradavel porto, abundante de pescarias, de grande commercio de Sal, que carregaõ as Náos estrangeiras.

Ao Mondego chamáraõ Munda, ou Muliadas, e nasce na Serra da Estrella, donde vai banhar a Cidade de Coimbra, e se mette no mar junto á Figueira. Na mesma Serra ha hum Lago profundo, em que se agitaõ tempestades, e diz hum dos nossos Escritores, que isto he huma cousa natural, porque estando a agua muito alta, e sem correr, os ventos, que a ferem, a perturbaõ. Acreditou Vaseo, que estando esta Lagoa doze leguas apartadas do mar, se achava nella destroços de navios naufragados. O Vouga

ga foi chamado Vacua, ou Vacum, que rico com as aguas do Agueda, e de outros rios pequenos, ſe mette no Oceano junto a Aveiro. Os antigos déraõ ao Agueda o nome de Eminium, ou Eminio. O Douro, dito Durias, ou Dorium, que divide a Luſitania de Galliza, naſce na Serra Orbion, volteando para o Poente até ſe engolfar no Oceano pela barra do Porto. Ainda que as ſuas aguas ſaõ pouco agradaveis á viſta por correrem entre ſerras, tem a qualidade de darem cor á lã, conforme diz Claudiano no Panegyrico, que faz a Serena, mulher do General Stilicon.

Pomponio Mella ſe lembrou de dar o nome de Celando ao Leça: Ptolomeo o de Avus ao Ave: Antonino Pio Nebis ao Neiva, que ſe ajunta com o Cadavo, e entra no mar perto de Faõ: Eſtrabaõ Belion ao Lima, que outros diſſeraõ Limia, e Lethes. Depois deſtes tem a Luſitania aos Rios Minho, que diſſeraõ Minium, e entra no mar á viſta de Caminha: O Zezere, que vindo da Serra da Eſ-

trel-

trella, corre, e rompe as correntes do Téjo entre Tancos, e Abrantes: o Alba, ou Albula, que tem o mesmo nascimento, e a morte no Mondego: o Coa, ou Cudà, que nasce perto da Villa de Alfaiates, e se mette no Douro junto a Villa-Nova de Tascoa: o Tavora, Taura, ou Tabra, que depois de nascer em Trancoso, vai acabar no mesmo Douro: o Nabaõ, ou Nabanis, que com corrente branda se perde no Téjo. Os outros Rios de menos consideraçaõ naõ foraõ conhecidos pelos Geografos da antiguidade.

Nella gosáraõ a abundancia dos terrenos, e rios de Lusitania, em que eu tenho fallado, os Póvos Turdetanos, e Curetes, que viviaõ da foz do Guadiano até ao Promontorio Sacro, que hoje dizemos Reino do Algarve, e occupavaõ as Cidades, ou Villas de Myrtilis, agora Mértola; Balça, ou Tavira; Offonoba, antiga, e memoravel povoaçaõ; Fáro, terra dos Curetes; Porto de Anibal, agora Villa de Portimaõ; Lacobriga, hoje La-

Lagos, e outras muitas, que naõ chegáraõ á nossa noticia. Estes Turdetanos do Algarve tinhaõ bellas qualidades, ao contrario dos outros Turdetanos de Andaluzia, que Tito-Livio nota de avareza, e covardia; que por isso tomavaõ a soldo as trópas dos Celtiberos nas occasiões de guerra.

Os Celtas, Naçaõ famosa pelas armas, occupavaõ toda a Provincia do Alem-Téjo, aonde tinhaõ muitas, e numerosas Cidades, Villas, e Lugares, que confinavaõ ao Sul com os Turdetanos, ao Nórte com o Téjo, que os dividia dos Turdulos antigos, ao Oeste com os Barbaros Sarrios, ao Leste com os Vetones. Os Celtiberos, ainda que irmãos nas qualidades, eraõ estranhos aos Celtas Lusitanos. Elles foraõ considerados a força principal da Naçaõ Hespanhola, como mostráraõ quando vencêraõ aos Carthaginezes mandados pelos irmãos de Anibal; quando debaixo das ordens deste Chéfe foraõ os instrumentos da victoria de Cannas; quando em Africa Scipiaõ derrotou aos Numidas, e Carthaginezes,

zes, os Celtiberos se sustentáraõ firmes até a noite, dando tempo aos Generaes Africanos para fugirem: gentilezas, que depois obrigáraõ aos Romanos na guerra de Hespanha a alistarem os Celtiberos debaixo das suas bandeiras.

No Promontorio Barbarico, que tomou o nome dos nossos Barbaros Sarrios, e he o espaço de terra, que vai da Serra da Arrabida, até ao Tejo, agora chamado o Cabo de Espichel; vivia aquella Naçaõ feroz, e bruta, que sendo pouco numerosa, a temeridade lhe deo a reputaçaõ bellicosa, que naõ podia encher a falta de individuos. Elles eraõ os descendentes dos primeiros povoadores da Lusitania, que tambem fizeraõ assento em algumas partes da Beira, e os suppomos a origem dos bravos Herminios, que se estabelecêraõ nas fragosidades da Serra da Estrella. Nenhum Historiador nomeia terreno, que elles habitassem, donde inferimos ser huma gente de casa portatil, costumada ás frugalida-

des, e que naõ alterou a fórma da vida ruſtica dos ſeus primitivos.

Além do Téjo moravaõ os Turdulos, que dizemos Antigos, porque delles deſcendêraõ todos os outros Turdulos, e Turdetanos do Algarve, e Andaluzia. Elles occupavaõ toda a terra do Téjo ao Douro, confinando ao Naſcente com os Herminios da Serra da Eſtrella, ao Poente com o Oceano, ao Nórte com o Douro, ao Sul com o Téjo. Foi huma Naçaõ na ſua origem civilizada, que ſempre ſe governou por Leis eſcritas nos verſos myſteriofos da antiguidade. Por iſſo os Turdulos primitivos viveraõ ſempre em ſociedade nas povoações mais bellas, como eraõ Ulyſipo, Scalabis, Eborobricio, Collipo, Conimbriga, Eurninio, Talabriga, Laconimurgi, e outras muitas a que naõ ſabemos os lugares, nem os nomes. Os ſeus deſcendentes na Betica apuráraõ o esforço de Scipiaõ, que conheceo a difficuldade de render as ſuas Cidades. Nenhuma lhes cuſtou mais fadigas, que a de Iliturgi. O rendimento

de

de Oninge elle o eſtimou tanto como o de Carthagena, e reſpeitou a coragem dos de Aſtapa com igualdade á dos Cantabros, e Numantinos.

Entende-ſe, que os meſmos Turdulos antigos dominavaõ a Beira até ao tempo do Imperador Tiberio, quando entráraõ nella os Póvos Berones, que Eſtrabaõ faz viſinhos dos Celtiberos, dos quaes dizem ſe chamou Beria, e depois Beira. Outros ſentem, que ſe lhe derivára o nome de ſer banhada por muitos rios, e pela cóſta do Oceano, que vai correndo da bocca do Mondego abaixo de Buarcos, até S. Joaõ da Foz do Porto, como que ſe diſſeſſe de toda a Provincia Beira-mar. Nós entendemos, que além dos Turdulos, a habitáraõ outras Nações; porque nas ſuas floreſtas vivêraõ os Sarrios, na Serra da Eſtrella os Herminios, e para o Naſcente da meſma Serra pela Comarca de Caſtello-Branco, e Eſtremadura até ao Téjo, e Riba-Coa os Peſures, que eraõ huns Póvos de que Plinio nos deixou memoria, e que concorrêraõ na óbra da Ponte de Alcantara.

Os

Os Gregos, que primeiro vieraõ á Lusitania, se estabelecêraõ Entre-Douro e Minho. Delles descendêraõ os Interamenses, os Bracaros, os Gaios, Gronios, ou Gravios. Elles foraõ os fundadores das Cidades mais célebres, assim como, Bracara, ou Braga, Porto Gaio, ou o Porto; Forum Limicorum, ou Ponte de Lima; Nebis, ou Neiva; Bretoleum, ou Vianna de Caminha; Cinania, de que naõ ha vestigios junto a Guimarães, e outras muitas. Ultimamente, os Vetones occupavaõ a Estremadura de Castella, que entaõ pertencia á Lusitania, e comprehendia os Póvos Transcudanos na Comarca de Riba-Coa. Estas gentes inventáraõ o remedio da herva Vetonica, que descobriraõ, e delles se lhe deo o nome. Diz Plinio, que com os pós das suas folhas se curavaõ muitas enfermidades; que os Vetones faziaõ della vinho, e que extrahiaõ hum licor olioso, excellente para aclarar a vista, e fortificar o estomago. Elles naõ conheciaõ outra occupaçaõ digna dos homens, senaõ o exercicio das ar-

mas, e quando estavaõ em guerra; punhaõ de parte todos os outros cuidados, entregando ás mulheres a cultura dos campos, e o governo das casas.

Pelo que respeita aos Montes, eu dou o primeiro lugar aos de Monchique neste Algarve, que atravessando-o todo, entraõ por Castella, e vaõ prender a sua cadêa na Serra Morena. Os principaes saõ dous serros fronteiro hum do outro; o que fica ao Levante chamado a Picota, no meio da qual estaõ as Aguas das Caldas; o do lado do Poente, que he muito mais alto, chamaõ a Foia, aonde ha huma fonte muito fria de Veraõ, e muito quente no Inverno. Os Estrangeiros chamaõ a esta Serra o Monte de figo, em razaõ da muita abundancia deste fructo, que he a producçaõ principal do Reino do Algarve, e os Antigos lhe deraõ o nome de Monte-Cico.

Na Provincia de Alem-Téjo entre Evora, e Estremoz fica a Serra de Ossa, que he célebre pela fundaçaõ

dos

dos Eremitas de S. Paulo pelos annos de 1186 da nossa Éra; sendo seu Fundador o memoravel Fernande-Annes, Mestre da Ordem de Aviz. O Monte de Pumares, chamado de Venus pelos Antigos, fica ao Poente perto da Cidade de Evora. O Barbarico he a Serra da Arrabida entre Lisboa, e Setuval. O Herminio menor he a Serra de Marvaõ, aonde diz Plinio, que ha minas de metaes preciosos. O da Lua he a Serra de Sintra, aonde estiveraõ os Templos, que os antigos Idólatras dedicáraõ ao Sol, e Lua. O Herminio maior he a Serra da Estrella, de grandeza notavel entre o Téjo, e o Douro, que criou os bravos homens, em que eu acabei de fallar. O Tagro, ou Sagro he a Serra de Monte-Junto, de Minde, ou de Albardos, que foi celebrada pelos antigos, e he hoje pelas suas minas de azeviche. O Tarpeio he a Serra de Anciaõ conhecida pela aspereza dos seus caminhos. O de Alcoba está dividido em Serra de Besteiros, e Serra de Monte-Muro, cujos moradores na antiguidade se sustentavaõ de

raizes de hervas, e andavaõ nús. O Jurezum he a Serra do Gerez, que começa Entre-Douro e Minho, e se mette por Galliza. Estes saõ os Montes da Lusitania, de que fazem memoria, e lhes daõ os nomes, que entaõ tinhaõ, os Historiadores antigos, ainda que nella hajaõ outros muitos, como sabem os Geografos.

CAPITULO VI.

Artes, e Sciencias dos Lusitanos na antiguidade, e Disciplinas que aprenderaõ das Nações Estrangeiras.

DEPOIS da Época do Diluvio a Idolatria introduzio no Mundo a ignorancia, que se fez familiar ás Nações derivadas dos Artifices da Torre de Babylonia. Ella, com progressos rápidos, infestou as Regiões Orientaes, e as Occidentaes estiveraõ isentas daquella vulgar abominaçaõ por muito tempo. A grande distancia entre a Lusitania, e o berço da Idolatria, a difficuldade

da

da communicaçaõ com os Eſtrangeiros, foraõ as cauſas de vir o mal com paſſos vagaroſos communicar-ſe aos Luſitanos. Por iſſo em quanto á Religiaõ, nós entendemos, que até o Anno do Mundo 2500, antes de Jeſu Chriſto 1500, elles creiaõ a Unidade de Deos inviſivel, a immortalidade da alma, e todos os mais Elementos da Religiaõ primitiva dos homens, que ſe lhes haviaõ communicado dos netos de Noé antes da corrupçaõ das gentes. Sentimentos illuſtres, que formaõ o fundo da honra, e humanidade Luſitanas.

Naturalmente provinha do conhecimento deſtas verdades, que os noſſos primeiros homens viveſſem em ſocego profundo, com pureza de coſtumes, em trato civíl, com acções moraes, dados á Filoſofia: eſpecialmente os Turdulos antigos, que dizem ſe governavaõ por Magiſtrados compoſtos de homens excellentes, que tinhaõ Leis antigas, e elles huma equidade natural, até a vinda dos Fenicios, e Carthaginezes, que os corrompêraõ;

naõ

naõ ſendo juſto que nós attribuamos eſta ſua infelicidade ao Idólatra Geriaõ, Rei intruſo da Luſitania nas opiniões vulgares, quando o ſeu Reinado foi huma fabula. He verdade, que em muitos daquelles Luſitanos os ſentimentos da politica moral, e civíl eſtavaõ como huma potencia difficultoſa de ſe reduzir a actos. Muitos delles eraõ homens, que viviaõ com as féras, vagos, brutos, ferozes, incapazes de dar uſo ás Artes, e Sciencias, que entaõ já floreciaõ por outras Nações da terra. Ao contrario, os que viviaõ em ſociedade, com abundancia, e ſocego, que movem a curioſidade ás applicações; elles ſe lembrariaõ, ao menos pelo beneficio da tradiçaõ, que antes do Diluvio tinhaõ havido homens, que cuidáraõ em ſe veſtir, ainda que foſſe de pelles; que uſáraõ a Agricultura; que fundáraõ povoações; que fabricáraõ o ferro; que ſe ſerviraõ da lã, e do linho; que ajuſtáraõ o concerto da Muſica, e exercitáraõ outras Artes, que víraõ Noé, e ſeus filhos, em que naõ poderiaõ deixar

de

de instruir os seus descendentes, e naõ se faz crivel, que se descuidassem de os imitar para o fim das suas mesmas commodidades.

A razaõ nos persuade, que nós hajamos de attribuir aos Lusitanos primitivos conhecimentos mecanicos imperfeitos, que com o tempo se foraõ aperfeiçoando. Nós temos próvas, de que elles eraõ caçadores, e devemos capacitar-nos, que inventavaõ os instrumentos de colher as féras. Dizem-nos, que elles buscavaõ as margens dos rios para se aproveitarem da abundancia do seu peixe, e somos obrigados a crêr, que faziaõ as artes para o pescar. Só dos Barbaros Sarrios nos consta, que viviaõ do leite dos animaes, e dos fructos silvestres, e dos outros se assegura, que elles se alimentavaõ com as producções da industria, e naõ podiaõ deixar de haver entre elles Ceres, Isis, e Triptolemos agricultores. Até a vinda das Nações estrangeiras, como viviaõ em summa paz huns com os outros, pouco conhecimento teriaõ da Arte da guerra;

mas

mas ſendo continuamente atacados pe-
la quantidade de féras, que ſe criavaõ
nos boſques immenſos inhabitados, a
neceſſidade os havia conſtranger a in-
ventar repáros para defender-ſe.

Elles uſavaõ a Muſica, cantando
as ſuas Leis em verſo, como o prati-
cavaõ os Turdetanos, que tiveraõ co-
nhecimento da Poeſia, e de outras Ar-
tes, em que tambem entraría a Fi-
loſofia, a Ethica, as Memorias da ſua
Naçaõ, os conhecimentos dos primei-
ros homens; porque nos aſſeguraõ,
que elles guardavaõ livros de antigui-
dade veneravel. Da meſma sórte ſabe-
mos, que elles fundaraõ povoaçóes,
caſas, e domicilios, final evidente de
que ſabiaõ Arquitectura, ainda que foſ-
ſe groſſeira, humilde, ſem os proſ-
pectos, e proporçóes, que daõ áquel-
la Arte formoſura, e magnificencia.
Nós ignoramos ſe elles eſcreveriaõ por
ordem alfabetica, que exprimiſſe bem
o ſom da pronuncia; mas de Monu-
mentos antigos conſta, que formavaõ
huns caracteres ſoltos, e tambem uſa-
riaõ de geroglificos, ou imagens ſym-
bo-

bolícas, que fossem expressivas das intenções do animo, ou fizessem explicar as figuras da idéa. Assim devemos *nós* suppor aos Lusitanos, este o estado da sua instrucçaõ até á entrada dos Fenicios, que em Hespanha, e Lusitania alteráraõ toda a ordem da Religiaõ, da politica, das applicações dos nossos primitivos pelos annos do Mundo 2500.

Com a vinda daquelles Asiaticos bem instruidos ao nosso continente, principiou elle a ser o mais bem cultivado da Europa na Época, em que ella se sentia menos bem illuminada: Os Fenicios lançáraõ os fundamentos entre nós para o edificio, e casa da sabedoria, que os Carthaginezes avançáraõ, e políraõ os Romanos. Narraçaõ breve, mas util, que eu devo offerecer aos Leitores da minha Historia, aonde eu já referi a origem dos Fenicios, a sua vinda, e successos em Hespanha, nos quaes agora darei principio á origem, e progressos das sciencias entre os Lusitanos.

Nós

Nós temos fundamentos para suppor as viagens dos Tyrios a Hespanha no governo de Josué; a sua fundaçaõ de Cadiz, e mais terras em Andaluzia pélos annos do Mundo 2600; e que o muito ouro, e prata, que elles levavaõ das nossas minas para ornato do Templo de Salomaõ, que foi construido pelos annos de 2990, anuncia hum comercio antigo entre Hespanhoes, e Fenicios pelos mares Mediterraneo, e Oceano. O trato diuturno desta Naçaõ civilisada com os moradores das nossas terras; o seu estabelecimento em Andaluzia, taõ perto de Lusitania, e ella povoada dos mesmos Turdetanos ascendentes dos Andaluzes; tudo nos dá huns indicios bem provaveis, de que nós fomos participantes da sua cultura.

Ao mesmo tempo que nós asseguramos naõ haver Provincia alguma na Europa, que possa disputar comnosco ter com os Fenicios trato taõ frequente, e taõ longo como nós; tambem com ingenuidade confessamos naõ sabermos, que Artes, e Sciencias apren-

aprendemos delles. Em quanto á Religiaõ, e Governo; Lusitanos, e Andaluzes se conduzíraõ com differença. No Governo nada alteráraõ dos primeiros estabelecimentos, que foraõ os mesmos em todo o tempo dos Carthaginezes, e Romanos. Na Religiaõ porém houve alteraçaõ lastimosa; ou os nossos Antigos até entaõ conhecessem a hum só Deos, ou conservassem as reliquias do Barbarismo, que sustentou o seu vigor até Noé, e se durou até a introducçaõ da Idolatria foi com espirito languido. Porque na primeira crença eraõ felices; e o Barbarismo mal muito menor, que a Idolatria com que elles infestáraõ os nossos Póvos; ficando bem contrapezada a introducçaõ da civilidade, e do conhecimento das Artes com a derrota da nossa candura, com as doutrinas da simualaçaõ, arteficio, em que os Fenicios eraõ os primeiros Sábios.

Egypcios, e Fenicios pelas Colonias, que trouxêraõ á Grecia, fizeraõ Idolotra a Europa toda. Os segundos derramáraõ o veneno em Andaluzia, que

que com curſo veloz infecionou toda Heſpanha em breve tempo. Elles pozeraõ na noſſa face abertos os Livros da Genealogia dos Deoſes maiores; e o Polyteiſmo, até entaõ ignorado das noſſas gentes, foi nelles eſtudado a fundo, e geralmente abraçado, apagada com a luz da razaõ a crença primitiva, de que a penas ficáraõ alguns reſtos para brotar virtudes imperfeitas. Ceremonias, libações, ſacrificios novos, huma ſuperſtiçaõ geral eſcureceo as idéas eſcaſſas da razaõ natural, extinguio nos Luſitanos a ſimplicidade groſſeira do ſeu Culto, que ſendo groſſeiro, era ſimplez.

Do meſmo modo participariaõ elles das Sciencias, e Artes dos introduzidos Meſtres, que naõ duvidariaõ communicallas a humas gentes com quem vinhaõ fazer ſociedade. Em nós ſabendo quaes foſſem aquellas, em que os Fenicios eſtavaõ inſtruidos, eſſas meſmas podemos capacitar-nos, que às aprendêraõ os Turdetanos, e dellas nos deixou noticia Eſtrabaõ. Elle diz, que os Fenicios tinhaõ muitas luzes

da

da Arithmetica, e Aſtronomia, ambas as faculdades bem neceſſarias a huns homens, que eraõ os primeiros Nauticos, e Commerciantes. Tingir de purpura foi invençaõ dos Tyrios, e o meſmo podemos dizer da Arquitectura naval, tendo taõ groſſas Armadas; da civíl, ſendo mageſtoſos os ſeus Templos; da militar, fortificando elles tantas Praças. Entre elles houveraõ Filoſofos da maior antiguidade, que precedêraõ á guerra de Troia, e illuſtráraõ a Theogonia, ou geraçaõ dos Deoſes, fonte de varias Artes, e Sciencias; deraõ noticia da criaçaõ do Mundo, origem de ponderações admiraveis; illumináraõ a Fyſica, farol que guia os homens para entrarem pelos arcanos da Natureza; ſendo os primeiros, e mais antigos, que derramáraõ em Tyro eſtas luzes Sanchoniaton, e Moſcho, Filoſofos excellentes.

Todas eſtas, e outras Artes, e Sciencias, que os Fenicios trouxeraõ a Heſpanha, he natural as aprendeſſem delles os noſſos Turdetanos, que com el-

elles tiveraõ tanta familiaridade. Desde entaõ principiáraõ elles a escrever por Alfabeto proprio; porque depois se acháraõ Inscripções Turdetanas, e Celticas com caracteres, que naõ eraõ Fenicios, Gregos, Carthaginezes, nem Romanos, antes faltos de semelhança com os de todas as linguas conhecidas, como entre outros Authores, vemos na nossa Monarquia Lusitana. Nós bem sabemos quanto parece difficultoso, que huns homens taõ rusticos, e salvagens como entaõ eraõ os Lusitanos, elles houvessem de ser inventores da Arte delicadissima de escrever, que alguns bem illuminados a excluem das invenções humanas, e assentaõ, que ella foi revelada por Deos aos Santos Patriarcas. Com tudo, nós diremos, que conservando-se della algumas das primeiras idéas, ainda que apagadas, e pouco vivas naõ he impossivel a huma imaginaçaõ penetrante fazer reviver as imagens mortas, que se saõ cadaveres, estaõ sepultados na memoria, donde pódem sahir, ainda que ligados, e com máo cheiro, para

o

o tempo os desatar, e dar-lhes suavidade. Deste meu modo de discorrer talvez nascesse o proverbio, que diz ser facil accrescentar alguma cousa mais aos inventos precedentes. E como os Lusitanos vírao a invençaõ do Alfabeto Fenício, formarem elles outro Alfabeto Turdetano foi o mesmo, que avançar o invento.

Sem nós nos embaraçar-mos na pertençaõ de mostrar aos nossos primitivos occupados na investigaçaõ das Sciencias sublimes, e especulativas, que difficultosamente poderiaõ conservar huns homens barbaros, de espirito grosseiro, pela maior parte vagamundos, empregados em exercicios mecanicos, tudo obstaculos para serem avançados aquelles generos de sciencia. Em quanto ao Alfabeto, e modo de escrever, ao mesmo tempo que naõ nos consta, que esta Arte fosse anterior a Abrahaõ, nem ainda a Moysés, nós sabemos, que os seus inventores foraõ os Fenicios, e Egypcios. Os primeiros a trouxeraõ a Hespanha, e com ella Leis escritas, das quaes forma-

mariaõ as ſuas os Turdetanos, e entaõ comporiaõ os muitos Livros, de que Eſtrabaõ os faz Authores, ainda que nós ignoremos as materias, que elles continhaõ. Aos meſmos Fenicios, ou aos Gregos ſeus diſcipulos ſaõ devedores da communicaçaõ deſta Arte todos os Póvos Occidentaes da Europa; devendo todos eſcuſar-ſe da vaidade injuſta de a levarem até a Época do Diluvio, quando naõ conſta que ella ſe uſaſſe no tempo da diſperſaõ dos netos de Noé, para que elles a foſſem ſemiando pelo mundo nas ſuas perigrinações.

Ella he huma conjectura bem natural fundada na Hiſtoria Antiga, que os Fenicios vindo a Cadiz, e eſtabelecendo-ſe na Betica, comunicáraõ nella as ſuas Artes, e Sciencias, donde paſſáraõ logo para a Luſitania, huma, e outra Provincia habitadas de Turdetanos, que as participáraõ ás Colonias Celticas. Eſtas gentes era huma Naçaõ de tempo immemorial eſtabelecida nas Gallias, donde ſem duvida paſſáraõ a Heſpanha, e Luſitania, ſem que ſe ſai-

ſaiba o ponto chronologico da Época deſta paſſagem. A propagaçaõ monſtruoſa dos Celtas, a grande extençaõ de terreno, que occupavaõ, foraõ as cauſas dos Authores antigos darem o nome de Celtiberia a toda a Naçaõ em geral, e de Plinio chamar Celtiberia a toda Heſpanha. Como elles por tantas partes confinavaõ comnoſco, foi-lhes facil receber os noſſos coſtumes, e communicarnos os ſeus. He provavel, que elles introduſiſſem em Heſpanha as doutrinas dos Druidas, que eraõ os Filoſofos das Gallias, eſpecialmente as da immortalidade, e tranſmigraçaõ das almas. Elles, naõ ſó nos fariaõ participantes do ſeu goſto particular nas ſciencias; mas da ſua Religiaõ, governo, e coſtumes, como nós penſamos com ſolidos fundamentos. Por outra parte temos o teſtemunho de Plinio, que nos propoem aos Celtas Beturios com lingua propria, ſacrificios, e nomes naõ conhecidos dos Andaluzes com quem elles viviaõ. Donde ſe infere com evidencia, que ſe os Heſpanhoes communicáraõ muitos dos

ſeus uſos, e coſtumes aos Celtas, que os Celtas participáraõ os ſeus aos Heſpanhoes; mas de modo, que cada huma das Nações ficou conſervando o ſeu caracter proprio.

Na Gallia tinhaõ os Filoſofos grande authoridade no governo. Naõ nos conſta ſuccedeſſe entre nós o meſmo aos Filoſofos Celtas. Nem ainda para as expedições bellicas elles ſe ſobmettiaõ a hum ſó Chéfe, como ſe practicava na Gallia; e por iſſo os Heſpanhoes, mais bem inſtruidos pelos Fenicios, naõ os deixavaõ uſar dos artefícios, que aprendêraõ dos Druidas para extenderem inſenſivelmente a ſua authoridade com capa de Religiaõ, e de Governo. Nós abominavamos os ſeus Sacrificios ſanguinarios, naõ ſó uſados por elles; mas pelos Fenicios, e Carthaginezes; e ſe os Luſitanos cada anno offereciaõ immolados hum moço, e huma virgem aos Deoſes do mar, iſſo mais foi hum effeito da preoccupaçaõ, e das ſugeſtões, que inclinaçaõ, e genio particular da Naçaõ para eſtes ſacrificios de crueldade. Ainda

ha

ha quem diga, que elles, ao contrario dos Celtas, naõ ſacrificavaõ os ſeus nacionaes innocentes; mas os priſioneiros de guerra, que elles entendiaõ, ſegundo o Direito público das mais Nações naquelle tempo, ter ſobre as ſuas peſſoas hum dominio deſpotico.

Em quanto ás Sciencias, a Filoſofia dos noſſos Celtas era corajoſa, magnanima, e jovial. Delles recebêraõ os Luſitanos o deſpreſo generoſo da morte, talvez que depois de capacitados pelas ſuas doutrinas da immortalidade da alma, que paſſava de huma vida miſeravel a gozar outra feliz, perdendo-a com gloria nos combates. Bem podia naſcer daqui o coſtume de muitos dos noſſos Luſitanos, eſpecialmente os Vetones, que entravaõ nelles cantando, como ſe já entoaſſem contra os inimigos a victoria, quando marchavàõ a atacar o conflicto. A imitaçaõ dos ſeus Bardas, que eraõ Muſicos, e Poetas, nós os levavamos nos exercitos, e aos dos Celtas excediaõ incomparavelmense os noſſos Turdetanos, que tiveraõ melhores Meſtres nos

Fenícios. Elles cantavaõ em tom rithmico a sua Jurisprudencia, os louvores dos seus homens bons, ao contrario dos Celtas, que se entranhavaõ mais vivamente pela harmonia, e consonancia as idéas juglares, da lisonja, da avareza. O canto Celtico em verso concebia-o o entendimento, e o vento o levava: O dos Turdetanos sahia pela bocca, e permanecia nos escritos, que naõ sabiaõ lavrar os Celtas.

A diuturnidade dos Seculos naõ nos deixou saber, que qualidades de sciencias nos podessem communicar os Celtas. Sim disse hum Escritor nosso, que as suas disciplinas formáraõ os nossos Magistrados de homens bons Filosofos, dotados de equidade, e virtudes, que tinhaõ disputas públicas em materias Fysicas, Theologicas, e Moraes. Nós ignoramos, que Tribunaes fossem estes; que Moral; que Theologia, e que Fysica se tratassem nelles. Vestigio algum nos deixáraõ os Antigos destes estabelecimentos, e applicações, que só servem para espiritos fofos, que querem honrar a Patria com

com venerabilidades quimericas para ſervirem de irriſaõ aos criticos judicioſos.

CAPITULO VII.

Continua-ſe a meſma materia do Capitulo precedente.

NA idéa de Authores pouco eſcrupuloſos nós naõ devemos obrigaçaõ tamanha a alguma das outras Nações, como á dos Gregos. Elles nos moſtraõ quaſi deſpovoarem-ſe, para vir a eſte Continente ſer noſſos Meſtres as Regiões da Grecia, trazendo na téſta os ſeus Principes mais famoſos. Licurgo, Homero, Ulyſſes, Diomedes, Teucro, e outros que já vimos no Prefacio deſta Hiſtoria, marchaõ com os Focenſes, Dorios, Carios, Lacedemonios, Arcadios, Zacynthos, Athenienſes, Curetes, e Rhodios a encher Luſitania de diſciplinas Moraes, Civis, e Militares, ſe foſſe certo terem vindo a ella todos aquelles Heróes. Naõ houve Grego, que metteſſe o pé no

mar, que de hum salto naõ desembarcasse nas nossas côstas, e naõ trouxesse comsigo todos os Monumentos de erudiçaõ da Grecia para plantar nas arêas das nossas praias. Nós naõ necessitavamos entaõ destes hospedes para nos civilizarem; porque mais antigos, que elles haviaõ sido nossos Professores os Fenicios, e os Celtas. Ás Colonias, que com effeito se estabelecêraõ entre nós, faremos a justiça de confessar os rudimentos, que aprendemos dellas.

As primeiras Artes, que dizem nos ensináraõ os Gregos, além dos Ritos abominaveis da sua Idolatria, foraõ torcer cordas, fazer empreitas, que servem para capachos, e alcofas, usar das atafonas, moinhos, e dar valor á moeda. O sabio Gouguette diz que os moinhos, sejaõ elles de vento, ou de agua, saõ invençoes, que os Gregos já mais conhecêraõ. A antiguidade he muito escura para nos deixar ver com distinçaõ estas miudezas; e o mesmo que pensa Gouguette a respeito dos moinhos, podemos nós sentir de tudo o mais, excepto os cultos Idolatras.

Pa-

Para se formar juizo da cultura, que introduziriaõ os Gregos pelos tempos mais posteriores em varias partes de Hespanha, e de que naõ foi taõ participante a Lusitania; faremos hum resumo de qual era o gosto daquella Naçaõ para as Sciencias, e Artes. He sabido, que depois da guerra de Troia, os Dorios, Eolos, e Jonios passáraõ á Asia menor, deraõ nome aos tres Dialectos memoraveis da lingua Grega, distintos do Attico, e que estes Gregos Asiaticos se illumináraõ antes que os Europeos. Naquellas Colonias principiáraõ a brotar as primeiras plantas das Artes, e Sciencias, que depois fizeraõ a Grecia fecunda em sabedoria sobre todos os outros póvos. Ella foi o Seminario de Filosofos brilhantes, de Poetas luminosos, de Historiadores excellentes. Como os Gregos se deixáraõ dominar do espirito de commercio, elles se fizeraõ activos, e industriosos. A sua marinha era muito imperfeita; pouco habeis na Astronomia para o uso da navegaçaõ, e por isso

naõ

naõ foraõ longas, nem muito apartadas da terra as suas viagens.

Em tempo de Hisiodo, com progressos rápidos, começáraõ as Sciencias a mostrar-se na Grecia. No de Lycurgo, e Solon floreceo a Oratoria, e Filosofia. A Arquitectura Jonica, e Dorica, mais antiga que a Corinthia, os Gregos a trouxeraõ da Asia. Pelos mesmos tempos conhecêraõ a Pintura, e Esculturа. Pouco depois das Olympiadas, quando já reinava o gosto da Filosofia, vieraõ elles a Hespanha. Ainda para ella naõ tinhaõ Mestres, nem Escólas públicas; mas os genios inventores suppriaõ com a reflexaõ a falta das disciplinas, e por meio das viagens investigavaõ os segredos da Natureza as tradições, e systemas dos Egypcios, e Asiaticos. Para a Poesia lhes serviaõ de exemplares Hesiodo, e Homero. A medicina fez muitos progressos até ao tempo de Hypocrates. Até ao de Thales foi a Fysica imperfeita. Elle, e Pythagoras lhe ajuntáraõ as abstracções mathematicas. Depois de Democrito conhecêraõ

raõ melhor a natureza, e o movimento dos corpos Celeſtes. Em fim, á proporçaõ das ſuas viagens os Gregos avançavaõ a Geografia; mas elles tiveraõ huma ignorancia total dos Paizes remotos, logo que ſe eſquecêraõ das noticias com que os Fenicios os inſtruíraõ.

Corriaõ os Annos do Mundo 3400, quando os Gregos principiáraõ a ſer viſtos nas noſſas praias com ſemblante de Colonos, naõ já de viajantes vagos, como o faziaõ hum Seculo antes. Os Focenſes, aſſim chamados de Focea Cidade da Jonia na Aſia menor, elles ſem dúvida ſaõ os que entre nós fundáraõ Colonias reſpeitaveis, e que nas de Heſpanha eſpecialmente fizeraõ commúas as ſuas doutrinas nas Regiões, que menos haviaõ participado das dos Fenicios, e dos Celtas. Nós podemos ſuppor, que algumas das gentes de Heſpanha, como os Turdetanos, havendo recebido deſtas Nações luzes de algumas Sciencias, as teriaõ communicado a toda a Peninſula, e que com o trato dos Gregos, ſe avançariaõ no

co-

conhecimento das faculdades, de que já tinhaõ as primeiras tinturas, e aprenderiaõ delles outras de novo. Deixemos pois aos investigadores Hespanhoes a averiguaçaõ das Artes, e Sciencias novas, que elles aprenderiaõ dos Gregos. Se souberaõ Rhetorica, Historia, Filosofia, Pintura, e Escultura. Se formáraõ algum corpo methodico dos apontamentos soltos, com que elles organizariaõ os seus Annaes, Leis, e Poemas, e vejamos as vantagens, que delles tirou a Lusitania.

Muitos Escritores, em que entra o nosso Brito, e que seguíraõ a Estrabaõ, se persuadem, que a Religiaõ, e costumes dos Gregos se communicáraõ aos Lusitanos. Que á sua imitaçaõ, elles se abandonavaõ aos sacrificios, e aos agouros. Que pelas entranhas dos animaes adevinhavaõ, e sacrificavaõ a Marte. Que contrahiaõ os matrimonios ao uso Grego; praticavaõ as Hecatombes, ou holocaustos de cem victimas; e que semelhantes aos Athletas, celebravaõ certames Gymnicos. Tudo sem disputa originariamente

te Grego. He muito para reparar, que Estrabaõ reconheça aos Povos Septentrionaes de Hespanha, taõ distantes dos Gregos, participantes das suas doutrinas, e estylos; e aos Meridionoes, em que entra Lusitania, aonde elles tinhaõ tantas Colonias por toda a cósta do Algarve até Galliza, os persuada inficionados dos seus vicios, e erros. Nós naõ cremos, que os Gregos cultivassem os campos apartados, e que elles produzissem bons frutos; que os mais chegados os deixassem incultos, e elles brotassem espinhos.

Este meu modo de discorrer he unicamente dar resposta aos sectarios de Estrabaõ. Que em quanto á verdade historica, digo, que as Colonias Gregas nas nossas cóstas, especialmente a de Ulysses em Lisboa, e a de Diomedes no Minho, isso he huma fabula; e nós naõ vimos taes Gregos nas nossas terras, além de alguns poucos navegantes, que vinhaõ, e voltavaõ commerciando das suas Colonias da Gallia, e Hespanha até Tarteso, donde elles nunca passáraõ para se estabele-

le-

lecerem em Lusitania. Eu o deixo assim provado no Prefacio á Historia com reflexões sólidas, que parecem evidentes. Donde devemos inferir, que os Lusitanos, nem virtudes, nem vicios aprendêraõ dos Gregos, e que se chegáraõ a elles algumas das suas disciplinas, sería pelo trato sem muita frequencia com esses Commerciantes, ou pela communicaçaõ com os Turdetanos Andaluzes, que tinhaõ em casa aos Gregos.

Ao contrario naõ duvidamos, que a Gentilidade Lusitana, dominada de hum valor vantajoso ao dos mais Póvos de Hespanha, ella imitasse a corage dos Athletas em jogos barbaros, quando para isso bastava venerar hum Deos Tutelar da guerra. Que o seu agouro se contrahisse ao mysterio dos números, e seguisse o de Cem nas Hecatombes, que naõ só consagravaõ á Deosa Hecate, ou Proserpina; mas as usavaõ na morte das grandes personagens, já de animaes como sacrificio, já de homens para lhes fazerem companhia, e as servirem na outra vida.

Es-

Estes, e outros costumes introduzíraõ na Lusitania os Fenicios, e os Celtas; e como elles em muitas circunstancias se pareciaõ com os da Grecia, foi o que bastou para os sentenciarem usos communicados por elles aos Lusitanos, que já mais vivêraõ de portas a dentro com os Gregos.

Ora este credito da nossa instrucçaõ mais polida, que eu nego a recebesse Lusitania dos Gregos antigos; de justiça o devo confessar, e ceder aos Carthaginezes, que tres Seculos e meio foraõ nossos Mestres, e Dominantes. Carthago, competidora formidavel da gloria, e da fortuna de Roma, sugeitou os mares ao seu Imperio; poz o jugo a varias Nações, e a mais gloriosa das suas conquistas foi a de Lusitania com muita parte de Hespanha. Carthaginezes, e Romanos, duas Nações guerreiras, civilizadas, e bem instruidas, disputando nos nossos campos precedencia, ou antes o Principado do Universo, impossivel era deixarem de nos polir na Arte militar, e á proporçaõ em outras mui-

muitas Artes, e Sciencias. Nós, já entaõ embriagados com o sabor das gentilezas marciaes, naõ nos fizemos espectadores simplices de huma das scenas mais vistosas, que até entaõ se representára no Mundo. Os nossos juizos, os nossos braços, as nossas riquezas foraõ agentes activos, que cooperáraõ para a grande revoluçaõ dos dous Póvos mais respeitaveis da terra, que á nossa vista descobríraõ as qualidades da destreza, do valor, de dexteridade, das Artes, das intrigas, das Sciencias, de todas as disciplinas, que haviaõ levar ao fim hum projecto taõ glorioso, e taõ vasto.

Eu bem sei que naquelles Seculos Roma civilizada, ainda naõ merecia a denominaçaõ de sábia, e que foi muito posterior a sua Época brilhante do bom gosto da Litteratura: Que a Grecia, ainda com liberdade, naõ transferira o Licêo para Italia: Que só Carthaginezes eraõ agora o assumpto dos Escritores das Nações; mas que estes occupados dos estrondos bellicos, se entretinhaõ menos em propôr idéas

scien-

ſcientificas, que em perſuadir ao mar gemendo com o pezo das Armadas de Carthago; tremendo a terra ao romperem a marcha os exercitos de Roma; já fatigados de dar tom de magnificencia ás acções grandes; já ſuſpenſos na rapidez de conquiſtas ruidoſas: já atonitos com o eſtrepito de batalhas honradas. Tudo era horror, eſpanto, confuſaõ, do meio da qual eu deſejo extrair luminoſa a inſtrucçaõ com que os Luſitanos principiáraõ a ſe fazer brilhantes; accendendo-ſe luminarias, que eſperavaõ as veſperas da felicidade do Ceſar Auguſto.

Nas Artes liberaes, e mecanicas naõ podiaõ deixar de ſer bem inſtruidoſos Carthaginezes, quando a navegaçaõ, e o comercio era a ſua principal occupaçaõ. O clima da Africa naõ lhes embotava engenhos, antes ao contrario ſabemos, que della ſahíraõ os mais eminentes. Elles na ſua origem trouxeraõ no eſpirito as delicadezas adquiridas da ſabia Tyro ſua Patria, que ſe communicaría com a Dabir de Judéa, que Joſué fundára Cidade das

Letras na Palestina. Os Carthaginezes he natural, que herdassem dos Fenicios seus progenitores o bom gosto da Litteratura, como se próva pelas numerosas Livrarias, que os Romanos achárao em Carthago, quando a rendêrao. Quem guarda Livros estima as Sciencias; e porque Carthago as estimava, tinha Escólas, aonde hiao estudar Principes, e hum delles foi Massinissa. Já eu fiz memoria de vinte e oito volumes de Agricultura, que escreveo o grande Magon, e dos dous Periplos, ou Relações das viagens de Hannon, e Himilcon. Ainda que o genio da Naçao se inclinava mais á utilidade, que ao gosto, e por isso estimava muito a Agricultura, a Navegaçao, o Commercio, as Artes mecanicas; ella nao ignorou as Bellas-Letras, e a Eloquencia Grega.

A Arquitectura militar, e naval de Carthago se via nas suas Armadas, em si mesma, e no seu célebre porto de Cothon, que ella fortificára. Hum sabio Francez diz, que os Estrangeiros se sorprendiao á primeira vista de

Car-

Carthago. Que a grandeza dos ſeus Arſenaes, e Armazens, o apparato da ſua Marinha, a quantidade dos ſeus portos, o prolongado da ſua circunferencia, a fortaleza dos ſeus muros, a magnificencia dos ſeus Templos, outros objectos immenſos, que de hum golpe ſe repreſentavaõ juntos, imprimiaõ as imagens mais nobres da grandeza, e do poder. Que o cultivo dos ſeus valles agradaveis, povoados de Lavradores; os campos cobertos de gados, de arvoredos de toda a eſpecie, e de edificios ſoberbos, inculcavaõ bem o polimento da gente, que alli dominava. Nas figuras dos Deoſes Petacos, com que os Carthaginezes ornavaõ as ſuas Galez, e navios, perſuadiaõ naõ ſer ignorantes da Pintura, e Eſcultura. Naõ ſabemos ſe elles eſtimavaõ tanto a Poeſia como as peças daquellas duas Artes, que elles guardavaõ dos deſpojos dos vencidos por teſtemunho do ſeu apreço.

Com mais, ou menos intervallos de duraçaõ floreceo na República guerreira a Filoſofia, a Medicina, a

çaõ effectiva. O memoravel Porto de Anibal; outras Colonias suas nos nossos terrenos; tantos negocios, que com elles fizemos communs; huma frequencia mutua de quasi quatro Seculos; tudo dá motivo para naõ duvidar-mos, que as disciplinas dos Carthaginezes se communicáraõ aos Lusitanos; ellas estimaveis, ainda que naõ taõ luminosas, como depois as dos Romanos.

As nossas riquezas monstruosas; a fertilidade summa do nosso Continente em frutos, e plantas; generos infinitos para muitos ramos de Commercio; minas de ouro, e prata; todas estas cousas concurrentes para a oppulencia de Carthago: ella naõ se contentou só com o nosso trafego; aspirou ao dominio. Anibal sugeitou os melhores terrenos de Hespanha, e Lusitania; a Peninsula toda estava guardada para conquista dos Romanos. O Porto de Anibal era a escalla das embarcações Carthaginezas, e o Emporio do seu commercio com Lusitania, aonde elles tinhaõ Magistrados, e Suf-

fe-

fetes como em Carthago; Religiaõ, e Templos á femelhança dos feus. Juftamente podemos crer, que a efta imitaçaõ, á do valor, e da guerra, da Agricultura, e do commercio, os Lufitanos tambem imitariaõ as outras Sciencias, e Artes dos Carthaginezes. Em outra alguma, como na da guerra, os Lufitanos foraõ feus generofos imitadores. Nós o vimos nefta Hiftoria, fervindo elles debaixo das fuas bandeiras, e das dos Romanos.

De fua natureza eraõ guerreiros os Lufitanos, já antes deftros, agora eminentes no manejo dos cavallos, taõ celebrados por iffo dos Authores antigos, que o exceffo da fua inclinaçaõ fez nafcer a fabula, de que as eguas da Lufitania pariaõ do vento. A noffa Infantaria ainda era muito mais forte, e as armas de que entaõ nos ferviamos, e levamos com Anibal a Italia, merecêraõ as attenções da antiguidade. Naõ fó aprendêraõ os Lufitanos dos Carthaginezes a conftancia na guerra, mas os excedêraõ nella, fendo o exercicio continuo de huma vida frugal

gal quem lhes dava a agilidade, e desſtreza, ou o vigor do animo, e robuſtez dos corpos, que Juſtino admira nelles. Eſta conſtituiçaõ de homens junta á diſciplina, que adquiriraõ na guerra, primeiro contra, logo a favor dos Carthaginezes, era a cauſa dos Luſitanos naõ contarem os ſeus exercitos pelo número, e do ſeu valor, unido ás Artes, diſputar dous Seculos contra todo o poder de Roma, e contra os ſeus Heróes mais affamados a primazia na gentileza das armas. As ſuas meſmas façanhas, que eu acabei de referir obradas contra Roma, daõ a idéa mais ſublime, e evidente da ſciencia militar, e do eſpirito induſtrioſo dos Luſitanos, depois que frequentáraõ as Aulas de Carthago tres Seculos e meio. Finalmente, aſſim analyzada a ſciencia dos Luſitanos durante o dominio dos Carthaginezes, na diſciplina militar, na Nautica, na Arquitectura, no Commercio, na Agricultura, nas mais Artes em que aquelles ſeus Chéfes eraõ peritos, ſem mancharem a candura da ſua ſinceridade com a aſtucia intereſſan-

ſante, e fraudulenta dos Carthaginezes: Nós vamos a moſtrallos outros homens muito mais polidos na ſugeiçaõ dos Romanos, quando o bom goſto das applicações, ſahindo da Grecia rendida ás ſuas armas, occupava os ambitos do ſeu Imperio.

CAPITULO VIII.

Trata-ſe a meſma materia, e da inſtrucçaõ que a Luſitania recebeo pela communicaçaõ com os Romanos.

HESPANHA, que da antiguidade mais remota ſempre foi celebre, e feliz pela ſua ſituaçaõ vantajoſa, rodeada de ambos os mares Oceano, e Mediterraneo; pela benignidade do ſeu Clima na Zona temperada; pelo engenho dos ſeus moradores dotados de eſpirito igualmente delicado, que intrepido; pela abundancia enorme das ſuas riquezas de ouro, prata, animaes, fructos, e generos. Ella deſpertou a inveja, a emulaçaõ, a avareza, a ambiçaõ das Nações, humas para

ra a desfrutarem commerciando, outras para a dominarem combatendo. Huma, e outra cousa temos nós visto nesta Historia a respeito dos Póvos mais fortes, civilizados, e bem instruidos da antiguidade, quaes foraõ os Fenicios, os Celtas, os Gregos, os Carthaginezes, e agora o vamos a ver nos Romanos, que a domináraõ toda, quando os outros a tinhaõ possuido por partes. Estas Nações contribuíraõ muito para nós depormos o ar barbaro, que respiravamos desde a nossa origem; mas a instrucçaõ nos custou taõ caro, que nós démos por ella a liberdade, e as riquezas.

Eu bem sei, que neste cambio houvéraõ suas proporções; porque o dominio dos Fenicios naõ passou da Betica, e ella foi a que lhes remunerou a cultura, que recebeo. Os Celtas menos delicados nas Sciencias, se nellas nos avançáraõ pouco, e dos nossos teres se aproveitáraõ muitos, nós recolhemos delles varios interesses, naõ sendo dos menores o grande augmento da nossa Povoaçaõ. Os Gregos antes fo-

foraõ commerciantes, que conquistadores, e quando senhoreavaõ pelas cóstas maritimas estas, ou aquellas Cidades, o interior do Continente naõ participava do seu trafego, nem dos seus insultos. Os Carthaginezes, que tinhaõ o sangue, a avareza, a industria dos Fenicios, elles lhes leváraõ vantagens sobre nós, unindo com mais força o vigor das armas á subtileza dos artificios com que dilatáraõ o Imperio em Hespanha; mas nem este durou muito, nem as suas partes Austraes, e Boreaes participáraõ nada das delicadezas dos espiritos Carthaginezes.

Tudo pelo contrario nos succedeo com os Romanos, que logo no principio da segunda guerra Punica foraõ traçando a nossa escravidaõ. Elles domináraõ todo o recinto de Hespanha, que fizeraõ Provincia do seu Imperio; sugeitáraõ as nossas Nações, e todos os homens, que desde entaõ ficáraõ parecendo Romanos: durou sobre nós muitos Seculos a sua authoridade, que se antes foi sobmettendo á força das ar-

armas huma gente depois de outra; agora recolhido ao centro do peito o valor dos Lusitanos; coberto de cinzas o ardor militar dos Celtiberos; soffocada a respiraçaõ dos Gallegos; humilhada a constancia dos Numantinos; aballada a firmeza dos Asturianos, e derretida a obstinaçaõ dos Cantabros. Roma introduz em toda Hespanha o Governo, a Lingua, a Politica, as Artes, as Sciencias, os Costumes do Lacio. He ella outro Povo dos Sabinos resuscitado, com vantagens maiores nos talentos, que correm luminosos com os Seculos, até que a ferocidade das Nações brutas do Nórte, e a estupidez dos Barbaros de Africa a tornaõ a involver no cáhos tenebroso da primeira ignorancia, que dura idades longas, sem lembrarem mais disciplinas que as das armas para lançar de casa tantos Dominantes injustos das nossas liberdades.

Eis-aqui o grande plano, por onde eu tenho de marchar correndo; e se com passo veloz já mostrei aos Romanos sugeitando ao nosso Continente

com

com as armas, agora com carreira mais rápida farei ver, como elles o conservárao Seculos com as Letras. Render he effeito do valor, producçaõ da parte inferior do homem: manter os rendidos, e conservallos em paz he hum fructo do entendimento, filho legitimo da superioridade da alma. O nosso rendimento á força do valor Romano está contado nesta Historia: a nossa conservaçaõ, a beneficio do imperio suave da doutrina Romana, he o que eu vou a tratar nesta passagem breve, em que se verá cambiada a nossa liberdade pela nossa instrucçaõ.

A nossa gente se esquecia daquelle bem taõ amavel, sorprendida da Politica, e estylos curiaes dos Romanos, depois que em Lusitania fecháraõ o Templo de Jano, e pendurárão as armas. Ella, que acabava de ver o seu valor nos combates, admirava a sua prudencia nos conselhos; a disciplina das suas trópas nos quarteis; a sua applicaçaõ á Agricultura; como naõ destruiaõ, antes augmentavaõ os Póvos vencidos; como abraçavaõ o bom,

bom, que conheciaõ nas outras Nações; como recompensavaõ os serviços que lhes faziaõ. Observações, que acompanhadas de outras muitas, nos faziaõ parecer o jugo leve pela esperança, de que recolheriamos fructos semelhantes a beneficio de igual cultura. Entaõ soubemos com outros fundamentos, o que era Poesia, Historia, Oratoria, Filosofia, e como a esta se ajuntava a Medicina, a Jurisprudencia, as Mathematicas.

Soube entaõ a Lusitania, como a Poesia era huma das Artes mais antigas, que usáraõ os homens, e taõ igual com a origem de Roma, que com enthusiasmo, que parecia profetico, já cantava em verso Carmenta, mãi de Evandro, da qual dizem que tomára a Poesia, ou as suas peças o nome de *carmen*. Além dos versos sagrados, que recitavaõ nos cultos da Religiaõ, nós ouviamos ás mezas dos Romanos cantar ao som do plectro os elogios dos Varões illustres. Soubemos, que em huma das Leis das Doze Taboas elles prohibiaõ com pena
de

de morte publicar contra a fama alheia versos satyricos, que chamavaõ *Fescenninos*. Já nós viamos nos nossos terrenos com uso vulgar a Poesia Dramatica, Epica, e a Satyra. Esta ultima estava dividida em Satyra Antiga, Nova, e Varroniana, ou intermedia. A Satyra Antiga tinha muitas semelhanças com a Dramatica jocosa dos Gregos, em que se introdusiaõ os Satyros; mas ella cessou em Roma, e foi introdusida a Satyra nova, que fóra do Theatro reprehendia por escrito as pessoas, e os vicios. A Varroniana, que tomou o nome de Varro seu inventor, elle a chamou Menipea, em razaõ de imitar ao Filosofo Menipo, e de lhe misturar a prosa, já soltando, já ligando as orações.

Ainda que a Poesia Epica florecêra na Grecia em Homero, já nós sabiamos pelos Romanos, que Terenciano Mauro escrevêra hum Poema Epico em versos heroicos. Que Ennio tratára entre elles a Epopeia, e que naõ obstante faltar a belleza na sua Eloquencia, Virgilio dizia, que tirava

pre-

preciosidades das immundicies de Ennio. Que sendo entaõ a Época de Augusto, este genero de Poesia chegára á sua perfeiçaõ no mesmo Virgilio, e em Ovidio, que deixáraõ o campo aberto, e plaino para os déstros corredores, que se lhes haviaõ seguir. *Pelo* mesmo aqueducto dos Romanos nos instruimos, em que elles aprendêraõ dos Gregos os quatro generos de Dramas, que eraõ a Tragedia, e Comedia, a Satyrica, e a Mimica: que elles depois inventáraõ, ou adoptáraõ outras muitas especies de Poemas Dramaticos proporcionados pelas pessoas, pelos assumptos, pelos vestidos. Elles eraõ conhecidos pelos nomes de Fabulas Togadas, e Paliadas. Nas Togadas se vestia á Romana, e as dividiaõ em *Pretexta*, ou Trabeatas, nas quaes se representavaõ as acções dos Heróes, ao contrario das Togadas simplices, em que só se figuravaõ casos civis. Nas Paliadas sahiaõ as pessoas com vestido Grego. A Dramatica Atelana, trazida da Cidade de Atela, servia para tem-

pe-

perar a ſeveridade Romana com chiſ-
tes, e apopthegmas gracioſos.

Sobre a Tragedia entrámos nós a ouvir os elogios, que os Romanos faziaõ á profundidade das ſentenças dos ſeus Authores, á gravidade das ſuas palavras, á nobreza dos ſeus ſentimentos. Que o Thyeſtes de Vario era huma peça comparavel ás dos Gregos. Que na Medea de Ovidio ſe moſtrava de quanto he capaz o talento humono. Que Pomponio Secundo era hum aſſombro, e Seneca inimitavel. Pelo que reſpeitava á Comedia pode ſer que já nós notaſſemos a improporçaõ da lingua Latina para ſer boa imitadora da Grega na compoſiçaõ gracioſa da Comedia, ainda que os Romanos nos diriaõ, que o ſeu Scipiaõ era na verdade Terencio; que Cecilio naõ tinha igual; que as Muſas quizeraõ fallar Latim com Plauto. Os Mimos, ou Pantomimos, em que os membros fallavaõ com expreſsões mais inſinuantes, que as da lingua; o noſſo gentiliſmo torpe naõ ſe deſagradaría de ver nos Romanos os geſtos indecentes; de

ou-

ouvir as palavras obcenas, excitantes da luxuria; nem taparia os ouvidos á Planipedia, ou Saynetes picantes, com que elles cortavaõ mais pelas pessoas, aonde estavaõ os vicios, que pelos vicios mesmos.

A Historia escrita pelos *Romanos* entrou a ser ouvida com gosto na Lusitania. Ainda que soubessemos haver dito Cicero, que os Romanos até ao seu tempo eraõ ignorantes da Historia, a nós se nos mostraria, que no Reino de Numa se principiáraõ a compor os Annaes maximos, ou Pontificios, e que com estylo, ainda que grosseiro, em Roma se escreveo Historia até ao tempo de Salustio, que lhe deo tom mais magestoso. Entaõ entramos nós a estimar como Historiadores a Publio Cornelio Scipiaõ o grande, e conhecemos, que era emprego honroso para homens tamanhos: a Cataõ o Censor, que deveo este beneficio á natureza: a Lucio Celio, que sublimou a altos pontos o estylo historico: a Sisenna, que florecendo juntamente com Valerio Ancias, Claudio Quadri-

ga-

gario, e Rutilio, naõ lhe impedíraõ as suas puerilidades merecer hum lugar distinto entre elles: a Q. Luctacio Catulo, que unio a qualidade de Historiador á dignidade de Consul, e que para se lhe conhecer a especiosidade do caracter, bastaria ouvillo comparar a Xenofonte: a Quinto Hortensio, que sería taõ perfeito na Historia, como foi forte, e insinuante na Oratoria, e Eloquencia.

De Pomponio Atico, e de Marco Terencio Varro seriaõ entaõ sabidas as Antiquidades, que hum desenterrou, e do Atico a Chronologia, que reviveo. Os Commentarios de Sylla, ainda que abominavel aos Lusitanos por inimigo de Sertorio, elles gostariaõ de os ouvir, talvez para desmentirem a narraçaõ, que nelles faz das suas obras, e de si. Os outros Commentarios de Cesar, de quem elles tinhaõ taõ frescas as memorias dos beneficios, e dos estragos, lhes moveriaõ contrarios affectos, huns de aborrecimento para os condemnarem sem exame, outros de inclinaçaõ para lou-

varem nelles a arte desfarçada em natureza, os retratos os mais proprios, os caracteres bem debuxados, a elegancia sublime, a simplicidade nobre, a verdade dos successos com o mesmo Author delles por testemunha. Com pouca inferioridade de respeito pela semelhança do estylo tratariaõ os Lusitanos a Cornelio Nepos, e pela liçaõ destes dous Authores taõ ingenuos elles se deleitariaõ na simplicidade da Historia, e ao mesmo tempo tomariaõ os gostos, e adquiriaõ luzes para entrarem pelos porticos da boa latinidade.

Salustio lhes seria mostrado como hum homem comparavel a Thucidides, attendido pelos Romanos como o primeiro dos seus Historiadores, e dados a conhecer por elles aos Lusitanos os seus adornos brilhantes, naõ embaraçando a inteireza da exacçaõ, o profundo do juizo, o sublime das sentenças, a pintura natural das pessoas, e a descripçaõ geografica dos lugares. Elles ouviriaõ attentos os apaixonados de Salustio disputar com os de Tito-

Li-

Livio sobre as precedencias, e primazias, e concordarem ambos os partidos, que estes dous grandes homens tinhaõ mais de igualdade, que de semelhança; e ainda que navegando por differentes rumos, ferrando ambos o mesmo porto da perfeiçaõ na Historia. Em fim, os Lusitanos de entaõ teriaõ nella sobre nós a vantagem de saber o que continhaõ os quarenta e quatro Livros de Trogo Pompeo; os vinte e dous de Fenestela, entre elles o dos Magistrados Romanos, e as acções dos Varões illustres de Cayo Julio Higino: perdas, de que a posteridade naõ póde deixar de sentir-se.

Em toda Hespanha naquelles Seculos se viraõ rotos os diques da Eloquencia Romana, e instruidas na Arte da Rhetorica as Nações grosseiras, que até entaõ mal sabiaõ ajuntar com ordem as palavras necessarias para a expressaõ simples do que o animo concebia. Com as disciplinas Romanas já nós sabiamos inventar materias para fallar, ou para compôr; tirando os modellos dos mesmos Authores Roma-

nos, que nos instruiaõ. Já os nossos espiritos se applicavaõ a conhecer os generos de Eloquencia, qual era o simplez, qual o sublime, qual o moderado para os proporcionarmos aos assumptos; para fazermos reflexões geraes sobre elles. Já naõ nos satisfaziamos com perceber o tom das vozes, sem aprofundarmos o espirito dos homens, que nos fallavaõ, ou nos escreviaõ, e sem pararmos attentos na força das razões, e das próvas. Já nos punhamos reflexivos sobre as idéas para distinguirmos as brilhantes das simplices; para repararmos na escolha, e na ordem das palavras; para conhecermos as fadigas, e separarmos os intervallos entre ellas, para reflectirmos nas paixões, nos modos de animar a differença dos affectos, que saõ os effeitos mais generosos da Eloquencia.

Ainda que de tempos mais antigos Roma houvesse produzido homens, que com a força da sua Oratoria conseguíraõ vantagens assinaladas á República: os Lusitanos ouvíraõ celebrar

por

por primeiro Orador Romano a Marco Cornelio Cetego, e aprenderiaõ nelle a doçura, que derramára no meio do estrepito da segunda Guerra Punica. Elles discerniriaõ, que nada igualava a Cataõ na gravidade dos elogios, na subtileza das idéas, no fino dos discursos, no penetrante das sentenças, na severidade da censura. Illuminados por este grande homem os Lusitanos, elles entrariaõ pelas Regiões vastas, em partes escuras, da Eloquencia de Scipiaõ Emiliano, dos dous Graccos, de Cayo Lelio, e do seu verdugo cruel Servio Galba, cujo nome os Lusitanos desde o tempo de Viriato ouvíraõ com horror, e agora os deleitava repetillo. A recommendaçaõ de Cicero elles a viaõ inseparavel do seu nome, vulgar a fama da sua Eloquencia, naõ só por ella conhecido; mas sendo elle o que dava a conhecer a Crasso, e a Antonio, a Cota, e a Hortensio, com o qual concorreo muitas vezes o mesmo Cicero.

Já

Já se sabia, que até ao tempo deste grande homem a Eloquencia, e Oratoria tinha andado em Roma com passo vagaroso, e que elle a elevára á maior sublimidade. O mesmo tinha succedido com a Filosofia até o tempo de Cicero; e naõ obstante dizer elle, que esta Sciencia era muito antiga entre os Romanos; os que fossem bem intencionados confessariaõ entre nós, que antes do tempo de Lelio, e de Scipiaõ o Menor, raros homens houvera em Roma, que merecessem o nome de Filosofos. Ainda que se dissesse, que a doutrina de Pythagoras entrára nella na idade dos premeiros Reis: que as Seitas Platonicas, Aristotelicas, Epicurias, Estoicas, Peripateticas, e Academicas tiveraõ em Roma partidarios: que ella naõ desconheceo a Logica, a Metafisica, e a Ethica: ainda que se persuadisse a estimaçaõ geral, que ella déra aos Filosofos Gregos, com especialidade a que fez Scipiaõ Africano de Polybio, e Panecio, e Paulo Emilio de Metrodoro, e que os Romanos antigos mandavaõ

seus

seus filhos estudar Oratoria, e Filosofia nas Escólas da Grecia. Nós acreditavamos mais a Cicero, que ingenuamente confessava os poucos progressos, ou a grande decadencia em Roma da Filosofia dos Gregos, que se ensinava na sua lingua.

Elle foi quem emprehendeo tratar em Latim as suas disciplinas, e então soubemos, que na divisaõ das Seitas, Roma imitára a Grecia. Cicero se pôz na testa dos novos Academicos, quando Lucúllo seguia os Antigos. Apôz Cataõ corriaõ os Estóicos, e Cornelio Celso marchava na retaguarda dos Scepticos. Nós ouvimos a Filosofia entoada em verso por Lucrecio, que com a suavidade da cadencia attrahio os Romanos para os precipitar nos abysmos de Epicuro, que com o seu systema infernal derrotou quanto havia na Divindade de honrosa, e nos homens de estimavel; arrancando á primeira os Attributos mais proprios da sua Essencia; levando os segundos pelos passos do deleite a submergir-se no fundo da impiedade, e

do

do Atheiſmo. Por tantos homens Romanos, facciorarios das Seitas Gregas, que vieraõ á Luſitania no eſpaço longo de muitos Seculos, nós ouvimos doutrinas nóvas, que quando ſerviaõ aos noſſos eſpiritos de polimento, ellas avantajavaõ em progreſſos *triſtes* a cegueira do noſſo gentiliſmo.

A Medicina, que até a idade de Hipocrates foi eſtimada como parte da Filoſofia, e entaõ deixou de o ſer; ella fez muitos giros em differentes figuras por varias Regiões. As mais vulgares, poucos tempos depois da corrupçaõ da carne, eraõ a Botanica, e a Cirurgia, talvez que naquellas idades menos delicados os homens na conſervaçaõ da ſaude, vivendo mais sãos, e robuſtos, quando nellas os vicios naõ eraõ taõ horrendos, nem taõ torpe a ocioſidade. Eſta Arte, girando tanto como digo, deixou paſſar quaſi ſeis Seculos depois da fundaçaõ de Roma ſem viſitar eſta Cidade brilhante. O ponto da Época Medica viſta em Roma como Arte, foi a entrada nella do Medico Archagato, de

na-

naçaõ Grego, que levava os enfermos a ferro, e fogo; adquirindo experiencias a troco das vidas dos Romanos. Entráraõ estes a olhar como demencia, que a sua República désse salvo conducto para matar a huns homens estranhos, e que andassem nella tantos verdugos impunidos.

Cataõ com a sua authoridade, grande eloquencia, e vida larga sem soccorro de Medicos, deo tom muito mais alto a estas queixas; fez a Medicina abominavel, e os Romanos, naõ só impediaõ que os seus naturaes a estudassem; mas a tinhaõ por huma Sciencia indigna da gravidade, e nobreza dos Cidadãos de Roma. Nada avantejava ella os seus progressos em razaõ das consideraçōes, que faziaõ os Romanos, de que os seus Professores usavaõ de hum arteficio apparatoso: que desterravaõ das curas as hervas, que elles tanto tinhaõ estimado, sem fazerem caso dos remedios, que naõ vinhaõ de Regiões muito remotas: que era vã a ostentaçaõ da Arte dirigida aos interesses, como se devia deduzir

da

da variedade dos Systemas: que buscar fama por meio da introducçaõ de novidades, que tinhaõ por objecto as vidas, era naõ fazer caso dellas: que na diversidade de sentimentos, que se viaõ nas juntas, fuzilava bem clara a vaidade, de que naõ parecesse, que hum era discipulo do outro, antes cada qual inventor novo do Systema, que forjava no cerebro: que para isso faziaõ arbitra da vida, e da morte huma verbosidade sem limites, que se explicava por termos incognitos á subtileza mais penetrante; e que bastava ver o prospecto horroroso das officinas, em que a morte se comprava a alto preço, para Roma se desenganar de que cousa era a nova Medicina, que se havia introduzido nella.

Porém nos ultimos tempos, naõ obstante os clamores de Cataõ, e de Plinio, entráraõ os Romanos a estimar a Medicina. Entaõ os Lusitanos, que tinhaõ nos proprios campos o remedio das queixas dos seus moradores, acceitáraõ os usos novos daquelles seus Dominantes. Elles os instruíraõ, como

Pom-

Pompeio Leneo introduzíra a Pharmacia em Roma: que Pompeo estimára muito os Commentarios desta Arte, que achára na Bibliotheca de Mitridates, Rei do Ponto, e o apreço que se fazia do seu Antidoto-Mitridatico: que os maiores dos seus homens distinguíraõ o merecimento do Medico Romano Cratero; e que elles mesmos acabavaõ de ser testemunhas da cura prodigiosa, que Antonio Musa fizera na pessoa do Imperador Augusto Cesar, donde deviaõ tirar huma consequencia bem honrosa para os Medicos, qual era a de saberem, que sendo os Imperadores Senhores da vida, e da morte de todos; da morte, e vida dos Imperadores só eraõ senhores os Medicos.

A Sciencia mais util, que os Lusitanos aprendêraõ, e sempre conserváraõ foi a Jurisprudencia, ou Direito Romano, que se fez conhecido em todo o Mundo pelos Romanos seus conquistadores. He verdade, que nem as Leis de Romulo, e de Numa Pompilio, nem as das Doze Taboas, nem

o Direito Papiriano aperfeiçoáraõ o Direito Romano. Porque os feus homens illuminados assim o entendêraõ, elles pediraõ aos Gregos as suas Leis, especialmente as de Lacedemonia, e de Athenas, que deraõ occasiaõ ao estabelecimento de dez Magistrados, que conservando algumas das Leis primitivas juntas ás mais convenientes da Grecia, vieraõ a formar o corpo do Direito Romano, approvado pelo Senado, e pelo Povo: Leis taõ cheias de equidade, de prudencia, revestidas de tal profundidade de espirito, que deraõ occasiaõ a Cicero para dizer, que ellas se deviaõ estimar mais, que todos os Monumentos, e Doutrinas dos Filosofos.

Lusitania, até entaõ dirigida pelas Maximas da pura razaõ, ou conforme os estylos das Nações, que nella se estabelecêraõ; principiou a ser governada por estas Leis; pelas mais, que tinhaõ promulgado o Senado, e o Povo, ou cada hum destes córpos de per si, conhecidas as do Senado pelo nome de *Senatus-Consultos*, e as do

Po-

Povo pelo de *Plebiſcitas*; e pelo *Principium placita*, que depois de Auguſto eraõ os Reſcriptos, Decretos, e Conſtituiçõẽs dos Imperadores. Naõ faltáraõ nella deſde entaõ homens ſabios, Interpretes vivos da eſcuridade, ou brevidade deſtas Leis, e da meſma ſórte que os Romanos, conſultavaõ com elles os Luſitanos as ſuas dúvidas, e eſtas decisões tambem elles as eſtimavaõ Reſpoſtas dos Prudentes. Como a Collecçaõ, que ſe havia feito, por pouco methodica, e mal deſtribuida naõ tinha a claridade neceſſaria. Defeito, que ſe conhecia na Juriſprudencia Romana, e que nos ſeus homens melhor illuminados fez naſcer o projecto de reduzir a hum Corpo de Sciencia todas as partes diſperſas do Direito Civil, toda Heſpanha naquella Época gozou eſta felicidade a beneficio do trabalho de Servio Sulpicio, que foi o primeiro que reduzio á Arte a Sciencia do Direito, em que exeedeo aos Romanos precedentes; e que Cicero illuſtrou pouco depois de Sulpicio.

Na

Na realidade foi Cicero quem illuminou os fundos da Jurisprudencia com os raios brilhantes da sua eloquencia, com as luzes scintillantes do seu muito saber; e quando dellas participava Lusitania, nas da felicidade de Augusto via luminosas as dos célebres Juris-Consultos Ateio Capiton, e Antistio Labion, que na sua faculdade, em tempo daquelle Imperador, formárao os dous partidos dos Sabinianos, e dos Proculianos, que tomárao os nomes dos seus Discipulos memoraveis Masurio Sabino, e Nerva Proculo. Esta he a Época, em que podemos dizer; que principiou na Lusitania, e Hespanha a instrucçaõ nas Artes, e Sciencias, communicadas a nós pelos Romanos. A Litteratura Romana entaõ cheia de belleza, e magestade; os Poetas, os Historiadores, os Oradores, os Juris-Consultos, unindo á formosura do estylo á profundidade da erudiçaõ; elles fizeraõ, que nós rendessemos ás Sciencias o sacrificio justo da inclinaçaõ, e do gosto. Todas as que os Cidadãos Romanos man-

mandavaõ aprender por seus filhos na Grecia, elles vinhaõ derramallas entre nós, que na maior parte dellas nos podíamos chamar homens sábios sem jactancia, até ao tempo, em que a ferocidade das Nações Septentrionaes, e a dos Mouros abafou a cultura, que em tantos Seculos plantára nos nossos campos o cuidado dos Romanos.

CAPITULO IX.

Conclue-se a instrucçaõ, que adquiriraõ os Lusitanos pelo trato com os Romanos seus Dominantes.

ANTES, e depois do Nascimento de Jesu Christo sendo de muitos Seculos a assistencia dos Romanos em Hespanha, e os que corrêraõ antes daquelle Nascimento Soberano saõ os que pertencem ao tempo da Historia Antiga, quasi todos levados em guerra: Naõ ha dúvida, que o polimento mais principal da nossa gente foi depois do Imperio de Augusto, quando os Romanos nos domináraõ em paz, e em que

que o ſilencio dos eſtrepitos marciaes, fez que foſſe ouvida com goſto a harmonia das Muſas. Naõ obſtante eſta verdade, na Epoca anterior tambem he certo que teve avances conſideraveis a noſſa inſtrucçaõ, já porque os Romanos primitivos encontráraõ civiliſadas as noſſas Provincias Meridionaes em razaõ do trato, que haviaõ tido com as Nações, que antes delles ſe eſtabelecêraõ entre nós; já porque na meſma Epoca paſſáraõ a Heſpanha os maiores homens de Roma em armas, e letras, que aos Póvos mais barbaros da ſua parte Septentrional inſtruíraõ, e enſináraõ a depôr a ferocidade, e aos da Meridional políraõ a cultura, que já tinhaõ.

Os Luſitanos, os Andaluzes, os Turdetanos, os Celtas foraõ as gentes felices deſte lado de Heſpanha, ás quaes o cativeiro Romano ſe fez menos ſenſivel, attendidos os progreſſos, que ellas fizeraõ nas Artes, e Sciencias, nos arbitrios, e vantagens para as commodidades da vida, que ſempre trouxeraõ aos homens deſvelados

ain-

ainda nos tempos triſtes da ſua maior ſimplicidade. Luſitania, e Andaluzia com inſtrucçaõ longa naquellas vantagens, e arbitrios, que viaõ practicar os novos hoſpedes com mais delicadeza; as ſuas gentes ſe naturalizáraõ Romanos mais que todas as outras, nos veſtidos, na lingua, no trato, nos exercicios, nas Artes, nas faculdades, tanto ſem differença, que Luſitanos, Andaluzes, e Romanos todos pareciaõ hum ſó Povo. Para o uſo da lingua, e dos trajes naõ foi neceſſario aos noſſos Dominantes fazer-nos violencia. Além dos noſſos conhecerem a lingua Romana por mais culta, que he eſtimulo que attrahe o goſto; o trato com os ſeus homens taõ longo, a liçaõ dos ſeus muitos Eſcritos neceſſariamente nos haviaõ fazer communicavel o ſeu idioma. Em quanto ao veſtir, para nós o imitarmos naõ era neceſſario mais que ver a magnificencia dos Romanos, e nós naõ violentarmos o genio para ſeguirmos a moda a todo o cuſto. Inclinaçaõ taõ natural nos Luſitanos aos uſos alheios, que a carreira de tantos

Seculos naõ a tem podido apagar nelles; quanto Lusitania mais velha, tanto mais apaixonada das modas.

Depois do fallar, e vestir, como já fica dito, nós imitamos aos Romanos na Arte Militar, na Politica, na Agricultura. Depois nos fizemos com elles Poetas, e Oradores, tarde; mas bem. Se naõ tivessem vindo sobre nós tantas revoluções fataes, e se conservassem os Monumentos daquellas idades, talvez nos assombrasse a sublimidade dos espiritos Lusitanos conduzidos pelos melhores Mestres do Mundo, que para os fazerem participantes dos thesouros da Grecia, assim como lhes communicavaõ os de Roma, os instruíraõ na lingua Grega, entaõ mui viva, hoje cadaver. Todas as Sciencias depois da entrada dos Romanos em Hespanha foraõ andando por ella a passo lento; mas andavaõ. Veio ao mundo a Época da felicidade de Augusto, e desde entaõ corrêraõ ellas á sua perfeiçaõ. Quem fossem os primitivos corredores mais destros, que leváraõ entre nós a carreira das Sciencias,

cias, no corpo da Historia os deixo eu nomeados, e alli vimos serem os Gigantes mais proceros, que criáraõ os campos ferteis da República Romana.

Tal era o grande Scipiaõ Africano; seu amigo o sabio Lelio; Scipiaõ o Menor, que tem a favor dos seus talentos sublimes o testemunho de Veleyo; Polybio taõ grande sabio, como exacto Historiador; Cataõ, que tem a sua recommendaçaõ no seu nome; os Graccos taõ eloquentes, que quem naõ os conhece, podemos dizer que naõ sabe que houve a antiga Roma; Servio Sulpicio Galba, que nunca esquecerá na Lusitania por monstro de Sciencia, e crueldade; o grande Pompeo, que duvidamos quem levou nelle vantagens, se a sabedoria, ou o valor; Julio Cesar, que em huma maõ trazia a penna, em outra a lança; Terencio Varro, que fez Roma vaidade de dizer, que era o primeiro dos seus sabios; Assinio Polion, que nada lhe diminuio a estatura andar em Roma rodeado de Gigantes; Marco Agripa, que pelas suas qualidades occupou hum

dos lados do Throno do maior dos Cesares : em fim , o mesmo Augusto , Principe dos sabios, ou por saber mais que elles, ou por tomar o officio de Protector de todos para fazer feliz o seu Imperio, que se principiava a sello por ter muitos homens ricos; elle lhe completou a felicidade com o adornar de muitos homens sabios.

Com o trato destes, e outros homens semelhantes , que tantos annos estiveraõ em Hespanha, impossivel he, que a nossa gente naõ fosse tomando humas taes tinturas de instrucçaõ , que o tempo veio a mostrar cores brilhantes. Hum terreno taõ fertil como o nosso , taõ bem cultivado , produzia fructos correspondentes , de que saõ testemunhas os mesmos Escritores Romanos, ainda os mais escrupulosos nos louvores das Nações estrangeiras. Entre os Gregos, que sem exceptuarem aos mesmos Romanos , trataváõ de barbaros a todos os Póvos, Estrabaõ judicioso, e sabio , he hum dos Panegyristas da nossa capacidade. Já senhores do Alfabeto Turdetano, e com as

suas

ſuas luzes poeticas; nós nos applicámos á Grammatica dos Romanos, que naõ ſó enſinavaõ a elegancia, e propriedades da lingua; mas tambem a Rhetorica, a Poeſia, e as Bellas-Letras. Como a Grammatica Grega, e Romana, além daquellas ſciencias, tambem comprehendia a Hiſtoria, e a Philologia, Eſtrabaõ perſuade, que nós a aprendemos pelo meſmo methodo. O meſmo Author atteſta, que Aſclepiades de Myrlea enſinára Grammatica aos Turdetanos, e que eſcrevêra a Geografia das Regiões, que occupavaõ eſtas gentes.

Eſte Meſtre era Grego, e talvez enſinaſſe na ſua lingua, ainda que diz o meſmo Eſtrabaõ ſer já naquelles tempos muito vulgar a lingua Latina entre nós. Nella he provavel principiaſſemos a aperfeiçoar a Poeſia informe, de que até entaõ uſavaõ os Turdetanos; porque nos aſſeguraõ, que o Conſul Metello Pio já no tempo de Sertorio goſtava de ouvir recitar os noſſos verſos, e Cicero naõ notava nelles mais que a diſſonancia da pronuncia.

A morte deste Sabio foi chorada pelo nosso Poeta Sextilio Hena, como perda irreparavel á Arte da Eloquencia Latina, que se com a sua morte naõ emudeceo, he certo que decahio de tom. Foi gloria de Sextilio concorrer com Mesala, hum dos Romanos mais Sabios, e com Cornelio Severo, que foi dos melhores Poetas do tempo de Augusto.

A Fysica, e Astronomia naõ podiaõ raiar cedo entre nós, quando em Roma nascêraõ tarde. Quando Augusto quiz reformar o Calendario de Julio Cesar, mandou vir Astronomos de Alexandria. Calcular hum eclypse, que he habilidade do Mathematico mais rasteiro, os Romanos o tiveraõ por hum milagre, quando o seu nacional Sulpicio Gallo prognosticou o da Lua, que succedeo na guerra de Paulo Emilio contra Macedonia. Com tudo os Lusitanos, parece que naõ deixavaõ de ter suas luzes Astronomicas, já communicadas pelos Fenicios, e Carthaginezes; e a ignorancia, que nesta Sciencia lhes attribue Plinio, era relativa

á

á Agricultura, em que se governavaõ pela Astrologia Judiciaria dos Chaldeos. Elles aprenderaõ dos Fenicios a observar as constelações celestes; dos Carthaginezes, e Focenses o curso dos Astros; dos Romanos o movimento dos Corpos Celestes; e até os fluxos, e refluxos do mar já elles lhes observavaõ a correspondencia com o mesmo movimento das Esferas superiores.

Entaõ naõ seria ignorada a Geografia, que acabamos de dizer ensinára na Betica Asclepiades Myrleano. Os nossos Turdulos, e Celtas tinhaõ feito varias viagens, os Hiberos passáraõ á Sicilia, e á Grecia; toda a Naçaõ commerciava em Roma, Italia, e Africa: Jornadas, que necessariamente a haviaõ instruir em hum conhecimento parcial do Globo Terraqueo. Além de Authores Gregos, que nos tempos de que vou fallando, escrevêraõ Geografia, fizeraõ o mesmo Turanio Gracula, e Pomponio Mela, indisputavelmente Geografos Hespanhoes.

Para as obſervações Fyſicas baſtava aos noſſos moradores ver a fertilidade dos ſeus terrenos na producçaõ de tantas plantas, hervas, e fructos exquiſitos: o naſcimento de muitos rios, e fontes com aguas de qualidades admiraveis: os muitos mineraes de pedras, e metaes differentes, que em ſi meſmos moſtravaõ, que deviaõ ter uſos diverſos, e para iſſo neceſſitavaõ averiguar-lhes as propriedades das naturezas: os dous mares grandes do Oceano, e Mediterraneo, que no Eſtreito de Gibraltar ſe unem, e ſe dividem para banharem as cóſtas de toda a Peninſula; ambos elles com tanta variedade de peixes grandes, e pequenos, que ſó as ſuas figuras baſtavaõ para deſpertarem a curioſidade dos indagadores dos ſegredos da natureza. Por eſtes, e todos os mais ramos da meſma natureza, pelos Reinos Vegetavel, Mineral, e Animal, he certo que em tempo dos Romanos faziamos muitas obſervações, e que dellas reſultou darem os Luſitanos outro methodo á Medicina, differente do que elles antes

pra-

practicavaõ. Já dissemos que ella entaõ consistia no conhecimento da Botanica, em que os Lusitanos foraõ taõ practicos, que até descobríraõ na raiz da rosa sylvestre, chamada pelos Gregos Cinorrodon, cosida em agua, e bebida, virtude para curarem a mordedura dos cães marfados.

Depois da cura, que Antonio Musa fez no Imperador Augusto com os banhos de agua fria, elles usavaõ do mesmo remedio, e se applicáraõ a conhecer as qualidades das aguas Thermaes, de que ha em Lusitania, e Hespanha fontes de valor inestimavel. Da mesma sorte, e com igual cuidado se entregáraõ a outras composições, como foraõ as da escuma de prata; a do Sal participo; a da Ocra, que além da Medicina, tambem servia na Pintura, e outras, que naõ chegáraõ á nossa noticia. Outras muitas Sciencias aprenderaõ os Lusitanos, que se teriaõ prolongado com grandes vantagens, se os Romanos, em lugar de destruirem, houvessem promovido a conservaçaõ, e avances da Universidade de

Os-

Ofca, que para a inftrucçaõ das noffas mocidades fundára Sertorio.

A noffa primeira Arquitectura fe fervia da terra, com que formavamos paredes taõ fortes, que refiftiaõ ao combate dos elementos, e dos Seculos. Nós fomos os inventores deftas Taipas, que depois fe fizeraõ vulgares em muitas partes do mundo. He noffa a fabrica do ladrilho chamado adobes, com que fubftituimos as paredes de terra. Inftruidos depois pelas nações civilizadas, entramos a dar ufo á pedra, aos marmores, e jafpes, de que fempre houvéraõ em Lufitania minas abundantes, e excellentes. Plinio, que faz memoria deftas noffas fabricas Lapidicinas, affirma naõ fer facil defcrever a variedade das fuas cores. Naõ fó na Arquitectura civil; mas tambem na militar aprendemos os rudimentos dos Carthaginezes, e Romanos, fortificando como elles as noffas praças, torres, e atalayas, que faziaõ defenfavel a Lufitania antiga, e arrafou depois de muitos Seculos o furor das nações barbaras, mais que todos barba-

ro o de Witiza, e Rodrigo, ultimos Reis dos Godos.

Com o exercicio affim das Artes liberaes, como das mecanicas, e progreffos da Agricultura, A Lufitania fe fez huma Provincia formidavelmente rica. Os Efcritores Gregos, e Romanos celebraõ a fertilidade dos noffos terrenos, em que eu fallei. Sería nos noffos ignorancia naõ imitarem aquellas duas Nações nos agouros, e fuperftições Aftrologicas no tratado da Agricultura; mas com a falta delles fe efcufavaõ de enganar a credulidade da plebe, nem derrotavaõ a Religiaõ, a Fyfica, a Aftronomia, e a Critica, que tudo parecia roturas enormes com aquelles eftratagemas dos ociofos, e ignorantes. Entre nós fe eftabelecêraõ os Agricultores mais induftriofos, que teve Roma; e vendo-nos nós encaminhados para ella pelos Scipiões, pelo Cenfor Cataõ, por Marco Varro, e outros Heróes femelhantes, impoffivel era, que a fua authoridade veneravel naõ nos conduziffe a huma emulaçaõ gloriofa em materia de Agricul-

tu-

tura, que elles tanto promoviaõ, destruindo aquelles abusos.

Ainda que nós tenhamos por fabuloso ao Rei Abidis, que dizem fora o primeiro inventor da Agricultura em Lusitania; sempre esta fabula nos annuncia que os Lusitanos antigos já eraõ Agricultores. Donde deduzimos, que os Romanos o que fizeraõ, foi polir-nos o modo rustico, e ensinar-nos a firmar a Agricultura sobre os principios da Historia, e da Fysica; e que Estrabaõ fallou encarecido quando disse, que os Lusitanos eraõ pouco inclinados a este exercicio; que aos despojos dos inimigos punhaõ em lugar dos que haviaõ ser fructos da terra; que viviaõ de roubar os Póvos Comarcãos, convertendo as lanças em arados, as espadas em fouces, ou pelo contrario. Se Estrabaõ faz esta critica aos nossos Barbaros Sarrios, que faziaõ as bollotas em farinha em lugar da de trigo; que naõ conheciaõ outro conducto além do leite do gado, e que se inebriavaõ com a célebre bebida zytho, que elles compunhaõ; nós o acre-

di-

ditamos; mas ſuppor toda eſta inapetencia aos Póvos civilizados da Luſitania, elle naõ he capaz de lhes levantar hum teſtemunho.

Finalmente os Luſitanos, e Heſpanhoes em tempo dos Romanos, bem inſtruidos nas Sciencias, nas Artes liberaes, e mecanicas, no Commercio, e Navegaçaõ, na Tactica, Milicia, e Metalurgia, cultivando os campos, e as minas; elles fizeraõ poderoſo, reſpeitavel, e rico o ſeu Continente. Tudo concorria para ſer o Povo numeroſo, bem á proporçaõ da ſua muita abundancia, e no tempo dos Romanos era igual a quantidade da gente, a extenſaõ da riqueza, a dexteridade da induſtria. Tiveſſe dito Polybio, que Tiberio Sempronio Gracco deſtruíra entre nós trezentas Cidades; affirmaſſe, que Cataõ em hum ſó dia nos arrazára os muros de quatrocentas; que no tempo de Auguſto nós nos vimos participantes da ſua felicidade em tudo, quanto faz hum Eſtado reſpeitavel. Baſte dizermos, que tendo nós occupados tantos homens

nas

nas Artes, nas minas, nos campos, nós enchiamos os exercitos Romanos de Soldados; e na guerra de dous Seculos contra elles, os Lusitanos, os Celtiberos, os Gallegos, os Cantabros, os Numantinos, e os mais Póvos, que nestes se comprehendiaõ, punhaõ em campo esquadrões formidaveis no número, e no valor.

Em quanto a este, que Naçaõ teve já mais o mundo, que competisse com o dos Lusitanos, e Hespanhoes? As suas façanhas longas, diuturnas, e pasmosas em todas as Regiões da terra saõ a próva sem suspeita desta verdade. Em tempo dos Romanos, que he o em que agora se falla, o valor da nossa gente era taõ corajoso, que affirma Tito-Livio naõ havia outro mais a proposito para renovar a guerra, e depois de grandes perdas, começalla de novo. Os dous Seculos da sua disputa com Roma saõ outra próva de convicçaõ de verdade de Tito-Livio. Como a natureza os criava homens intrepidos; o terreno montuoso os fazia robustos;

a

a multiplicaçaõ era grande, e a abundancia muita, nós fomos naquellas idades os rivaes formidaveis da soberba Romana, que vencendo em mezes Naçóes guerreiras, e brilhantes, para nos sujeitar a nós houve mister em Seculos guerras sempre renovadas, e comprar victorias com as ruinas.

Depois do valor, a firmeza, e fidelidade nos deo o primeiro lugar nos exercitos Romanos, com distincaõ entre todas as suas trópas auxiliares. A destreza da nossa cavallaria, a immobilidade da infantaria, sem desfalecer na fidelidade, e no valor, eraõ espectaculo vistoso da Naçaõ costumada a vencer a todos. Huma cadea de acçóes militares nunca rota, ellas sempre gloriosas, vencedores, e vencidos nos faziaõ em qualquer das sórtes respeitavèis. Este susto da nossa corage no meio da sua ventura, obrigou o Imperador Augusto a largar ao Sena- a Betica, e reservar para si a Lusitania indomavel, que dos seus mesmos estragos fazia estimulos para conservar com firmeza a liberdade em novos

rom-

rompimentos. Como os Lusitanos tiveraõ os melhores Capitães para os instruir, naõ só foraõ os maiores homens em combater; mas os mais bem disciplinados nas doutrinas da fidelidade aos Superiores, da constancia nos trabalhos. Até as nossas mulheres, revestidas de huma magnanimidade superior ao sexo, na campanha, e nos muros foraõ muitas vezes o escandalo dos Romanos; com tal presença de espirito nos combates, que nem a gloria as transportava, nem lhes mettiaõ medo os perigos: mudas peleijando, triunfando, morrendo.

Famosos nas suas virtudes, nas suas qualidades, no seu valor, nas suas applicações, já sábios, e instruidos os que foraõ rusticos Lusitanos. Baste dizermos para gloria dos que viverão naquellas idades, que o seu rendimento, as victorias de Roma sobre elles depois de batalhas innnmeraveis, e de feitos elegantes, naõ só deraõ a Decio Bruto o nome de Calaico, que quer dizer vencedor de hum Povo bravo, naõ só fizeraõ gloriosos a Pompeo, e

a

a Cesar; mas elle formou o ponto da Epoca brilhante da paz universal, que o Imperador Augusto contemplava pelo complemento da sua felicidade. Lusitania, ultima Provincia do mundo posta em socego, fez fechar em Roma o Templo de Jano, e deixando em paz toda a terra, se encheo a plenitude do tempo para vir a ella a Paz do Ceo.

CAPITULO X.

Memorias de outras Antiguidades Lusitanas, até ao tempo de Augusto, especialmente da sua Marinha, e Commercio.

EU tenho andado huma carreira longa de vinte Seculos engolfado em soledades tenebrosas, vagando pelas Regiões da escuridade, e da fabula, com o desejo de illuminar huma, e de desterrar a outra com a verdade, e verosimilidade; quando no tempo de Augusto Cesar principio a encontrar-me com muitas luzes, outra vez retroce-

do para o cáhos; torno a buſcar a Antiguidade para naõ perder nella veſtigio algum dos que lhe imprimio a noſſa gente, para os fazer conhecidos aos Modernos ſem as preoccupaçõcs, que a cada paſſo encontramos nos noſſos Eſcritores. He verdade, que a maça immenſa da noſſa Hiſtoria Antiga; fórma hum mar taõ eſpaçoſo, que por muitos braços, em que ſe divida, elle ſempre fica Oceano. Mas como a Navegaçaõ, e Commercio ſaõ dous Pólos, que firmaõ as felicidades dos Eſtados, eu deſejo no tempo das Épocas eſcuras moſtrar como nellas brilhavaõ os Luſitanos.

Principiando pela ſua Marinha, Eſtrabaõ nos inſtrue, que do tempo da maior antiguidade os Luſitanos uſavaõ huns barcos forrados de couro pregados ſobre madeiros delgados, faceis de dobrar, que exiſtíraõ até ao tempo da guerra de Bruto. Nós naõ podemos capacitar-nos, que embarcações ſemelhantes podeſſem ſopportar a ferocidade do mar embravecido; e ſe eſte invento teve uſo, iſſo ſería nas idades

pri-

primeiras da ſimplicidade Luſitana, unicamente para a páſſagem das lagoas, e rios, que naõ foſſem muito caudaloſos. Naõ ha dúvida, que nos noſſos dias certos Portuguezes captivos em Tangere formáraõ hum deſtes barcos de couro, em que paſſáraõ o Eſtreito, e vieraõ a ſalvamento aos portos de Heſpanha; mas os que naõ quizerem, que eſte ſucceſſo foſſe hum milagre da Senhora com o Titulo do Carmo, que foi fervoroſamente invocada pelos conſternados captivos; elle foi hum acaſo, tanto acaſo, que nada tem de vulgar em navegaçaõ ſemelhante.

Nós eramos Senhores dos portos mais excellentes na cóſta Meridional. Na noſſa Villa de Portimaõ tinhamos o memoravel Porto de Anibal, taõ frequentado das Armadas Carthaginezas. Tinhamos o de Sethubala na embocadura do Sado, aonde vieraõ Gregos, e Africanos. Tinhamos o de Ulyſſipo na foz do Téjo, fertil, e caudaloſo rio, memoravel pela abundancia monſtruoſa dos ſeus peſcados, das arêas de ouro, da frequencia dos

mesmos Gregos, dos Gaditanos, e de outras gentes de Hespanha. Tinhamos o do Muliadas, ou Mondego; célebre na antiguidade, ou por haverem entrado por elles os Colimbrios, ou por ser escalla dos navegantes, que entaõ commerciavaõ naquella cósta, e pela de Galliza: Tinhamos o Porto de Gaya, sempre célebre, depois que nelle se estabelecêraõ os Gravios, Gaios, ou Gronios, já instruidos na Navegaçaõ, que deixariaõ em herança aos seus Successores. Ultimamente tinhamos, além de outros menores, varios portos, que Estrabaõ nomeia junto a huma Ilha na foz do Minho, e o do mesmo Minho, aonde Gregos, e Carthaginezes faziaõ as suas escallas.

Em tantos portos, que se communicavaõ huns com os outros, e com muitos de Hespanha, naõ duvidamos, que a sua Marinha fosse pouco consideravel; mas que elles fizessem a navegaçaõ da cósta em barcos de couro, naõ o temos por verosimil. Talvez, que para evitar o repáro, o mesmo

Es-

Estrabaõ dissesse depois, que os Lusitanos no seu tempo já navegavaõ em humas barcas, ainda que pequenas, fabricadas com construcçaõ mais regular, que as primeiras. Nós bem sabemos, que Estrabaõ naõ he o unico inventor deste genero de embarcações, que dizem navegavaõ pelas côstas do mar. Ellas se attribuem aos moradores das Ilhas perto da de Irlanda, que chamávaõ Oestrimnides, e provavelmente seríaõ as Cassiterides, aonde naquellas idades commerciavaõ as nossas gentes; e por isso nos dirá Solino, que na Graõ-Bertanha se usavaõ barcos da mesma fábrica. Nós naõ o duvidamos para o transito dos rios, e para o de huma para outras Ilhas, nem que Cesar se servisse delles para salvar o exercito das mãos de Petreio, e Afranio, Legados de Pompeo, na passagem do rio Segre.

Mas que nelles se frequentasse effectivamente o commercio pelos pórtos mais apartados de Hespanha, até as Ilhas Cassiterides, ou de Islanda? Que o Cesar Augusto mandasse construir

truir huma esquadra de Náos semelhantes para ir atacar a Armada numerosa, e forte de Sexto-Pompeo, como nos querem persuadir alguns Authores: Que a quilha destas fragatas fosse hum páo ligeiro, o tecido de vimes, e a coberta de pelles unidas para sustentarem o pezo de centos de homens, a furia das ondas, e o impeto dos ventos; sim ha noticia, que tem a seu favor muitos testemunhos antigos, que naõ sei se saõ merecedores da nossa credulidade. Os motivos, que eu tenho da insubsistencia, seráõ os que se eduziráõ do mais que vou a referir.

Diòn Cassio he o homem, que nos exagera o terror, que aos habitadores das nossas praias, costumados a navegar em barcos de couro, causou a desmedida grandeza, e numero de Navios da Armada, com que Cesar, depois de sugeitar os moradores Herminios da Serra da Estrella acantonados na Ilha de Peniche, passou a invadir os portos de Galliza. Elle attribue áquelle terror á promptidaõ com que todos se lhe entregáraõ, sem ser necess-

cessàrio a Cesar descarregar hum só golpe. Como podemos nós acreditar esta noticia, se sabemos, que os mesmos moradores estavaõ costumados a ver navios de porte semelhante, com que Seculos antes de Cesar vinhaõ commerciar com elles os Fenicios, os Carthaginezes, e os Gaditanos? Ainda que tivessem esquecido as Náos de Himilcon de Carthago, a figura das de Pytheas de Marselha; que se houvesse interrompido o commercio de Fenicios, e Carthaginezes; nunca teve esta rotura o dos Gaditanos, e Tartesios, que navegavaõ em Náos semelhantes; e huma vista de tantos Seculos, naõ se assombraría da Armada de Cesár senaõ pelo número, nem ella teria sido taõ insensata, que com fábrica semelhante deixasse de emendar a das barcas de couro para a navegaçaõ pelas cóstas.

Antes de Cesàr, navios grandes dos mesmos Romanos frequentáraõ a navegaçaõ das Ilhas Casiterides, e depois das vantagens de Bruto sobre Lusitanos, e Gallegos, diz Estrabaõ, que

que estas duas nações avançáraõ as suas.
Já os Romanos frequentavaõ aquellas Ilhas, quando Publio, pai de Crasso, que foi Triumvir com Pompeo, e Cesar, foi parar a ellas, andando pelos nossos portos. Donde fica evidente, que naõ o vulto dos navios; mas a sua força foi quem encheo de terror os nossos moradores da cósta, quando avistáraõ a Cesar. Bem póde ser, que este pasmo se applicasse melhor aos Herminios refugiados em Peniche; porque tendo passado a vida na fragosidade da Serra da Estrella sem saberem, que os homens andavaõ em madeira sobre as aguas, a vista da Armada Cesarea sería para elles hum espectaculo de horror; cada náo hum monstro marinho vivente, e nadante, que elles entenderiaõ os vinhaõ tragar. Como se quizerem entender estas passagens da Historia Antiga respectivas á nossa Marinha, elle he bem certo, que os nossos naturaes depois das conquistas dos Romanos a avançáraõ muito, e que os barcos de couro para a navegaçaõ dos mares naõ existiaõ no seu tempo.

Que

Que os Lusitanos, e Hespanhoes já fossem destros na nautica, quando defendiamos a nossa liberdade contra Roma; eu o deixo provado na Historia, referindo a batalha naval, que com huma Esquadra de Lusitanos deo Sertorio ao Capitaõ Romano Cota, em que lhes desbaratou a Armada. Nós levavamos na nautica tantas vantagens aos Romanos, que Sexto Pompeo, depois da perda da batalha de Munda, com huma Frota, que ajuntou na cósta do Algarve, disputou a Cesar o Imperio dos mares; e passando com ella a Sicilia, atropelou, e derrotaria o Triumvirato de Augusto se a sua fortuna naõ o vencêra por meio de Agripa, como fica referido na mesma Historia. Aqui só lembrarei dizer Xifilino, que quanto as náos de Augusto excediaõ ás de Sexto em grandeza, e número, tanto as de Sexto levavaõ de vantagem ás de Augusto em valor, e Sciencia militar.

Como os Fenicios, e Carthaginezes, nauticos bem experimentados, fizeraõ o seu primeiro assento em Cadiz,

diz, e nas terras de Tarteso; instruidos os seus moradores por estes Mestres, elles fabricavaõ navios de madeira, em que navegavaõ por todo o Mediterraneo até ás cóstas de Italia, pelas de Africa, e pelas do Nórte até Inglaterra, ou Ilhas Oestrimnides. Elles tinhaõ muitos, e grandes navios para estas viagens, como pensa Estrabaõ; e frequentando tanto os Lusitanos as terras de Tarteso; sendo os dous Póvos taõ visinhos; elles soccorrendo tantas vezes aos Tartesios, e Turdetanos contra os Fenicios; recebendo depois aos Carthaginezes nos seus portos: Todas estas circunstancias daõ huns indicios bem constantes, de que elles muito antes dos Romanos já sabiaõ construir de madeira as suas barcas á imitaçaõ dos seus visinhos, e que se ainda naõ levavaõ as navegaçóes taõ longe como elles, que ao menos costeavaõ as cóstas de Hespanha, e Ilhas adjacentes.

A naõ ser assim, credito algum merecia a opiniaõ de Appiano Alexandrino, que nos persuade como o Té-

jo

ʒo naquellas idades era celebre pelas ſuas navegações: e qual ſeria eſta celebridade, ſe os moradores de Ulyſſipo, que o Téjo banha, ſe contentaſſem com andar nas barcas de couro pelas ſuas margens, reſiſtando os campos de hum, e outro lado? Sem dúvida, que naquelles tempos já ſahiaõ os homens do Téjo a navegar diſtancias, que faziaõ célebres as ſuas viagens, e eſtas naõ podiaõ ſer memoraveis ſenaõ ſahiſſem fóra do rio para partes mais remotas, foſſem ellas a Galliza, a Inglaterra, ou aos portos do Mediterraneo, para o commercio com as outras Nações de Heſpanha, ou das Gallias. Pelo Téjo a cima ſim navegavaõ grandes barcas, em que Bruto conduzio os víveres para a guerra da Luſitania até a Cidade de Moro, que elle elegêra para Quartel General; e ainda que nos digaõ os Hiſtoriadores, que as Cidades ſituadas pelas margens do Téjo eraõ excellentes pela ſua riqueza, e commercio, a navegaçaõ de humas para outras dentro de hum rio, em que por aguas conhecidas ſe paſ-

ſa-

sava a Aldea-Galega, e naõ por mares nunca dantes navegados além da Taprobana, isso naõ era navegaçaõ, que se distinguisse com o adjectivo de célebre.

Eu entendo que a celebridade destas viagens, e navegações dos Lusitanos já em navios de porte consideravel, e de construcçaõ regular, tem duas Épocas; huma no tempo dos Carthaginezes, outra no dos Romanos. Os Authores antigos daõ noticia das pescarias monstruosas, que já na primeira Época se faziaõ nas côstas da Lusitania: que entaõ se encontráraõ os Lusitanos em hum pégo com huma mancha de atuns em grande quantidade: que cercando-a com redes, e com instrumentos de ferro, que seriaõ como agora os Bixeiros com que os prendem; elles os pescáraõ, os salgáraõ, os conduziraõ a Carthago, aonde foraõ taõ estimados, que dahi em diante fizeraõ os Lusitanos com este genero de peixe hum commercio effectivo. Eis-aqui as primeiras navegações célebres, que em tempo dos Carthaginezes fizeraõ os

Lu-

Lusitanos; conduzindo as suas pescarias a Africa, aos portos do Mediterraneo, aos de Galliza, talvez ás Ilhas Britanicas, e estas viagens remotas nos tempos, em que a navegaçaõ naõ estava taõ práctica, ellas se destinguiriaõ com o epitheto de célebres.

Na segunda Época, e idade dos Romanos, sabemos nós, que como a Agricultura florecia muito na Lusitania, e naõ só eraõ innumeraveis; mas exquisitos os seus fructos, e generos, nós fornecemos com elles muitas vezes a Cidade de Roma, e outros portos maritimos de Italia. Já entaõ a nautica tinha outra formalidade, os navios acommodavaõ transportes consideraveis, e entaõ fariaõ os Lusitanos célebre a navegaçaõ de Italia, das Gallias, de Inglaterra, de Africa, aonde conduziaõ, além das pipas de atum, e mais pescarias, os seus trigos, azeites, lãs, carnes, e os mais fructos, de que o terreno fertil da Lusitania, já soccorrido com o beneficio da industria, foi sempre abundante, entaõ em muito maior quantidade, que no

pre-

presente; porque tinha número muito maior de gente agricultora; abundancia grande sem vaidade, nem luxo.

O commercio, como foi hum trato, que principiou com o mundo, elle se avançava á proporção, que nos homens crescia a industria. Na origem dos Seculos nos propoem a Historia Sagrada aos primeiros irmãos commerciantes, a Abel Pastor, Lavrador a Caim; e he natural, que depois delles, tendo os mais homens a mesma diversidade nos officios, tambem fizessem cambios na differença dos generos. Foi-se povoando a terra, e como os seus moradores estavaõ condemnados a comer o paõ com o suor dos rostos; elles se empregavaõ nos exercicios conducentes á passagem da vida. No tempo de rusticos, de simplices, de ingenuos, elles exercitariaõ o commercio no troco das mutuas frugalidades. Depois passando as Colonias do Oriente para o Occidente; multiplicando-se os Póvos nas nossas Regiões, crescendo o número da gente; buscando ella os commodos da passagem: nos fru-

fructos naturaes, e da industria; entaõ se inventariaõ os transportes por terra, já sobre os hombros dos mesmos homens, já pondo as cargas sobre os brutos. Ultimamente, inventar-se-hiaõ as jangadas, logo as canoas, depois os barcos de couro, e nestas embarcações se communicariaõ os seus generos os Póvos, que na nossa Peninsula estavaõ plantados nas margens dos seus muitos rios.

Este sería o modo do nosso Commercio primitivo, que durou entre nós até á vinda dos Fenicios a Hespanha. Entaõ se mudou a sua fórma, e se alterou a da navegaçaõ. Como nós ignoravamos o valor do ouro, e da prata, davamos aos Fenicios estes metaes pelas quinquilharias mais ridiculas. Elles practicavaõ comnosco o mesmo, que nós depois viemos a fazer na America com os nossos Tapuyas. Com as idades nos fomos polindo; avançando-nos com o exemplo Fenicio na applicaçaõ das Artes, no conhecimento do commercio, na practica de navegar. Elles nos deraõ a conhecer o grande pres-

prestimo do fructo das oliveiras, e instruidos no modo de extrair o azeite, este genero veio a formar hum ramo importante do nosso trafego. Em fim, conhecemos o que era prata, e ouro; applicamo-nos a arrancallos do centro da terra; a buscallos pelas arêas dos rios; a guardallos melhor, e com figura nova o commercio, cresceraõ as riquezas no nosso continente.

Nós entrámos a ver Frotas de Tyrios pelas nossas prayas; navios grossos; forma differente de embarcações; e esquecendo as jangadas, as canoas, os barcos de couro, Lusitanos, e Andaluses principiamos a imitar a estructura dos vasos Fenicios para surcarmos com elles as cóstas do Oceano. Entrámos a navegar este mar, e o Mediterraneo; sobiamos pelo Nórte até as Ilhas Casiterides; penetravamos pelo estreito as enseadas de Africa; devaçavamos as Rias de Galliza, e com as nossas pescarias hiamos lisongear a delicadeza das mezas de Carthago. Sendo taõ importante esta materia do Commercio na nossa Historia Antiga, jus-

justo parece, que eu a trate separada.

CAPITULO XI.

Trata-se do Commercio dos Lusitanos antigos até a Epoca de Augusto Cesar.

Dous pequenos mares, ambos braços do Mediterraneo, fazem célebre a situaçaõ de Italia. Quanto será vantajosa a situaçaõ da Peninsula de Hespanha, que por todas as partes he banhada pelos dous grandes pégos Mediterraneo, e Oceano. Esta posiçaõ admiravel, especialmente a da Lusitania, he a primeira causa da vastidaõ das nossas navegações, e da extensaõ do nosso Commercio ha tantos Seculos por todas as partes do Mundo. Povo florecente na navegaçaõ, naõ póde ser apathico, insensivel aos interesses do Commercio. Nós tinhámos na antiguidade pórtos pela navegaçaõ respeitaveis, a saber, o Porto de Gaya, Ulyssipo, Porto de Anibal, Cadiz,

Carteya, e outros no antigo Tarteſo. Neceſſariamente o Commercio tambem havia ſer nelles reſpeitavel. Eu naõ o digo ſó pela commodidade dos pórtos; mas tambem pelas riquezas immenſas do Paiz em ouro, prata, fructos, e generos, que as Nações vinhaõ commutar comnoſco, e nós levavamos ás outras Nações.

No tempo dos Fenicios, e Carthaginezes principiou o Commercio, nos pórtos do Guadiana até ao Minho com mais frequencia para as cóſtas do Nórte; dos do meſmo Guadiana até Valença, pelos mares das Gallias, e Italia. Para nós ſabermos a abundancia de generos, que tinhamos para a ſuſtentaçaõ deſte Commercio, baſtará ouvirmos ao Profeta Ezequiel, deſcrevendo Heſpanha debaixo do nome de Tarſis, dizer-nos, que nella havia muita prata, ferro, eſtanho, e chumbo com que enriqueceriamos a Cidade de Tyro. Além deſtes generos, nós tinhamos ouro, e o produziaõ os noſſos rios, azeite, vinho, peſcados, e lãs; pannos finos, fábricas de linho,

Ezeq. c. 27. v. 12.

mel,

mel, cera, canhamo, e esparto: Tudo taõ util ao Commercio, e materias para a navegaçaõ, que com elles fizemos poderosos aos Fenicios, Carthaginezes, e Romanos. Dos ultimos, Cesar com o trafego de Hespanhoes, e Lusitanos ajuntou riquezas immensas, e Augusto com grossas esquadras, que transportavaõ os nossos viveres, fertilizou Italia.

A antiguidade nos fornece memorias assim da abundancia dos nossos terrenos, como dos pórtos de Commercio desde o Minho até ao Promontorio Sacro; e deste até a embocadura do Guadiana, diz Estrabaõ, que havia muitos, aonde elle teria a mesma frequencia. No Minho naõ presumiamos nós o descuido, que se infere do silencio dos Geografos, e Historiadores antigos, naõ só pela visinhança do Porto de Gaya, e outros mercantís de Galliza, naõ só por chamarem os primeiros Poetas rica á Cidade de Braga, mas porque a mesma antiguidade deixou Memorias escritas, de que em Braga Augusta commerciavaõ Mercadores Ro-

manos: e como estes enviavaõ as mercadorias para Roma, aonde diziaõ os seus moradores, que com os fructos preciosos da Lusitania eraõ brilhantes, e magnificas as suas mezas, parece que ou navegariaõ do Minho em direitura, ou hiriaõ por baldeaçaõ ao Porto de Gaya, a Ulyssipo, ou a outro algum dos de maior Commercio os generos daquellas Provincias.

Já nos tempos da Mythologia, quando os Gregos animavaõ as suas Theogonias monstruosas, Seculos heroicos dos Deoses, e SemiDeoses, se presume, que os de Tarteso navegavaõ commerciando a Sicilia, aonde dizia a Fabula, que Plutaõ roubára Proserpina aos Tartesios. Como a ficçaõ naõ tardou em representar Rei destes Póvos ao mesmo Plutaõ, eu entendo; que daqui nasceria attribuir-se a Tarteso a Navegaçaõ, e Commercio com Sicilia. Huma, e outra cousa seria depois huma preza; que sobre elles fizessem os Carthaginezes, excluindo-os da sua posse; porque sugeitos os Tartesios ao seu Imperio, elles

les dominantes da Sicilia; o seu espirito todo de Commercio, e Navegaçaõ; bem póde ser, que para si só quizessem o interesse, e dessem exclusiva a Lusitanos, Gaditanos, e Tartesios, de Cadiz até ao Porto de Anibal inclusivamente. Pelo contrario, deste Porto, e pelos mais até a foz do Minho, nós teriamos Navegaçaõ, e Commercio tudo livre dos impedimentos de Carthago para Galliza, e Ilhas Cassiterides, trato dos Lusitanos, de que nós achamos memorias na mais remota antiguidade.

Que as Cidades, e portos da Turdetania, assim Lusitanas como Beticas, fossem no Commercio as mais famosas, isso tem a seu favor os testemunhos da mesma antiguidade. Esta Naçaõ, depois da ruina de Carthago, dos portos de Lisboa, ou Ulyssipo, de Setuval, ou Sethubala, de Carteya, de Cadiz, e outros, em quantidade monstruosa de embarcações, que ella mesma fabricava, conduzia ao porto de Ostia, e a varios de Italia aquella abundancia de generos, que diz Justino

no eraõ baſtantes para fornececer Italia, e toda Roma, ſem neceſſidade de que os tranſportaſſem de outras partes. Nós podemos penſar, que eſte Commercio para as embocaduras do Tibre, foi nos Turdetanos huma mudança cauſada pelo novo dominio dos Romanos. Antes delle eraõ as ſuas navegações para a parte Septentrional da Graõ-Bretanha, ou Ilhas Caſiterides, que Dionisio de Alexandria entendeo ſerem as Heſperides, ou lhes quiz dar eſte nome em lugar do de Oeſtrimnides, como lhe chamavaõ os ſeus moradores. Os Turdetanos foraõ os primeiros que as deſcobríraõ, e eſtabelecêraõ o commercio do eſtanho, de que ellas tinhaõ grande cópia, talvez acompanhados dos Fenicios. Mas ſe nós houvermos de crêr, que o primeiro Negociante, e deſcobridor daquellas Ilhas, que chamaõ Melicharto, era o Hercules Fenicio imaginado pelo ſeu Filoſofo Sanchoniaton; pode-ſe duvidar ſe ſó Turdetanos, ou ſó Fenicios foraõ os deſcobridores das Caſiterides, para

on-

onde navegavamos com mais frequencia antes do dominio dos Romanos.

Estrabaõ para persuadir o grande Commercio activo, e passivo, que de todos os lugares maritimos de Hespanha se fazia para Italia, e Roma, elle assim se prepara. Diz, que os Hespanhoes antigos conhecendo as commodidades, que lhes offereciaõ para o Commercio os muitos rios, que tinhaõ do Estreito de Gribraltar até ao Promontorio Sacro, elles fundáraõ para aquelle fim muitas Cidades nas suas margens: Que taes foraõ, entre outras, Ossonoba, Menoba, Onoba, Nebrisa, e Asta. Parece que por estes rios se fariaõ os transportes dos generos do interior das Provincias para as Cidades de Deposito, aonde se haviaõ de fazer as carregações; e que estas na Lusitania seriaõ no Algarve Ossonoba, que ficava huma legoa ao Nórte, donde agora está Fáro assentada sobre o seu rio navegavel: verdade agora proximamente descoberta em Inscripções de pedras antigas, que se acharaõ; o Porto de Anibal na emboçadora do

Por-

Portimaõ; Lacobriga na Bahia, que hoje se diz de Lagos; e na Lusitania seríaõ os cêlebres Emporios de Sethubala, e Ulyssipo. Na Betica haviaõ ser Cadiz, Sevilha, Calpe, Carteya, Porto de Mnestro, hoje de Santa Maria, e os mais até ao Guadiana. Em tantos Almazens se depositariaõ os generos immensos, que acabamos de ouvir dizer a Justino, bastavaõ para fornecer Italia, e Roma; huns que vinhaõ buscar as suas esquadras, outros que levavaõ as nossas Frotas.

Sobre quaes fossem estes generos, além do ouro, prata, e metaes com que a nossa Peninsula enriqueceo aos Fenicios, Carthaginezes, e Romanos, temos nós de consultar a antiguidade. Hum dos mais consideraveis a que eu descubro naõ apagados os vestigios, he o das pescarias immensas, que se faziaõ pelos mares da Lusitania, e da Betica até á bocca do Estreito, especialmente o atum. Já eu disse como se pescáraõ os primeiros, que nós descobrimos; como foraõ levados em salmoura a Carthago, e a grande estimaçaõ,

que

que alli se lhes deo. Nós temos experiencias largas, de que peixe algum se mette tanto em terra como os atuns, depois que montaõ o Cabo de S. Vicente até chegarem ao Estreito, ainda que de vinte annos a esta parte, por hum segredo da natureza, que nós naõ penetramos, elles se engolfaõ para a contra cósta de Barbaria, de sórte que as pescarias deste genero tem diminuido na sua abundancia mais de tres partes do que entaõ viamos.

Os atuns correm differentes mares na Primavera, Estio, e Outono. No Inverno buscaõ o refugio na profundidade das aguas; e correndo em grande número furiosos pelo impeto da lascivia, como dizem os Authores antigos, entraõ pelo Estreito de Gibraltar, aonde desovaõ. Atheneo, Plinio, e Estrabaõ dizem, que he de muita antiguidade a pescaria dos atuns nas cóstas da Lusitania, e Betica. Nesta se devia ella diminuir muito; porque eu me lembro dos armadores do Algarve irem a Hespanha renovar as Almadravas antigas da Casa de Medina Sidonia

nos

nos mares de Conil. O modo por que os nossos primitivos faziaõ estas pescarias, nós o ignoramos, ainda que dizem alguns Escritores, que como na cósta haviaõ muitos pégos, e este peixe busca muito a terra, os pégos se enchiaõ delles, aonde os pescadores os cercavaõ com redes, e os tiravaõ á força de instrumentos de ferro.

Hoje se deitaõ pouco mais de huma legoa ao mar estas armações, que se formaõ de hum grande circulo de redes firmadas em ancoras, com huma bocca para a parte donde vem os atuns, e por onde entraõ para o centro da rede, que chamaõ bucho. No fundo deste bucho está huma rede redonda, grossa, e espessa, atada com cordas por toda a circunferencia, que vem prender na superficie da agua ás outras córdas, que fazem a parte superior da circunferencia do bucho. Quando se quer copejar o atum, os barcos formaõ outro circulo, e vaõ levantando com igualdade a rede da calla, que está no fundo, sobre a qual vem á face da agua quantidade grande de atuns, mui-

muito inquietos, como quem sente que os vaõ tirando do seu elemento. Entaõ a gente dos barcos com huns ganchos de ferro, que chamaõ bicheiros, cravados em varas de páo, prendem o peixe, que desmaia em se sentindo ferido, e com muita facilidade o vaõ mettendo a bordo.

A pésca, pois, e Commercio dos atuns he taõ antiga, e em tanta abundancia na Lusitania, que o Historiador Polybio, fazendo memoria da delicadeza, e bondade dos nossos fructos, da sua quantidade, e extracçaõ, naõ se esqueceo de incluir nelles este ramo principal do nosso trafego.. Do tempo dos nossos Turdetanos, e Celtas este peixe salgado era conduzido a Grecia ainda na vida de Hipocrates. Nós naõ sabemos quem faría este transporte do atum á Grecia, se seriaõ os mesmos Gregos estabelecidos em Hespanha, e Italia, ou qual das Nações, que entaõ teria Commercio comnosco. Tambem do Ponto vinhaõ atuns á Grecia, e devia ser destes hum, de que diz Atheneo, que comprando-se por dous obo-

obolos, era tal a sua grandeza, que doze convidados em trez dias naõ podéraõ acabar de o comer. O mesmo Author nos conta, que quando era grande a pescaria dos atuns, os maritimos offereciaõ hum em sacrificio a Neptuno, como Deos das aguas. Em fim, eu concluo esta breve noticia do atum com huma receita, que nos deixou o Poeta Archestrato para elle se conservar melhor, ter gosto mais delicado, e ser menos nocivo á saude. Bizancio he a metropoli da pescaria do atum, diz o Poeta: Para o guardar bem, se ha de dividir em troços, assar em brazas, untallo com azeite, e ao mesmo tempo polverisallo com sal moido: Ainda quentes os troços, devem meter-se em salmoura, e extraidos depois della, pollos a seccar. Deste modo he o atum alimento generoso, semelhante aos Deoses immortaes na belleza, e incorrupçaõ: Se algum ignorante lhe deita vinagre, corrompeo-o em vez de o conservar.

Outro ramo importante do nosso Commercio em fructos, era o trigo, que

que as duas Eſtremaduras, e Alem-Téjo, tudo entaõ Luſitania, produziaõ em quantidade taõ monſtruoſa, que por muitas vezes baſtecemos Roma, e Italia. Já eu diſſe os baixos preços, porque entaõ ſe vendiaõ na Luſitania todos os generos de grãos, e eſte commodo extraordinario he a próva mais evidente de huma abundancia admiravel. O meſmo que ao trigo, ſuccedia com todos os mais fructos, que ſendo delicados, e em igual cópia, ſerviaõ do primeiro regallo nas mezas Romanas. Se com effeito a Luſitania teve por ſua adjacente a Ilha Eritreya, aonde dizem que Geriaõ eſperára a morte de Beto para invadir o Continente; ſó ella produzia de ſórte, que affirma Pomponio Mela, naõ neceſſitava ſer ſemiada mais que hum ſó anno, para ſete, ou oito continuos produzir ſem mais induſtria, colheitas maravilhoſas.

Ainda hoje em muitas partes de Portugal ſe conſervaõ os celeiros ſobterraneos, aonde os Luſitanos antigos guardavaõ o trigo incorrupto de huns para outros annos. Diodoro Siculo diz, que

qûe na Graõ-Bretanha tambem ſe uſavaõ eſtes celeiros ſobterraneos, e de Africa affirma o meſmo coſtume Aulo-Hircio. Os noſſos Luſitanos para os fabricarem eſcolhiaõ ſitios enchutos; rodeavaõ a cava de paredes em forma de ciſterna; faziaõ ao fundo hum folho de palha, e cortadas as eſpigas das cannas, enchiaõ os celeiros, e os cobriaõ, por experimentarem, que naõ lhe dando o ar, e cobrindo-o, nos caſûlos eſtavaõ os grãos livres da corrupçaõ, e do gorgulho. Ordinariamente ſe fabricavaõ eſtes celeiros no campo fóra das caſas para ſe evitar a caſualidade dos incendios; e Varro diz, que nas outras Provincias de Heſpanha, e em algumas de Italia os conſtruiaõ nos lugares altos, donde ſe extraia o trigo para o Commercio de dentro, e fóra dos Continentes reſpectivos.

Trogo-Pompeo, e Eſtrabaõ abonaõ a extràcçaõ de grande cópia de vinhos, que mandavamos para Roma, e mais Paizes viſinhos. Polybio naõ ſó atteſta a muita bondade dos de Luſita-

nia;

nia; mas a ſua quantidade taõ exceſſiva, que ſe vendia nella por preço baixo. Os vinhos das margens do Téjo eraõ os melhores para os embarques, e delle ſe tranſportavaõ para muitas Regiões. Naõ achamos memorias naquellas idades dos vinhos do Alto-Douro, ou porque ainda entaõ os ſeus moradores naõ ſe applicariaõ á cultura das vinhas, ou porque elles naõ ſe extrahiaõ como nos noſſos tempos. Toda a parte Meridional de Heſpanha abundava deſte licor, que alegra o coraçaõ do homem; mas deſta alegria participavaõ pouco os moradores da parte Septentrional, que por terem pouco, diz Eſtrabaõ, que bebiaõ agua, e por iſſo, faltando-lhes materia para os abuſos, ſó fariaõ uſo do pouco vinho por cauſa do eſtomago; porque o que cuſta caro uſa-ſe menos.

Entre outros vinhos célebres da antiguidade, ſe faz memoria dos cerretanos, que ſe fabricavaõ deſta parte dos Pyreneos, e ſe aſſegura, que eraõ bem ſemelhantes aos antigos de Secia, Cidade de Italia, taõ generoſos, que

os

os serviaõ na meza de Augusto, e que diz Juvenal ardia em cópos de ouro. Bom sería naquelles tempos beber vinho de Secia; mas nos nossos fazer *secia* de beber vinho, usando-se deste termo esdruxulo modernamente inventado no nosso idioma para denotar o desambaraço, e o desempeno da improbidade; ella he huma secia taõ ridicula, que deve ter tanto de vergonhosa, quanto ella tira aos homens tudo o que nelles ha de estimavel. Ainda que se beba vinho por secia em cópos de ouro, como até neste metal elle ferve, fervores semelhantes costumaõ trazer nas escumas, que levantaõ, unicamente as fezes do ouro, que desfiguraõ. Em fim, já na antiguidade o Commercio do vinho, a delicadeza do gosto disputava as qualidades do vinho Lusitano, Tarteso, Setino, Massico, Surretino, Cucubo, Falerno, e outros muitos.

Os Lusitanos tambem levavaõ a Italia quantidade de Azeite, de que era fertil a campanha de Mérida, Capital da Lusitania, e os terrenos dilatados

do

do Téjo ao Guadiana, aonde as oliveiras ſempre tiveraõ particular cultura: Levavamos os noſſos pannos, taõ bem tecidos, que Plinio os deixou recommendados, e as noſſas lãs, que em Roma ſe equivocavaõ na bondade com as de Colchos: Levavamos drógas de matiſes, que pela ſua viſta brilhante, naquella Capital eraõ chamadas Scutulatas, e das fabricas Turdetanas hiaõ para ella muitos veſtidos já feitos á Romana, como elles os uſavaõ no tempo de Auguſto: Levavamos o linho fabricado já com perfeiçaõ taõ antiga, que os Hiſtoriadores de Roma celebravaõ por admiravel no luſtre, e alvura o panno de linho das tunicas latas, que veſtiaõ os ſoldados Luſitanos de Anibal na guerra de Italia: Levavamos as memoraveis manufacturas de Salacia, ou fabricadas pelos ſeus moradores, hoje de Alcacere do Sal, que em Roma chamavaõ Salaciatas: Levavamos a precioſa grã, que produziaõ os campos de Mérida, a Serra da Arrabida, ou Promontorio Barbarico, a do Algarve, e outros lugares da Lu-

ſitania, taõ ſuperior á dos mais Paizes, que com ella ſe tingiaõ as Tógas, e Mantos magnificos dos Ceſares. Em fim, além de outros muitos generos, levavamos a Roma, e Italia cópia grande de mel, e cera, havendo entaõ na Luſitania tal abundancia, que affirma Eſtrabaõ ſerem entre nós a cera, e o mel de hum uſo bem vulgar. O ſeu invento o attribuio a Fabula ao Rei Luſitano Gorgoris, por iſſo chamado Melicula.

Heſpanha com os meſmos generos, e outros ſemelhantes, fazia igual Commercio, em que ſempre florecêraõ os Gaditanos, e Tarteſios depois dos Fenicios até ao tempo do Ceſar Auguſto. Naõ he para eſquecer as utilidades, que tem dado ao Mundo hum pequeno campo de trinta leguas de comprido, e dez de largo junto á Cidade de Carthagena, donde a natureza produz por ſi meſma abundancia ſumma de huma herva, que chamaõ eſparto, bem vulgar, e conhecida em toda a parte. Nós o temos em algumas da Luſitania; mas muito *in-*

fe-

ferior ao de Carthagena em qualidade, e quantidade. Plinio faz memoria desta herva, do modo da sua colheita, e fábrica, dos seus muitos usos, e do Commercio, que do tempo dos Carthaginezes faziaõ com ella os Hespanhoes. Geralmente fallando, serve o esparto em todas as artes de pescar, na navegaçaõ, no serviço do campo, em todas as fábricas de redes, e cordas.

Do tempo de Homero se conserva a memoria do uso do esparto; e que os Gregos se servissem delle na guerra de Troia o dá a entender Plinio. Ou elle já se chamasse esparto, ou como disseraõ alguns linosparto, elle servia na manobra dos navios dos primeiros Gregos, que communicáraõ o seu conhecimento aos de Tyro, e de Carthago. Elle sería huma producçaõ da Grecia com alguma accidental differença, ou os Gregos o levariaõ de Hespanha nas primeiras viagens, e o principio dellas será a Época verdadeira do conhecimento, que aquella Naçaõ teve do esparto. Nós naõ fica-

mos por fiadores da noticia, de que elle na idade de Homero fosse transportado de Hespanha a Grecia; mas de Authores da melhor nota consta, que em tempos posteriores este genero era conduzido á Grecia, e que os Hespanhoes até ao tempo de Augusto o levavaõ a Roma, e a outras partes, como ramo de Commercio effectivo.

Por naõ fazer muito prolongada esta narraçaõ, eu a concluo com a excellente raça dos cavallos Lusitanos, de que Carthaginezes, e Romanos formavaõ muitos dos seus córpos, e recrutas para as remontas: Com a fábrica das carnes, especialmente os toucinhos, e presuntos, de que se naõ esquecêraõ os Historiadores de Roma: Com a farinha das bollotas, que tendo nos nossos Paizes hum doce agradavel, diz Polybio, que nós a conduziamos até ao Tibre; e ultimamente com a quantidade enorme de pescarias, além do atum, em que já fallei, e que naõ acabaõ de encarecer Estrabaõ, e Atheneo: Tudo concurrentes para o avultado Commercio das Hespa-

pa-

panhas, que tendo principio nos Fenicios, incremento com os Carthaginezes, e perfeiçaõ com os Romanos, as sobíraõ a hum alto estado de consideraçaõ entre as Nações do Universo.

CAPITULO XII.

Das armas que na antiguidade usavaõ os Lusitanos.

EM todos os Seculos, entre todas as gentes, naõ só foi memoravel o valor dos Lusitanos; mas as armas com que elles o exercitavaõ em tanta variedade de guerras. Já eu disse, que os Lusitanos, quando foraõ depondo a simplicidade, e conhecendo a necessidade da defensa, natural a todos os homens, que para a conservaçaõ da vida, podem repelir a violencia com a força; elles inventáraõ as hastas, que eraõ huns páos tostados com as pontas agudas: que depois lhes accrescentáraõ outras de cobre, e ferro nas mesmas extremidades: que usavaõ das armas de arremeço, que eraõ humas pe-

pequenas lanças, soliferreas, falarias; ou tragulas, e que com ellas obráraõ as gentilezas, que ficaõ referidas nesta Historia. Porém na guerra dos Romanos já elles se serviaõ das suas célebres espadas, que os Historiadores de Roma encareciaõ formidaveis nos seus braços, como armas que parecia as inventára a natureza bem á proporçaõ da qualidade das gentes, que as esgrimiaõ. Tanta estimaçaõ tiveraõ ellas entre os Lusitanos, que foi necessaria a severidade das Leis para se apartarem destas suas companheiras inseparaveis.

Todo o mundo tem visto as espadas naõ mãos dos antigos, e modernos Lusitanos, a todo elle temerosas, vulgarmente vencedoras, raras vezes abatidas. As idades, as Nações, Africa, Asia, America, e Europa saõ testemunhas, de que eu naõ minto, nem encareço. Diziaõ os Historiadores nos primeiros tempos da sua invençaõ, que aos golpes das espadas Lusitanas nada resistia; que para ellas os escudos de aço pareciaõ de cera;

os

os morriões de ferro eraõ de igual materia; os ossos humanos huma vergontea tenra. Os Romanos se servíraõ dellas na guerra contra Filippe, Rei de Macedonia; e como diz Tito-Livio, os seus vassallos, que estavaõ costumados a peleijar com as lanças dos Gregos: elles ficavaõ atonitos, quando aos golpes das espadas viaõ cahir os homens como troncos; huns sem cabeça, outros sem pernas, nem braços, muitos abertos ao meio: espectaculos á humanidade horrendos, ao mesmo furor lastimosos. Como toda a novidade faz estranheza, nós naõ devemos admirar-nos, que o valor provado dos Macedonios se confundisse á vista dos golpes das novas armas, taõ differentes das que até entaõ se usavaõ na Grecia.

Quando os Romanos principiáraõ a usar estas armas, elles lhe pozeraõ o nome de espada Hespanhola; mas nós ignoramos o tempo, em que elles principiáraõ a dar-lhes uso. He propria a espada Hespanhola para as batalhas, diz Tito-Livio. A espada dos Celtibe-

ros

ros leva grandes vantagens na campanha, affirma Suidas; mas qual fosse o primeiro dos Romanos, que a adoptasse, nenhum dos seus Historiadores o refere. O que nós sabemos destas espadas he, que ellas naõ foraõ invento de Roma, senaõ da Lusitania, que soube forjallas, logo que teve luz da Metallurgia. Esta antiguidade de invento foi tanta, que precede muito á guerra de Anibal. Ainda a segunda guerra Punica estava na ordem dos futuros, quando se nos representaõ armados com as nossas espadas aos Generaes Romanos Flaminio, e Lucio Emilio contra os Gallos. A maior antiguidade sobe Tito-Livio outra espada nossa com que Manlio Torcato sahio ao seu celebre desafio contra hum dos soldados valerosos dos mesmos Gallos. Donde se deve inferir, que os Romanos de tempos taõ remotos podéraõ haver de nós algumas das nossas espadas, e que nós já tinhamos tantas, que as largavamos a outras gentes.

He verdade que no Seculo quarto de Roma, as nossas espadas entre os

os Romanos eraõ raras; mas no sexto já Polybio suppoem armados com ellas contra os Gallos aos soldados de Flaminio, e de Lucio Emilio. Entaõ podemos nós presumir o modo porque os Romanos houveraõ á maõ tantas espadas Hespanholas; porque entaõ tinhaõ elles vencido a primeira guerra Punica; mandando Legiões a Sicilia, e Sardenha; em ambas estas Ilhas havia soldados Lusitanos auxiliares de Carthago: muitos delles morrêraõ no campo com valor; nelle deixariaõ as espadas entre outros despojos, e entaõ os Romanos pela singularidade destas armas, as fariaõ cingir aos seus soldados. He provavel, que nesta conjuntura entrassem a ter entre elles mais uso as nossas espadas de ponta, e córte, que depois da segunda guerra Punica, e derrota de Anibal, naõ admite dúvida se fizeraõ mais geraes aos mesmos Romanos.

Nós naõ duvidamos, que nos primeiros Seculos da República, e tempo de Manlio Torcato houvessem em Roma espadas Lusitanas, nem difficulta-

mos

mos o modo de as haverem de nós os Romanos naquellas idades taõ apartadas. Em quanto á primeira parte, a origem das nossas espadas he muito mais remota, que a Época de Manlio Torcato, e ainda que della naõ possamos dar huma demonstraçaõ, temos muitas conjecturas, que próvaõ o meu sentir. Eu bem sei, que os primeiros Povoadores da Lusitania naõ conheciaõ os metaes, nem a arte de os fabricar; e se antes do Diluvio Tubalcain inventou a de trabalhar no ferro, depois delle esteve muito tempo esquecida. Da Asia passou mais tarde á Europa o conhecimento dos metaes, e nós naõ ignoramos as disputas, que tem havido entre os Sabios a respeito de se decidir, se os homens dos primeiros Seculos fabricavaõ armas, e se serviaõ do ferro na Agricultura, na guerra, nos instrumentos das Artes mecanicas. Os Egypcios, Fenicios, Hebreos, e Gregos da Europa saõ os primeiros a quem se attribue o uso do ferro. Em quanto aos Romanos, presume-se, que elles tam-

tambem o usárao nos primeiros Seculos da sua República.

Pelo que respeita aos Lusitanos primitivos, os Monumentos da nossa Historia nos instruem, que elles para a sua defensa naõ se serviaõ de mais armas, que os páos, as pedras, e outras materias communas com força para resistir. Neste uso se conserváraõ os Lusitanos até o Anno do Mundo 2600, em que os Fenicios vieraõ, e se estabelecêraõ na Ilha de Cadiz, e outras terras da Turdetania Andaluz. A esta Naçaõ attribuem os mesmos Escritores Romanos a Arte Metallurgica, e com particularidade a de lavrar o ferro. Com a Época deste estabelecimento Fenicio entre nós confere a opiniaõ dos que attribuem a invençaõ do ferro pelos annos 180 antes da guerra de Troia aos Dactilos, aos moradores do monte Ida, aos Gephireos, aos Curetes, e aos Coribantes. Aos Dactilos Ideos se attribue a invençaõ de temperar o ferro para o porem em disposiçaõ de se lavrarem folhas capazes de dar, e resistir aos golpes, e como estes Dactilos

eraõ

erão os Cinetas, ou Curetes, que se estabelecerão na Andaluzia, destes Fenicios podemos nós entender, que Andaluzes, e Lusitanos, sendo a mesma Nação Turdetana, aprendêrão a lavrar, e temperar o ferro, que reduzírão a espadas.

Como os Romanos nas primeiras idades da sua República podessem haver as nossas espadas, he materia hum pouco difficultosa de se averiguar na Historia. Elles nada sabião das nossas Nações moradoras no Continente de Hespanha até ao Seculo IV. da fundação da sua Capital; não havião dado passo fóra de Italia; não tinhão Commercio, nem Marinha para as poderem haver dos estrangeiros por meio da negociação. As Nações que naquella Época traficavão, e com espirito intrigante no Commercio, erão os Gregos da Phocia, e os Carthaginezes, totalmente oppostos nos estratagemas á candura, e ingenuidade com que vivião os Romanos da mesma Época. Além disso, a nós não nos consta, que as duas Nações tivessem trato, correspon-

pondencia, ou alliança nesse tempo com a Romana, e por isso temos por duras de crer as opiniões dos Historiadores Romanos, que dizem se usavaõ ás nossas espadas na sua República em tempo de Manlio Torcato.

Porém revolvendo mais a fundo os Monumentos da antiguidade, elles nos instruem, como os Gregos Phocenses tinhaõ estabelecimentos nas cóstas maritimas de França, e Hespanha: Como vinhaõ commerciar aos portos da Lusitania do Guadiana até ao Minho: Como elles extrahiaõ os melhores effeitos da nossa Peninsula para os transportarem ás Cidades da Grande Grecia; que ficavaõ perto de Roma, especialmente depois que os Romanos foraõ avançando as conquistas até no Pharo de Messina. Suppostos estes principios certos, naõ nos fica razaõ para duvidar, que os Gregos Phocenses, entre outros generos do seu Commercio, levassem as espedas Lusitanas a Napoles, e Sicilia, aonde os Romanos as haveriaõ á maõ nos primeiros tempos da República, sem ser necessario te-

rem

rem Commercio effectivo com Gregos, e Carthaginezes, sem precisarem sahir de Italia, sem que lhes obstasse naõ terem conhecimento, e trato com as Nações moradoras em Hespanha.

Nas côstas de Africa, aonde pelos mesmos tempos navegavaõ Lusitanos, Fenicios, Carthaginezes, e diz Polybio, que tambem os Romanos muito antes da primeira guerra Punica, até ao Promontorio ao Nórte de Carthago, que era o marcado pelos Carthaginezes para a navegaçaõ dos Romanos; tambem estes podiaõ haver as nossas espadas, que as ditas Nações conduziriaõ aos portos Africanos por meio da sua mesma industria. Tambem naõ tem duvida serem, ou poderem ser os Carthaginezes do tempo de Manlio os canaes da introducçaõ daquellas armas em Roma. No tempo dos primeiros Consules, Roma, e Carthago eraõ alliadas, e entre si tinhaõ fórma de Commercio antes da entrada de Pyrrho em Italia. Os Lusitanos compravaõ, e vendiaõ entaõ aos

Car-

Carthaginezes; e se estes sabemos por Polybio, que já levavaõ generos a Sicilia, Sardenha, e talvez á mesma Roma, he natural, que entre elles conduzissem, para vender aos Romanos, as espadas, que compravaõ aos Lusitanos. Em fim, os Hespanhoes, que até ao tempo de Seneca se conserváraõ com os seus usos pátrios na Ilha de Corcega, bem podiaõ nos Seculos anteriores communicar aos Romanos a noticia das nossas espadas, entaõ mui célebres, e elles havellas nas primeiras idades da sua República por qualquer das vias, que deixo apontadas.

De quanto ha neste discurso de verdadeiro, e verosimil se infere a antiguidade remotissima das espadas Lusitanas, e que os Lusitanos, e Andaluzes foraõ em Hespanha os seus primeiros inventores, ou elles aprendessem a Arte dos Fenicios, dos Cinetas, ou Curetes, que em outras partes do mundo, e depois entre nós ensináraõ o uso do ferro, e o modo de o lavrar. He huma verdade imparcial sem disputa, que Lusitania, Galliza, e Celtiberia fo-

forão as nossas Provincias, aonde se fabricárão as melhores armas, ou isso nascesse de serem os seus espiritos os mais guerreiros, ou delles terem melhor instrucção, e materiaes para a sua fabrica. Dizem, que em Galliza havia huns Póvos chamados Calybes, que no lavor do ferro excedião a todos os outros. Nós ignoramos, que Calybes fossem estes, e estamos bem certos não serem os das Regiões remotas da Phrygia, e Paphlagonia, que nos quizerão persuadir camaradas de Nabuco-de-Nosor, de Teucro, de Diomedes, ou de Tyde; quando Principes semelhantes já mais vierão a Hespanha, nem gente alguma antes dos Fenicios, e Carthaginezes. Se por trabalharem os Gallegos em ferro, lhes derão o nome de Calybes, que tinhão o officio de *Ferreiros*, tambem lhes podião chamar Cyclopes, que exercitavão a mesma arte, e ficava unida huma com outra fabula.

Nós devemos a Diodoro Siculo deixar-nos a memoria, de que os Lusitanos, gente fortissima entre os Celti-

tiberos, usavaõ das mesmas espadas que elles; e dúvida alguma temos, de que dentro dos limites da antiga Lusitania, assim no coraçaõ da Provincia, como nas partes da Estremadura, e Galliza, que lhe pertenciaõ, houvessem muitas fábricas de espadas, e mais armas, que nos serviaõ nas guerras contínuas que sustentámos nas duas Épocas taõ longas de Carthaginezes, e Romanos. Os nossos Celtas, que tiveraõ tanto trato com os Fenicios nas terras de Tarteso; que se estabelecêraõ entre nós desde a embocadura do Guadiana até Elvas, e depois por outras partes da Lusitania; que sendo taõ marcial o seu genio, e elles taõ destros em forjar armas; parece impossivel, que instruindo-nos em outras Artes, deixassem de fundar Arsenaes para a construcçaõ dos armamentos necessarios a hum Paiz sempre insultado pelas Nações mais ferozes, sem que nós necessitassemos para nos armarmos do soccorro dos Andaluzes, e Gallegos.

Antes pelo contrario nos fornece a Historia fundamentos para inferir-

mos, que na Metallurgia foraõ elles instruidos pelos nossos Turdulos, e Celtas. Já eu disse no corpo da Historia, que hum esquadraõ numeroso destas duas Nações quiz estabelecer-se *além* do rio Lima; mas que discordando entre si, vieraõ ás mãos, e degollando-se muitos, quando depozeraõ o furor, e viraõ o seu estrago, pozeraõ ao rio o nome de Lethes em memoria do esquecimento da concordia precedente ao combate. Os Celtas, e Turdulos, que restáraõ, e eraõ troncos dos que viviaõ em Andaluzia, ficáraõ povoando aquellas partes de Lusitania, e Galliza; e sendo este estabelecimento posterior á vinda dos Fenicios; elles taõ práticos na Arte de temperar o ferro, e forjar armas, quem nos embaraça a crêr, que os Gallegos aprendêraõ a *mesma* Arte dos nossos Turdulos, e Celtas?

Os Lusitanos, gente taõ guerreira, naõ podiaõ esperar, que todas as suas armas lhes viessem de fóra. Eu prescindo da Cidade Ferraria, que Pomponio Mella descreve situada no Promontorio do mesmo nome, hoje Ca-

bo

bo Martin, aſſim chamada da grande fábrica de ferro, que havia nella; e pergunto donde tomáraõ nome os Luſitanos Lancienſes, e Lacetanos, ſenaõ das excellentes lanças, de que elles foraõ em Heſpanha os Inventores. Com a meſma tempera ſe forjavaõ entre nós as noſſas eſpadas de ponta, e córte, mais compridas, ou mais curtas, conforme o uſo para que as deſtinavaõ: taõ fortes, e difficultoſas de quebrar, que ficavaõ direitas depois de romperem os morriões de ferro, as loricas, os capacetes, e qualquer eſcudo, que ſe interpozeſſe aos ſeus fios. Das outras armas offenſivas, de que uſavaõ os Luſitanos, e das defenſivas, de que tambem elles ſe ſerviaõ, dezejo eu dar aos meus Leitores huma tintura de inſtrucçaõ, ainda que o farei com mais brevidade para o conhecimento dos noſſos uſos antigos.

Além das eſpadas compridas, os Luſitanos uſavaõ das curtas, que chamavaõ Rhamba, e ignoramos ſe eraõ as meſmas, que a Rhamphea dos Romanos, que Juſto Lipſio nos Com-

mentarios de Tacito naõ ſuppoem a Tramea, ou eſpada de dous fios, mas huma eſpecie de pique, ou haſta. A Lingula era outra folha da figura de *lingua*. Os Geſos pareciaõ-ſe com as *haſtas* dos Romanos, que as noſſas gentes manejavaõ com deſtreza ſingular. Nós inventámos a lança, que vibravamos com igual deſembaraço, eſpecialmente os Póvos entre o Téjo, e o Douro, por iſſo chamados Lancienſes Opidanos, e Tranſcudanos Lancienſes. As armas curtas de arremeço, que ſe comprehendiaõ debaixo do nome de Geſos, eraõ os pilos, haſtas, ſoliferreas, e outras forjadas com differentes figuras. A cavallaria commummente uſava das grandes lanças chamadas hamatas, e a Infantaria das picas, que muitos Seculos foraõ a firmeza mais incontraſtavel das noſſas campanhas, e de que tambem uſáraõ os Romanos com o nome de Amentatæ. Os Luſitanos tambem as traziaõ com duas pontas em forma de meia lua, que diziaõ Bidente, ou Trudes. As ſoliferreas, armas arrojadiças, chamavaõ-ſe

assim por serem todas de ferro com a ponta farpada; e com pouca differença entendemos nós, que eraõ as Falaricas, e Semi-Falaricas, de que faz mençaõ Aulo-Gelio.

Os saguntinos practicavaõ muito huma arrojadiça, que diziaõ Tragulo, com que feriraõ a Anibal, e nós depois a Metello, camarada de Pompeo, na batalha, que fica referida. Sobre tudo se encarece a destreza dos Lusitanos no despedir a Facha, ou Segur. Além das armas ditas, nós, e os Romanos mutuamente nos serviamos do Verutum, Sparus, Sudes, Prepilata missilia, Faces, Aclides, Cateia, e outras que encontramos pelos Historiadores. Das arrojadiças, que naõ podessem ser despedidas á maõ, disse eu já, que os Lusitanos usariaõ das celebres maquinas, que chamavamos Armatostes, ou outras semelhantes, que os antigos disseraõ Tormentarias, para que até o nome metesse horror aos homens.

Quando eu aqui queria concluir a minha narraçaõ respectiva ás armas offen-

fensivas dos Lusitanos, ocorre-me a critica a que me exponho, se me esquecer das nossas memoraveis Fundas, com que despediamos na campanha *chuveiros* de pedras sem resistencia. *Esta* Arte tem a prova da sua antiguidade na Historia Sagrada, donde a devemos inferir mais antiga, que o Pastor David, depois Rei de Israel, que com a sua funda despedindo huma pedra, a cravou na tésta do Gigante Filisteo; tiro, que vingou as injurias com que elle ultrajava o campo de Saul. Nós sabemos de nações destrissimas em manejar as fundas, e de algumas se serviraõ os Romanos em facções importantes. Mas nos tiros da funda Macrocolon, que arrojava as pedras mais longe, ou nos da Brachicolon, que as despedia mais perto, duvido houvesse alguma, que igualasse a dos Lusitanos. Fr. Bernardo de Brito, citando a Alladio, diz que elles entravaõ nas batalhas, com trez fundas de lã; huma que levavaõ apertada á roda da cabeça; outra na cintura, e a terceira na maõ: que na arte eraõ taõ destros, que naõ erra-

vaõ

vaõ cousa alguma a que tirassem, por pequena, que ella fosse: que o exercicio continuo era o seu Mestre; porque as mãis naõ davaõ de comer aos mininos, sem que elles á pedrada naõ o deitassem abaixo da ponta de huma lança, aonde lho espetavaõ. Para offenderem aos Romanos em Italia levou Anibal tropas de Fundeiros Lusitanos, e Jugurta trouxe outras tropas semelhantes de Africa para defenderem aos Romanos em Hespanha.

Resta-nos concluir este Tomo com a narraçaõ breve das armas defensivas, de que se serviaõ os Lusitanos. Nós tinhamos destes generos de armas, humas que nós inventamos, outras que imitemos das nações, com especialidade dos Romanos. Nos tempos escuros da ignoraucia a luz da razaõ inspiraria aos homens buscarem instrumentos para se defenderem, quando investissem, ou fossem investidos. Parece, que a Voz Galea, donde os morriões, e os elmos tomáraõ o nome, e que significa capacete de couro, próva bem, que a primeira arma defensiva

pa-

para cobrir a cabeça, era feita da pelle mais dura dos brutos. Os Lusitanos os fizeraõ depois de outras materias, antes de páo, logo de cobre, e entre elles tambem parece, que estas galeas tinhaõ o nome de cassis, que veio a degenerar no de casquete, como quem diz: Arma, que cobre os cascos. Os casquetes, ou galeas Lusitanas, diz Manoel Severim de Faria, que em quanto foraõ de couro, para maior bravosidade, è terror, lhe punhaõ em cima a cabeça do animal, donde o esfolláraõ; e depois usando-se as galeas de ferro, naõ perdêraõ a fórma antiga, como ainda hoje vemos nos elmos.

Dos morriões, jubas, viseiras, ou buculas já eu fallei em hum dos Capitulos precedentes. Como os Lusitanos soltavaõ os cabellos para entrar nos combates; muitos delles, como diz Estrabaõ, usavaõ huma especie de mitras, donde pendiaõ humas fachas, que atavaõ debaixo da barba, e talvez fossem de ferro, ou quando naõ, de alguma materia para abrigar a cabeça.

ça. Para cobrirem o peito, já eu disse, que usavaõ do thorax, ou lorica, dos pectorales, e cotas de linho, que tudo eraõ humas saias de malha, como as de que se serviaõ os Legionarios Romanos. A nossa Infantaria usava de humas botinas, que chamavaõ ocreas, para defender as pernas, e as faziaõ de couro, ferro, e sedas de cavallo fortemente tecidas; mas nós entendemos, que estas ocreas só serviriaõ aos piqueiros, que faziaõ menos movimento na campanha. Nós distinguiamos o clypeo do escudo: este regularmente era concavo, aquelle orbicular, ou redondo. A parma era outro escudo mais pequeno, que o embraçava a cavallaria. A cetra, e peltra tinhaõ a figura de meia lua, e ainda eraõ mais pequenas, que a parma.

Estas, e outras muitas armas offensivas, e defensivas, que naõ chegou a sua noticia ás nossas idades; todas, ou a maior parte, dellas eraõ conhecidas, e bem usadas pelos antigos Lusitanos. He provavel, que elles tambem tivessem instrumentos bellicos

de

de fazer eſtrondo, de animar a coragem, de dar ſinal para atacar, e retirar dos conflictos. Que elles davaõ uſo ás bandeiras, e inſignias militares, muitos Authores o teſteficaõ, e da meſma ſórte ſe ſerviaõ do Grito de Guerra, que era o Pœan, ou Hymno rhitmico com que invocavaõ nas batalhas o auxilio dos Deoſes, como eu já diſſe. A breve noticia, que eu tenho dado neſtes Capitulos do caracter dos Luſitanos antigos, cotiſada com as referidas neſta Hiſtoria, daõ bem a conhecer a ferocidade, e talentos da Naçaõ, que nas Épocas da meſma antiguidade diſputou tantos Seculos com as forças dos dous Imperios Carthaginez, e Romano, e que nas da Hiſtoria Moderna a que eu vou dar principio, ſe qualificou vantajoſa ſobre muitos dos Póvos mais formidaveis do Univerſo.

F I M.

IN-

INDICE

DOS CAPITULOS.

LI-

LIVRO II.

LIVRO III.

CA-

CATALOGO

DE ALGUNS LIVROS IMPRESSOS
á custa de Francisco Rolland, Impressor-Livreiro ao bairro Alto, na esquina da Rua do Norte.

AVENTURAS de Telemaco, com muitas Notas, e o Retrato de Fenelon, em 8. grande. 1785.

Arte Poetica de Horacio por Candido Lusitano. Terceira Ediçaõ, em 8. 1784.

Atlas novo para uso da Mocidade, com 24 Mappas, em 8. 1782.

Belizario de Marmontel, em 8. 1785.

Catecismo Romano abbreviado, em 8.

Escolha das melhores Novellas, e Contos moraes de Marmontel, e outros, em 8. 3 Vol. 1785.

Espirito do Christianismo, em 8.

Historia Geral de Portugal por M. Laclede, em 8. 8 Vol. 1785.

Historia Ecclesiastica do Abbade Ducreux, em 8. 6 Vol. 1784.

Historia Universal de Millot, em 8. 5 Vol.

Historia de Theodosio o Grande por Flechier; Traducçaõ posthuma do Capitaõ Manoel de Sousa, em 8. 1786.

Historia de Carlos Magno, em 8. 3 partes em 2 Vol. 1784.

Imi-

Imitaçaõ de Christo por Kempis, em 12. 1785. Com fig.

Miscellanea, Curiosa, e Proveitosa, em 8. 7 Vol. 1779-85.

Noites Clementinas, Poema á Morte de Ganganelli, em 8. 1785.

Noites d'young (as 24) Traducçaõ de Carlos Vicente de Oliveira, augmentada com Notas, e outras obras do mesmo Young, com estampas abertas ao buril, em 8. 2 Vol. 1785.

Noticia da Mythologia, em 8.

Obras escolhidas de Caraccioli, em 8. 2 Vol. 1785.

Officio da Semana Santa com as Rubricas em Portuguez &c. em 12. com estampas.

Obras de Francisco de Sá de Miranda, augmentadas com as suas Comedias, em 8. 2 Vol. 1784.

Obras Poeticas de Quita, em 8. 2 Vol.

Panegyricos, e Discursos Evangelicos, em 8. 4 Vol. 1785.

Reflexões Sobre a Vaidade dos Homens, em 8.

Secretario Portuguez. Quarta Ediçaõ augmentada.

Syntaxe Latina para uso da Mocidade. 1785.

Trato das Obrigações da Vida Christa, traduzido do Francez pelo Capitaõ Manoel de Sousa, em 8. 2 Vol.